

Diferentes modelos de maternidade e suas
implicações: Motivações, expectativas e
realidades de mães portuguesas
Filipa Monteiro César Ferreira

D

2019



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Programa Doutoral em Psicologia

**Diferentes modelos de maternidade e suas implicações:
Motivações, expectativas e realidades de mães portuguesas**

Tese apresentada na
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
para obtenção do grau de Doutor em Psicologia,
sob a orientação da Professora Doutora Anne Marie Fontaine e
coorientação da Professora Doutora Alexandra Oliveira

Financiamento: FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia
Bolsa SFRH/BD/110262/2015

Filipa Monteiro César Ferreira

2019

Resumo

A presente investigação teve por objetivo identificar o modelo de maternidade predominante na sociedade portuguesa, e as suas principais características e consequências no bem-estar das mães.

Para o efeito realizámos quatro estudos subsequentes e interligados. O primeiro estudo incidiu sobre a rede social mais utilizada em Portugal, onde foram identificados todos os grupos fechados e páginas públicas portuguesas criados por ou dirigidos a mães, tendo sido feita uma análise de conteúdo das suas descrições e publicações marcadas com o objetivo de aferir o modelo de maternidade neles difundido. No segundo estudo, foram selecionados duas páginas públicas e dois grupos fechados do universo de análise do estudo anterior, onde se identificaram os sentimentos associados à maternidade decorrentes da adesão àquele modelo através da análise qualitativa e quantitativa da sua ocorrência. O terceiro estudo analisou os temas de capa da revista dirigida a mães e pais mais vendida em Portugal com o objetivo de verificar em que medida é promovido o envolvimento dos pais no cuidado e educação dos/as filhos/as e qual o impacto deste envolvimento no modelo de maternidade evidenciado anteriormente. Por fim, no último estudo foram entrevistadas mães portuguesas licenciadas sobre a forma como elas articulam os seus projetos de maternidade e profissionais e qual o sentimento de autoeficácia decorrente da sua gestão do quotidiano.

A articulação dos resultados destes quatro estudos permitiu a identificação da hegemonia de um modelo de maternidade intensivo em Portugal, centrado essencialmente na criança e no seu bem-estar, de extrema exigência para as mães, as quais nem sempre conseguem gerir a sua vida familiar e profissional de forma satisfatória. Apesar de este modelo reforçar desigualdades de género nos papéis familiares e nos cuidados dos/as filhos/as, nota-se o envolvimento progressivo dos pais, que tendem a integrar um modelo de parentalidade igualmente intensivo, mais do que a aliviar as exigências e consequências do modelo de maternidade promovido socialmente e implementado pelas mães.

As consequências da hegemonia do modelo de maternidade intensivo são discutidas à luz das decisões das mulheres em serem mães, quando e de quantos filhos/as, e dos efeitos dessas decisões nos índices de natalidade em Portugal.

Abstract

The present research aimed to identify the maternity model prevalent in Portuguese society, and its main characteristics and consequences for the well-being of mothers.

We have conducted four subsequent and intertwined studies for this purpose. The first study focused on the most used social network in Portugal, where all Portuguese closed groups and public pages created by or addressed to mothers were identified, after which a content analysis of their descriptions and pinned posts was made in order to assess which maternity model they disseminate. In the second study, we selected two public pages and two closed groups from the universe analysed in the previous study, where we identified the feelings associated with motherhood resulting from the adherence to that model through a qualitative and quantitative analysis of their occurrence. The third study focused on the cover themes of the best-selling Portuguese magazine addressed to mothers and fathers in order to verify to what extent they promote fathers' involvement in child care and education, as well as the impact of this involvement on the maternity model highlighted above. In the final study we interviewed Portuguese mothers with a university degree about how they balance their maternity and professional projects and also about the kind of self-efficacy feeling arising from their everyday management.

The articulated results of these four studies allowed us to characterize the intensive and hegemonic maternity model in Portugal, centred on the child's well-being and extremely demanding for mothers, who don't always get to manage their family and professional life in a satisfactory manner. Although this model reinforces gender inequalities in playing family roles and caring for children, it should be noted the progressive involvement of parents, who tend to integrate an equally intensive parenting model, more than balancing the requirements of the maternity model socially promoted and that relies on mothers.

The consequences of the intensive motherhood model's hegemony are discussed considering women's decisions to be mothers, when and of how many children, and the effects of these decisions on birth rates in Portugal.

Résumé

L'objectif de cette recherche est d'identifier le modèle de maternité qui est dominant dans la société portugaise, ses principales caractéristiques et ses conséquences au niveau du bien-être des mères.

Dans ce but, nous avons réalisé quatre études consécutives, dûment articulées. La première étude porte sur le réseau social le plus utilisé au Portugal, dans lequel nous avons identifiés tous les groupes fermés et les pages publiques portugaises, créés par des mères ou destinés spécifiquement aux mères. Une analyse de contenu des descriptions et publications marquées de ces différents sites a été menée dans le but de vérifier quel est le modèle de maternité qu'elles transmettent. Pour la deuxième étude, deux pages publiques et deux groupes fermés ont été sélectionnés de l'univers d'analyse de l'étude précédente. Les sentiments associés à la maternité qui découlent de l'adhésion au modèle émergeant de l'étude antérieure, furent mis en évidence grâce à une analyse qualitative et quantitative de leurs manifestations. La troisième étude a analysé les thèmes de couverture de la revue de plus grand tirage au Portugal, destinée aux mères et aux pères, dans le but de vérifier dans quelle mesure elle promeut l'investissement des pères au niveau des soins et de l'éducation des enfants, d'une part, et d'analyser l'impact de cet investissement sur le modèle de maternité mis en évidence dans les études antérieures, d'autre part. Finalement, dans une dernière étude, des entretiens avec des mères licenciées ont été menés et a été analysée la forme comme elles articulent leurs projets de maternité et professionnels, ainsi que le sentiment d'auto-efficacité qu'elles retirent de leur gestion du quotidien.

L'articulation des résultats des quatre études a permis d'identifier un modèle de maternité intensive qui est hégémonique au Portugal. Essentiellement centré sur l'enfant et son bien-être, il est extrêmement exigeant pour les mères qui ne parviennent pas toujours à gérer leur vie familiale et professionnelle de forme satisfaisante. Bien que ce modèle renforce les différences de genre au niveau des rôles familiaux et de soins aux enfants, on observe l'investissement progressif du père qui ont tendance à intégrer un modèle de parentalité tout aussi intensif, plutôt que de soulager la pression des exigences et conséquences du modèle de maternité, promu socialement et mis en place par les mères

Les conséquences de l'hégémonie du modèle de maternité intensive sont discutées à la lumière des décisions des femmes de devenir mères, et de combien d'enfants, et des effets de cette décisions sur l'indice de natalité du Portugal.

Agradecimentos

Este trabalho surgiu como um desafio colocado pela Doutora Gabriela Moita com o objetivo de dar voz e visibilidade às mulheres que, como eu, tiveram ou têm uma relação difícil com a maternidade. A ela se deve, em primeiríssimo lugar, a iniciativa, a motivação e o espírito de missão que pautaram a conceção e a implementação deste projeto essencialmente pessoal.

A maternidade é um tema universal e sobre o qual as opiniões são fáceis e rápidas. No entanto, a minha intenção de abordagem crítica e desapaixorada nem sempre foi bem acolhida e algumas portas se fecharam nas minhas primeiras tentativas de angariação de apoio. A Prof.^a Doutora Alexandra Oliveira, abordada de surpresa num intervalo de cigarro no pátio desta Faculdade, foi a primeira pessoa a aceitar o meu desafio de orientação. Mal nos conhecíamos, apenas sabíamos que tínhamos em comum a preferência pela investigação qualitativa. A sua aceitação viabilizou o meu projeto. Mais tarde, de forma gentil e altruísta, cedeu a orientação à Prof.^a Doutora Anne Marie Fontaine e passou a ser minha coorientadora para que eu tivesse maior probabilidade de conseguir uma bolsa da FCT – que vim, assim, a conseguir. A Prof.^a Doutora Anne Marie Fontaine aceitou orientar este trabalho já no segundo ano do Programa Doutoral e, desde o primeiro minuto, o seu entusiasmo, disponibilidade, competência, colaboração e simpatia foram altamente motivadores e imprescindíveis a todas as pequenas vitórias que tive o prazer de experimentar neste longo processo. Admiro e sou profundamente agradecida a estas duas fantásticas mulheres que sempre me encararam com um sorriso, com elogios, com contributos construtivos e com palavras de incentivo.

A realização deste trabalho foi pautada por momentos muito difíceis e por grandes mudanças na minha vida pessoal. A Joana Melo e Castro, minha colega de doutoramento até ao primeiro e único trabalho que realizámos em conjunto numa das primeiras aulas, rapidamente se tornou na minha “irmã filha de mãe e pai diferentes” (Castro, J. M., 2014) e este nosso laço familiar escolhido – não herdado – foi e é tão importante, tão forte e tão bonito que as palavras não chegam e o formato “agradecimento” nem sequer se adequa por ser insuficiente.

Na sala 208, onde conheci o Jorge Gato, a Marisa Matias, a Susana Coimbra, a Daniela Freitas, a Joyce Aguiar, o Carlos Barros, o Egídio Oliveira, a

Cynthia Cassoni, a Carmo Cabral Gouveia, a Cláudia Valente, a Daniela Leal e a Isabel Filipe, encontrei sempre o apoio emocional, o porto estável e a oportunidade de ser e continuar. A amizade, o companheirismo, o sentido de humor e a solidariedade que partilhamos ultrapassam as portas desta faculdade e ficam para a vida.

Os meus agradecimentos estendem-se a outras pessoas que, de uma forma ou de outra, num ou em mais momentos, me apoiaram neste processo: o Hugo Pinheiro (pai da minha filha e do meu filho), a Alexandra Sá Costa (a minha outra irmã escolhida), a Rita Coelho, o Prof. Doutor Telmo Caria, a Prof.^a Doutora Luiza Cortesão, a Alexandra Carvalho, a Prof.^a Doutora Manuela Ferreira, a Prof.^a Doutora Cristina Rocha, a Prof.^a Doutora Alexandra Matias, o João Caramelo, a Marta Pinto, a Maria do Céu Guimarães, a Lucinda Melo e Castro, o pessoal do bar da FPCEUP, a Ana Paula Guimarães, o Luís Carvalho, a Sofia Jøns e a Teresa Peixoto.

Devo um agradecimento especial às administradoras de grupos fechados na rede social *Facebook* que concordaram com a utilização da informação publicada nos seus sítios e a todas as mães e profissionais que se dispuseram a ser entrevistadas/os por mim, mesmo as/os que não chegaram a ser.

À minha onnipresente família: Bela Maria (minha belíssima mãe), Francisca (minha rica filha) e Vicente (meu rico filho) e Maria João e Joana (minhas primas lindas).

Aos meus gatos, companhia amorosa e, por vezes, inconveniente em muitas horas de escrita e de procrastinação: o Micky, a Gata, a Pitosga, o Caco e a Senisga.

Por fim, ao Pedro, meu melhor e mais antigo amigo e meu novo amor.

*“If no one is sympathetic to the mother,
if no one is there to listen, understand, or respond to her pain and frustration,
she cannot help but feel invisible, devalued, silenced,
and ignored.”*

Jane Swigart, The Myth of the Bad Mother – Parenting without guilt

Abreviaturas

E – entrevistada

GF – grupo fechado

GP – grupo público

H – hipótese

M – mãe

O – objetivo

P – pai

P&F – “Pais & Filhos”

Pais – a maiúscula inicial é usada quando o sujeito da frase inclui mãe(s) e pai(s)

PP – página pública

Q – questão de investigação

ÍNDICE GERAL

CAPÍTULO I	17
Enquadramento Histórico	18
Enquadramento Teórico	22
Dois modelos de maternidade: intensivo e extensivo.	22
Maternidade: vinculação, sentimentos e comportamentos.	25
Pressupostos e Questões Centrais de Investigação	30
Objetivos (O), hipóteses (H) e questões (Q) de investigação.	34
CAPÍTULO II	37
Metodologias e Técnicas de Investigação	38
Estudo 1	39
<i>Amostra, procedimentos e instrumentos.</i>	40
Estudo 2	41
<i>Amostra, procedimentos e instrumentos.</i>	42
Estudo 3	43
<i>Amostra, procedimentos e instrumentos.</i>	45
Estudo 4	46
<i>Amostra, procedimentos e instrumentos.</i>	47
CAPÍTULO III	49
Resultados e Conclusões	50
Estudo 1	50
<i>Principais resultados.</i>	53
<i>Objetivos.</i>	53
<i>Atitudes.</i>	53
<i>Sentimentos.</i>	54
<i>Práticas.</i>	55
<i>Conclusões do Estudo 1.</i>	55
Estudo 2	57
<i>Principais resultados.</i>	58
<i>Sentimentos positivos.</i>	60
<i>Sentimentos negativos.</i>	61
<i>Conclusões do Estudo 2.</i>	63
Estudo 3	66
<i>Principais resultados.</i>	66

<i>Histórias pessoais.</i>	67
<i>O “bom” pai.</i>	69
<i>Incompetência parental vs. competência dos peritos.</i>	71
Conclusões do Estudo 3.	73
Estudo 4.	75
Resultados.	76
<i>Enquadramento da decisão da maternidade.</i>	77
<i>Os quotidianos, a sua gestão e variáveis influenciadoras.</i>	79
• <i>Conciliação da maternidade com a vida académica/profissional</i>	83
• <i>Conciliação da maternidade com outros papéis sociais</i>	85
<i>Modelos de maternidade.</i>	86
• <i>As referências positivas e negativas</i>	86
• <i>Leituras e informação</i>	87
• <i>Ser boa mãe</i>	88
• <i>Críticas ao seu comportamento enquanto mãe</i>	90
<i>Expectativas, realidade, surpresas e aspirações.</i>	92
• <i>Aspirações de mãe</i>	94
Conclusões do Estudo 4.	96
CAPÍTULO IV	99
Conclusões Finais e Discussão	100
A hegemonia do modelo de maternidade intensivo.	100
As diferenças de género.	101
As consequências do modelo intensivo de maternidade.	103
<i>Filhos/as: quando e quantos/as.</i>	103
<i>Os sentimentos das mães e o seu bem-estar.</i>	104
Implicações para a prática.	105
Forças e limitações deste projeto.	107
BIBLIOGRAFIA.	110
ANEXO 1	128
ANEXO 2	129
ANEXO 3	130
ANEXO 4	131
ANEXO 5	132

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Operacionalização dos modelos intensivo e extensivo de maternidade	
.....	51
Tabela 2. Caracterização das entrevistadas	
.....	76

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Dimensões, categorias, subcategorias, indicadores e respectivas referências (n)	52
--	-----------

Ao longo da história, a maternidade tem sido apropriada de forma diferente pelas várias culturas, dando origem a modelos sociais que condicionam as expectativas e motivações das mulheres para este papel. Embora cada mulher possa experimentar a maternidade de maneira diversa, tendo em conta a sua história de vida, a sua posição na sociedade e a sua vulnerabilidade aos ditames culturais da sociedade em que vive (Birns & Hay, 1988), a maternidade tem sido culturalizada ao ponto de se considerar *natural* uma determinada forma de ser mãe e *desviantes* formas diferentes de o ser (Monteiro, 2005).

Nas últimas décadas, um modelo de maternidade denominado de *intensivo* (Elliott, Powell, & Brenton, 2015) prevaleceu nas sociedades ocidentais. De acordo com este modelo, uma *boa mãe* é abnegada e cabe-lhe, quer antes quer depois do nascimento, dedicar grande parte do seu tempo, energia, afeto e recursos ao cuidado, educação e estimulação cognitiva e intelectual dos filhos/as. Este modelo atribui ao conceito de maternidade um intenso envolvimento afetivo entre mãe e filho/a justificado pelo *amor maternal*, sentimento considerado *natural* e necessário ao desenvolvimento não só da criança como da sociedade, dado que incentiva a mulher “a assumir diretamente os cuidados com a prole” (Badinter, 1986, p. 46). Os benefícios do investimento materno no cuidado e educação das crianças e a dedicação *intensiva* da mulher ao seu papel de mãe têm sido também amplamente explorados pela investigação e sustentado cientificamente os pareceres de técnicos especializados no desenvolvimento físico e psicológico das crianças.

Mais recentemente, este modelo tem sido questionado e a desconstrução dos mitos e preconceitos sobre o que é considerado, atualmente, a “boa” maternidade, tem permitido às mulheres recuperar a sua autonomia e a sua agência e selecionar, de entre as regras vigentes, as que funcionem melhor para si e para o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s) (Everingham, 1994; Thurer, 1994). Assim, o modelo extensivo ou negociado de maternidade pressupõe que, culturalmente, o bem-estar das crianças está indelevelmente ligado, e no mesmo patamar de importância, ao bem-estar do/a(s) seu/sua(s) cuidador/a(s) (Adams, 2014).

O enquadramento histórico da maternidade contemporânea, exposto no Capítulo I, permitiu-nos compreender o surgimento das várias abordagens teóricas e científicas do último século, designadamente a coexistência histórica deste modelo intensivo de maternidade com a emancipação da mulher, que adquire direitos de participação na vida pública, académica e no mercado de trabalho, tão ou mais exigentes que o seu papel de mãe.

Este projeto surgiu da intenção de estudar a maternidade na perspetiva das mães. Partimos, pois, do pressuposto de que a forma de ser mãe, num dado momento, é condicionada cultural e socialmente, quisemos saber que modelos de maternidade existem na sociedade portuguesa atual e que impactos têm ou podem ter na forma como as mulheres portuguesas vivem este papel.

Esta tese, além do seu enquadramento histórico e teórico, é constituída por quatro estudos sucessivos e interligados, na medida em que cada estudo se baseou nos resultados e conclusões alcançados no estudo anterior. Ainda no Capítulo I, apresentamos os pressupostos, objetivos, hipóteses e questões de investigação que orientaram as nossas pesquisas.

Assim, o primeiro estudo visou a identificação do modelo de maternidade predominantemente difundido na rede social mais utilizada em Portugal. Os resultados revelaram sentimentos profundos e contraditórios que nos suscitaram a curiosidade de, num segundo estudo, aprofundar o conhecimento dos sentimentos que a maternidade provoca nas mães, negativos e positivos, e o contexto público ou privado em que esses sentimentos são preferencialmente partilhados.

O terceiro estudo visou simultaneamente incidir a investigação numa fonte mais tradicional, já não virtual mas física, para confirmar a predominância do modelo de maternidade identificado na rede social, e também alargar o foco de análise à paternidade, ou seja, aferir qual o papel atribuído ao pai e em que medida o seu envolvimento abala as características do modelo de maternidade intensivo, inerentemente diferenciado em termos de género e penalizador para a mulher.

Por fim, num quarto estudo procurámos conhecer casos concretos de mães portuguesas com formação académica de nível superior e compreender de que forma a maternidade surgiu, foi e está a ser enquadrada nos seus projetos de vida,

nomeadamente profissional, e que efeitos elas referem sentir em termos de autoeficácia e realização pessoal.

A metodologia e as técnicas de investigação utilizadas em cada estudo são explicitadas no Capítulo II, nomeadamente os pressupostos, requisitos e forma como construímos a amostra de cada estudo, os procedimentos e os instrumentos de análise utilizados nas informações recolhidas. Os resultados e conclusões dos vários estudos são desenvolvidos no Capítulo III.

No Capítulo IV abordamos as limitações e as forças deste projeto e discutimos os resultados obtidos nos quatro estudos de forma integrada. Referimos, concretamente, as implicações das conclusões na vida das mulheres que decidem ser mães, no papel que a sociedade pode ter e no apoio institucional que deverá ser dado à maternidade, e na forma como a ciência, nomeadamente a Psicologia, tem a responsabilidade ética de (também) zelar pelo bem-estar das mães.

Por fim, uma nota sobre a utilização de letra maiúscula na palavra *Pais* ao longo desta tese. Este formato é usado quando pretendemos referir-nos a mães e pais em conjunto, diferenciando assim o conceito do plural da palavra *pai* (*pais*), que se refere aos progenitores do sexo masculino. Esta opção radica na nossa consciência da necessidade de não ter vieses de género decorrentes da inexistência de uma palavra em português que seja de género neutro quando se fala de pai(s) e mãe(s) em simultâneo (como a palavra *parent(s)*, na língua inglesa).

Enquadramento histórico

Enquadramento teórico

Pressupostos e questões de investigação

CAPÍTULO I

Enquadramento Histórico

A maternidade é uma função indispensável à reprodução da espécie humana e refere-se não apenas à gestação e parto de um novo ser humano, mas também ao conjunto de cuidados que ele requer logo após o seu nascimento, necessários à sua sobrevivência, desenvolvimento, educação e posterior inserção social. Estes cuidados são predominantemente atribuídos à mãe, de acordo com a divisão de funções familiares entre o casal identificadas por Parsons (2002) na década de 1950, na qual o homem assume tradicionalmente a função instrumental de provedor de rendimento por via do seu emprego fora de casa, enquanto a mulher acumula as funções de mãe e gestora dos assuntos internos do lar, num papel mais expressivo.

Ao longo da História, a forma de exercer esta atividade tem sido culturalmente apropriada pelas diversas sociedades, submetendo-a aos padrões culturais nelas vigentes (Hays, 1996; Thurer, 1994; Arendell, 2000), ou seja, a maternidade tem sido culturalizada ao ponto de se considerar “natural” uma determinada forma de ser mãe e “desviantes” formas diferentes de o ser (Hays, 1996; Monteiro, 2005), em dado tempo ou lugar. Aos cuidados e tarefas atribuídos à maternidade foi acrescentado, nas sociedades ocidentais do século XVIII, o envolvimento afetivo, sintetizados pela expressão “amor maternal” (Badinter, 1980). Ao longo do século XX, os benefícios do investimento materno no cuidado e educação dos/as filhos/as e a dedicação da mulher ao seu papel de mãe para o desenvolvimento da criança foram amplamente divulgados, explorados pela investigação científica e sustentados pelos pareceres de técnicos especializados. Este modelo sociocultural de maternidade, centrado na criança e ancorado na ciência, enquadra-se num contexto histórico em que os avanços científicos contribuíram para um melhor conhecimento do desenvolvimento físico e psicológico do ser humano durante a infância. A maternidade tornou-se “científica” e colocou as mães sob o olhar de técnicos que indicam o que ela deve ou não fazer e sentir, elevando o grau de exigência do seu desempenho. Estas novas orientações normativas questionam e desvalorizam as práticas decorrentes da experiência das

gerações anteriores e do senso comum e comprometem a autoconfiança da mulher nas suas percepções de competência enquanto mãe (Thurer, 1994).

Nas sociedades ocidentais atuais, é consensual admitir-se que a criança tem direito ao amor da mãe, e a sua falta origina situações de negligência ou abuso que são considerados aberrantes, lamentáveis e não naturais (Birns & Hay, 1988). Pela primeira vez na História, desde a década de 1970 encorajam-se os Pais a serem empáticos e carinhosos com os/as filhos/as porque o que fazem às crianças, o que sentem em relação a elas e a forma como interagem com elas tem um impacto profundo nas suas vidas. Surge, assim, uma “nova moralidade” para a parentalidade (Swigart, 1992). No entanto, estudos históricos, antropológicos e psicológicos sobre maternidade e criação/educação partilhada mostram que o cuidado das crianças tem assumido diversas formas ao longo da História, e que isso parece não interferir no seu desenvolvimento socio-emocional (Birns & Hay, 1988; Hays, 1996; Thurer, 1994).

A relação mãe-filho/a foi romantizada, o que se refletiu, nomeadamente, na literatura científica referente à teoria da vinculação de John Bowlby (McCartney & Phillips, 1988; Thurer, 1994). Interpretada de forma literal, esta teoria (da vinculação de Bowlby) postula que a mãe deve responder imediatamente às necessidades da criança a fim de criar laços de vinculação seguros, o que significa que deve ficar em casa a criar o/a(s) filho/a(s) sob pena de o/a(s) colocar em risco (Thurer, 1994). Os estudos sobre a vinculação mãe-filho/a têm considerado que as mães são as principais cuidadoras e ainda hoje fazem recair essencialmente sobre elas a responsabilidade pelo equilíbrio emocional das crianças (Klein Velderman, Bakermans-Kranenburg, Juffer, & Ijzendoorn, 2006; Boldt, Kochanska, Yoon, & Koenig Nordling, 2014), com efeitos determinantes na vida destas a médio e longo prazo (Mota & Matos, 2013), dado que se considera que o que acontece nos primeiros 2 a 5 anos de vida do indivíduo é decisivo para a formação da sua personalidade e, conseqüentemente, para a sua vida futura (Ambert, 1992). Este enquadramento promove e reforça as novas atitudes culturais ocidentais acerca da maternidade, que se torna normativa: atualmente, a função maternal está sujeita a uma monitorização constante pelos mais variados especialistas que pode ter início inclusivamente antes da gravidez. O mito da mãe perfeita, que cuida, ama e protege, por oposição ao da “má mãe”, negligente e indiferente, radica na crença

de que as mães são as únicas responsáveis por quem as crianças se vão tornar quando adultas (Swigart, 1992).

Noutra perspetiva, Ambert (1992) critica a abordagem da parentalidade segundo este “modelo de causalidade unidirecional e unidimensional” (p. 10), acusando-o de levar mães e pais a acreditarem, erradamente, que não só podem como devem controlar todas as variáveis que interferem no processo de socialização da criança. Esta “nova moralidade” propõe ideais de maternidade difíceis de concretizar e culpabiliza as mães que não conseguem ou não pretendem alcançá-los (Swigart, 1992). Quando algo falha, a responsabilidade é atribuída à personalidade, origens, competências e/ou relações maritais dos Pais, sendo estes os fatores estudados e alvo de policiamento social e de tratamento científico (Ambert, 1992). Os Pais são um alvo fácil de controlar e culpar, e a sua vulnerabilidade tem sido amplamente explorada – nomeadamente enquanto consumidores (Thurer, 1994).

No âmbito desta normatividade moral, cultural e científica, as mulheres que se lhe distanciam por pertencerem a grupos de algum modo vulneráveis têm sido objeto preferencial de estudo científico no que toca aos desvios da maternidade. Estas investigações referem-se predominantemente a mães adolescentes (Crugnola, Ierardi, Gazzotti & Albizzati, 2014; Figueiredo, Pacheco, Costa & Magarinho, 2006), mães portadoras de doença crónica e/ou incapacitante (Johnson et al., 2015; Blegen, Hummelvoll, & Severinsson, 2012), mães toxicodependentes (Radcliffe, 2011; Reid, Greaves, & Poole, 2008), mães de crianças portadoras de doença física e/ou mental (Segeren & Françoze, 2014; Barbosa, Chaud, & Gomes, 2008) e mães com depressão pré e/ou pós parto (Sockol & Battle, 2015; Sockol, Epperson, & Barber, 2014; Jarvie, Letherby, & Stenhouse, 2015). Sendo as mães, mais do que os pais, os principais agentes de desenvolvimento dos/as filhos/as, tornam-se, inevitavelmente, também o seu principal obstáculo quando se desviam da norma (Thurer, 1994). Arendell (2000) lembra que o estudo do desvio na maternidade no final do século XX se centrou em categorias sociais específicas, não mutuamente exclusivas, como as mães solteiras, as mães de minorias étnicas, as mães imigrantes e as mães lésbicas. Estes estudos concluíram, não raras vezes, que estas circunstâncias são preditoras da forma como as mães exercem a sua função, com efeitos no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. O modo

como a ciência, nomeadamente a Psicologia, coloca as suas questões de investigação é, também ele, um reflexo do mito idealizado e cultural de maternidade adequada (Thurer, 1994) como o principal ou único preditor do desenvolvimento e integração social adequada da criança e do futuro adulto.

Outra perspetiva, mais centrada nas mulheres enquanto variável dependente, analisa o impacto da maternidade na vida das mulheres em idades precoces (Anwar & Stanistreet, 2014) ou tardias (Morgan, Merrell, & Rentschler, 2015) e na sua vida profissional (Miner et al., 2014). Contudo, tem existido igualmente um certo “silêncio cultural” nas sociedades ocidentais (Swigart, 1992) em redor da realidade emocional e quotidiana da maioria das mães, idealmente subjugadas aos interesses das crianças, como se fosse fácil e natural às mulheres cuidar dos/as filhos/as de forma abnegada e altruísta, e fosse fácil fazê-lo de modo adequado, não havendo lugar a sentimentos de inadequação, angústia ou mesmo culpa. Só as perspetivas feministas da maternidade das décadas de 1960 e 1970 assumiram a subjetividade da mãe como um tema a investigar, focando-se nos seus direitos e necessidades e denunciando as teorias e modelos de desenvolvimento da criança como sendo opressivos para as mulheres (Everingham, 1994). O conhecimento científico sobre as primeiras fases da vida do ser humano aumentou exponencialmente nos últimos dois séculos, mas o conhecimento sobre as mães e as suas vivências tem-se mantido relativamente estável e escasso (Birns & Hay, 1988).

Apesar de, na História recente das sociedades ocidentais, as mulheres terem conquistado o direito à escolaridade, à formação superior, à participação na vida pública e a uma carreira profissional, muitas acabaram por ver essas aspirações limitadas pelas exigências de uma maternidade “exclusiva” e pela pressão da opinião pública, que tende a encará-las como sendo ambiciosas, calculistas e inadequadas ao papel de mãe (Thurer, 1994) se não renunciarem aos seus outros projetos pessoais em favor deste. Mesmo que muitas delas, se não a maioria, se dediquem ao trabalho ou a uma profissão não apenas para satisfação pessoal, mas também, por vezes sobretudo, por necessidade financeira. As mulheres vêem-se confrontadas com o dilema entre maternidade ou realização profissional (ou mero emprego), que se afiguram como forças opostas, ambas com elevado grau de exigência, o que cria uma “contradição cultural” (Hays, 1996).

Enquadramento Teórico

Dois modelos de maternidade: intensivo e extensivo.

Desde meados do século XX, consolidou-se nas sociedades ocidentais um modelo de maternidade apelidado de “intensivo” (Elliott, Powell & Brenton, 2015) que pressupõe que uma “boa mãe” é abnegada, altruísta e deve dedicar grande parte do seu tempo, energia, afeto e recursos ao cuidado e educação do/a(s) filho/a(s). Segundo Sharon Hays (1996), a “ideologia da maternalização intensiva” apresenta como premissa a centralidade da criança, fazendo do seu desenvolvimento e da realização dos seus desejos um fim em si mesmo. Esta ideologia baseia-se num modelo genderizado em que a mãe é a principal responsável pela criança. Orientada por peritos, ela deve adquirir conhecimentos acerca do desenvolvimento cognitivo e emocional da criança para melhor desempenhar o seu papel, o que exige um trabalho e dedicação intensivos. Por fim, o papel de mãe é emocionalmente absorvente, mas a importância do amor materno, considerado natural e imprescindível ao desenvolvimento da criança, justifica tal investimento. Efetivamente, as características deste modelo incluem um intenso envolvimento afetivo entre mãe e filho/a, fruto do referido “amor maternal”, para além das tradicionais funções de cuidados básicos e de educação, colocando às mulheres que escolhem ser mães exigências e responsabilidades acrescidas (Badinter, 2010). Acredita-se, atualmente, que o amor da mãe é um direito da criança e que a sua ausência vai contra a natureza e é negligente.

Este modelo de maternidade, que prevalece na sociedade ocidental atual, é considerado o mais exigente de sempre, depois de uma época de libertação feminina em que os contraceptivos permitiram à mulher escolher se quer ser mãe e quando, e em que a identidade feminina passou a ser construída noutras dimensões para além da maternidade. Ora, o comprometimento exigido às mães e as responsabilidades da maternidade mantiveram-se inalteráveis ou aumentaram, enquanto a exigência do trabalho fora de casa se manteve ou aumentou e nem sempre se adapta à vida familiar. A este propósito, Spence (2013) refere-se a uma “bonança construída sobre o medo” (p. 1), que alimenta os media sociais com conselhos “técnico-científicos” sobre gravidez “segura”, procedimentos “saudáveis”

do parto e importância da amamentação, ao mesmo tempo que procuram induzir os ambos os Pais a controlar e proteger obsessivamente os/as seus/suas filhos/as, mesmo quando os riscos reais são exagerados ou ainda desconhecidos.

Com o modelo de maternidade intensivo, as lutas das mulheres pela emancipação, pela participação na vida pública e pela igualdade de género são, pelo menos temporariamente, postas em causa pelas exigências do seu papel de mãe e pela assunção cultural de que só ela é naturalmente talhada para a tarefa (Adams, 2014). O reconhecimento da individualidade das mães enquanto pessoas e do direito à manutenção dos seus projetos pessoais e profissionais, ao seu desenvolvimento, expressão e autocuidado, aliado ao reconhecimento das suas limitações, inclusivamente por elas próprias, abre portas à responsabilização de outros adultos com quem o cuidar dos/as filhos/as possa ser partilhado, sem culpas e sem julgamentos sociais e morais.

Nesta perspetiva, outros estudos enfatizam o papel das diferentes culturas, quer ao longo da História quer na atualidade, na diversificação de modelos de vinculação na infância, estratégias de cuidado e objetivos de socialização da criança (Keller, 2013). Sublinham o peso de fatores contextuais como a classe social, o acesso à escolaridade e a cuidados de saúde, a personalidade dos Pais e da criança no potencial de desenvolvimento e na vida futura desta última (Birns, 1999). Questionam também a imprescindibilidade da presença constante da mãe junto da criança (Milkie, Nomaguchi & Denny, 2015), e demonstram como as mulheres podem articular os seus papéis maternal e profissional de forma funcional (Christopher, 2012; Alstveit, Severinsson & Karlsen, 2011).

A relativização de um modelo de maternidade intensivo hegemónico permite admitir o surgimento e a promoção, nas sociedades ocidentais atuais, de outras formas de encarar a maternidade que se integram na chamada “maternidade extensiva” (Christopher, 2012) ou “negociada” (Badinter, 2010). Apesar de, como foi referido, ao longo da História a maternidade ter sido culturalmente apropriada e vivida de acordo com o modelo dominante vigente, ou seja, segundo uma ideologia historicamente construída (Hays, 1996; Badinter, 2010), cada mulher pode experienciá-la de forma diferente, tendo em conta a sua história de vida, a sua posição na sociedade e a sua sujeição ou não aos ditames culturais da sociedade em que vive (Birns & Hay, 1988).

A desconstrução dos mitos e preconceitos sobre o que é considerado, atualmente, a “boa” maternidade, permitiria às mulheres recuperar a sua autonomia e a sua agência, e selecionar de entre as regras vigentes as que funcionem melhor para si e para o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s) (Everingham, 1994; Thurer, 1994). Este modelo extensivo ou negociado de maternidade pressupõe que, culturalmente, o bem-estar das crianças está indelevelmente ligado, e no mesmo patamar de importância, ao bem-estar do/a(s) seu/sua(s) cuidador/a(s) (Adams, 2014). Os cuidados e educação da criança podem ser partilhados com outro(s) adulto(s), familiar(es) ou não, libertando a mulher para conciliar a maternidade com outros projetos pessoais e profissionais. Este modelo é considerado potencialmente mais satisfatório na medida em que a mulher consegue conciliar os seus diversos papéis sociais e o seu bem-estar e necessidades são igualmente reconhecidos e valorizados, a par com os da criança.

O modelo cultural do envolvimento dos pais no cuidado dos filhos/as, ou a coparentalidade, inscreve-se nesta mesma perspetiva e é inseparável da crescente participação das mulheres no mercado de trabalho nas sociedades ocidentais do século XX (Milkie & Denny, 2014). Além disso, os benefícios do envolvimento paterno para eles próprios, para as crianças e para as mães são vários e reconhecidos. No caso dos pais, evolui-se das vantagens lúdicas de interação com a criança para um significado mais profundo de realização pessoal através da paternidade, com ganhos importantes para o desenvolvimento da criança (idem). Deste modo, promove-se a emergência de uma “nova paternidade” que substitua a tradicional e genderizada divisão de responsabilidades no cuidado e educação dos/as filhos/as, baseada numa partilha mais igualitária das tarefas familiares e domésticas (Gregory e Milner, 2011, p. 601). Para este maior equilíbrio familiar, políticas públicas como a generalização da licença parental têm tido um papel determinante em diversos países (Farre, 2016; Hagqvist et al., 2017), nomeadamente em Portugal (Wall e Leitão, 2017).

No entanto, este novo papel paterno, centrado na criança, de extrema exigência emocional, financeira e temporal, é constantemente orientado por peritos e, neste caso, a pressão da contradição cultural estende-se a ambos os cuidadores (Hays, 1996). Será que a partilha do cuidado com o pai implica, por si só, um modelo de maternidade extensivo? A maternidade extensiva pressupõe a

colocação dos interesses e necessidades de crianças e cuidadores/as a um mesmo nível, bem como a aceitação social e cultural de modelos de maternidade ou paternidade diversos, negociados e flexibilizados de acordo com as dinâmicas familiares, como sendo igualmente legítimos e aceitáveis.

Assim, o modelo de maternidade extensivo exige, por um lado, que se questionem as premissas do modelo intensivo que definem o que é ser uma “boa mãe” e, por outro, que seja dada autonomia e poder de decisão às mães no seu papel de cuidadoras, facilitando as suas opções pessoais e profissionais ao invés de lhes impor uma agenda única, “correta” e hegemónica.

Maternidade: vinculação, sentimentos e comportamentos.

De acordo com Kuchner e Porcino (1988), a transição para a maternidade começa durante a gravidez: as mães idealizam uma imagem do bebé que esperam e ensaiam cenários possíveis dos cuidados que lhe vão prestar. Após o nascimento, elas iniciam a tarefa de “descobrir” e “conhecer” o/a seu/sua filho/a real, tentando integrar a realidade das suas necessidades e comportamentos com a do bebé que tinham fantasiado e com a maternidade que tinham idealizado. Nesta fase da maternidade, os níveis de estrogénio e progesterona são responsáveis por reações de choro fácil e inexplicável e por uma sensação difusa de infelicidade e ansiedade: o chamado “baby blues”. Em muitos casos, este período pode prolongar-se durante várias semanas quando associado ao cansaço, à privação de sono e às expectativas goradas.

Muitas vezes, as mães não estão preparadas para a realidade da maternidade e para a reorganização que ela exige nos restantes domínios da sua vida, como a atividade profissional, familiar e social (Kuchner & Porcino, 1988). De facto, algumas mães podem ter dificuldade em absorver e aceitar as exigências da maternidade e sentir-se dececionadas quando as características do/a(s) filho/a(s) ou o comportamento do pai não corresponde às suas necessidades e/ou expectativas. Podem, igualmente, ser surpreendidas com a sua própria incapacidade em termos de competência, especialização e controlo, algo que não esperavam de si próprias (Daniel & Weingarten, 1982). Nos países desenvolvidos, as mães que ficam em casa com o/a(s) filho/a(s) podem sentir-se isoladas e as

mães que trabalham podem chegar a casa cansadas e com pouca energia para lidar sozinhas com as necessidades da(s) criança(s). No entanto, não é socialmente aceitável que mães e pais admitam ter “problemas” com os/as filhos/as ou que eles/as os afetem negativamente. Assim, o reconhecimento de sentimentos ambivalentes relativamente à maternidade e até aos/às próprios/as filhos/as pode ser profundamente perturbador (Swigart, 1992). Esta desadequação torna-se ainda mais incompreensível pelas mães quando são levadas a acreditar que serão espontaneamente competentes e que rapidamente regressarão à sua boa forma física e psicológica anterior (idem). Apesar de a pressão social fazer com que nem sequer se atrevam a admitir tal perante si próprias (Ambert, 1992), a “ambivalência maternal” é relativamente comum e resulta do facto de, não raras vezes, os interesses da criança e da mãe serem conflituosos ou até mesmo antagónicos (Adams, 2014).

Com efeito, os sentimentos das mães só têm merecido atenção substancial na literatura quando certas circunstâncias negativas contrariam a representação social dominante da maternidade como o papel mais gratificante na vida da mulher: nos casos da depressão e da ansiedade pós-parto. Estas patologias foram analisadas a partir de muitas perspetivas científicas que procuraram compreender as respetivas causas ou fatores preditores, bem como as suas consequências para as crianças, a fim de desenvolver estratégias de intervenção preventiva. Trata-se de abordagens que se baseiam numa visão dicotómica e simplista da realidade segundo a qual os sentimentos positivos das mães são vistos como essenciais quer para o bem-estar presente e futuro das crianças, quer para o seu bom comportamento e desenvolvimento, sendo apenas estudados na sua alternância com sentimentos negativos que, por sua vez, causam danos a essas mesmas dimensões. Assim, observamos que estas abordagens reforçam e sustentam a prevalência das necessidades e interesses da criança e continuam a promover um modelo de maternidade intensivo que exige grande investimento e dedicação das mães, nomeadamente em termos de envolvimento emocional.

Nelson et al. (2013; 2014) analisaram as diferenças entre o bem-estar global dos Pais e dos não-Pais e os resultados do seu estudo mostram que, embora os Pais expressem mais emoções negativas, problemas financeiros e distúrbios do sono do que os não-Pais, eles/as também experimentam uma vida mais

significativa e feliz. No entanto, as novas mães e os novos pais apresentam resultados opostos: as mães sentem menos felicidade do que os pais devido ao “aumento da responsabilidade e do trabalho doméstico que chega com a maternidade” (Nelson et al., 2013, p. 9). É possível concluir que a transição para a parentalidade tem diferentes trajetórias de ajustamento (Don et al., 2014), consoante observarmos mães ou pais. As respostas neurais das mulheres mudam quando se tornam mães e podem ser mais ou menos adequadas. Rilling patologiza estas dificuldades quando afirma que “pode haver uma faixa ótima de ativação dentro de certos sistemas neurais, nem muito alta nem muito baixa, que suporte a parentalidade apropriada” (Rilling, 2013, p. 731). Esse parece ser o caso das mães que sentem “amor compassivo” (Miller et al., 2015) e reagem à “fofura” [cuteness] em bebés e crianças (Kringelbach et al., 2016). Ora, outros fatores circunstanciais, como o status socioeconómico, podem condicionar respostas neurais adequadas e também são preditivos dos problemas das mães (Kim et al., 2017; Tyrlik et al., 2013; O'Hara & McCabe, 2013). Os sentimentos e comportamentos perinatais das mulheres devem, portanto, ser reapreciados no contexto das principais mudanças que ocorrem no seu corpo e na sua vida relacionadas com a gravidez, o parto e o puerpério.

Muitos estudos apontam causas internas psicológicas para a depressão e a ansiedade perinatais, como a preparação psicológica para a maternidade, o estado de saúde (Tyrlik et al., 2013), historial de depressão, neuroticismo, baixa autoestima depressão e ansiedade, gravidez indesejada (O'Hara & McCabe, 2013), stress, personalidade materna (Skipstein et al., 2012) e experiência de maternidades anteriores (ser primípara ou não) (Jover et al., 2014). Constatam que, quando a maternidade é sentida como uma perda, leva à insatisfação e à frustração (Highet et al., 2014). Além disso, paradoxalmente, mães que se dedicam mais à educação das crianças e ao trabalho doméstico tendem a sentir-se mais incompetentes e ansiosas no seu papel parental (Skreden et al., 2012; Taylor & Johnson, 2013; Offer, 2014; Jover et al., 2014).

Frequentemente, a primeira experiência de parentalidade também aumenta os sentimentos de solidão social e emocional, associados a níveis mais baixos de satisfação conjugal, devido ao aumento dos conflitos com os parceiros (Junttila et al., 2015; Highet et al., 2014), bem como aos níveis mais altos de fobia social

(Junttila et al., 2015). Fatores igualmente mencionados para justificar estes sentimentos são o fraco apoio social (de cônjuges, familiares, amigos/as e/ou profissionais) (Skipstein et al., 2012; Razurel & Kaiser, 2015; O'Hara & McCabe, 2013; Jover et al., 2014), a mudança de papéis e o aumento de responsabilidades após o nascimento (Taylor & Johnson, 2013), adversidade precoce (Agrati et al., 2015), as relações sociais (Tyrlik et al., 2013), o temperamento difícil da criança (Agrati et al., 2015; O'Hara & McCabe, 2013), stressores obstétricos, eventos de vida stressantes (incluindo stressores relacionados com a puericultura), mau relacionamento conjugal ou ser solteira (O'Hara & McCabe, 2013), variáveis demográficas diversas (Meier et al., 2016), a privação de sono (Tikotzky, 2016) e o trabalho familiar e extra familiar que requerem grande esforço não recompensado (Sperlich et al., 2013).

Como a vinculação é um poderoso mediador para explicar a relação entre os sentimentos maternos e o desenvolvimento infantil, ela ocupa um lugar central em diversas pesquisas. A segurança da vinculação entre mãe e filho/a está positivamente associada ao desenvolvimento emocional da criança (Cooke et al., 2016), portanto, o mal-estar psicológico das mães afeta o vínculo mãe-filho/a e as crianças são expostas às suas consequências negativas (Junttila et al., 2015; Yürümez et al. al., 2014; Fairbrother et al., 2015; Crugnola et al., 2016). Um vínculo precário tem efeitos duradouros, pois os sentimentos de união tendem a ser estáveis desde a gravidez até a infância (O'Higgins et al., 2013; de Cock et al., 2016) e a manter-se até à idade adulta. Assim, todas as variáveis que afetam negativamente o bem-estar das mães são consideradas um risco para o desenvolvimento saudável da criança, podendo levar a dificuldades emocionais, psicossociais e comportamentais, não só na infância, mas também na vida futura (Conners-Burrow et al. al., 2016; Granat et al., 2017; Herba et al., 2013; Spijkers et al., 2014; Woolhouse et al., 2016; Betts et al., 2015; Moed et al., 2017; O'Hara & McCabe, 2013; Crugnola et al., 2016; Jover et al., 2014; Rudy & Grusec, 2006; Valiente et al., 2004).

Torna-se, pois, fundamental intervir precocemente. Embora algumas publicações recentes sobre maternidade e criação de filhos/as mostrem uma preocupação crescente com o bem-estar das mães, além dos impactos sobre as crianças, a maioria ainda está focada sobretudo nos riscos associados às suas

emoções e sentimentos negativos com consequências prejudiciais para as crianças e/ou para a sociedade. Os estudos de prevenção e intervenção para melhorar a saúde emocional das mães concentram-se, principalmente, em fatores internos e recomendam o apoio profissional de médicos/as, enfermeiros/as, parteiros/as e/ou psicólogos/as. Em primeiro lugar, a prevenção exige uma melhor avaliação de perfil, triagem e consciencialização sobre potenciais transtornos de depressão e ansiedade em novas mães (Bauer et al., 2016; Highet et al., 2014; Skipstein et al., 2012), a fim de reduzir perdas económicas e de saúde para mães e filhos/as (Bauer, Knapp & Parsonage, 2016). Alguns autores, contudo, sugerem que os/as profissionais também devem estar cientes dos preditores circunstanciais (Sperlich et al., 2013; Agrati et al., 2015), isto é, devem avaliar o grau de apoio social de que as mães dispõem (Razurel & Kaiser, 2015).

Em relação às mães, a intervenção proposta passa por tentar evitar o aumento de sentimentos e pensamentos negativos no pós-parto por meio de estratégias de enfrentamento (Di Blasio et al., 2015), recorrendo a uma abordagem de cuidado compartilhado (Li et al., 2016) ou a “técnicas de relaxamento, gestão do tempo e estratégias de autocuidado” nas avaliações pós-natal (Taylor & Johnson, 2013, p. 533). A promoção da disponibilidade emocional das mães e o reforço da sua vinculação às crianças (Ziv et al., 2016) também são propostas. Outros programas de intervenção para evitar ou reduzir os efeitos do stress mental perinatal, tanto em mães quanto em crianças, foram recentemente testados com grupos específicos de mães, nomeadamente as que abusam de substâncias (Punamäki et al., 2013) e doentes mentais (Megnin-Viggars et al., 2015).

Assumindo uma nova perspetiva, Arditti, Grzywacz & Gallimore (2013) propõem uma distinção clara entre os problemas psicológicos das mães e “sintomas psiquiátricos e stress generalizado na criação de filhos/as” (Arditti et al., 2013, p. 392). A maternidade deve ser vista como um “fenómeno contextual composto por domínios relacionais, psicológicos e situacionais” (idem) e os investigadores deveriam promover uma abordagem potencialmente não moralista das experiências e sentimentos negativos das mães. Na mesma linha, DiPrieto et al. (2015) testaram uma Escala de Experiência Maternal (MES) que avalia as experiências positivas e negativas das mães na sua complexidade, desde a gravidez até ao início da maternidade, e concluíram que ambas estão presentes.

Os sentimentos positivos são mais centrados na criança, enquanto os aborrecimentos estavam especialmente relacionados com o autocuidado das mulheres, como a falta de sono. Ao analisar a transição emocional de mulheres lésbicas para a maternidade num estudo qualitativo e exploratório, Van Ewyk e Kruger (2017) referem que “as participantes descreveram muitas emoções diferentes associadas à nova maternidade: esperança, alegria, amor, ansiedade, desamparo, exaustão e sentimento de companheirismo e união, assim como se sentem comprometidas (...), mas também focadas no desenvolvimento de uma nova identidade, a de ser mãe”. A montanha-russa emocional é efetiva, mesmo nas mães normativas.

Pressupostos e Questões Centrais de Investigação

A maternidade atual é reflexo de um paradigma cultural que (sobre)valoriza a criança e o seu desenvolvimento. O aumento do conhecimento sobre a infância nas suas mais variadas dimensões originou um aumento da responsabilização da mãe nesse desenvolvimento. Esta pesquisa assume um questionamento crítico da Psicologia *mainstream* quanto aos seus pressupostos ontológicos e epistemológicos, às suas práticas de investigação e intervenção e aos respetivos resultados pessoais e sociais. Além disso, critica o individual como nível de análise dominante e defende que o sujeito psicológico individual é expressão de macroestruturas sociais. Ou seja, defende que a subjetividade, o psicológico, estão profundamente enraizados na cultura e nas práticas sociais. Logo, as aspirações, necessidades e desejos do indivíduo refletem as normas e as expectativas do grupo, da comunidade ou da sociedade em que vive. Esta consciência permite a exploração reflexiva dessas aspirações, necessidades e desejos e ajuda a ponderar o que é livre-arbítrio e o que é determinado socialmente. Como refere Badinter (2010):

“Cada cultura é dominada por um modelo de maternidade ideal que pode variar segundo as épocas. Tenham elas consciência disso ou não, ele pesa sobre todas as mulheres. Pode-se aceitá-lo ou contorná-lo, negociá-lo ou rejeitá-lo, mas é sempre em relação a ele que nos definimos em última instância.” (p. 109)

Assumindo o pressuposto de que as representações pessoais da maternidade são profundamente influenciadas pelas representações sociais da mesma, e que a experiência pessoal da maternidade se inscreve num contexto de vivências dos grupos, da comunidade e sociedade de pertença da mulher, este estudo teve como objetivo central identificar e analisar o modelo de maternidade dominante na sociedade portuguesa atual e questionar os seus efeitos.

Numa perspetiva interseccionalista, consideramos igualmente que, na sociedade portuguesa, a mulher acumula um conjunto de papéis identitários nos quais, muitas vezes, experiencia desigualdades de poder (e. g. salários mais baixos, maiores responsabilidades domésticas e familiares) que ganham um efeito multiplicador (Nogueira, 2013). No entanto, as mulheres nem sempre conseguem identificar nem relativizar a sua falta de poder, já que internalizam os modelos opressores que definem os seus papéis, nomeadamente na maternidade e, mesmo exaustas, não lhes ocorre questioná-los (Thurer, 1994).

Rosa Monteiro (2005), que realizou um estudo sobre a maternidade em Portugal, referiu confluírem no conceito de maternidade representações e práticas de ordem social, familiar e pessoal, e os resultados a que chegou apontaram para “revelações, contradições e paradoxos de uma experiência tão maravilhosa quanto penosa para as mulheres” (Monteiro, 2005, p. 18).

Esta postura crítica permite-nos olhar as mães que não sintam, não pensem e não ajam de acordo com as representações dominantes como pessoas que estão encurraladas entre as normas e expectativas sociais e as suas próprias aspirações, necessidades e desejos. Em suma, consideramos que, quando mães, as mulheres são confrontadas com as expectativas sociais hegemónicas que, de uma forma ou de outra, apropriam, e que modelos alternativos de viver e sentir a maternidade raramente são considerados plausíveis ou aceitáveis, gerando críticas sociais e sentimentos de culpa individuais.

Tendo em conta que o exercício da função maternal é constantemente aconselhado e monitorizado, e não apenas por peritos, as mães estão enquadradas num modelo de maternidade que contextualiza e atribui constantemente um valor (positivo ou negativo) às suas ações e aos resultados dessas ações. A atribuição de um valor positivo a uma ação significa que a mãe em questão é competente, e

esta atribuição pode ser feita pela própria (autoeficácia) ou por quem a rodeia. Contudo, a conceção de competência das mães, aquilo a que, num dado momento socio-histórico, é considerado uma «boa mãe», ou seja, uma mãe competente, que se opõe a uma «má mãe», incompetente, é um constructo de etiologia psicossocial, dependente do contexto em que se manifesta e, por isso, sujeita a mudança e a evolução (Faria, 2006). Na medida em que a noção de competência se define pelas perceções, juízos e avaliações das capacidades pessoais dos indivíduos (idem), com efeitos diretos na sua adaptabilidade social, autoestima e bem-estar psicológico, outro objetivo central deste estudo é aferir se o quadro de exigência em que a maternidade é atualmente vivida na sociedade portuguesa propicia sentimentos positivos de satisfação e competência ou, pelo contrário, sentimentos negativos de incompetência e de baixa autoeficácia por parte das mães, com efeitos diretos no seu bem-estar.

A literatura revela muito poucos estudos qualitativos sobre os sentimentos das mães através da análise dos seus discursos espontâneos, não formatados, numa perspetiva não-patológica e não-normativa. Além disso, poucos são os estudos que visam identificar a importância do contexto na expressão de sentimentos pelas mulheres. Apesar do reconhecimento do grande poder comunicacional das novas tecnologias, poucos estudos focalizaram o seu uso espontâneo pelas mulheres, quando enfrentam a transição para a maternidade. Mas os que o fizeram mostraram que o seu uso capacita as mulheres no seu novo papel, através da partilha de experiências, aconselhamento, apoio emocional e interação com outras mães (Neubaum & Kraemer, 2015; Kaufmann & Buckner, 2014; Drentea & Moren-Cross, 2005).

No contexto nacional, as mulheres são parte integrante do mercado de trabalho e a maioria das famílias caracteriza-se pelo duplo emprego, partilhando, contudo, valores extremamente tradicionais em termos familiares (Matias, Andrade, & Fontaine, 2011). Efetivamente, as mulheres tendem a gastar mais tempo diário do que os homens em tarefas domésticas e trabalho de cuidado com os/as filhos/as, numa clara assimetria de género dentro da família (Perista et al., 2016). Assim, este estudo pretende igualmente identificar similitudes e discrepâncias que existem entre o discurso social sobre a maternidade e a maternidade realmente vivida, bem como as suas consequências. Estas podem refletir-se quer no bem-

estar materno, quer em estratégias que as mães utilizam para negociar o modelo culturalmente dominante (intensivo) de forma a articulá-lo com uma atividade profissional igualmente exigente.

Monteiro (2005) defende, contudo, haver muitas formas de vivenciar a maternidade, e “talvez por isso devamos falar de maternidades em vez de maternidade, para melhor traduzir a ideia de multiplicidade de experiências subjetivas, face à cultura maternal dominante” (Monteiro, 2005, p. 53). Não obstante, nem todas são consideradas legítimas e o julgamento social, assim como o autojulgamento, podem criar situações muito difíceis de gerir e ultrapassar. A revelação das diferentes vivências e representações pessoais da maternidade face às representações sociais dominantes, a compreensão dos efeitos que as mães consideram negativos no seu quotidiano e no seu projeto de vida e as formas como aquelas lidam com esses sentimentos são dimensões ainda não abordadas cientificamente. O presente estudo pretende ajudar a preencher esta lacuna, realçando a diversidade e riqueza possíveis de modelos no exercício da maternidade, conjugada com outros papéis, nomeadamente o profissional, considerados igualmente relevantes pelas mulheres portuguesas.

Howard Becker (1963) diz-nos que o desvio é criado pela sociedade na medida em que esta estabelece regras cuja infração é considerada um comportamento desviante. Neste sentido, o desvio é criado por relação às normas, é consequência da forma como a sociedade reage a um determinado ato. Perante um comportamento desviante, a sociedade pode reagir de forma aberta, através das sanções formais (legislação) ou explícitas (verbalizações, agressões), ou de forma encoberta, através de manifestações várias de censura social, como a estereotipagem, a etiquetagem, a discriminação e a crítica. No caso da maternidade, a sociedade tem, além dos mecanismos legais de retirada dos/as filhos/as à família, formas mais ou menos subtis de criticar e julgar as mães que não se dedicam, não educam ou não amam o/a(s) filho/a(s) como seria esperado. O medo do estigma e de ser rotulada como uma “má mãe” pode determinar muitos dos comportamentos das mães.

Neste sentido, o desamor pelos/as filhos/as, por um/a dos/as filhos/as, pelo próprio papel de mãe ou por algumas das contingências desse mesmo papel são assuntos sancionados negativamente. Este estudo pretende desvendar vivências

e representações pessoais da maternidade atualmente consideradas “desviantes” relativamente às representações sociais vigentes e a forma como as mães lidam com esses sentimentos e/ou efeitos.

Objetivos (O), hipóteses (H) e questões (Q) de investigação.

Tomando as mães portuguesas como objeto de estudo, definimos um conjunto de objetivos gerais, no âmbito dos quatro estudos que integram esta investigação. Estes objetivos foram operacionalizados em hipóteses e questões de investigação que, por sua vez, orientaram a componente empírica deste trabalho.

Assim, os objetivos e as hipóteses/questões de investigação exploradas em cada estudo são as seguintes:

Estudo 1

O1) Identificar o modelo de maternidade dominante na sociedade portuguesa atual e as suas principais características (cf. Anexo 1);

O1/Q1) Qual o modelo de maternidade predominantemente veiculado na rede social *Facebook*?

O1/Q2) Quais as características do modelo identificado?

O1/Q3) Que outros modelos de maternidade podemos aqui encontrar e quais as suas características?

Estudo 2

O2) Identificar o impacto que o modelo de maternidade dominante na sociedade portuguesa atual tem nas mães portuguesas através da identificação dos sentimentos positivos e negativos relativamente à maternidade que partilham de forma espontânea nas redes sociais (cf. Anexo 2);

O2/H1) As mães partilham sentimentos positivos e negativos no *Facebook*;

O2/H2) Os sentimentos positivos na maternidade, que caracterizam o modelo intensivo acima descrito, são mais divulgados, promovidos e partilhados nos sítios públicos;

O2/H3a) Pelo contrário, os sentimentos negativos são preferencialmente partilhados nos grupos fechados;

O2/H3b) Nos grupos fechados, os sentimentos negativos, considerados desviantes relativamente ao modelo normativo e prejudiciais à criança, são mais partilhados do que os sentimentos positivos;

O2/H4) Tanto os sentimentos positivos quanto os sentimentos negativos são qualitativamente diferentes nos sítios normativos e alternativos; nestes, as mães partilham sentimentos relacionados com as suas necessidades e com o seu bem-estar, enquanto naqueles partilham preferencialmente sentimentos relacionados com as necessidades e bem-estar dos/as seus/suas filhos/as.

Estudo 3

O3) Verificar se a revista portuguesa dirigida a Pais com maior tiragem em Portugal promove uma maior partilha dos cuidados com os/as filhos/as pelo casal, atenuando os estereótipos tradicionais de género quanto aos papéis familiares e identificar qual o modelo de parentalidade proposto (cf. Anexo 3);

O3/Q1) Apesar do título da revista, neutro em termos de género, ela será dirigida sobretudo a mães, reproduzindo e reforçando estereótipos de género que atribuem a estas a responsabilidade principal pelo cuidado dos/as filhos/as?

O3/Q2) Quando se dirige especificamente a mães e a pais, as diferenças tradicionais de género quanto ao papel e responsabilidades na família e o seu equilíbrio com a vida profissional mantêm-se?

O3/Q3) A revista promove um modelo de parentalidade intensivo, em linha com o modelo de maternidade intensivo difundido no *Facebook* português, centrado na criança, de grande exigência emocional, de tempo e financeira, e orientado por peritos, no qual as necessidades dos Pais são secundarizadas?

Estudo 4

O4) Conhecer as motivações de mães portuguesas com formação académica de nível superior para a maternidade e o enquadramento desta nos seus projetos de vida familiar e profissional; identificar as suas referências e modelos de maternidade e as suas representações do papel materno; avaliar qual a sua adesão ao modelo de maternidade dominante na sociedade portuguesa e o impacto deste no seu quotidiano e na sua perceção de autoeficácia; conhecer as estratégias que adotam no quotidiano para prosseguir o seu modelo de maternidade e quais as variáveis que condicionam o seu bem-estar; (cf. Anexo 4)

O4/Q1) Em que circunstâncias, emocionais, profissionais e materiais, surge o projeto de maternidade das entrevistadas?

O4/Q2) Quais são as referências e os modelos de maternidade das entrevistadas e o que fazem para os implementar?

O4/Q3) A que estratégias recorrem as entrevistadas para cumprir o modelo de maternidade que consideram desejável, a par com os seus outros papéis sociais, e qual a sua perceção de autoeficácia?

O4/Q4) Que expectativas tinham as MPL relativamente à maternidade e até que ponto elas se concretizaram?

Metodologias e técnicas de investigação

CAPÍTULO II

Metodologias e Técnicas de Investigação

As características deste projeto, que pretende identificar discursos sociais e individuais e os modelos culturais e representações que lhes subjazem, compreendê-los e devolvê-los de forma sistematizada e crítica, apelam à utilização de metodologias predominantemente qualitativas, mais adequadas à abordagem de fenómenos e processos sociais e a uma postura descritiva e interpretativa (Leavy, 2017).

Os discursos individuais sobre a maternidade formam-se a partir dos discursos sociais, culturais e grupais, e são construídos em relação com estes. Através dos referidos discursos podemos perceber a forma como cada realidade pessoal foi, e é, construída na interação com os outros e com as instituições. A identificação das representações sociais dominantes sobre a maternidade – os “ideais, estereótipos” referidos por Birns e Hay (1988) –, veiculadas pelas diversas formas da sua difusão massiva, enquadra-se numa abordagem metodológica qualitativa da análise do seu conteúdo. O recurso a métodos quantitativos afigurou-se útil na parametrização de alguns indicadores, nomeadamente na identificação de regularidades percentuais e estatísticas apresentadas nos discursos sobre os objetivos, atitudes e sentimentos associados à maternidade, casos em que a metodologia utilizada foi mista.

As fontes documentais de onde poderíamos aferir os traços mais significativos das representações dominantes da maternidade são inúmeras, pelo que selecionámos duas: uma virtual - a rede social mais utilizada em Portugal - e uma física - a revista dirigida a Pais que tem maior periodicidade e tiragem em Portugal. A escolha de uma rede social prende-se com a generalização do acesso à Internet nos últimos anos e, concomitantemente, com a proliferação do uso de redes sociais quer por particulares, quer por instituições para a divulgação de informação. Esta rede social em particular tem a característica de nela se concentrarem muitas das informações disponíveis *online* (nomeadamente notícias, conteúdos de blogues e informação institucional), fruto da partilha dos seus utilizadores, o que está de acordo com os requisitos da representatividade e da

pertinência sugeridos por Bardin (1979). No entanto, na tentativa de alcançar também o requisito da exaustividade (Bardin, 1979), considerámos importante recorrer a uma fonte documental física, onde a informação é divulgada igualmente por um conjunto de editores e autores de forma mais sistematizada, coerente e abrangente, com propósitos claros e previamente definidos. Por razões de coerência e comparabilidade científicas, e no sentido de cumprir a regra da homogeneidade de Bardin (1979), a recolha dos dados documentais reportou-se sempre ao ano de 2015.

Uma vez identificada a representação dominante da maternidade na nossa sociedade, quisemos saber como as mães portuguesas se situavam face a ela no quotidiano, ou seja, o modo como a maternidade é efetivamente vivida. Dado que as outras fontes utilizadas não nos permitiram isolar características sociodemográficas das mães, escolhemos entrevistar mães portuguesas, heterossexuais, com formação académica de nível superior, em relações maritais, com filhos/as entre os três e os 10 anos de idade e em diferentes situações face ao trabalho, delimitando e homogeneizando, dentro do possível, a nossa amostra.

Esta investigação foi composta por quatro estudos sucessivos, cuja metodologia específica passamos a descrever de forma sucinta.

Estudo 1.

O primeiro estudo visou a identificação dos discursos e imagens dominantes sobre a maternidade que são difundidos na sociedade portuguesa. Como atualmente existem diversas fontes documentais que transmitem ideais sobre a maternidade, escolhemos a rede social *Facebook*, que tem vindo a ganhar protagonismo no meio académico internacional, como um “espelho do social” (entre tantos outros disponíveis) para identificar o modelo de maternidade preferencialmente promovido quer nas suas páginas públicas, quer em grupos fechados, qualquer um deles criado por, ou dirigido a, mães portuguesas.

Nos últimos anos, multiplicaram-se os estudos sobre as causas e os efeitos da utilização do *Facebook* e sobre a privacidade dos seus utilizadores. No entanto, a análise dos conteúdos veiculados nesta rede social é escassa e mais ainda os

estudos que incidem o seu olhar especificamente na temática da maternidade aqui difundida.

Com base nos dados da OBERCOM de 2014, o *Facebook* era a rede social *online* com maior número de aderentes em Portugal (98% dos cibernautas portugueses tinham, à data, perfil criado no *Facebook*). Além disto, a sua intensa utilização por mães e pais recentes está sustentada pela literatura (Bartholomew et al., 2012). Assim, privilegiámos esta rede social para nela identificar o modelo de maternidade predominantemente difundido.

Amostra, procedimentos e instrumentos.

Através do recurso às palavras-chave *mãe* e *maternidade*, realizámos uma pesquisa de páginas e grupos no *Facebook* ativos em 2015. De seguida, através do método “bola de neve”, encontrámos um conjunto de outras páginas ou grupos criados e geridos por mães portuguesas e/ou para mães portuguesas. Dentro destas, foram excluídos os que tinham o propósito exclusivo da divulgação ou comercialização de eventos, produtos e/ou serviços, ou tinham um público-alvo demasiado restrito (por exemplo, grupos de mães de uma dada escola).

No caso dos grupos fechados, foi explicitamente solicitada a adesão da investigadora para permitir o acesso à informação publicada. No total, o nosso universo de análise constituiu-se por 137 Páginas Públicas (PP), cinco Grupos Públicos (GP) e 52 Grupos Fechados (GF) que cumpriam os critérios observados e que aceitaram a adesão da investigadora, num total de 194 sítios.

A partir deste universo, foram recolhidas todas as *descrições* (um campo dedicado à explicitação da população a que o sítio se destina, das motivações que levaram à sua criação e dos objetivos pretendidos pela página ou grupo); e, no caso dos GF, também as *publicações marcadas* (mensagens colocadas por um dos administradores do grupo e que surgem sempre no topo das publicações), sempre que estas existiam. Cinco PP e cinco GF não continham qualquer descrição, o que reduziu o âmbito da recolha a 184 sítios (132 PP, cinco GP e 47 GF). Os textos constituintes do *corpus* de análise foram copiados do *Facebook* e transcritos para documentos *Word* e, posteriormente, tratados com o *software* NVivo 10.

Uma primeira leitura visou estabelecer contacto com os textos que descreviam as regras de funcionamento, no caso dos grupos, os princípios da página ou do grupo, ou evidenciavam temas em destaque. Depois, os dados foram sujeitos a uma análise de conteúdo da qual emergiram as categorias que viriam a organizar a informação recolhida, através de um processo dedutivo. A unidade de análise considerada foi a frase ou parte de frase enquanto unidade significativa, ou seja, portadora de sentido, e também a palavra ou, na falta desta, a expressão equivalente (Bardin, 1979).

Este estudo deu origem ao artigo que consta no Anexo 1:

César, F., Oliveira, A., Fontaine, A.M. (2018). O papel do *Facebook* na difusão de modelos sociais de maternidade em Portugal. *Análise Psicológica*, 36(1), 47-59. doi:10.14417/ap.1333

Estudo 2.

No seguimento dos resultados obtidos no Estudo 1, o objetivo do segundo estudo consistiu em observar a diversidade de estados emocionais das mães e os sentimentos sobre a maternidade que estas exprimem no seu quotidiano de forma espontânea, sempre na rede social *Facebook* e nos sítios já identificados. Procurámos, também, compreender como as mães portuguesas lidam com as exigências emocionais do modelo de maternidade dominante, por um lado, e com a negação e patologização dos sentimentos negativos das mães, por outro.

A opção por estes sítios do *Facebook* como campo de análise justifica-se por esta ser uma rede social onde as mães espontaneamente interagem e compartilham experiências. A Internet, particularmente as redes sociais, proporciona anonimato suficiente para as mães partilharem os seus sentimentos com um público potencialmente compreensivo, evitando assim enviesamentos decorrentes da desejabilidade social (Oliveira, 2004).

Amostra, procedimentos e instrumentos.

Dada a grande quantidade de informação disponível nos 194 sítios identificados no Estudo 1, foi definida uma amostra com os seguintes requisitos para conduzir a análise de conteúdo:

- Uma página pública e um grupo fechado que fazem a apologia do modelo de maternidade dominante, assim considerados “normativos”;
- Uma página pública e um grupo fechado que não se identificam com o modelo de maternidade dominante, como tal considerados “alternativos”.

De acordo com esta amostra, seleccionámos seguidamente os quatro sítios que, entre todos, apresentavam o maior número de seguidores. Em ambos os grupos fechados, foi solicitada permissão para usar quer as publicações, quer os respetivos comentários, a qual foi concedida na condição de ser preservado o anonimato dos grupos e dos seus membros.

O nosso *corpus* de análise seria, então, constituído por todas as publicações e respetivos comentários dos quatro sítios da nossa amostra ao longo de 2015 (N = 7351). Como previsto, os *sites* normativos tinham muito mais publicações e comentários do que os alternativos, em termos absolutos. No entanto, as informações do GF-normativo tornaram-se redundantes após apenas quatro meses, de setembro a dezembro de 2015, e decidimos, por isso, interromper a coleta de dados deste sítio. Quanto ao GF-alternativo, a recolha de dados também se reporta apenas a oito meses porque o grupo, criado em abril, foi abandonado em novembro, após 135 publicações.

Os textos constituintes do *corpus* de análise foram copiados do *Facebook* e transcritos para documentos *Word*. Posteriormente, o seu conteúdo foi analisado com o *software* NVivo 10. Duas primeiras grandes categorias foram estabelecidas: sentimentos positivos e sentimentos negativos, dado que as mães tendem a referir-se tanto a experiências positivas como negativas (DiPietro et al., 2015). A análise de conteúdo foi baseada em frases completas como unidade de análise, através das quais foi possível identificar a avaliação positiva ou negativa atribuída às palavras (por exemplo, “surpresa” aparece com ambas as conotações) e frases (por

exemplo, o uso de sarcasmo ou de ironia). Nas categorias Positivo e Negativo, os sentimentos foram listados e resumidos sempre que ocorreram.

Ao longo da análise, foram também criadas categorias emergentes. Os sentimentos foram considerados quando expressos quer por palavras isoladas (por exemplo, “amor”, “alegria”, “medo”, “tristeza”), quer por expressões (por exemplo, “aprendemos uns com os outros” interpretado como “Solidariedade”, “fico com o coração apertado [depois de repreender o/a filho/a]” interpretado como “Culpa”). Alguns conjuntos de palavras com significado semelhante (por exemplo, “tranquilidade”, “relaxamento”, “serenidade”, “calma”) foram, ainda, considerados sinónimos e reunidos na mesma categoria.

Vários testes de qui-quadrado foram usados para testar a presença de diferenças de frequência de sentimentos expressos entre e dentro dos sítios do *Facebook*. Também realizámos um teste *post hoc* usando o Adjusted Standardized Residual (AdjSR) para encontrar eventuais diferenças estatisticamente significativas entre as contagens observadas e esperadas dentro das células da tabela de contingência. Valores absolutos de AdjSR $\geq 1,96$ ($p < 0,05$) foram considerados significativos.

Este estudo deu origem ao artigo que consta no Anexo 2:

César, F., Costa, P., Oliveira, A., Fontaine, A.M. (2018). “To suffer in paradise”: Feelings mothers share on Portuguese Facebook sites. *Frontiers in Psychology* (online). doi:10.3389/fpsyg.2018.01797

Estudo 3.

Paralelamente à rede social *Facebook*, uma outra fonte, física e, por isso, mais tradicional, onde seria possível identificar o modelo cultural de maternidade dominante na sociedade portuguesa, foi a revista temática de maior circulação em Portugal. A literatura confirma que este tipo de publicações tem refletido, por um lado, as preocupações políticas, sociais e económicas da época em que são produzidas e, por outro, tendem a influenciar e instruir o público a que se dirigem (Allen, 1995).

Embora a Internet atinja a maioria da população portuguesa (55% usa-a diariamente, dos quais 91% tinham um diploma em 2015, segundo o Observatório das Desigualdades¹), nem todas as mães procuram informações em sítios *online* específicos e podem até não ser utilizadoras ativas do *Facebook*. As revistas são, assim, um meio mais transversal de compilar e transmitir informações técnicas, modelos culturais e intenções políticas sobre a forma de criar e educar os/as filhos/as, ao mesmo tempo que nos permite analisar os modelos de parentalidade difundidos pelos *media* impressos.

A (entretanto extinta) revista *Pais & Filhos – Só o instinto não chega* (P&F) foi, em 2015, a única revista de periodicidade mensal dirigida a Pais e a de maior tiragem em Portugal, de acordo com os dados da APCT - Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação². A sua política editorial tinha por objetivo proporcionar aos Pais informações úteis e com base científica sobre as várias dimensões da parentalidade, desde a gravidez até à adolescência. A revista contava com contribuições de psicólogos/as, pediatras e outros/as especialistas, assim como de jornalistas e de figuras públicas.

Tendo em vista colmatar a lacuna verificada nos dois estudos anteriores, nos quais as referências à paterna obtiveram resultados muito residuais, este terceiro estudo teve por objetivo verificar se esta revista, dirigida a ambos os Pais, promovia uma divisão mais igualitária dos cuidados com os/as filhos/as, acompanhando o recente alargamento da duração da licença parental prevista na legislação portuguesa. Assim, nos artigos que abordam especificamente o papel dos pais, das mães ou de ambos, procurámos identificar continuidades e mudanças no discurso sobre o modelo de parentalidade tradicional na sociedade portuguesa, que atribui à mãe o papel expressivo de principal cuidadora (Parsons, 2002). Por fim, quisemos perceber se o modelo de maternidade intensiva identificado no *Facebook* em estudos anteriores permanecia inalterado ou se, pelo contrário, a presença do pai interferia nas suas características.

¹ <https://observatorio-das-desigualdades.com/2017/04/05/utilizacao-de-internet-em-portugal-mais-de-metade-da-populacao-teve-acesso-a-internet-em-2016/>

² http://www.apct.pt/Analise_simples.php

Amostra, procedimentos e instrumentos.

Como já referimos, a revista P&F foi a publicação da especialidade com maior periodicidade e tiragem em 2015, alcançando uma impressão média mensal de 10 500 exemplares e uma circulação média mensal de 9 210 exemplares. Dada a impossibilidade de pesquisar a totalidade de cada edição devido ao seu enorme volume de informação, selecionámos uma amostra composta pelos temas de capa de cada edição de 2015 para análise de conteúdo, considerando que estes abrangeriam os assuntos considerados mais relevantes pelos seus editores e que, simultaneamente, refletiriam o essencial da sua mensagem dirigida aos Pais. Das 12 edições incluídas na nossa amostra, retirámos 16 artigos/unidades de texto que desenvolviam o tema de capa (n = 16). As imagens e ilustrações que os integravam não foram consideradas.

Os temas de capa são os seguintes:

Janeiro: “Em 2015 vamos... 12 promessas para um ano mais feliz”

- Artigo: “Em 2015 vou...” (pp. 71-73)

Fevereiro: “Que nome lhe dou? A escolha, o significado, as modas e as proibições”

- Artigo: “Em nome... do nome” (pp. 39-41)

Março: “Sou um bom pai? Como os filhos nos mudam o sentido da vida”

- Artigo: “Que pai quero ser?” (pp. 67-69)
- Artigo: “Ser pai muda tudo” (pp. 70-76)

Abril: “Já não gosto de ti! O que as crianças aprendem quando se zangam”

- Artigo: “Já não sou tua amiga!” (pp. 36-39)

Maio: “Mães de corpo e alma”

- Artigo: “Mães com garra” (pp. 16-20)
- Artigo: “Ser mãe é...” (pp. 26-27)

Junho: “Crianças. O futuro é delas”

- Artigo: “O mundo é deles!” (pp. 18-24)

Julho: “Férias diferentes”

- Artigo: “Férias diferentes” (pp. 14-20)

Agosto: “Hora de parar. As crianças também podem meditar”

- Artigo: “Aqui e agora” (pp. 14-19)

Setembro: “Escola. Tudo para entrar com o pé direito”

- Artigo: “Estreia na creche” (pp. 26-29)
- Artigo: “Regresso às aulas sem pressões” (pp. 32-35)
- Artigo: “O novo janeiro” (pp. 44-47)

Outubro: “Regras. Por que é que as crianças precisam tanto delas”

- Artigo: “A importância dos limites” (pp. 18-23)
Novembro: “Filhos. Temos mesmo um preferido?”
- Artigo: “Ode ao filho ‘mais que tudo’” (pp. 14-19)
Dezembro: “Natal. Ajude-os a acreditar na magia”
- Artigo: “Sim, o Pai Natal existe!” (pp. 32-37)

Os artigos foram digitalizados e carregados para o NVivo, onde foram analisados de acordo com as questões de pesquisa. A unidade de análise considerada foi a frase ou a parte de frase enquanto unidade significativa (Bardin, 1979), assim como o género atribuído ao/à(s) leitor/a(s), que indica se se trata da mãe, do pai ou de ambos.

Este estudo deu origem ao artigo que consta no Anexo 3:

César, F., Oliveira, A., Fontaine, A.M. (submetido). Gender differences and intensive parenting in a Portuguese magazine for parents. *Women's Studies International Forum*.

Estudo 4.

Identificado o modelo de maternidade tendencialmente dominante na sociedade portuguesa, bem como as suas exigências, os sentimentos positivos e negativos que ele induz nas mães, o contexto público ou privado em que certos sentimentos são preferencialmente partilhados pelas mães, as diferenças de género (ainda) existentes e o modelo de parentalidade por ele promovido, neste quarto e último estudo procurámos ouvir mães em discurso direto e verificar como se situam face aos vários modelos de maternidade e parentalidade.

As questões colocadas às entrevistadas incidiram na forma como viveram, e vivem, a maternidade e como este projeto se enquadrava no seu percurso académico e profissional, nomeadamente a gestão que fizeram, e fazem, da sua vida familiar e profissional no sentido de dar resposta à “contradição cultural” (Hays, 1996) que exige às mães igual dedicação e desempenho em ambas as esferas (ver Anexo 4 – Guião de entrevista às mães).

Amostra, procedimentos e instrumentos.

Neste quarto estudo, optámos por entrevistar em profundidade mães com habilitações mínimas de licenciatura. Partimos do pressuposto de que a um grau académico superior corresponde um investimento pessoal que se prevê frutífero a nível profissional, não só em termos de autorrealização como de retorno financeiro. Além disso, pretendemos que as entrevistadas vivessem no tipo de família mais comum na sociedade portuguesa: biparental e em coabitação. Estas mães com um marido ou companheiro, com quem podem partilhar tarefas e despesas, e gerir disponibilidades familiares. Assim, foram excluídas as famílias monoparentais e as mães cujos maridos ou companheiros não vivem consigo grande parte do tempo (por motivos profissionais, por exemplo). Esta opção permitiu-nos aferir o grau de envolvimento do pai no cuidado e educação dos/as filhos/as e uma eventual desigualdade de género no desempenho dos papéis parentais pelo casal.

Para melhor averiguar este aspeto, seleccionámos mães com filho/a(s) entre os 3 e os 10 anos de idade a viver consigo. O referido intervalo de idades do/a(s) filho/a(s) pretendeu evitar, por um lado, o período de esforço acrescido mais frequente nos primeiros anos de vida do bebé, de menor autonomia deste e de maior exigência para as mães, e a adolescência, por outro, uma fase do desenvolvimento reconhecidamente diferente e que acarreta outro tipo de desafios e exigências.

Os modelos de maternidade são culturalmente determinados. Ora, estamos a observar o modelo de maternidade dominante em Portugal e em que medida a sua adesão, mesmo quando a mulher desempenha vários papéis sociais, tem impacto na sua decisão de maternidade e na vivência quotidiana da mesma. Com efeito, uma vez que a nossa investigação incidiu sobre a maternidade em Portugal, não faria sentido que as entrevistadas tivessem outra nacionalidade e/ou vivessem noutro país, ou seja, que vivessem noutro contexto cultural e social ou a ele tivessem sido expostas de forma indelével, o que enviesaria a nossa análise.

Pelos motivos referidos, optámos por entrevistar apenas mães portuguesas (nacionalidade), a viver em Portugal (país de residência), com formação académica superior (habilitações), heterossexuais e casadas ou em união de facto (situação

conjugal) e com, pelo menos, um/a filho/a entre os três e os 10 anos de idade a viver com elas (idade do/a(s) filho/a(s)).

Através da rede social *Facebook*, em janeiro de 2017, divulgámos um convite à participação de mães num estudo sobre maternidade, apelando também a que esse convite tivesse ampla repercussão nessa rede. A nossa publicação foi partilhada por pessoas da nossa rede de amizade, tornando-se acessível a um número não contabilizável de utilizadores do *Facebook*. As mães que se mostraram disponíveis para participar foram então contactadas por nós, através de mensagem privada, e questionadas acerca dos requisitos da amostra para nos certificarmos de que correspondiam aos critérios de inclusão. Para além desta triagem prévia, foram selecionadas apenas mães que a investigadora não conhecia pessoalmente, para evitar constrangimentos às entrevistadas e enviesamentos decorrentes da desejabilidade social (Oliveira, 2004). As entrevistas foram depois agendadas e realizaram-se entre fevereiro e junho de 2017 nos locais mais convenientes às entrevistadas, nomeadamente nos seus locais de trabalho, nas suas casas, em locais públicos ou nas instalações da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Ao todo, foram entrevistadas 12 mães, que assinaram previamente um formulário de consentimento informado e a quem foi garantido total anonimato. Os objetivos do estudo – conhecer a forma como a maternidade é vivida em Portugal - foram explicados de forma sumária a cada entrevistada antes do início da entrevista, sublinhando que todas as experiências eram válidas e que não haveria qualquer juízo de valor relativamente às respostas. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Nas transcrições, o nome das entrevistadas foi substituído por um número de 1 a 12, e os nomes dos/as seus/suas filhos/as foram substituídos por outros nomes, seguindo a ordem alfabética de A a M, para evitar qualquer tipo de identificação. Só então os 12 ficheiros foram carregados para o software NVivo 12 Pro, com o apoio do qual foi realizada a análise do seu conteúdo. Os nomes dos locais de trabalho e de outras pessoas foram omitidos e/ou evitados nas transcrições que ilustram a análise dos resultados.

A análise de conteúdo foi realizada por tema, ou seja, as transcrições foram duplamente codificadas: primeiro pela resposta às várias questões do guião e, depois, pela resposta às questões de investigação (cf. Capítulo I).

Resultados e Conclusões

CAPÍTULO III

Resultados e Conclusões

Os estudos que integraram esta investigação são sequenciais na medida em que cada um produziu resultados que foram incorporados, de forma sucessiva, nos estudos seguintes. Por este motivo, passamos agora a apresentar sumariamente os resultados e conclusões de cada estudo que se constituem, por sua vez, em pressupostos de investigação do estudo seguinte.

Estudo 1.

Para identificar os modelos de maternidade dominantes na rede social *Facebook*, a partir de uma primeira leitura do *corpus* de análise foram criadas as seguintes quatro categorias emergentes relativamente à maternidade:

- *Objetivos*, referentes aos propósitos últimos do desempenho da maternidade;
- *Atitudes*, referentes à forma como a maternidade é ou deve ser desempenhada;
- *Sentimentos*, referentes à forma como a maternidade é ou deve ser experienciada emocionalmente;
- *Práticas*, referentes às tarefas comumente incluídas no ato de cuidar para suprir as necessidades básicas da criança.

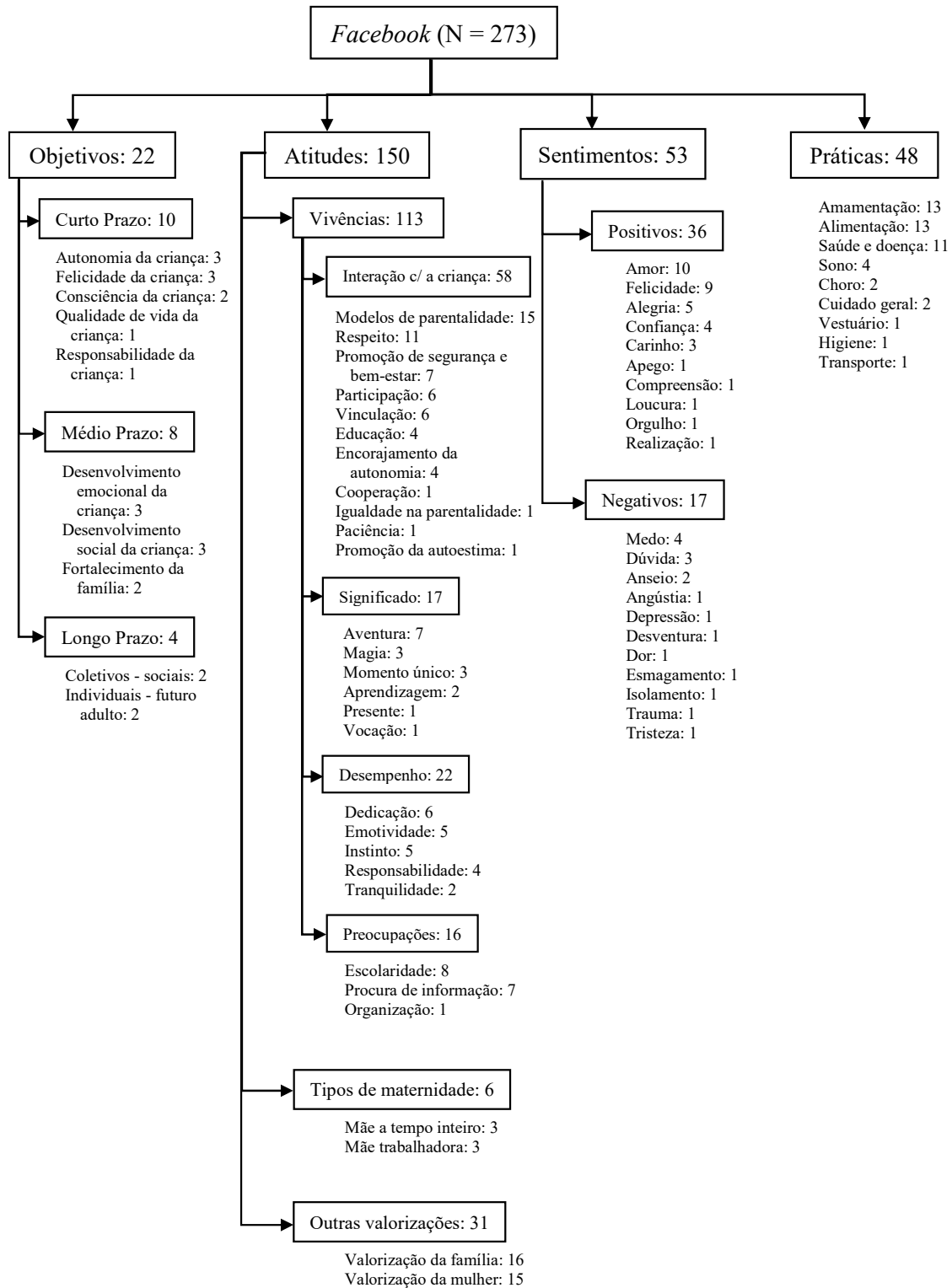
Estas categorias permitiram-nos operacionalizar os modelos de maternidade nos seus aspetos mais globais (*Objetivos*) e ideológicos (*Atitudes*), na sua vertente emocional (*Sentimentos*) e, paralelamente, na sua componente de cuidado (*Práticas*). A operacionalização dos modelos de maternidade considerados intensivo e extensivo é, portanto, diferente em cada uma destas dimensões, conforme é sistematizado na Tabela 1.

Tabela 1. Operacionalização dos modelos intensivo e extensivo de maternidade

Dimensões	Modelo <i>intensivo</i>	Modelo <i>extensivo</i>
Objetivos	- Centrados na criança	- Partilhados entre a criança e a mãe
Atitudes	- Prevalência da vinculação mãe-criança - Dedicção à criança - Desenvolvimento e estimulação da criança	- Presença de outras figuras de vinculação - Valorização simultânea de outros papéis da mulher - Práticas de terciarização - Partilha de responsabilidades com outros adultos cuidadores
Sentimentos	- Amor maternal - Realização pessoal pela maternidade	- Amor maternal e amor por si própria - Realização pessoal em diversos papéis
Práticas	- Afetação de recursos exclusivamente à criança	- Afetação de recursos ao bem-estar da criança e da mãe

Os textos constituintes do *corpus* de análise foram então analisados em função das referidas dimensões e respetiva operacionalização. No total, foram identificadas 273 referências aos vários indicadores. As *Atitudes* face à maternidade estão maioritariamente presentes (55% do total das 273 referências), seguidas dos *Sentimentos* (19%), das *Práticas* (18%) e, de forma quase residual, dos *Objetivos* da mesma (8%). A riqueza e diversidade dos resultados da análise sugeriu a organização dos indicadores, para além do guião inicialmente proposto, em categorias e subcategorias emergentes, conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1. Dimensões, categorias, subcategorias, indicadores e respectivas referências (n)



Principais resultados.

A análise dos resultados foi realizada tendo em conta a frequência dos indicadores que, por sua vez, originou a criação de novas categorias e subcategorias, em função das características e semelhanças entre os indicadores.

Objetivos.

A dimensão *Objetivos* da maternidade foi a menos referenciada, apenas com 22 ocorrências no total das 273 identificadas (8%). Ainda assim, foi possível identificar as categorias emergentes de *Curto*, *Médio* e *Longo prazo* para estes *Objetivos*.

Esta dimensão da maternidade apresenta-se comparativamente pouco representada, como se fosse evidente ou de partilha menos relevante. Além disso, surge maioritariamente associada à criança ou à pessoa em que ela se tornará e mais residualmente se foca em questões coletivas, como a família ou a sociedade.

Atitudes.

A dimensão *Atitudes* face à maternidade foi a mais observada, com 150 referências no total (55%). Aqui, a categoria mais frequente, *Vivências da maternidade*, alcançou as 113 referências e foi por sua vez subdividida nas subcategorias *Interação com a criança* (n = 58), *Desempenho* (n = 22), *Significado* (n = 17) e *Preocupações* (n = 16).

Uma análise mais fina das *Atitudes* permite verificar que os indicadores que estiveram na base da criação da subcategoria *Interação com a criança* parecem valorizar sobretudo a criança nesta interação, já que ela surge sempre como a principal beneficiária da mesma, e cabe à mãe seguir bons modelos, respeitando-a, promovendo o seu bem-estar e envolvendo-se nos assuntos que lhe dizem respeito. No sentido inverso, mas com o mesmo pressuposto de valorização da criança, está a subcategoria *Desempenho* da maternidade, que enfatiza a *Dedicação* da mãe, a sua *Emotividade* e o seu *Instinto*, que remete para uma naturalização de um fazer ou saber fazer, e um desempenho do papel pautado pela *Responsabilidade*. Na subcategoria *Significado* da maternidade, a prevalência do indicador *Aventura* pode indiciar este papel como algo que inclui elementos de

dificuldade e de imprevisto, mas também de desafio positivo que, associados aos restantes indicadores, remetem para uma atribuição de valor forte e positivo, ou seja, algo *Mágico* e *Único*. As *Preocupações* inerentes à maternidade dividem-se quanto ao sujeito, mas convergem no interesse final: o indicador *Escolaridade* da criança reflete uma preocupação que tem início no berçário e termina no apoio e motivação para o estudo; os outros indicadores têm como sujeito a mulher enquanto mãe, que tem como dever organizar-se e aceder a recursos, neste caso *Informação*, para garantir o bom desempenho do seu papel e conseguir cuidar e educar melhor os/as seus/as filhos/as. Outras categorias afirmam a *Valorização da família* e a *Valorização da mulher* para além da mãe.

Sentimentos.

A menção a *Sentimentos* foi observada 53 vezes (19%) e, destas, a grande maioria correspondeu a *Sentimentos* considerados *Positivos* (n = 36). A diversidade desses sentimentos é de 10 no total. Os mais referidos são o *Amor* (n = 10) e a *Felicidade* (n = 9) dos vários agentes envolvidos, seguidos da *Alegria* da mãe (n = 5), da *Confiança* também da mãe (n = 4) e do *Carinho* desta pela criança (n = 3). A variedade dos *Sentimentos* considerados *Negativos* associados à maternidade não é menor, mas o número de referências (n = 17) é inferior ao dos *Sentimentos Positivos* e mais dispersa. O *Medo*, a *Dúvida* e o *Anseio* da mãe, são os mais representados, com quatro, três e duas referências, respetivamente.

Na categoria *Sentimentos positivos*, a prevalência do *Amor* e da *Felicidade* parecem apresentar a maternidade como proporcionando emoções maioritariamente positivas, não só à criança como à mãe e, de um modo geral, à família. Os *Sentimentos Negativos* mais referidos (*Medo*, *Dúvida* e *Anseio*) parecem caracterizar as mulheres que pretendem responder às expectativas associadas a uma boa mãe, mas têm receio de não conseguir. Já os restantes, referidos apenas uma vez cada (*Angústia*, *Depressão*, *Desventura*, *Dor*, *Esmagamento*, *Isolamento*, *Trauma*, *Tristeza*), parecem ser indicadores de desânimo na experiência de maternidade.

Práticas.

Foram encontradas 48 referências a *Práticas* da maternidade (18%), ou seja, comportamentos concretos que envolvem os cuidados e satisfação das necessidades básicas da criança. A análise evidencia a prevalência das temáticas da *Alimentação e Amamentação* (n = 13), seguidas da *Saúde/Doença* (n = 11). Os temas *Sono*, *Choro* do bebê, *Vestuário*, *Higiene* e *Transporte* foram referidos mais residualmente.

As dimensões *Sentimentos* e *Práticas* apresentam ocorrências bastante equivalentes, o que coloca praticamente a par a incidência dos discursos acerca dos sentimentos das mães e as tarefas associadas ao cuidar e criar. Estes resultados parecem evidenciar um modelo de maternidade em que as *Práticas* e os *Sentimentos*, o cuidar e o sentir, assumem igual valor.

Conclusões do Estudo 1.

À luz dos objetivos e questões de investigação deste estudo, que pretendiam (O1/Q1) identificar o modelo de maternidade dominante nas descrições e publicações marcadas dos vários sítios portugueses do *Facebook* (PP, GF e GP) feitos por ou para mães e, de igual modo, (O1/Q2) identificar as características desse e de outro(s) modelo(s) relativamente aos Objetivos, Atitudes, Sentimentos e Práticas atribuídos à maternidade, os resultados encontrados parecem ir ao encontro da predominância do modelo intensivo de maternidade tal como descrito por Elliott et al. (2015), segundo o qual a mãe deve dedicar-se à criança de forma abnegada e significativa em termos de cuidados, sentimentos, educação, escolaridade e procura de informação, e que este é o padrão para a sua felicidade e para o bem-estar da criança.

Em todas as dimensões observadas foram identificados os indicadores do modelo de maternidade intensivo operacionalizados na Tabela 1. Os Objetivos da maternidade, independentemente da temporalidade associada, são maioritariamente focados na criança, no seu bem-estar e no seu desenvolvimento. A prevalência da dimensão Atitudes sobre as restantes pode indiciar alguma normatividade nos discursos e, portanto, refletir um conjunto de expectativas sociais e frequentemente assumidas pelas próprias mães relativamente à forma de

desempenhar este papel: preconizam-se modelos de maternidade de elevado respeito e consideração pela criança na interação e de grande envolvimento na sua educação, formação e estimulação; no conjunto, os indicadores do Significado da maternidade parecem apresentá-la como uma experiência intensa, desafiante e positiva para as mães; espera-se também, em termos de Desempenho, que a mãe seja dedicada, emotiva, responsável, que siga o seu instinto, que se preocupe com a Escolaridade da criança e que procure manter-se informada no que a ela concerne.

De igual modo, a prevalência dos Sentimentos Positivos enquadra-se no modelo intensivo de maternidade, na medida em que estes se pautam, essencialmente, pelo Amor e Carinho pela criança, por um lado, e pela Alegria, Felicidade e Confiança quer da mãe quer da criança, por outro. Já os Sentimentos Negativos são atribuídos apenas à mãe e os mais referenciados – Medo, Dúvidas e Anseios – podem traduzir a ansiedade de desempenho face às exigências do modelo intensivo. Esta aparente insegurança é compatível com outros resultados (cf. Práticas, Interação com a criança, Desempenho e Preocupações) que atribuem à mãe responsabilidades significativas. Este modelo ideal está associado ao sofrimento e inadequação pessoal transmitidos pelos indicadores Angústia, Depressão, Dor, Esmagamento, Isolamento, Trauma e Tristeza, sentidos pelas mães, que indiciam a sensação de fracasso pessoal face às expectativas sociais e pessoais. O modelo intensivo (aqui constatado como dominante) pode assim gerar estes sentimentos de inadequação quando as mães não encontram, nesta forma de maternidade, o bem-estar e a realização que lhe associavam.

As Práticas associadas à maternidade reforçam os restantes resultados no que diz respeito à afetação de recursos à criança e aos temas do quotidiano associados ao provimento das necessidades básicas da criança: a promoção da Amamentação, a Alimentação e os cuidados de Saúde. Simultaneamente, os objetivos das Práticas surgem associados ao bem-estar não só da criança, mas também da mãe e, mais genericamente, da família. Assim, esta dimensão não é aqui enquadrável apenas num modelo de maternidade.

São claramente minoritários, embora presentes, os indicadores associáveis a um modelo extensivo (Christopher, 2012) ou negociado (Badinter, 2010) de maternidade, embora estes se apresentem em menor diversidade (O1/Q3). É o

caso dos Objetivos familiares e sociais, em que a criança partilha o protagonismo com outros agentes e é encarada como integrando uma comunidade. O mesmo acontece na dimensão Atitudes quando é valorizada a Família como um todo e também a Mulher para além do seu papel de mãe. A menção à Igualdade na parentalidade, outro indicador aqui considerado como integrando o modelo extensivo, foi referida de forma explícita apenas uma vez. O facto de diversas páginas e grupos se dirigirem aos Pais e não apenas à mãe enquanto público-alvo não nos permite aferir qual a posição desta relativamente a essa mesma igualdade.

O modelo intensivo prevalece quer se fale de mães trabalhadoras ou de mães a tempo inteiro. Nos textos em análise, os níveis de exigência relativamente ao desempenho maternal mantêm-se independentemente da sua posição face ao trabalho, o que vai ao encontro da proposta de Matias et al. (2011) de manutenção de valores tradicionais na divisão de papéis em função do género no quotidiano familiar português e a sua aceitação e reprodução por parte da própria mulher (Perista, 2016). Neste sentido, o modelo extensivo de articulação equilibrada ou negociada pela mulher dos seus vários papéis não parece ser reconhecido pelos sítios ou utilizado pelas mães que integraram este *corpus* de análise.

A análise realizada parece confirmar o recurso à rede social *Facebook* quer por parte das mães (Neubaum & Kraemer, 2015) para partilha de experiências pessoais e procura de informação, quer por parte de agentes que, por esta via, tentam promover boas práticas, modelos de parentalidade e apoio emocional a mães e/ou a pais. No mesmo sentido, a veiculação predominante do modelo de maternidade intensivo vai ao encontro da proposta de Madge e Connor (2006) de que estereótipos, modelos e valores estão presentes em diversos sítios da Internet, aparentemente resistentes à mudança.

Estudo 2.

Dado que o Estudo 1 nos permitiu identificar a predominância de um modelo de maternidade intensivo na rede social *Facebook* portuguesa – o modelo normativo ou hegemónico –, a presença, nos resultados, de sentimentos tão díspares, positivos e negativos, levou-nos a analisar mais profundamente que sentimentos

as mães partilham em diferentes tipos de sítios (O2), ainda na mesma rede social, concretamente em quatro sítios definidos como amostra (cf. Capítulo II).

Os resultados do nosso segundo estudo mostram que os quatro sítios em análise que foram integrados na amostra têm funcionalidades diferentes. A PP-normativa parece ter uma função pedagógica e reguladora, pois publica informações especializadas sobre maternidade, bebés e crianças, muitas vezes escritas por profissionais de saúde física e mental, que indicam às mães como agir e o que sentir em diversas situações. O GF-normativo funciona como um grupo de ajuda mútua onde as mães compartilham as suas experiências e se aconselham mutuamente com base nessa mesma experiência. Mães que passam por dificuldades financeiras, ou aquelas cujo/a(s) filho/a(s) têm problemas de saúde, sono ou alimentação, encontram aqui outras mães disponíveis para fornecer apoio e orientação. A pequena comunidade *online* do GF-alternativo também funciona como um grupo de ajuda mútua, embora neste caso as mulheres possam expor seus “segredos”, assim como sentimentos inesperados que surgem da transição para a maternidade: transformação corporal, problemas de saúde, dor física, perda de liberdade, problemas conjugais e dificuldades em cuidar de um recém-nascido. Por sua vez, a PP-alternativa apresenta uma perspetiva muito pessoal sobre a maternidade, que compartilha com o GF-alternativo o facto de a sua autora não estar tão centrada na sua prole, mas apresentar um diário pessoal onde partilha publicamente as suas ideias e experiências, que considera não normativas. Em 2015, não encontrámos nenhum sítio português criado exclusivamente por ou dirigido a pais, e observámos uma quase total ausência de pais nestes sítios, inclusivamente no GF-normativo, que é direcionado tanto para mães quanto para pais.

Principais resultados.

No *corpus* de análise, constituído por 7351 unidades de texto constituídas por publicações e comentários, encontrámos 699 sentimentos referentes à maternidade, dos quais 60,7% foram considerados negativos. Isso confirma nossa primeira hipótese (O2/H1), segundo a qual as mães compartilham espontaneamente sentimentos positivos e negativos no *Facebook*.

Os resultados também mostram a interdependência entre o tipo de sítios do *Facebook* e a expressão de sentimentos ($\chi^2 (2, N = 7351) = 1200, p < .001$), ou seja, foram observadas diferenças significativas entre as PP e os GF quanto à ocorrência de sentimentos positivos e negativos. Os sentimentos positivos foram mais frequentes nas PP (67,3% de todos os sentimentos positivos) (AdjSR = 9,4), o que confirma a nossa segunda hipótese (O2/H2), enquanto os sentimentos negativos foram mais frequentes nos grupos fechados (69,7% de todos os sentimentos negativos) (AdjSR = -9.4), confirmando a hipótese O2/H3a ($\chi^2 (3, N = 699) = 88,4; p < 0,001$). Além disso, dentro dos GF normativo e alternativo compartilham-se mais sentimentos negativos do que positivos ($\chi^2 (1, N = 699) = 68,4; p < 0,001$), confirmando a hipótese O2/H3b. De facto, 77,2% dos sentimentos expressos no GF-normativo são negativos (AdjSR = 6,7), e no GF-alternativo eles representam 75,6% (AdjSR = 3,8).

O encorajamento dos sentimentos positivos aparece em ambos os sítios normativos, em vez de exclusivamente nas PP, como referimos na segunda hipótese (O2/H2). Tanto na PP-normativa como no GF-normativo, os sentimentos positivos em relação à criança e à maternidade não só são abertamente partilhados pelas mães, como são promovidos e incentivados, por profissionais na PP-normativa (psicólogos, nutricionistas, enfermeiros, entre outros) e por mães no GF-normativo, o que confirma parcialmente nossa segunda hipótese (O2/H2).

Por outro lado, os sentimentos negativos são recebidos com apoio e incentivo por outras mães apenas nos GF. As diferenças entre os quatro sítios no que toca ao sentimento Solidariedade ($\chi^2 (3, N = 263) = 68,4; p < 0,001$) confirma esta afirmação. Na PP-normativa, a Solidariedade é completamente ausente (AdjSR = -5,2), enquanto no GF-alternativo é o que as mães mais mostram entre si (36,7% de seus sentimentos positivos) (AdjSR = 8,1). A Solidariedade raramente está presente no GF-normativo (apenas 3 referências), embora as suas seguidoras pareçam formar uma efetiva comunidade de apoio *online*. No entanto, não se pode presumir do testemunho das mães que os seus sentimentos negativos vão contra o modelo intensivo da maternidade, mas apenas que elas se esforçam para desempenhar com sucesso o seu papel. Assim, a nossa hipótese O2/H3b não pode ser totalmente confirmada.

Uma das questões que colocámos neste estudo foi se os sentimentos expressos pelas mães seriam qualitativamente diferentes em locais normativos e alternativos (O2/H4). Para testar essa hipótese, foram realizadas análises mais profundas do significado de sentimentos positivos e negativos.

Sentimentos positivos.

No que diz respeito aos sentimentos positivos, o mais referido é o Amor em relação às crianças, com 99 referências (37,6% de todos os sentimentos positivos). É mencionado no GF-normativo (32,1%), como esperado, mas é mais frequentemente mencionado na PP-normativa (46,2% dos seus sentimentos positivos; AdjSR = 3,7) e nunca no GF-alternativo (AdjSR = -4,3) (χ^2 (3, N = 260; = 22,280; $p < 0,001$). O Amor é mencionado por várias razões, o que permitiu que alguns significados diferentes emergissem da análise. Não só é um sentimento muito forte, mas também é visto como "natural" e uma obrigação da mãe. O Amor também é fundamental para o bom desenvolvimento da criança e é uma estratégia para lidar com as birras.

Próximo do Amor e às vezes em associação com ele, o Afeto também é mais referido na PP-normativa (AdjSR = 2,8), o seu segundo sentimento mais referido, do que em outros locais, onde a sua referência é ausente ou escassa (AdjSR $< 1,96$), (χ^2 (3, N = 263) = 8,3; $p = 0,04$). No GF-normativo, refere-se principalmente à vontade de acarinhar, beijar e abraçar bebés e crianças. Se juntarmos Amor e Afeto, assumindo que este é a manifestação física mais usual daquele, observa-se que eles representam 49,8% de todos os sentimentos positivos mencionados nos quatro sítios, e 62,6% no caso da PP-normativa.

No entanto, o Amor ou o Afeto pelas crianças é completamente ausente no GF-alternativo. Em vez disso, aqui encontramos Adoração (10,0%) (AdjSR = 3,5) (χ^2 (3, N = 263) = 12,3; $p = 0,007$) por ser mãe e por amamentar, reportando ao prazer das mães, sentimento que é menor do que o esperado na PP-normativa (AdjSR = -2,1). Isto confirma a suposição da nossa quarta hipótese de que as mães compartilham mais sentimentos em relação às suas próprias necessidades e bem-estar em locais alternativos. Apenas a PP-alternativa não confirma a hipótese O2/H4 no que diz respeito ao Amor (AdjSR = -0.2).

As mães dos quatro sítios também sentem Felicidade (5,3% de todos os sentimentos positivos) associada à experiência da maternidade. Neste caso particular, a nossa quarta hipótese (O2/H4) não é confirmada, uma vez que não existe uma diferença clara entre os sítios normativos e alternativos (χ^2 (3, N = 263) = 1,8; p = 0,622). Em vez disso, as mães dos GF mostram algumas semelhanças nos seus discursos quando dizem que se sentem felizes apesar das dificuldades, como se estas valessem a pena. Na PP-alternativa, a Felicidade também é sentida tanto pela mãe quanto pelo/a(s) filho/a(s).

A Calma (4,0% de todos os sentimentos positivos) é referida em quase todos os sítios como a chave para desfrutar de uma maternidade mais gratificante (χ^2 (3, N = 263) = 5,2; p = .157). Psicólogos e outros especialistas até a promovem na PP-normativa para beneficiar mãe e filhos/as. As mães do GF-normativo também tentam promover a sua própria serenidade e a da criança. Não encontramos diferenças significativas nos comentários das mães do GF-alternativo. Assim, a Calma também invalida a hipótese O2/H4.

Sentimentos negativos.

A maioria dos sentimentos que encontramos neste *corpus* de análise são negativos (60,7% do total de referências) e, tal como no Estudo 1, estes também aparecem em formas mais diversas (25 tipos de Sentimentos Positivos vs. 28 tipos de Sentimentos Negativos). Os mais referidos são a Dúvida, o Esforço e o Sofrimento, que apresentamos aqui com maior detalhe.

As mães tendem a partilhar mais suas Dúvidas nos sítios normativos (PP-normativa: 27,5%; GF-normativo: 20,0%) (χ^2 (1, N = 406) = 21,5; p < 0,001) (AdjSR = 4,6) reportando-se a várias decisões, falta de conhecimento e inseguranças que enfrentam constantemente enquanto realizam o seu papel. Estas Dúvidas dizem respeito a cuidados gerais da criança, saúde e doenças, desenvolvimento, alimentação, sono e *co-sleeping*, frequência da creche e gestão de opiniões diferentes (por vezes contraditórias) que lhes são dadas. A PP-normativa também procura esclarecer os pais sobre diversos assuntos, divulgando depoimentos de profissionais. Nos sítios alternativos, apenas no GF-alternativo as mães expressam Dúvidas sobre a amamentação. Aqui, as referências a este sentimento são

escassas e não estão especificamente relacionadas com o bem-estar das crianças, ao contrário do que se verifica nos sítios normativos. Neste sentido, assumimos que a Dúvida é um sentimento em que a hipótese O2/H4 é confirmada.

Em todos os sítios (PP-normativa: 10,8%; GF-normativo: 11,6%; PP-alternativa: 33,3%; GF-alternativo: 7,5%) (χ^2 (3, N = 406) = 2,8; p = .429), as mães afirmam exercer um grande Esforço na sua atividade, que elas descrevem como difícil, complicada, ou física e emocionalmente exigente. As referências ao Esforço estão equilibradas nos quatro sítios, o que não sustenta a nossa quarta hipótese (O2/H4).

O Sofrimento também é mencionado nos quatro locais (PP-normativa: 14,2%; GF-normativo: 7,4%; PP-alternativa: 66,7%; GF-alternativo: 10,8%), mas mais frequentemente na PP-alternativa (AdjSR = 3,2) (χ^2 (3, N = 406) = 13,7; p = 0,003). Esta categoria inclui palavras relacionadas com o verbo "sofrer" e situações em que as mães se referem a dor real. Na PP-normativa, o Sofrimento está associado a problemas de sono e a deixar os bebês na creche. As mães do GF-normativo também se queixam das tarefas domésticas e dos problemas das crianças relacionados com saúde, alimentação e comportamento. Além disso, o que faz uma mãe da PP-alternativa sofrer é o sofrimento dos/as seus/suas filhos/as. No GF-alternativo, o Sofrimento das mães está associado ao período pós-parto, à amamentação e às críticas de que são alvo. Mais uma vez, embora no GF-alternativo se refira apenas o bem-estar das mães, essa preocupação também está presente nos sítios normativos, e a mãe da PP-normativa preocupa-se principalmente com seus filhos/as. Estes resultados também não sustentam a hipótese O2/H4.

Vale a pena realçar alguns sentimentos negativos que encontrámos exclusivamente em alguns dos sítios em análise. Estas especificidades podem ser consideradas uma confirmação pelo menos parcial da hipótese O2/H4.

O sentimento mais referido entre as mães do GF-alternativo é o Ressentimento (14,0% de seus sentimentos negativos) (AdjSR = 6,0), comparativamente aos dois sítios normativos (AdjSR = -2,6) (χ^2 (3, N = 406) = 36,1; <0,001), relativamente a quem nunca as avisou sobre como seria a maternidade e

também ao aconselhamento excessivo de que agora são alvo. Este sentimento também pode ser encontrado no GF-normativo, mas em menor proporção.

Em relação ao GF-normativo, a maioria das mães refere-se a um Medo constante (13,2% de suas sensações negativas) (AdjSR = 3,9), ao contrário do que acontece no GF-alternativo (AdjSR = -2,7) (χ^2 (3, N = 406) = 16,2; p = 0,001). As mães do GF-normativo referem ter medo de que algo de mau possa acontecer correr mal com os/as seus/suas filhos/as, como acidentes, doenças ou raptos.

Por fim, apenas nos sítios normativos podemos encontrar Preocupação nos discursos das mães (PP-normativa: 9,2%; GF-normativo: 6,3% dos seus sentimentos negativos) (χ^2 (1, N = 406) = 7,6; p = 0,006) (AdjSR = 2.7) em relação à saúde, sono, desenvolvimento global, alimentação e segurança dos/as seus/suas filhos/as. Este sentimento está ausente nos sítios alternativos. As publicações institucionais da PP-normativa tentam abordar as preocupações dos Pais, fornecendo informações que os/as possam esclarecer e, eventualmente, tranquilizar.

Dois outros sentimentos têm mais ocorrências no GF-alternativo do que nos outros sítios: Solidão e Perda (8,6% dos seus sentimentos negativos, cada) (AdjSR = 6,3) (χ^2 (3, N = 588) = 40,7; p < 0,001). Estes são menos referidos do que o esperado tanto no GF-normativo (1,6%; AdjSR = -2,2) como na PP-normativa (0,5%; AdjSR = -3,0). O GF-alternativo é o único sítio onde as mães confessam que se sentem sozinhas, apesar de passarem o tempo com o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s). A sua Solidão resulta da ausência de vida social ou do afastamento de amigos que não são Pais. Já a Perda está relacionada com a vida social, a liberdade e o corpo que as mulheres tinham anteriormente a serem mães.

Conclusões do Estudo 2.

O *Facebook* e outras redes sociais *online* podem ser consideradas uma forma importante de as mães procurarem apoio emocional, que aqui encontram inúmeros sítios que respondem às suas diferentes necessidades e experiências. As análises dos sentimentos que as mães partilham no *Facebook* realizadas neste estudo são compatíveis com os resultados obtidos no Estudo 1 e permitem-nos concluir que a maternidade induz uma série de sentimentos positivos e negativos que são

partilhados recebidos e valorizados de forma diferente em diferentes sítios do *Facebook*. Esta confirmação da nossa primeira hipótese (O2/H1) sustenta a perspetiva da maternidade como uma montanha-russa emocional.

Socialmente, acredita-se que a maternidade oferece às mães satisfação pessoal e sentimentos agradáveis, e a vivência desses sentimentos positivos é considerada publicamente divulgável. Conforme sustentámos na nossa segunda hipótese (O2/H2), os resultados confirmam que sentimentos positivos são mais partilhados em páginas ou sítios públicos. Pelo contrário, quando a inadequação ao modelo de maternidade intensivo é vivenciada pelas mães, despertando nelas sentimentos negativos, elas tendem a procurar apoio sobretudo em grupos fechados, que parecem funcionar como grupos de ajuda mútua (O2/H3a e O2/H3b). Outra interpretação possível é que a privacidade dos grupos fechados protege as mães da exibição pública e consequente escrutínio, caso os seus sentimentos sejam menos aceites socialmente.

Diferenças qualitativas entre os sentimentos foram observadas nos quatro sítios do *Facebook* relativamente à sua representação mais normativa da maternidade ou a sua abertura a um modelo alternativo, sustentando nossa quarta hipótese (O2/H4). De facto, os sentimentos positivos nos sítios normativos são quase exclusivamente focados nas crianças (Amor, Afeto, Ternura, Orgulho), o que também é consistente com o modelo intensivo de maternidade, que requer amor materno e considera-o não apenas essencial, mas também natural (Badinter, 1986). A possibilidade e a importância de outras figuras de vinculação além da mãe, ou a responsabilidade de criação do/a(s) filho/a(s) pelo pai, outro membro da família ou a comunidade, são mencionadas residualmente. Mesmo sem o testemunho dos pais, podemos inferir dos discursos das mães que permanecem diferenças significativas de género na atribuição das tarefas domésticas, e que as mães são as principais cuidadoras e assumem mais responsabilidades na educação da criança, particularmente em casa (alimentação, higiene, sono e saúde).

Os sentimentos negativos mencionados nos sítios normativos relacionam-se principalmente com dúvidas que as mães têm sobre a criação dos/as filhos/as e o esforço que isso exige. Aqui, as mães revelam grandes preocupações sobre a melhor maneira de agir em todas as circunstâncias, como responder às necessidades de cada criança e como evitar fazer algo “errado” (Dúvida,

Sofrimento, Esforço, Preocupação, Medo). Estes sentimentos também derivam do modelo de maternidade intensivo (Elliott et al., 2015), que exige total comprometimento das mães e é exclusivamente centrado nas necessidades e no bem-estar das crianças. A adoção de um modelo tão exigente contribui para a insegurança das mães e para a ansiedade de desempenho (Skreden et al., 2012; Taylor & Johnson, 2013; Offer, 2014; Jover et al., 2014), que se expressam no medo de "fazer mal" ou "traumatizar" as crianças ao introduzir um novo alimento cedo demais ou deixando-as na creche a chorar, como é referido nos sítios normativos.

Assim, o modelo de maternidade intensivo parece ser promovido e reforçado através de sítios como a PP-normativa, onde os sentimentos positivos das mães são encorajados e onde elas podem aprender a agir “corretamente” e confirmar que estão a realizar as suas tarefas “corretamente” e/ou que o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s) estão a desenvolver-se “corretamente”; caso contrário, elas aprendem como “corrigir-se”, de acordo com este modelo. As mães que usam sítios normativos expressam grandes preocupações em ser “boas” mães, o que se reflete no GF-normativo através do medo de se afastar desse ideal. Elas concentram-se no bem-estar dos/as seus/suas filhos/as, sob pena de constantemente se sentirem preocupados e sem confiança (dúvida). A abnegação é evidente, mesmo que a fadiga seja reconhecida. No entanto, socialmente, esses sentimentos não são considerados um problema real, pois parecem ser inerentes à maternidade intensiva e são, portanto, o esforço que todas as mães têm que fazer para ter filhos/as saudáveis e felizes.

Por outro lado, no GF-alternativo as crianças não são a questão central. Aqui, sentimentos positivos e negativos dizem respeito às próprias mães ou estão diretamente relacionados com elas. Esses sentimentos incluem adorar ser mãe ou amamentar e perplexidade e ressentimento em relação ao modo como a maternidade lhes foi transmitida socialmente, sem informações prévias e completas sobre o quão difícil seria para elas e para os seus corpos. Além disso, aqui a solidariedade surge como o sentimento positivo mais mencionado e deriva do conforto de encontrar um lugar onde as novas mães podem partilhar os seus sentimentos negativos e problemas de saúde (Highet et al., 2014; Junttila et al., 2015) sem serem julgadas negativamente. A solidariedade só se encontra nos grupos fechados e mais frequentemente no GF-alternativo. Nos sítios normativos,

mães e profissionais fornecem conselhos e soluções para que outras mães se aproximem do modelo de maternidade intensivo, enquanto no GF-alternativo as mães reagem a uma nova realidade acerca da qual não foram avisadas e confirmam que os seus problemas, que incluem sentimentos de solidão e perda, são de facto bastante comuns.

Pelo exposto, considerando os sítios do *Facebook* em análise, e tendo em conta que eles representaram as páginas e grupos normativos e não normativos mais populares em Portugal em 2015, podemos concluir que as páginas públicas no *Facebook* disseminam principalmente o modelo de maternidade intensivo. Mas nem todas as mães recorrem a esta rede social.

Estudo 3.

Após a conclusão de que na rede social mais utilizada em Portugal em 2015 era difundido sobretudo o modelo de maternidade intensivo, considerámos pertinente incidir a nossa análise sobre um outro tipo de fonte, mais tradicional e especificamente dirigido a Pais (mães e pais, já não somente a mães) e, aqui, verificar qual o modelo de parentalidade proposto.

Principais resultados.

Os resultados da análise de conteúdo que incidiu sobre a revista P&F mostram que a maioria dos temas de capa ao longo de 2015 são direccionados a ambos os Pais, não diferenciando mães e pais. Fevereiro, abril, junho, julho, agosto, outubro, novembro e dezembro focam temas gerais, independentemente do(s) adulto(s) que cria(m) a criança, o que parece responder negativamente à nossa primeira questão de investigação (O3/Q1), que indagava se a revista se dirige apenas a mães apesar do seu título neutro em termos de género. Pelo menos nestas edições, a P&F parece assumir a responsabilidade partilhada dos pais no cuidado e educação da criança.

No entanto, alguns artigos são escritos na forma feminina, ou seja, expressamente para as mães. É o caso da edição de janeiro, que assim responde positivamente à nossa primeira questão (O3/Q1). De facto, embora o título e o

subtítulo do artigo sejam neutros em relação ao género, a análise do seu conteúdo mostra que as 12 sugestões para o novo ano são dirigidas às mães. Esses conselhos pressupõem que as mães podem ter um quotidiano mais descontraído se se preocuparem menos com a limpeza da casa, o banho das crianças e em cozinhar, algumas das suas tarefas atribuídas nas famílias portuguesas tradicionais. Curiosamente, a partilha de tarefas domésticas e de cuidado com os/as filhos/as, nomeadamente com o pai, nunca é sugerida.

Em duas edições, março (Dia do Pai) e maio (Dia da Mãe), cada um dos Pais é tema de capa e são apresentados dois tipos de artigos: um com testemunhos de mães e pais sobre as suas experiências enquanto tal, e outro que pretende esclarecer o que é (ou deveria) ser mãe ou pai. Analisámos comparativamente os dois tipos de artigos, procurando identificar as principais diferenças e semelhanças na maneira como mães e pais são retratados, de acordo com nossa segunda questão de investigação (O3/Q2), que é respondida positivamente de uma forma que podemos considerar relevante, ou seja, as diferenças tradicionais de género quanto ao papel e responsabilidades da mãe e do pai na família e o seu equilíbrio com a vida profissional são reproduzidas e reforçadas.

Histórias pessoais.

A edição de maio descreve a história de vida de cinco mulheres (aqui chamadas M1, M2, M3, M4, M5) a quem a maternidade "traçou o destino", transformando-as em "pessoas melhores" (maio, p. 16). Algumas destas histórias de vida têm em comum a prioridade que as mães atribuem aos/às seus/suas filhos/as em detrimento das suas carreiras profissionais: a M1 desistiu do emprego quando seu primeiro filho nasceu para dar "o apoio que queria aos filhos"; ela desenvolveu sucessivamente projetos mais emocionais do que lucrativos, "sempre com meus filhos atrás de mim!" (maio, p. 18). Além dela, a M5 trabalha com um horário flexível e leva sempre consigo o filho mais novo. Por sua vez, a M2 arriscou a sua saúde quando optou por uma segunda gravidez, apesar de ter tido cancro de mama logo após o nascimento da primeira criança; chamaram-lhe louca, mas ela explica que as crianças "são tudo" para ela (maio, p. 19). Finalmente, todas as mães demonstram orgulho em gerir tarefas e superar dificuldades em nome dos/as seus/suas filhos/as. Apenas uma mãe é apresentada como advogada, voluntária

numa instituição, com funções na junta de freguesia e quatro filhos/as (M3). Ela admite que não é fácil administrar todas as suas atividades, mas tanto ela como a M5 (que tem seis filhos/as) se referem à organização como a chave para gerir as suas vidas diariamente. No caso da M5, ela também delega tarefas e responsabilidades nos/as seus/suas filhos/as e afirma ter o apoio de uma boa rede familiar e de um "super-marido" (maio, p. 22).

Da mesma forma, o artigo sobre o Dia do Pai apresenta o testemunho de cinco pais (P1, P2, P3, P4, P5), mas realça que estes homens "são brilhantes nas suas carreiras, marcam pela forma apaixonada como abraçaram o talento que lhes é inato", e além disto tudo também são... PAIS!" (março, p. 70) (maiúsculas no original). A diferença na apresentação de casos "exemplares" de mães e pais responde positivamente à nossa segunda questão de investigação (O3/Q2), que se refere às diferenças tradicionais de género quanto ao papel e responsabilidades na família e o seu equilíbrio com a vida profissional. Na verdade, as atividades profissionais dos pais são valorizadas e reconhecidas publicamente, enquanto duas das cinco mães da edição de maio contam ter deixado de lado suas carreiras (M1, M5) e outras duas nem sequer as mencionam (M2, M4).

Foi perguntado aos pais o que mudou nas suas vidas, o que eles gostam menos ou consideram negativo em ser pai, e de que maneira ser pai é diferente de ser mãe. O título "ser pai muda tudo" leva o/a leitor/a a acreditar que as vidas destes homens mudaram profundamente com o nascimento dos/as seus/suas filhos/as. No entanto, todos os pais assumem que a principal mudança foi interior, emocional: um amor novo e forte por outra pessoa e um enorme aumento de responsabilidade para com ela. Se procurarmos mudanças concretas nas suas vidas, apenas os pais mais jovens e/ou com filhos/as mais novos apresentam esse testemunho. A maior mudança foi realizada pelo P4, desportista de competição que jogava num clube estrangeiro e que não apenas retornou a Portugal, mas também mudou de profissão, deixando o desporto em terceiro lugar, depois da família e do trabalho.

No que concerne às diferenças em relação à maternidade, estes pais referem-se à gravidez como um período em que apenas as mães estão plenamente conscientes do bebé e estabelecem uma ligação emocional com ele, deixando-os numa posição de desvantagem. Só depois do nascimento eles podem viver a paternidade de maneira completa. No entanto, o P3 considera que é mais difícil ser

alguém que deixa uma marca na vida das crianças do que ser um mero cuidador. O pai mais velho (P2) assume que ele tinha um papel diferente, mas complementar, ao da mãe, e só depois do divórcio, confessa, às vezes sentia angústia e obrigava-se a “fazer, por vezes, de quase-Mãe e não apenas de Pai...” (março, p. 73). Isso pode significar que ser o único cuidador implica sentir-se mãe. O P1 argumenta que a adaptação ao seu novo papel foi “natural”, embora ele continue a tentar, com “graus variáveis de sucesso”, ser uma pessoa menos distraída e mais atenta (março, p. 72). Por sua vez, o P4 diz: “Gosto mesmo de ajudar e de fazer tudo o que está ao meu alcance” (março, p. 75). Aqui, “ajudar” e “ao alcance” são expressões que atribuem o cuidado principal à mãe, com o apoio complementar do pai, e que revelam diferenças nos seus papéis. Apenas o P5 afirma ser muito presente na vida das suas filhas e faz questão de compartilhar completamente o seu cuidado com a mãe. Os pais também expressam alguns sentimentos negativos em relação à paternidade, como a comoção, sensibilidade, preocupação e medo, mas todos concordam que essas adversidades os transformaram em pessoas melhores e mais fortes.

Por último, o P3 lamenta a falta de informações específicas para pais e futuros pais, uma vez que tudo é dirigido às mães. Na sua opinião, essa “enorme carência de informação” explicaria a falta de envolvimento dos pais neste processo: “a sociedade melhoraria incomensuravelmente se esta responsabilização do pai fosse promovida como é perante a mãe” (março, p. 74).

O “bom” pai.

O outro tipo de artigos foca-se no que significa ser mãe e ser pai. O título da edição de maio é “ser mãe é...” (maio, p. 26), enquanto a edição de março questiona “que pai quero ser?”. Ambos são escritos por psicólogas e apresentam o que significa ser mãe, por um lado, e itens para os pais verificarem a “relação que têm com os seus filhos e a forma como estão a ser pais” (março, p. 67).

O artigo sobre o que é ser mãe diz que “não há desafio de vida mais completo, mais empolgante, mais exigente, mais permanente!” (maio, p. 26); a maternidade torna-se onipresente no pensamento e prática das mulheres antes mesmo da gravidez, que é um momento que deve ser vivido intensamente; é uma

fonte de emoções fortes, positivas e negativas. Entre elas, predominam dúvidas e incertezas, e as mães navegam à vista, reinventando recursos. A perpetuidade das ações das mães é evocada através dos "valores de que falamos e de que somos exemplo (...) que atravessarão gerações, porque ao educar nossos filhos, estamos também a educar os pais em que se vão tornar" (maio, p.26).

No artigo dos pais, cada um dos 12 itens de *check-up* apresentados é baseado em estudos de psicologia que provaram que "o envolvimento e presença paterna é determinante no desenvolvimento de competências dos filhos e que o pai é essencial e insubstituível no desenvolvimento das crianças e adolescentes" (março, p. 67). Os autores asseguram que "durante demasiado tempo o papel do pai foi desconsiderado (e os filhos é que perdiam com isso!)" (março, p. 67). Nesse sentido, parece ser hora de atribuir ao pai o papel que as crianças merecem que ele tenha, já que os pais têm "um papel especial enquanto companheiro privilegiado da brincadeira, da aventura, o que apela à imaginação e desafia a novas conquistas!" (março, p. 67). No entanto, este é um artigo muito crítico, baseado numa ideia estereotipada de pai que parece não saber como interagir adequadamente com os/as seus/as filhos/as e tende a fazer tudo mal. A maioria dos itens de *check-up* aconselha os pais a corrigirem alguns erros supostamente comuns que costumam fazer e, portanto, podemos supor que eles precisam ser ensinados e consciencializados da paternidade de uma forma mais clara e básica do que as mães. Ao contrário do que acontece quando a P&F se dirige às mães, as tarefas de cuidado dos/as filhos/as, como a alimentação ou a higiene, nunca são mencionadas.

Contudo, a revista transmite a ideia que os pais não estão suficientemente centrados nas crianças, em consonância com as exigências de um modelo de paternidade intensivo. Os outros erros que os autores atribuem aos pais incluem não dar tempo suficiente para as crianças fazerem coisas ao seu próprio ritmo, falar sobre a escola concentrando-se apenas nas notas e nas tarefas escolares, comparar os/as seus/suas filhos/as com outros, ser demasiado exigente em termos de comportamento das crianças, não elogiar as realizações das crianças ou elogiá-las de forma irreal, não usar técnicas de comunicação adequadas (usando perguntas fechadas, forçando as crianças a falar quando não estão bem dispostas, usando sarcasmo e humilhação, fazendo promessas que não podem cumprir), ser

intrusivos na tomada de decisão das crianças, e não dispor de tempo suficiente para pensar sobre quais são os valores que estão a passar para a prole. Para cada um destes erros, as autoras explicam as consequências prejudiciais para as crianças e como agir corretamente por causa delas.

Incompetência parental vs. competência dos peritos.

O modelo intensivo de parentalidade no qual o pai foi integrado exige mais dos Pais do que o que eles oferecem. A principal característica do discurso da P&F em vários assuntos é a crítica ao que os Pais geralmente fazem, pensam e sentem, sustentada por evidências científicas sobre a forma como isso pode prejudicar as crianças. A revista ensina pedagogicamente os Pais acerca do desenvolvimento infantil e, portanto, explica-lhes como agir, pensar e sentir corretamente. A nitidez do modelo de parentalidade intensiva parece permear em todas as suas formas, como a centralidade da criança e do seu bem-estar e bom desenvolvimento, a exigência de um bom desempenho emocional e comportamental pelos Pais, a constante lembrança de como as ações parentais têm impacto sobre o futuro dos/as filhos/as e, portanto, a necessidade de orientação permanente pelos especialistas. Todos os artigos em análise parecem ser um conjunto de ensinamentos para os Pais sobre como criar adequadamente os/as seus/suas filhos/as, com base no que eles/as supostamente fazem mal, ou seja, quando não estão totalmente disponíveis para responder imediatamente às necessidades da criança. Acreditamos, por isso, que a resposta à nossa terceira questão de investigação (O3/Q3) é positiva na medida em que esta revista, longe de reduzir os constrangimentos do modelo de maternidade intensivo, promove um modelo de parentalidade intensivo no qual os pais estão integrados.

De acordo com a P&F, o bem-estar das crianças e o seu bom desenvolvimento dependem do amor incondicional, do tempo e da atenção dos Pais. Na edição de janeiro, as mães são encorajadas a dar aos/às filhos/as mais abraços porque há evidências científicas de que isso faz libertar oxitocina, a hormona do amor, que é particularmente importante durante a infância para o desenvolvimento das estruturas cerebrais e das emoções das crianças. Noutro caso, as mães são acusadas de expressar um amor condicional pelos/as filhos/as,

o que significa que só lhes demostram amor se eles/as se portarem bem. Os especialistas alertam que as crianças podem desenvolver um sentimento de incompetência ou de serem indignas de amor sempre que não puderem ou não desejarem satisfazer as expectativas dos Pais e, portanto, as mães são aconselhadas a expressar sempre amor incondicional.

O desempenho dos Pais em relação à educação e socialização das crianças é apresentado como tendo profundas consequências no seu futuro. Desde a escolha do nome do bebé, às atividades proporcionadas às crianças, os pais podem “fazer a diferença”, criando “possibilidades e experiências de vida, formais e informais, para que sejam criativos, inovadores, saibam adaptar-se e encontrar formas alternativas de estar e ser” (junho, p. 22). Num mundo em que as crianças vivem rodeadas de estímulos constantes e são sobrecarregadas de atividades e horários, os pais devem “contribuir para o seu desenvolvimento harmonioso” transmitindo valores como amizade e solidariedade, fomentando a sua curiosidade, autoconfiança e criatividade. Os desafios que essas crianças enfrentam, os adultos em que se tornarão, dependem não apenas de suas próprias personalidades individuais, mas também do desempenho de seus pais como adultos de referência, argumenta um psicólogo.

No entanto, o bem-estar e as necessidades das mães também são mencionados, ao contrário do que assumimos na questão de investigação O3/Q3. Elas devem “desistir de ser perfeitas” (janeiro, p.72) e dedicar-se ao que mais gostam. As sugestões incluem comer melhor, recuperando o gosto por cozinhar, praticar mais exercício físico, viver e deixar viver e ajudar mais os outros porque está cientificamente provado que ser voluntário/a ajuda a diminuir a depressão e aumenta a satisfação com a vida (janeiro). Paradoxalmente, noutras edições presume-se que as mães vivem constantemente apressadas e têm pouco tempo livre, mas “com alguma vontade e organização” (janeiro, p.72), ou seja, fatores individuais da responsabilidade das próprias mulheres, elas podem economizar algum tempo para se dedicar a atividades de que gostam. De acordo com a edição de janeiro, cabe às mães e, aparentemente, apenas às mães, proporcionar a si próprias e aos/às seus/suas filhos/as um feliz ano novo.

Conclusões do Estudo 3.

Neste estudo, procurámos verificar se a revista portuguesa P&F divulga e promove um modelo de parentalidade intensivo ou extensivo e se reflete a legislação portuguesa, que tenta promover uma divisão mais equitativa dos cuidados parentais, nomeadamente alargando e tornando obrigatório o gozo da licença de paternidade após o nascimento da criança. A análise das 12 edições de 2015 da revista P&F revela que, efetivamente, a sua linha editorial tende a abordar ambos os Pais usando precisamente o termo "pais", que pressupõe neutralidade de género e incluindo, portanto, quer a mãe quer o pai no seu público-alvo. No entanto, a tradicional diferença dos papéis da mãe e do pai mantém-se na medida em que a revista assume que as tarefas de cuidar das crianças são da responsabilidade da mãe, enquanto o pai tem um papel mais lúdico (Sunderland, 2006).

No entanto, é evidente que a P&F tenta valorizar o papel do pai. Na verdade, não apenas a importância dos pais na vida das crianças é reconhecida na edição de março, como é devidamente valorizado impacto positivo que as crianças têm na vida dos pais, especialmente do ponto de vista emocional. Todos os pais entrevistados admitem que os/as filhos/as lhes trouxeram uma considerável mudança interior, mas apenas os pais mais jovens relataram mudanças de atitudes e rotinas que vão do apoio às mães até à partilha integral dos cuidados com a criança, o que pode indiciar uma evolução geracional deste papel, pelo menos nesta amostra reduzida apresentada pela revista. O uso de testemunhos de pais que são celebridades pode permitir a outros pais projetarem-se no exemplo de alguém a quem eles reconhecem valor profissional.

As diferenças nas críticas e conselhos dirigidos a mães e pais são bastante evidentes. As recomendações dirigidas às mães, nomeadamente nas edições de janeiro e setembro, poderiam ser endereçadas a ambos. Mas, para as mães, o ideal de perfeição pressuposto refere-se à higiene e alimentação das crianças e às tarefas domésticas, como a limpeza da casa, o que reproduz estereótipos de género (Oprea, 2016). Por outro lado, quando os autores abordam os pais referindo-se às práticas de cuidado, estimulam-nos a promover a autonomia das crianças, permitindo que elas aprendam a realizá-las sozinhas, ao seu próprio ritmo. Na verdade, o artigo de março refere-se à importância dos pais na vida das

crianças exclusivamente em áreas como transmissão de valores ou partilha de experiências engraçadas.

Outro dos nossos objetivos foi verificar se o envolvimento do pai e a partilha de práticas aliviarão as mães do modelo de maternidade intensiva (Elliott, Powell, & Brenton, 2015) ou, pelo contrário, se o pai seria imerso num modelo de paternidade também ele intensivo, no qual a criança mantém a sua centralidade e os Pais devem-lhe dedicação total, sob orientação de peritos.

A P&F confronta constantemente os Pais com a responsabilidade relativamente a quem os/as seus/suas filhos/as serão no futuro (Smyth, 2014), ao mesmo tempo em que amplia as áreas da sua responsabilidade. Eles/as são ensinados a agir da melhor maneira possível no presente para evitar traumas irreversíveis na criança, especialmente emocionais. A ação de outros agentes socializadores, que não, por vezes, a escola, não é considerada. As novas tecnologias e o amplo acesso a enormes quantidades de informação por parte das crianças são considerados ameaças. Isto representa um enorme fardo que os Pais enfrentam com preocupação (Smyth, 2014; Allen, 1995; Clarke, 2015; Milkie & Denny, 2014).

O modelo intensivo também é revelado através dos sentimentos que, no caso das mães, estão em consonância com os Estudos 1 e 2: obsessão pela perfeição, preocupação, dúvida e medo. Além disso, a suposição de culpa nas mães pressupõe que a dedicação exigida é difícil de concretizar e leva-as à autocrítica. A P&F também supõe que as mães desejam passar o maior tempo possível com o/a(s) filho/a(s), e que acreditam que devem supervisionar todos os momentos e atividades da criança, não deixando espaço para outras formas de ser mãe. Elas são aconselhadas a não serem tão intrusivas, um conselho que não vemos endereçado aos pais, porque também se assume que eles não agem da mesma forma nem sentem o mesmo.

No entanto, alguns desses sentimentos são igualmente partilhados pelos pais (angústia, preocupação) e derivam do modelo intensivo de paternidade que lhes é proposto, o que requer competências e desempenhos que eles podem temer não alcançar (Mello & Tan, 2016). Por outro lado, os pais expressam sentimentos que não são mencionados pelas mães, pelo menos explicitamente: uma grande

responsabilidade, um aumento da sensibilidade e um crescimento e fortalecimento interno. Estes sentimentos podem derivar da "novidade" que ser pai constitui nas suas vidas (diferentemente das mães, que podem antecipar a maternidade antes mesmo de engravidar) e do papel que lhes é social e culturalmente atribuído como provedor da família, o que se constitui numa outra diferença de género em relação à parentalidade.

Contraditoriamente, a P&F admite que as mães vivem apressadas e pedem que elas encontrem tempo para si mesmas. No entanto, isso depende apenas delas próprias e de sua organização diária. De acordo com a revista, não é necessário colocar as crianças em segundo plano, nem é sugerido recorrer a outros cuidadores adultos, nomeadamente ao pai. Isso faz com que o seu bem-estar, bem como o da criança, dependam apenas de si própria e o papel que a comunidade e/ou uma rede de apoio familiar podem ter é ignorado (Wall, 2013).

Assim, podemos concluir que o P&F reflete implicitamente um modelo cultural tradicional, mais do que tenta promover mudanças culturais explicitamente presentes na legislação portuguesa (Demarest & Garner, 1992; Gregory & Milner, 2011). As pressões do mercado de trabalho e a responsabilidade da comunidade em facilitar a experiência de paternidade dos homens não são abordadas (Mello & Tan, 2016).

Estudo 4.

Os resultados deste último estudo são apresentados mais pormenorizadamente por não terem ainda sido objeto de qualquer publicação.

O modelo de maternidade intensivo parece ser culturalmente dominante, de acordo com os nossos primeiros três estudos. Neste Estudo 4, procurámos perceber como as mães portuguesas vivem efetivamente o seu projeto de maternidade e se posicionam face ao modelo dominante. Para tal entrevistámos 12 mães: metade delas eram licenciadas, sendo que duas delas acumulam duas licenciaturas; duas eram mestres e quatro eram já doutoradas. Relativamente à sua situação profissional, a maioria trabalhava a tempo inteiro, duas trabalhavam a tempo parcial e uma acumulava dois trabalhos. O número de filhos/as varia entre 1

e 4, sendo que a maioria tem dois filhos/as. O perfil detalhado da situação das entrevistadas é apresentado na Tabela 2:

Tabela 2. Caracterização das entrevistadas

	Grau académico	Situação profissional	Nº de filhos/as	Idades
E1	Doutoramento	Docente universitária	4	3, 13, 14 e 23
E2	Licenciatura	Trabalhadora independente em regime de part-time	2	6 e 9
E3	Doutoramento	Empregada a tempo inteiro	2	2 e 4
E4	Mestrado	Estudante de doutoramento com bolsa	2	9 e 13
E5	Licenciaturas (2)	Professora, recebe subsídio de desemprego parcial	2	2 e 5
E6	Licenciatura	Gestora de cozinha num restaurante	1	6
E7	Doutoramento	Empregada a tempo inteiro com funções de coordenação, docente em part-time no ensino superior	2	4 e 7
E8	Licenciaturas (2)	Professora a tempo inteiro	2	7 e 7
E9	Mestrado	Empregada a tempo inteiro com funções de coordenação	1	5
E10	Doutoramento	Docente no ensino superior	2	4 e 6
E11	Licenciatura; Curso de dança	Proprietária, gestora e professora de uma escola de dança	1	5
E12	Licenciatura	Empregada a tempo inteiro	3	2, 2 e 7

Resultados.

O conjunto das entrevistadas revelou-se bastante heterogéneo em diversos aspetos, nomeadamente quanto à sua formação e percurso académicos, quanto à sua situação face ao emprego e quanto ao apoio familiar de que dispõem na gestão do seu quotidiano.

Os resultados são apresentados na medida em que respondem às questões de pesquisa colocadas e estão organizados da seguinte forma:

- as motivações para a maternidade e o enquadramento da decisão no projeto de vida (O4Q1);
- os quotidianos, a sua gestão e variáveis influenciadoras, conciliação da maternidade com a vida académica / profissional e com outros papéis sociais (O4Q3);
- quem foram / são as referências de maternidade das entrevistadas, em que medida se consideram boas mães e em que aspetos consideram que poderiam ser mães melhores (O4Q2);
- expectativas relativamente à maternidade, a sua concretização, principais surpresas e aspirações futuras (O4Q4).

Enquadramento da decisão da maternidade.

A primeira questão de investigação pretendia conhecer as circunstâncias emocionais, profissionais e materiais em que as entrevistadas decidiram ser mães (O4/Q1). As motivações (ou Objetivos cf. Estudo 1) que apresentaram para o surgimento do projeto de maternidade nas suas vidas são várias. Nalguns casos, os motivos não podem ser considerados concretos, ou seja, as entrevistadas não apresentam uma argumentação causal, seja a nível pessoal (E2: “fazia parte”; E9: “acho que sempre quis ser mãe porque (...) é suposto que uma mulher queira ser mãe... e eu nunca senti nada em contrário.”; E1: “eu estava com muita vontade de ter um bebé, estava mesmo com muita vontade, não sei explicar porquê”), seja do casal (E4: “os filhos surgiram, estavam no plano de vida quer de mim quer do meu marido”; E7: “era uma coisa que nós queríamos fazer os dois, queríamos ser pais”).

Quando concretizados, os motivos apresentados são de ordem pessoal: “porque adoro crianças (...) porque achava que estava na altura de dar mais e ter mais” (E6); e do casal: “constituir uma família, o partilhar a vida com mais alguém, vê-lo crescer” (E3); “perpetuar um bocado o que nos deram, nós podemos dar também, ter alguém que é mais nosso, que faz parte e que é um projeto em comum, no fundo, assim para sempre” (E5); “pela estabilidade da relação, já estávamos há muitos anos juntos e a pensar que gostaríamos, se calhar, de ter um filho (...) não fazia falta, estávamos muito bem, mas... se calhar gostaríamos de ter um filho e experimentar e partilhar também com mais uma criança (E10).

No entanto, algumas das mães não tinham esse projeto de vida claramente definido para si e a pressão social e o desejo do pai acabaram por ser determinantes para que se concretizasse:

“Eu vou-lhe ser muito franca, eu nunca tive aquela coisa de ‘ai o meu sonho era ser mãe, era ter filhos’... Eu acho que foi um bocadinho imposto... pela lógica, não é? Casa-se, depois temos todos a perguntar-nos e nós começamos a achar [que] se calhar é o que tem que ser (...). Eu acho que não tinha jeito, que não tinha... instinto. (...) Não foi uma decisão fácil, aliás, foi até motivo de algum atrito com o meu marido porque ele queria, quis sempre desde muito cedo e eu achava que não, que tínhamos que ter calma. Eu não estava preparada, eu nunca estava preparada.” (E12);

“Eu lutei muito com a ideia de se queria ser mãe ou não. Nunca foi um objetivo de vida, ser mãe (...). Depois casei, o meu marido sempre quis ter filhos pôs-se aqui uma dualidade... Eu fui adiando, adiando, até que chegou basicamente a um limite quase de imposição, entre aspas. Não, ele não me impôs, mas era um bocado do género, eu quero ter filhos, se tu não quiseres, estamos com projetos de vida diferentes, portanto vamos ter que chegar aqui a uma conclusão” (E11);

“Eu tive que fazer fertilização *in vitro* (...) as coisas não correram bem e depois eu quis desistir, não queria mais (...). Nessa altura, o meu marido encurralou-me, ou tornava a tentar a fertilização *in vitro*, ou divorciava-me.” (E8).

Quanto à escolha do momento em que decidiram ser mães, esta foi sobretudo condicionada pela estabilidade profissional e financeira (O4Q1). Apenas uma entrevistada foi mãe, pela primeira vez, de forma não planeada, antes da licenciatura (E1). Para duas mulheres, as gravidezes aconteceram durante a formação académica, o que permitiu às entrevistadas gerir melhor o tempo em termos de dedicação ao/à filho/a e aos estudos:

“apesar de tudo tinha alguma flexibilidade, se o meu filho estivesse doente eu podia ficar em casa e as faltas era eu que as tinha que gerir, ou se eu não fizesse uma cadeira na primeira época e fizesse na segunda época era eu que fazia essa gestão, quer dizer, não tinha propriamente que, dar satisfações a ninguém, não tinha uma entidade patronal” (E1).

Noutros dois casos, as entrevistadas assumem ter considerado a decisão de serem mães apenas depois de terminado o doutoramento: “eu tinha uma meta, doutorar-

me até aos 30 anos (...) ou seja, investir na carreira, para depois investir na família” (E3).

A idade, quer da mãe, quer do pai, também é um fator influenciador do momento em que decidem começar a tentar ter um/a filho/a. A resolução de ter um filho relaciona-se, assim, com avaliarem uma idade como sendo a mais adequada para serem pais: “já tive o António com 32 ou 31, por isso, achámos que era o momento para ter filhos” (E3). Apenas uma entrevistada afirma ter optado por esperar por um momento mais tardio: “foi quando eu achei que não me importaria de não sair com as amigas à noite, de não ir para jantares, de não saber como é que estava a discoteca A, B ou C, de abdicar de coisas que até ali eram... importantes, nomeadamente, o trabalhar, trabalhar, trabalhar” (E6).

Os quotidianos, a sua gestão e variáveis influenciadoras.

No âmbito da terceira questão de investigação (O4Q3), que se refere à operacionalização, no quotidiano, da maternidade, questionámos as entrevistadas sobre a vivência do período pós-parto. Para oito das 12 entrevistadas, este foi um período com características negativas que é descrito como tendo sido “turbulento” (E8), “caótico” (E1), “complicado” (E12), um “pesadelo” (E10), um “rebuliço” (E3) ou, simplesmente, “difícil” (E2, E5, E11), por motivos variados: desde a mudança abrupta e inesperada do quotidiano, a problemas relacionados com complicações do parto, com a saúde do(s) bebé(s), com a amamentação, com a privação de sono e/ou com o cansaço. Além disso, as entrevistadas referem como aspetos negativos a falta de liberdade (E2), a solidão (E2, E7), os conflitos conjugais (E10, E12) e ressentimento: “senti um bocadinho de... não é injustiça, mas... porque é que não me diziam antes? Porque é que ninguém fala desta parte difícil?” (E10).

Apesar das dificuldades deste período e de cada história ser única, o apoio familiar, nomeadamente do pai, da própria mãe e/ou da sogra, parece ser determinante para que esta fase seja melhor vivenciada e possa deixar boas memórias:

“Tive muito apoio, veio para cá a minha mãe, nos primeiros 15 dias, (...) ela e o meu marido eram uma dupla imbatível. Os primeiros 15 dias foram... para tratar de mim. Portanto, eles juntaram-se, eu só tinha que dormir, comer o que eles me preparavam e dar de mamar ao meu filho, e eles

cuidavam de mim. Eu cuidava do meu filho e eles cuidavam de mim [risos]. Eu não tinha que pensar em mais nada. Isso fez muita diferença. Eu em 15 dias estava fresca. Fez muita diferença. Eu estava muito frágil emocionalmente. Eu lembro-me de chorar muito e ter muito colo da minha mãe. E de o meu marido me preparar chá para eu beber à noite. E de os dois fazerem ali uma dupla de enfermeiros muito boa. Tive muito apoio. (...) eu tenho memórias desse período muito boas. Assim tipo lua de mel.” (E9)

A gestão do quotidiano e das rotinas familiares é quase sempre complexa e exige grande organização (O4Q3). Todas as entrevistadas afirmam que os pais partilham o cuidado dos filhos, à exceção da E2 que assume com o marido uma clara divisão dos papéis familiares, divisão essa que foi devidamente ponderada e decidida por ambos:

“Como o [marido] tem um negócio por conta dele e ele é sozinho, claro que a responsabilidade é mais acrescida, portanto ele não está tão presente. Ainda agora. Desde que eles nasceram até agora, sai de manhã e chega a casa oito e meia, nove, nove e um quarto. Ele tenta apanhá-los ainda numa altura em que estejam acordados. (...) eu assumo um bocadinho tudo. Ele não tem muita noção da... sei lá, o que é que eles estão a dar na escola, das reuniões, eu abracei essa parte e ele fica com a parte melhor que é, chega a casa, eles já estão com o banho tomado, pijama vestido e brinca.” (E2)

Todas as outras mães contam com o pai na gestão das rotinas e o quotidiano é pautado por uma grande partilha e organização. Na maioria dos casos, os Pais contam com o apoio de terceiros, nomeadamente os avós, que assumem sobretudo o momento de ir buscar as crianças à escola. Os horários de trabalho dos Pais são determinantes nesta gestão e são diretamente responsáveis pela maior facilidade ou dificuldade com que as famílias vivem o seu quotidiano:

“Não é a mesma coisa do que eu ter um emprego [em] que se entra às nove, sai-se às seis e pode-se ir buscar o filho à escola e chegar a casa cedo e jantar, ou não trabalhar ao fim de semana. Não, não é” (E11)

“O meu horário é das nove às seis, mas nunca é das nove às seis, é às sete, é às oito, até quando for preciso. E ainda tenho a escala ao fim-de-semana (...). E então nesta correria de sábado, quando eu estou a trabalhar, quase nada se consegue fazer. A Marta consegue ir aos

escuteiros, mas nenhuma delas pode ir à piscina, portanto, ainda há esse peso.” (E12)

“eles tiveram a varicela os dois e, se calhar, deu jeito eu estar em casa, fiquei com eles sem estar com problemas se vou faltar ou não vou faltar, agora faltou eu, agora faltas tu, não, estive sempre eu em casa, nesse tipo de coisas [trabalhar a tempo parcial] facilita um bocado” (E5)

As entrevistadas que parecem ter um quotidiano mais leve ao nível da gestão das rotinas familiares são as que têm apenas um/a filho/a e as que conseguem negociar e/ou gerir o seu horário de trabalho de forma a estarem mais disponíveis para a família:

“Negocieei passar a trabalhar em jornada contínua e depois isso permitiu-me chegar às dez e meia ao trabalho, o que é um luxo, (...) e sair do trabalho às quatro e meia. (...) A instituição onde eu trabalho tentou alterar isso... e eu consegui que não fosse alterado, portanto, mantenho o horário, por isso consigo gerir muito bem. Consigo estar presente no início do dia e no fim do dia...” (E9)

Ter mais do que um filho, associado a horários de trabalho exigentes, torna o dia a dia mais difícil e cansativo, com prejuízo no bem-estar físico e emocional das entrevistadas:

“do primeiro para o segundo, notei imenso. Notei imenso pela carga de trabalho que é, realmente, a dobrar, não digam que não, é realmente a dobrar, é roupa atrás, é refeição a dobrar (...) Nós dizemos: ‘ah, é muito bonito, é muito romântico, nós multiplicamos o amor!’, está bem, mas a atenção não se multiplica, não dá, o tempo não dá, divide-se, divide-se, e às vezes eu sinto que não divido bem. (...) Depois não dá vontade de nada, de fazer nada, estamos os dois rotos, cansados, com sono.” (E5)

“é impressionante as saudades que eu tenho das minhas filhas e estou com elas todos os dias. Porque não consigo fazer isso. E são três (...) E é muito complicado, é complicado sentir que... nós estamos lá e não estamos. É que estamos o dia todo a trabalhar e quem os educa não somos nós. E no fim do dia, quando estamos aquele bocadinho de tempo, é para fazer jantar, para dar sopa, para dar banho, para ver os deveres da mais velha, para não sei o quê, e cama. E é tudo a correr, vamos, vamos, tudo a correr, é um stresse gigante que nós nos impomos. E chegamos ao fim do dia e pronto, não fui capaz sequer de ler uma história. E é muito difícil. Isso é das coisas que mais me angustia. (...) Eu chego ao fim e estou tão cansada

que eu não me atrevo a sentar no sofá, eu sei que me sento e adormeço, vou direta para a cama.” (E12)

As características do/a(s) filho/a(s), nomeadamente a sua idade, personalidade e saúde, têm também um grande impacto no grau de dificuldade que as entrevistadas atribuem à maternidade. O aumento da autonomia que acompanha o crescimento da criança facilita, por vezes, a gestão do quotidiano, mas há idiosincrasias das crianças que são particularmente exigentes, impossíveis de prever e difíceis de controlar:

“este meu segundo filho sempre foi um bebé muito exigente e um bocadinho difícil, aliás, sempre foi um bebé difícil e continua a ser, ele já tem 14 anos e é sempre uma fonte de preocupações. Sempre foi assim uma criança muito exigente, muito difícil, muitos anos, para aí três anos, eu não conseguia dormir, e não deixava ninguém dormir, sempre muito absorvente em termos de atenção e de preocupações (...) estava um bocado exausta porque o Alberto dava-me cabo de tudo, da energia toda (...). E o António era assim um anjinho, mesmo muito tranquilo, ainda hoje é assim, foi muito bom” (E1)

“Sempre foi uma criança que, ainda hoje, não come bem, por isso, era uma hora ali a cantar e a brincar e a pôr macacadas, ou seja, havia muito tempo gasto com ele (...). Apesar de ter quatro anos é muito preguiçoso e tenho que lhe dar a comida e mesmo assim, sabe Deus.” (E3)

“O Hugo, logo desde que nasceu, não era uma criança que eu dissesse normal. Nós até tínhamos que sair dos lugares porque, à mínima coisa, ele passava uma hora a chorar. (...) entretanto, faz-se o diagnóstico de um autismo, um autismo... [começa a chorar] posso interromper um bocadinho?... não é um autismo profundo e foi um autismo que foi intervencionado logo... de pequenino. Então, para todos os efeitos é uma criança que dorme mal, neste momento, mas que tem ali... tem momentos. Tem as suas coisas, tem as suas obsessões, é muito rígido, toda a rotina tem que ser absolutamente igual, nada pode falhar, uma refeição tem que ter uma sopa, um prato e uma fruta, se faltar alguma das três coisas, já temos um problema. Está 40 minutos, uma hora a chorar ou a bater com a cabeça na parede. E, claro, nós damos mais atenção ao Hugo do que à Helena, é óbvio. Mas temos a irmã que tem o seu feitio, também muito danado e que também exige. (...) estão os dois sempre em conflito e andam sempre os dois à pancada (...). Então, toda esta gestão é um bocadinho difícil de fazer. (...) a dificuldade de o ter a chorar o dia inteiro e de o ter muitas vezes, durante a noite, a acordar duas, três, quatro vezes, a chamar constantemente ou a chorar e a pessoa, por muito que lhe diga, ou por

muito que queira fazer, aquele choro é inconsolável. É o tempo que durar, são dez, são vinte minutos... é o tempo que for necessário. (...) Trabalhar é um escape (...) o volume de serviço é pesado, mas não é nada, comparado com ficar 15 horas com eles.” (E8)

- *Conciliação da maternidade com a vida académica/profissional*

A integração da maternidade na vida profissional das entrevistadas é variada (O4Q3). As mulheres que foram mães enquanto estudavam parecem ter usufruído de uma maior flexibilidade na gestão do seu trabalho e dos seus horários, aliviando as exigências dos primeiros meses: “O que eu tentava fazer era, acordava muito cedo, para depois no período em que ela estava acordada eu também estava acordada, para depois nos períodos em que ela dormia eu voltava a trabalhar.” (E7). Por seu turno, as entrevistadas que se dedicam ao ensino conseguem concentrar as suas aulas de forma a estarem mais disponíveis para o/a(s) filho/a(s). No entanto, a flexibilidade pode acarretar outro tipo de dificuldades, como a aparente facilidade em dispor de tempo que, afinal, é subtraído ao trabalho: “ir buscar os miúdos à escola às cinco da tarde, nenhuma pessoa com um trabalho normal consegue fazer isto e, portanto, acabava por ir eu, e isso acabava por me prejudicar mais em termos de trabalho.” (E1).

Duas das entrevistadas testemunham mudanças significativas nas suas carreiras como uma opção consciente e deliberada. Uma decidiu mudar de emprego e de profissão para conseguir acompanhar melhor o filho no seu percurso escolar: “Na altura que o meu filho ia para a primária, eu achei que ele iria necessitar da mãe, se calhar, um bocadinho mais disponível. (...) [o anterior] era um trabalho em que eu tinha horas de entrar e não tinha horas de sair” (E6). Noutro caso, uma situação de despedimento e a dificuldade em encontrar um novo emprego que lhe proporcionasse um horário de trabalho compatível com as exigências da via familiar ocasionaram a opção por deixar de trabalhar por conta de outrem e a tempo inteiro: “Tive uma conversa com o meu marido e decidimos os dois que eu ficava um ano, dois anos em casa com os meninos e ajudava-o na empresa [dele], (...) e estou com os meninos, a partir das quatro e meia sou mãe a tempo inteiro.” (E2).

Quanto à licença de maternidade, nem sempre a situação profissional das mulheres lhes permite o seu gozo pleno. Tal é o caso da entrevistada que trabalha

por conta própria e também de outra que ocupa um cargo de responsabilidade: “Ela tinha um mês e eu fui trabalhar. E fui com ela porque não tinha a quem a deixar. Era muito cedo e eu estava a amamentar, tinha leite, (...) portanto, levei-a comigo e foi difícil.” (E11); “esse é o problema das minhas licenças, não me consigo dedicar exclusivamente ao bebé porque me vão pedindo coisas do trabalho” (E7). Por outro lado, a ausência decorrente da licença de maternidade pode ter efeitos adversos quando se regressa ao local de trabalho: “Eu senti que tinha perdido o comboio em algumas coisas, havia outra dinâmica, as pessoas tinham outra relação (...) por isso eu caí um bocadinho de paraquedas, o que tenho agora não era o que tinha quando abandonei.” (E3).

A característica mais comum às entrevistadas é a secundarização não só do trabalho, mas da carreira profissional em favor da maternidade e do/a(s) filho/a(s), ou por causa dele/a(s): “O trabalho passou para segundíssimo, terceiro, quarto, plano.” (E9). Assim, quando confrontadas com a possibilidade, ou com a necessidade, de terem que escolher entre o tempo que dedicam ao/à(s) filho/a(s) e o que dedicam ao trabalho, as entrevistadas optam pelo/a(s) primeiro/a(s), mesmo que tal tenha implicações na sua capacidade financeira, prejudique a sua carreira profissional ou o seu tempo de descanso. Para as mulheres entrevistadas no nosso estudo, o seu papel de mãe surge, assim, como uma prioridade quando comparado com o seu papel profissional, mesmo quando investiram na sua formação académica até ao grau de Doutor:

“acabei por ter que abraçar a docência [por motivos financeiros], portanto, tenho essa sobrecarga e tento não ocupar os fins-de-semana com essas preparações [de aulas]. E deixá-las para a noite. (...) eu sei que às nove e meia eu tenho que trabalhar outra vez e só o faço quando eles estão a dormir e, portanto, as rotinas também servem para eu me organizar, para, por exemplo, trabalhar fora de horas no tempo em que eles estão a dormir.” (E7)

“Tenho andado outra vez um bocadinho mais sobrecarregada do que gostaria, este ano, [porque] comecei com um segundo emprego que não tinha, (...) e são dois dias inteiros que tinha livres e que passava mais tempo com os miúdos. Ponho-me assim a pensar ‘este ano, faz-me sentido eu estar a ocupar agora este tempo? É uma coisa que eu gosto de fazer, que me dá gozo em termos profissionais e assim, mas não estou a gostar de não estar com os miúdos’. Por isso estou assim a avaliar se faz sentido, se não, (...) prefiro ter menos dinheiro e ter mais tempo e prefiro não ter

empregada, mas estar mais em casa com os miúdos e poder ser eu também a cuidar das coisas deles e assim. E acho que tenho aquilo que é o mais importante” (E1)

“Eu não tenciono investir na carreira da mesma forma como investi até casar. Ou seja, prefiro estabilizar e dar prioridade à família. (...) eu tento encarar isto como um trabalho, existe vida para além disso.” (E3);

“Eu vejo o meu papel de maternidade como sendo o meu papel principal.” (E11)

Tal não significa que esta situação não possa evoluir e que, passados anos, estas mulheres não voltem a focar-se no trabalho ou a ter essa aspiração. Para algumas delas, isso pode ocorrer por uma tomada de consciência da limitação do seu papel de mães no que concerne à sua satisfação pessoal, até porque os filhos vão crescendo e, por isso, ganhando autonomia e exigindo menos dedicação da sua parte:

“O meu filho e a minha família são a minha prioridade se eu tiver que fazer escolhas, mas não me bastam. Houve uma altura em que eu achei que me bastariam, agora não, agora estou a tentar regressar a uma vida profissional mais satisfatória. Porque descurei-a muito, muito, nos últimos cinco anos.” (E9)

- *Conciliação da maternidade com outros papéis sociais*

A gestão dos vários papéis sociais das entrevistadas nem sempre é fácil para a maioria delas (O4Q3) e o papel de profissional parece ser o mais prejudicado, logo seguido do papel de filha e de esposa, em favor do papel de mãe. Os efeitos desta dificuldade nas entrevistadas são essencialmente negativos e elas referem sentir frustração, stress, irritabilidade, cansaço e preocupação. Simultaneamente, referem que as crianças também se ressentem do stress e da agitação dos Pais, bem como das mudanças de rotinas:

“Eu sobretudo nunca paro, mesmo a dormir, eu estou a dormir a correr. Eu acordo com a sensação de que corri uma maratona. Porque eu tenho que dormir rápido, aproveitar para dormir, porque depois às seis e meia estou outra vez acordada para começar a corrida toda outra vez. Eu sinto-me sempre a correr, o meu trabalho é muito corrido também, tem uma exigência muito grande, de imensas coisas para fazer e eu sinto que nunca descanso. Nunca respiro (...) realmente como é que os miúdos não hão de

ter stresse, são os pais que lhes impõem este stresse todo. E é horrível. Eles não têm que estar nesta correria, por isso é que se diz muitas vezes que os avós são maravilhosos porque eles têm tempo, têm calma.” (E12)

Modelos de maternidade.

- *As referências positivas e negativas*

As entrevistadas encontram nas suas próprias mães as suas principais referências (O4Q2), muito embora algumas delas tenham sido criadas, por indisponibilidade das mães, por amas, avós ou madrinhas, que também foram seus modelos. As suas sogras também são consideradas referências e os seus pais são referidos preferencialmente em parceria com as mães.

Estas referências têm aspetos positivos e negativos. Relativamente às dimensões positivas, a presença e a disponibilidade emocional são as mais valorizadas, mesmo na ausência física: “foram uns pais muito presentes a nível emocional, eram uns pais que quase todos os dias falavam comigo, queriam saber o que é que se passava, eu partilhava tudo” (E6). Outro aspeto positivo é a capacidade de conciliação das mães trabalhadoras, que também é considerado um exemplo a seguir: “a minha mãe já era, na altura, uma mulher trabalhadora e sempre conciliou isso de uma forma inacreditável, portanto é um modelo” (E4); “a minha mãe como modelo de maternidade de luta, de persuasão, de abrir caminho, de trabalho, de conseguir gerir tudo ao mesmo tempo” (E11). Em termos educativos, as entrevistadas valorizam positivamente o respeito que o(s) adulto(s) cuidador(es) tinha(m) por si, a abertura, a confiança e a capacidade de transmitir autonomia e responsabilidade, em detrimento do autoritarismo ou dos castigos, nomeadamente físicos:

“a minha mãe sempre teve a preocupação de nos educar com uma certa liberdade de escolha, nunca condicionou os nossos caminhos de forma autoritária, eu digo nossos, meu e do meu irmão. Ou seja, sempre nos deixou discernir por nós próprios (...) e portanto é um modelo de paciência, um modelo de resiliência, um modelo libertador e um modelo sempre de grande expectativa sobre nós, sempre e deixar-nos crescer do nosso modo, guiando-nos, nunca foi autoritária, nada disso, sempre estive ao nosso lado, sempre a apoiar, com referências morais seguras, mas sem dúvida que saliento o facto de ela nunca impor absolutamente nada, deixou-nos

crescer com uma certa liberdade, guiando-nos, porque ela esteve sempre lá, mas sem imposição” (E4).

Os aspetos considerados negativos (O4Q2) distribuem-se entre mães, pais, sogras, avós e irmãs e, entre as principais dimensões de comportamento que as entrevistadas rejeitam, encontramos o excesso de rigidez ou autoridade (E1: “o meu pai é completamente rígido, só regras e horários, tudo muito estruturado, sem espaço para se questionar coisa nenhuma e porque sim e porque sim”), a permissividade e desresponsabilização excessivas (E1: “A minha mãe é exatamente o oposto, é assim *laissez faire*, está-se bem, se vocês estão bem, está tudo bem, se não houver horários para as refeições, ou para acordar, ou para deitar, não tem mal, está sempre tudo bem, não se zanga assim com nada”), a dependência excessiva em relação aos/às filhos/as (E11: “eu acho que a minha irmã cometia muitos erros na educação do meu sobrinho porque, como mãe solteira, agarrou-se àquele filho quase como o mundo todo dela”) e a falta de tempo para estar e brincar com eles/as (E9: “os meus pais não tiveram, por razões várias, sobretudo porque estavam no trabalho e também porque acho que nem lhes ocorria, era uma vida muito diferente, nem lhes ocorria passar mais tempo connosco. E isso para mim também era óbvio que eu queria que fosse diferente.”).

Pontualmente, as entrevistadas referem o tratamento diferenciado dos/as filhos/as (E10), o recurso a chantagem emocional na interação com eles/as (E5), os castigos físicos (E7) e a indiferença afetiva (E6) como exemplos a que assistiram e que pretendem evitar.

- *Leituras e informação*

Todas as entrevistadas consultaram livros e/ou a internet para obterem informações sobre a gravidez, nomeadamente sobre como se desenvolve o bebé e o que acontece no seu próprio corpo durante a gravidez, para saberem como cuidar do bebé logo após o nascimento, sobre a amamentação e o sono e/ou sobre as etapas de desenvolvimento da criança nos primeiros anos e como verificar e/ou estimular o seu desenvolvimento. E todas as entrevistadas consideraram as suas leituras úteis, seja por se sentirem mais seguras nas suas novas tarefas por causa do que aprenderam (E1, E9, E12), porque podem ir verificando se o/a(s) filho/a(s) se

está(ã)o a desenvolver adequadamente por comparação com os conhecimentos que adquiriram (E3, E6), porque se sentiram capacitadas para contestar de forma fundamentada opiniões de terceiros (E1, E4, E7), ou porque aprenderam formas alternativas de educação (E5) ou de estimulação cognitiva (E3). Algumas salvaguardam, no entanto, as limitações desses materiais informativos e a necessidade de adaptar o que leram às suas próprias necessidades e às características do bebê, sendo que duas delas consideram que, na prática, as coisas funcionam de forma diferente do que está previsto nos livros:

“depois na prática eu acho que não servem para nada porque todos os bebês são diferentes, a gente tem é que perceber como é que aquele bebê funciona e como é que a gente consegue entendê-lo e corresponder e não há receitas, pelo contrário, esses livros são maus porque parece que há receitas, é ‘ah se ele não dorme assim, a solução mágica é fazer sei lá’, e depois a solução mágica que não funciona nada, então somos nós que estamos a falhar, não é?” (E1)

“Nos livros vem sempre assim uma parte mais... vem a teoria, não é? Mas na prática às vezes não acontece... a prática, a gente resolve no momento. Vou lá pensar o que é que o livro disse!” (E2)

- *Ser boa mãe*

De acordo com os seus discursos, as entrevistadas parecem querer ir mais além das ‘referências’ que as guiam, aprofundando a dedicação e o esforço de que foram alvo enquanto crianças e jovens e corrigindo, na sua atuação enquanto mães, o que, na sua opinião, foi menos positivo na sua própria educação (O4Q2).

No que concerne às Práticas, no sentido do cumprimento das necessidades básicas da criança (cf. Estudo 1), elas são referidas por apenas quatro entrevistadas, por vezes até com algum sentido de humor, como se de algo óbvio se tratasse: “Estou aqui a correr a lista dos básicos, da alimentação, tudo bem, estão alimentados [risos] Estão bem alimentados... (...) no dia a dia, acho que é o normal, mantê-los vivos [risos], que é muito importante” (E10).

Já as Atitudes, ou seja, a forma como a maternidade é ou deve ser desempenhada numa perspetiva ideológica (cf. Estudo 1), são a dimensão mais referida e parecem ser a preocupação central do seu desempenho. As entrevistadas tentam ser alguém com quem os filhos podem contar (E1), transmitir-

lhes autoconfiança (E9, E10), valores (E5, E7, E11), estar atentas aos seus problemas (E5, E12), não recorrer a castigos físicos (E7, E9), dar-lhes o seu tempo e disponibilidade (E2, E9, E19) e, finalmente, transmitir-lhes o seu exemplo (E5):

“porque ouço o meu filho, porque o respeito, ou seja, não acho nada que por ser um miúdo de 5 anos não é preciso respeitar o que ele pensa, o que ele sente, o que ele diz, os segredos que ele me pede, acho que sou boa mãe porque o respeito enquanto pessoa. Sei lá, respeito a vergonha dele, respeito que... que ele não queira dizer algumas coisas, que tenha preferências que não são as minhas. Porque é que eu sou uma boa mãe?... Porque eu transmito alguns valores que eu acredito que são importantes” (E9)

“Eu acho que tento eu ser melhor pessoa para eles também serem boas pessoas. E acho que é mais nisso, é nisso que eu acho que sou e tento ser boa mãe.” (E5)

“ser uma boa mãe é realmente estarmos disponíveis, mas com coração, é estarmos para eles, brincarmos com eles, e eu acho que eles precisam muito disso. (...) mas temos que estar disponíveis sem estarmos contrariadas porque eu acho que isso eles notam” (E2)

Ser uma boa mãe é algo que metade das entrevistadas afirmam fazer com esforço e dedicação, dando “o seu melhor” (E5, E6, E9) e, se não fazem mais, é porque não sabem o quê ou como (E5, E6) ou porque efetivamente não conseguem (E12). Este desempenho da maternidade dá prioridade àquilo que as entrevistadas creem ser a necessidade e o interesse dos/as filhos/as, por vezes com sacrifício das suas necessidades e interesses pessoais:

“Eu viro a minha vida do avesso para poder estar com eles e para poder estar presente (...) eu posso não estar muito tempo com eles, mas o tempo que estou, sou só e faço o que eles querem e [que] seja um tempo de qualidade, por isso custa-me tanto trabalhar depois das nove e meia da noite, depois eu adormeço em cima da mesa, mas também não o faço quando estou com eles. Então, ao fim de semana, às vezes penso: ‘eu devia era estar a trabalhar, porque isto vai-me custar, isto vai-me sair do corpo’, mas não, pronto, o fins-de-semana é deles.” (E7)

“eu ponho-me sempre em segundo lugar em relação a elas, coisas tão simples como ‘gostava muito de ir ao ginásio’, mas para eu ir ao ginásio, a Marta tinha que sair da dança, nem pensar, nem sequer pondero.” (E12)

Quando são questionadas sobre como poderiam ser melhores mães, as entrevistadas referem sobretudo a necessidade e o desejo de terem mais tempo e disponibilidade para os/as filhos/as (E1, E3, E8, E9, E11, E12), que por vezes está diretamente associada ao stress diário e consequente falta de paciência (E2, E4, E7, E9, E11), o que leva a uma perceção de menor autoeficácia e a alguma culpabilização.

“Só não sou boa mãe, às vezes, ou menos boa, tendo em conta que, às vezes, a pressão, o dia-a-dia nos leva a não estar tão disponíveis. Quando eu digo tão disponíveis não é sentar-me e brincar com eles é, às vezes nas nossas atitudes, em certas alturas, e só passado o erro é que nós refletimos. Em certas alturas gostava de ser mais paciente, menos ríspida, mas às vezes é inevitável, tanta pressão do dia-a-dia leva-nos às vezes a cometer esses erros e depois levam a uma avaliação menos positiva da nossa parte. Quando isso acontece e acho relevante, também falo com eles e peço-lhes desculpa ou tento-lhes explicar porque é que reagi daquela maneira...” (E4)

As entrevistadas têm a recompensa e o retorno da sua dedicação aos/às filhos/as e ao papel de mãe quando olham para eles/as e os/as veem felizes (E3, E7), quando eles/as retribuem o seu afeto e valorização (E4, E6, E7, E11) e também pelo reconhecimento de terceiros (E7, E11)

“teres a tua filha a dizer-te: ‘mãe amo-te muito, és a melhor mãe do mundo!’, dá-nos uma sensação de que, pelo menos, aquilo que estamos a fazer está no bom caminho” (E11)

“Pelo feedback que tenho dos meus filhos, acho que é uma boa forma, são crianças felizes, que transmitem felicidade, por isso, vê-se que é uma felicidade genuína e que são muito carinhosos e atenciosos e veem os pais como os ídolos (E3)

- *Críticas ao seu comportamento enquanto mãe*

Apenas uma entrevistada não se recorda de alguma vez ter sido criticada enquanto mãe. Todas as outras foram alvo de opiniões, acusações ou reparos na sua atuação relativamente ao cuidado, ao tempo que dedicam ao/à(s) filho/a(s), aos sentimentos que demonstram ou à educação que lhe(s) dão:

“Lembro-me de ser criticada, lembro-me de um comentário irônico da minha mãe, logo nos primeiros meses, sobre a rigidez das rotinas do meu filho (...) a família, que olhava assim um bocado de lado para esta questão das rotinas, assim quase como se eu fosse fanática...” (E9)

“‘parece que abandonas a tua filha’, eu não abandonava a minha filha, eu deixava-a com alguém que eu achava que estaria a cuidar dela para eu poder ir trabalhar e não para eu poder ir passear” (E11)

“a Marta passou um bocado muito mau, foi a minha mãe que morreu e eu passei um bocado mal. É que era influências da mãe, que a mãe não sabia separar as coisas, ou seja, eu não tinha que chorar em frente à Marta, não tinha que estar triste em frente à Marta, que se ela era assim a culpa era minha” (E12)

“Sim, isso eu sinto, sistematicamente, eu acho que isso é muito usual na nossa sociedade. Sim, as crianças nunca estão como deviam e, portanto, a culpa é sempre das mães. E ainda por cima, o modelo de criança que é valorizado hoje em dia é assim uma coisa irreal. (...) aquilo que se chama de uma criança bem-educada, para mim, não é normal. Uma criança tem que estar completamente submissa e muito de uma obediência extrema. Não tem nada a ver com os valores em que eu acho que fui educada e que eu valorizo. (...) e então acabo por sentir muito esses discursos de crítica, que os meus filhos não são suficientemente conformes e formatados.” (E1)

Apesar do desconforto, da mágoa ou, por vezes, de alguma revolta, as entrevistadas afirmam que conseguem superar as críticas de que são alvo sem que se sintam mal, por acreditarem que estão a fazer o melhor que sabem e conseguem:

“acharem que eu era má mãe porque a deixava lá, isso foi muito difícil para mim gerir. Até que eu percebi que isso não era verdade e tinha a perfeita consciência de que isso não era verdade. Mas foi difícil.” (E11)

“inicialmente eu ficava muito magoada, ficava até revoltada, agora não quero saber, as pessoas não sabem a minha vida, não sabem como é que as coisas são realmente” (E12)

“A pediatra (...) disse, quando lhe deu alta no hospital, ‘não vai continuar a dar-lhe a comida toda perfeita e disfarçar até ele se casar’. E eu disse ‘pois não, mas eu tenho que ter vida e, como deve imaginar, a rotina do dia a dia não é fácil, forçá-lo a comer é estar até às 10 da noite, como já estive, para que ele coma e, provavelmente, não comer, e zango-me eu e zanga-se ele e eu não vou fazer isso diariamente, tenha lá paciência!’. E encaro bem este tipo de críticas porque só quem passa pelas situações é que...” (E3)

Expectativas, realidade, surpresas e aspirações.

Na resposta à nossa última questão de investigação (O4Q4), pretendemos perceber que expectativas tinham as entrevistadas relativamente à maternidade e se elas se concretizaram na realidade que vivem atualmente. Questionámo-las também sobre o que mais as surpreendeu no projeto de serem mães e o que gostariam que fosse diferente nas suas vidas, como forma de validar a sua satisfação ou insatisfação neste papel.

Apenas duas entrevistadas referiram não ter quaisquer expectativas iniciais relativamente à maternidade (E5 e E10). Entre as restantes, umas falam em expectativas positivas, outras em expectativas negativas e, outras, em ambos os tipos em simultâneo:

“a minha expectativa era eu poder ver crescer um ser e acompanhá-lo e partilhar com ele a minha vida, as minhas felicidades, tristezas, preocupações, tudo isso. Agora... era muito pouco concreto, porque não sabia muito bem o que é que era, como quantificar” (E3)

“a ideia de ser mãe era uma ideia que me preenche, que eu sempre achei que me ia preencher, eu precisava disso, para ser total tinha que ser mãe” (E7)

“é sempre um sentimento paradoxal entre o sofrimento por antecipação, achando que pode acontecer alguma coisa que ponha em causa o crescimento regular dos filhos, portanto, é esse sentimento sempre, uma expectativa mais negativa, digamos assim” (E4)

“Eu achava que ia ser muitas noites perdidas, achava que ia ser eu a desesperar com o cabelo em pé...” (E6)

As expectativas das entrevistadas também podem ser consideradas mais ou menos realistas e concretas, tendo em conta a experiência prévia de que elas dispunham na interação com crianças:

“eu sempre soube que conseguiria fazer o papel da maternidade. Porque é assim, além de eu ter ajudado muito a criar os meus sobrinhos, (...) eles passavam as férias todas comigo enquanto a minha irmã estava a trabalhar (...). Para além disso, na minha profissão eu lido com crianças desde os dois anos e, portanto, eu sempre soube que ser mãe não seria algo muito difícil para mim.” (E11)

“o primeiro ano foi muito difícil porque não tinha contacto com crianças e também, confesso, não procurava esse contacto.... e, portanto, não sabia” (E10)

Ainda quanto às expectativas, metade das entrevistadas (E1, E2, E5, E6, E7 e E12) sentiu-se duplamente surpreendida no desempenho da maternidade, tanto pela positiva como pela negativa. Para quatro delas (E3, E4, E9 e E11), a realidade superou positivamente todas as expectativas que tinham e apenas uma (E8) confirmou as suas expectativas negativas e considera que a sua vida mudou consideravelmente para pior.

A exequibilidade da tarefa de ser mãe, o carácter único da experiência, os sentimentos que o/a(s) filho/a(s) lhes despertam e que sente(m) por elas, a formação de um outro ser humano a cujo desenvolvimento se assiste de perto, a descoberta de competências pessoais que até ali não tinham ou desconheciam, são as surpresas apontadas como sendo mais positivas e compensadoras da maternidade pelas entrevistadas. Por outro lado, as surpresas negativas prendem-se com as dificuldades do puerpério (incluindo as mazelas físicas do parto, a amamentação e os problemas de saúde do recém-nascido), a perda de liberdade pessoal, o peso que as decisões que se tomam têm na vida do/a(s) filho/a(s) e o medo de, por algum motivo inesperado, fragilizar o bem-estar do/a(s) filho/a(s). Duas das entrevistadas revelaram terem sido surpreendidas por um sentimento (ou pela ausência dele) que as preocupou e que, inicialmente, não partilharam nem com a família nem com os/as amigos/as por se acharem não conformes com o que era esperado delas. Este sentimento está ligado às expectativas do que se sente relativamente aos/às filhos/as mal eles/as nascem e que decorre do que é social e culturalmente transmitido sobre isto:

“quando a Marta nasceu eu comecei a ficar um bocado preocupada porque eu pensava ‘ai meus Deus, eu não estou a sentir nada do que aquelas pessoas... [disseram] que eu tenho que sentir!’. E não falei disso com ninguém, falei depois uns meses mais tarde. (...) eu acho que eu não tive tempo para sentir o que essas pessoas diziam que é suposto sentir-se. Tudo o que é suposto, para mim era um bocadinho diferente e... e só falei disso mais tarde, até com amigos e com amigas grávidas, ‘não te preocupes se não sentires nada quando ele nascer, é tanta emoção junta, tanto nervosismo, tanto medo, tanta coisa que, pronto’. (...) custou-me a

apegar-me a ela. Não era apegar-me, era aquela coisa que vem de dentro, não senti isso. (...) eu achei que não era normal, toda a gente me dizia o contrário.” (E12)

“É um amor que vai crescendo porque no princípio é muito trabalho e pouco retorno. (...) Como não tinha expectativas e as que tinha eram criadas por opiniões de pessoas que na altura também tinham acabado de ter os filhos ou tinham filhos pequenos, e tive casos particulares que são aquelas mães extremamente deslumbradas com os filhos desde o primeiro momento em que eles nasceram, influenciaram muito aquilo que eu achava que iria ser, e os outros eram pais que tiveram sempre pouco trabalho, na educação, no tratamento, não tanto na educação mas no tratamento e, portanto, a minha expectativa é de que seria muito mais fácil. Não tendo nunca criado muitas expectativas, achava que iria ser muito mais fácil. Talvez daí a minha dificuldade inicial. Como eu não estava preparada, foi mais difícil.” (E10)

Apenas uma entrevistada referiu, com alguma dificuldade e como surpresa negativa, o facto de o seu papel de mãe ter posto em causa as suas aspirações enquanto mulher e enquanto profissional:

“Principalmente pelo facto de sentir que, como pessoa, eu deixo de existir. De repente... absorve tantos aspetos que... sim, as expectativas, as coisas que eu queria, desejos, qualquer coisa, sinto que foi absorvido, não tenho tempo, e porque não sei, não sei explicar muito bem mas, sinto mais isso que o principal foi... de repente sou a mãe de não sei quê e isso faz-me um bocadinho de confusão (...). Já aceitei o facto de, enfim, não vale a pena estar a olhar para uma bolsa para ir um ano para fora porque não vou com toda a certeza... já aceitei, mas, às vezes ainda sonho um bocadinho, como é que eu conseguiria fazer isso, enfim. (...) custa um bocadinho, de repente ver, porque sempre foi... porque há situações como essa que já não são possíveis de fazer. Não, não é com arrependimento, não, aceito, são opções, mas é estranho... Isso, como é que nós olhávamos para os nossos pais, são só os nossos pais, não são pessoas e... talvez sinta isso que... neste momento... os meus filhos olham para mim só como mãe” (E10)

- *Aspirações de mãe*

Quando questionadas sobre o que gostariam que fosse diferente nas suas vidas, a resposta mais comum das entrevistadas reflete a falta de tempo que as penaliza na gestão do quotidiano e na dedicação ao/à(s) filho/a(s). Assim, gostariam de ter mais

tempo disponível, sendo que, para isso, o tempo que dedicam ao trabalho seria o primeiro a ser reduzido:

“eu aceitaria, (...) trabalhar menos 5 horas, recebo menos 5 horas em proporção, não hesitaria. Porque, realmente, perde-se em parte financeira, mas ganha-se em tudo o resto, lá está, uma tarde não tem grande impacto, (...) se fosse uma tarde eu acho que valia a pena o sacrifício ou o pequeno esforço. (...) ter mais tempo para os meus filhos, sem dúvida, para os conseguir apoiar mais, sobretudo nesta fase de infância.” (E3)

“Mas era para poder ter mais tempo para eles. Para não ter que trabalhar, se calhar se tivesse mais dinheiro, não tinha dois empregos. Provavelmente não, apesar de gostar muito das coisas que faço, (...) se calhar era muito mais feliz e não tenho tempo. (...) se eu pudesse trabalhar menos e ir buscá-los mais cedo. (...) Eu adorava ter muitos mais dias de férias para poder estar com eles, para poder fazer mais férias com eles, acho que é muito pouco.” (E7)

“Mas tempo no top, e a seguir o tempo, e a seguir o tempo, e a seguir o tempo. (...) Precisava de tempo para mim... (...) o meu ideal era continuar a trabalhar com o meu horário que eu tinha na altura na redução da amamentação, tinha as duas coisas, tinha é que ganhar o que ganho lá. Senão não compensava. Porque trabalhava e tinha tempo em casa, dava para fazer as duas coisas.” (E12)

A estabilidade profissional e respetivo retorno financeiro também são preocupações de algumas das entrevistadas (E1, E5, E9 e E12) e apenas duas delas afirmam que só trabalham porque precisam do dinheiro que recebem (E5 e E10). As restantes aspirações dispersam-se pelo desejo de ter mais dinheiro para poder realizar mais atividades com os/as filhos/as (E7), que o pai seja mais presente para acompanhar melhor o crescimento dos/as filhos/as (E2), de ter apoio familiar para aliviar a dependência entre Pais e filho (E9), de ter mais um/a filho/a (E3, E9) e que o filho fosse uma criança mais fácil (E8). Duas entrevistadas sentem-se realizadas e felizes com a vida que têm e, por isso, não manifestaram qualquer aspiração (E2 e E6).

As aspirações e frustrações mais pessoais manifestadas pelas entrevistadas surgiram apenas quando questionadas sobre como imaginam que será o seu futuro. A disponibilidade para viver mais plenamente a relação marital e a vida

profissional surgiram então como projeções, que foram adjetivadas como sendo “egoísta”, no primeiro caso, e “condicionada”, no segundo:

“poder ir jantar fora de vez em quando, sem os filhos, que me perdoem, mas filhos pequenos não são nada boa companhia num restaurante (...). No futuro, gostava de ter mais tempo para mim e para o casal também, e se fosse mesmo sonho, gostava de fazer férias sem os filhos. Uma semaninha sem os filhos [risos] isso era um sonho, mas... são tudo coisas muito egoístas (...) Eles que me perdoem [risos] mas sim... é, tempo e fazer umas coisas sem eles.” (E10)

“não sei o que vai ser a minha vida daqui para a frente, neste momento estou um bocadinho condicionada ao facto de ter três filhos e de não poder fazer muito mais para... para sair desta situação que tenho atualmente. (...) eu não estou a fazer nada para o qual fui formada. Nas áreas em que estou a trabalhar não tenho formação. E às vezes eu penso, se um dia eu sair desta empresa, na minha área de formação eu já estou completamente desatualizada (...). E queria fazer formação e ter ferramentas para fazer outra coisa se quisesse e eu não tenho qualquer hipótese, nem económica nem em termos de tempo para fazer formação. Que é o que eu acho que me está a faltar. E noto que estou um bocadinho estagnada nisto. Não é que eu me chateie muito, quer dizer, chateio-me por uma questão de realização. Eu, enquanto era estudante, eu era muito boa aluna, fui a segunda melhor aluna do meu curso, tinha expectativas altas, já no secundário era assim, gostava muito de estudar, e a vida não correspondeu a este esforço e agora se quisesse fazer alguma coisa, que também não tenho a certeza se quero... não consigo. Eu nem sequer penso se quero ou se não quero porque sei que não dá.” (E12)

Conclusões do Estudo 4.

A principal conclusão deste estudo é o facto de todas as entrevistadas terem como guia da sua orientação enquanto mães o modelo de maternidade intensivo proposto por Elliott, Powell e Brenton (2015). Esta conclusão pode ser verificada em diversos momentos do seu discurso, nomeadamente e em primeiro lugar pela forma como escolheram a ocasião em que quiseram ser mães. Ou seja, à exceção da E1, cuja primeira gravidez não foi planeada (mas a segunda e a quarta foram-no), todas referem ter planeado ser mães em momentos de maior estabilidade profissional e financeira, ou de maior disponibilidade de tempo, no caso das que estudavam. Além disso, a procura e recurso a informação sobre os cuidados a ter com o bebé e sobre o desenvolvimento da criança são igualmente indicadores do modelo intensivo, que

pressupõe a orientação do desempenho materno por peritos, muito embora estas mães façam, na prática, uma utilização diferenciada das “receitas” que lhes são propostas.

Igualmente, para as entrevistadas a quem tal foi possível, o horário de trabalho ou a situação profissional foram alterados no sentido de criar uma maior disponibilidade para acompanhar o/a(s) filho/a(s), renunciando, por vezes, ao seu projeto profissional e dando prioridade ao seu papel enquanto mães. A conciliação da maternidade com o projeto profissional ou académico foi sempre ponderada. O desinvestimento no trabalho ou a indisponibilidade para ele são uma constante, por vezes uma opção consciente. As circunstâncias laborais são diversas e têm efeitos práticos no bem-estar das mães pelas facilidades e/ou dificuldades que lhes colocam à gestão desta conciliação com a vida familiar. A nossa amostra permite concluir que uma maior flexibilidade do horário de trabalho tem um efeito positivo na gestão do quotidiano, e também permite às mães passar mais tempo com os filhos, como tanto desejam e consideram necessário.

A participação do pai nas tarefas domésticas e nos cuidados com o/a(s) filho/a(s) é uma constante entre as entrevistadas, à exceção da E2, o que nos permite questionar, até certo ponto, o modelo tradicional de divisão das funções familiares entre os elementos do casal apresentado por Parsons (2002). No entanto, esta partilha não ameniza o modelo intensivo, que absorve o pai na sua lógica de priorização do/a(s) filho/a(s), das suas necessidades e do seu bem-estar, e transforma-se num modelo de parentalidade intensivo, em conformidade com os resultados obtidos no Estudo 3, como sugere Hays (1996).

A falta de controlo sobre os horários de trabalho e as exigências do quotidiano familiar, agravadas pelo número ou personalidade do/a(s) filho/a(s) e pela ausência de rede de apoio familiar tornam a vida das mães cansativa e induzem sentimentos de angústia, de baixa autoconfiança e de baixa autoeficácia. As mães consideram-se boas mães por cumprirem (ou tentarem cumprir) os parâmetros do modelo de maternidade intensivo já identificados: a centralidade e priorização dos/as filhos/as, a disponibilidade, o amor. A evidente felicidade, reconhecimento e devolução de afeto por parte dos/as filhos/as, e as observações de terceiros relativamente à sua “boa educação” são as recompensas que estas mães recebem pelo esforço que fazem.

As aspirações das entrevistadas dividem-se entre terem mais e melhores condições para prosseguir o modelo intensivo de maternidade tal como o idealizam, e terem mais e melhores condições para investir em si próprias, na sua vida profissional e conjugal. Neste caso, tal ambição pode ser considerada compatível com um modelo de maternidade extensivo (Christopher, 2012) ou negociado (Badinter, 2010), mas no momento é considerada “egoísta” pelas próprias, ou adiada para uma fase em que o/a(s) filho/a(s) já será(ão) mais autónomo/a(s). Efetivamente, o autocuidado das entrevistadas é visto como uma impossibilidade, como se os seus desejos pessoais fossem considerados ilegítimos pelas próprias, que interiorizaram a “nova moralidade” da parentalidade sugerida por Swigart, (1992) sem a questionar (Thurer, 1994) e, por vezes, criticado por quem lhes é próximo sempre que isso, aparentemente, põe em causa o modelo intensivo que coloca o interesse da criança acima do da mãe.

Por fim, é interessante constatar que nem todas as entrevistadas ponderavam ou queriam ser mães, mas sentiram-se pressionadas pelas expectativas sociais que sobre elas recaíram, inclusivamente por parte dos maridos. Além disso, as expectativas que tinham da maternidade nem sempre eram realistas e o confronto com a dureza da realidade foi, nalguns casos, surpreendente (Birns & Hay, 1988). Tal como verificámos no Estudo 2, o discurso social que rodeia as mulheres só refere o lado positivo da maternidade e aqui encontramos novamente o ressentimento de não se preparar as mulheres que querem ou vão ser mães para as dificuldades que vêm (ou podem vir) associadas a este papel: a dificuldade da gestão diária decorrente da falta de tempo para atender a todas as solicitações que os seus vários papéis lhe exigem, o consequente cansaço, a aleatoriedade das características dos/as filhos/as e o grau de exigência das suas idiossincrasias, a invisibilidade e secundarização das suas necessidades e desejos, a importância de uma rede social de apoio, a falta de compreensão e apoio logístico das várias instituições sociais, públicas e privadas, a culpabilidade autoinduzida e a crítica quando não agem ou sentem conforme o socialmente esperado.

Por outro lado, algumas entrevistadas conseguem viver efetivamente a maternidade de uma forma que as realiza completamente, o que confirma a sugestão de Monteiro (2005) de que este é um conceito que deve ser encarado no plural: maternidades.

Conclusões finais e discussão

CAPÍTULO IV

Conclusões Finais e Discussão

A hegemonia do modelo de maternidade intensivo.

A investigação efetuada nos vários estudos apresentados indica a hegemonia de um modelo de maternidade intensivo (Elliott, Powell & Brenton, 2015) na sociedade portuguesa que é veiculado e promovido nos sítios portugueses da rede social *Facebook* (cf. Estudos 1 e 2) e na revista P&F (cf. Estudo 3), e implementado pelas mães com formação académica de nível superior que entrevistámos (cf. Estudo 4).

Na revista P&F, o modelo de maternidade intensivo é mais expressivo em diversos aspetos. Por um lado, valoriza o papel dos pais na educação dos/as filhos/as mas, ao adotar uma linha editorial que, mais do que informativa, quer ser pedagógica e formativa sobre o “adequado” desenvolvimento da criança, orienta ambos os Pais sobre a forma “correta” de pensar, agir e sentir, criticando-os pelos seus “erros” e condicionando-os a assumir um modelo de parentalidade intensivo no qual a criança, o seu bem-estar e as suas necessidades emocionais estão sempre em primeiro plano. Aliás, o próprio subtítulo da revista, “Só o instinto não chega”, é, por si só, revelador de toda uma ideologia que ignora contextos e questiona a competência dos Pais. As numerosas críticas de que são alvo e as orientações que lhes são dadas são legitimadas por estudos científicos e pareceres de técnicos que se dedicam à infância. Efetivamente, parece que vários “profissionais da infância” ditam as funções e competências dos Pais, tentando regular as suas ações, como se a formação e a socialização da criança não fossem o resultado da conjunção de inúmeros agentes socializadores para além dos Pais e que nem sempre estes conseguem controlar. Este poder agora detido por estes profissionais baseia-se no medo incutido aos Pais de que as suas escolhas e ações tenham consequências indeléveis no futuro e felicidade do/a(s) filho/a(s) (Spence, 2013), responsabilizando-os/as – e culpabilizando-os/as.

Como vimos, o modelo de maternidade intensivo caracteriza-se pela centralidade da criança e do seu bem-estar. Baseia-se no conhecimento científico mais recente sobre o desenvolvimento na infância e é veiculado de diversas formas

no sentido de orientar as atitudes (prevalência da vinculação mãe-criança, dedicação à criança, desenvolvimento e estimulação da criança), sentimentos (amor maternal, realização pessoal pela maternidade) e práticas (afetação de recursos exclusivamente à criança) (cf. Estudo 1) dos Pais. Mas esta mensagem é sobretudo dirigida às mães, exigindo delas um grau de desempenho que pode ser difícil de alcançar, nomeadamente quando não se dedicam aos/às filhos/as a tempo inteiro, como é o caso da maioria das mães portuguesas, que exercem uma atividade profissional.

A forma como a maternidade é encarada e vivida pelas mães portuguesas estará indelevelmente ligada às exigências que este modelo lhes coloca e que são legitimadas pela abordagem científica da infância. A adesão a este modelo, a par da tentativa de prossecução dos seus projetos profissionais e de suprimento das necessidades financeiras da família, poderá ter efeitos nos índices de natalidade, que têm diminuído de forma consistente nas últimas décadas nas sociedades ocidentais e também em Portugal.

As diferenças de género.

As tradicionais assimetrias de género na parentalidade e na família permanecem (Parsons, 2002; Parister, 2016; Oprea, 2016) e as principais responsabilidades pelas práticas de cuidado com os/as filhos/as ainda são atribuídas à mãe, por um lado, e assumidas por ela, por outro, numa clara interiorização das expectativas sociais e culturais que sobre ela ainda recaem. A assunção do papel de cuidadora principal por parte da mãe é evidente nos vários estudos que constituem este projeto: as mães constituem a grande maioria dos utilizadores dos grupos e páginas do *Facebook* dedicados ao tema (cf. Estudos 1 e 2), as diferenças de género na parentalidade estão reproduzidas e são reforçadas na revista P&F pela forma diferenciada como mães e pais são descritos e aconselhados em alguns artigos (cf. Estudo 3) e, entre as mães entrevistadas, há relatos de mudanças de profissão e de condicionamento e abdicação de projetos de carreira em favor da maternidade, mas não há registo de que tal tenha acontecido com os pais (cf. Estudo 4). O modelo intensivo prevalece quer se fale de mães trabalhadoras ou de mães a tempo inteiro. Os níveis de exigência relativamente ao desempenho materno

mantêm-se, independentemente da sua posição face ao trabalho (cf. Estudo 1) e do papel do pai (cf. Estudo 4), cuja participação ativa não constitui um alívio efetivo dos cuidados e educação da criança.

O modelo de maternidade intensivo está associado a uma visão tradicional do papel da mulher que se manifesta de forma desconcertante no Estudo 3. Os poucos artigos da revista P&F dirigidos diferenciadamente às mães e aos pais assumem que a mãe é a cuidadora principal da criança no que concerne às práticas de cuidado e, além disso, abordam a vida profissional dos pais como sendo mais importante e digna de registo do que a das mães. A prioridade da P&F parece ser permitir que os/as leitores/as se identifiquem com o que leem e se reconheçam nessa divisão de responsabilidades e tarefas familiares, mais do que ser um agente de mudança ou um instrumento de apoio às políticas que pretendem atenuar as diferenças de género nas responsabilidades parentais, em linha com as recentes mudanças legislativas que alargaram o período da licença parental (Demarest & Garner, 1992).

Ainda na revista P&F, a apresentação de várias formas de viver a paternidade e a apreciação indiferenciada da legitimidade de todas elas realça as várias opções que os homens podem fazer ao assumir o papel de pai. Se reflete a pluralização de caminhos que a nova legislação sobre a licença de paternidade ainda permite, segundo Wall e Leitão (2017), acaba por não promover especificamente uma "nova paternidade" mais igualitária (Gregory e Milner, 2011). Tal pluralidade nas formas de viver a parentalidade não está presente nos discursos dirigidos às mães. A par desta aparente tolerância para com os pais, a forma como eles são aqui criticados nas suas ações supostamente erradas e depois ensinados a conhecer e a relacionar-se com os/as filhos/as evidencia a sua incompetência. A revista P&F parece ter como objetivos ensinar aos pais as suas tarefas enquanto tal e encorajá-los a fortalecer os laços com os/as filhos/as, como se a paternidade fosse um conceito ainda em construção. No entanto, fá-lo assumindo que eles são companheiros de brincadeiras, e não cuidadores. Já as mães, são orientadas nas suas ações e sentimentos na interação com os/as filhos/as desde a década de 1950 pelas teorias da vinculação.

No Estudo 4, as diferenças de género surgem de forma mais atenuada. Os relatos de partilha efetiva de cuidados dos/as filhos/as são frequentes e, em mais

do que um caso, mãe e pai revezam-se e apoiam-se mutuamente nas tarefas familiares. No entanto, são igualmente frequentes as situações em que as mães, por iniciativa própria, secundarizam e/ou adiam os seus projetos profissionais em favor do seu projeto de maternidade, pondo em causa o investimento que fizeram na sua formação académica e a sua carreira. Para além de o mercado de trabalho não ser sensível ao tempo que as mães (e os pais) precisam para levar a cabo de forma tranquila a vida familiar que desejam, com tempo e com retorno financeiro que lhes permitam conciliar de forma satisfatória ambas as atividades, as próprias mães também chamam a si a necessidade de estar presentes e de priorizar a família face ao trabalho.

O modelo intensivo de maternidade não é questionado, nem mesmo quando o cuidado é partilhado com o pai – que prontamente é integrado numa forma de paternidade também ela intensiva. As mães questionam-se a si próprias e questionam as condições que lhes são dadas ou que conseguem negociar. Já o cuidado e o tempo que os/as filhos/as lhes exigem não é negociável nem pode ser delegado noutro adulto, e o modelo extensivo de maternidade para elas não parece existir.

As consequências do modelo intensivo de maternidade.

Filhos/as: quando e quantos/as.

Uma das consequências da hegemonia do modelo de maternidade intensivo é a decisão do momento em que as mulheres decidem ter filhos/as. As expectativas sociais quanto às exigências do papel materno têm efeitos nas expectativas das próprias mães quanto ao seu desempenho, disponibilidade e recursos: isso condiciona-as a esperar por estabilidade profissional e financeira antes de tomar a decisão de ter filhos/as, conforme verificado nos discursos das mães do Estudo 4. Essa espera é, contudo, condicionada pela idade fértil das mães, o que torna a “janela de oportunidade” por vezes demasiado curta e impeditiva de uma prole mais alargada.

O desejo de ter mais filhos/as é também coartado pelo contexto económico-financeiro e profissional das mulheres, cujos horários de trabalho não facilitam a

gestão da vida familiar e cujos níveis de remuneração não permitem arcar com a despesa que mais uma criança implica. Além disso, as exigências do modelo de maternidade idealizado e implementado pelas mães também se revelam incompatíveis com a prossecução de uma vida profissional satisfatória, o que nos faz olhar com outros olhos a “contradição cultural” identificada por Hays (1996). Numa época em que os índices de natalidade são dos mais baixos da Europa e não asseguram a substituição das gerações, a sociedade não só não deveria ser indiferente ao desejo, considerado inviável, das mulheres que querem ter mais filhos/as, como deveria apoiar tal desejo, criando condições que permitissem a sua concretização.

Os sentimentos das mães e o seu bem-estar.

A hegemonia do modelo de maternidade intensivo tem igualmente consequências no bem-estar das mães e no seu discurso sobre os sentimentos que a maternidade lhes provoca. No Estudo 2, verificámos que os seus sentimentos positivos, considerados expectáveis, desejáveis e normativos e, por isso, promovidos, são publicamente partilháveis e efetivamente partilhados. No entanto, a maternidade também induz sentimentos negativos, diferenciáveis conforme os motivos que os provocam.

Os sentimentos negativos das mães podem ser divididos em sentimentos *divulgáveis* e *ocultos*. Os sentimentos negativos divulgáveis referem-se às exigências do modelo de maternidade intensivo, difíceis de alcançar, mas nunca questionadas: dúvida, preocupação, medo, culpa. Estão relacionados com a ansiedade de desempenho e com esforço da mulher para ser uma “boa” mãe, não prejudicar de alguma forma o presente ou o futuro do/a(s) filho/a(s) e fazer corretamente o que é socialmente esperado e por si desejado. No *Facebook*, estes sentimentos são expressos principalmente em sítios normativos (cf. Estudo 2), são reconhecidos na revista P&F (cf. Estudo 3) e foram referidos pelas mães entrevistadas (cf. Estudo 4). O elevado desempenho que o modelo de maternidade intensivo exige às mães provoca nelas perceções de baixa autoeficácia e tem efeitos nefastos no seu bem-estar (Thurer, 1994).

Os sentimentos negativos designados como ocultos surgem de um conjunto de mudanças inesperadas nos corpos e vidas das mulheres, com consequências para o seu bem-estar físico e mental, sobre as quais as pessoas não falam abertamente (cf. Estudos 2 e 4). A ausência do amor imediato pelo/a(s) filho/a(s) após o nascimento também é encarada com estranheza e preocupação e partilhada apenas em círculos restritos (cf. Estudos 2 e 4). Efetivamente, as mães temem expressar publicamente o desconforto em relação a questões sobre maternidade e revelam-no tendencialmente fora do alcance do escrutínio público, como se fossem temas desviantes ou um desvio expresso da norma, numa clara estigmatização de alguns dos sentimentos negativos associados à maternidade. O ressentimento em relação à falta de informação sobre as dificuldades inerentes à maternidade foi patente nos Estudos 2 e 4 e demonstra que as mulheres não foram preparadas para este tipo de sentimentos e situações. A liberdade de partilha destes sentimentos no grupo fechado alternativo analisado do Estudo 2, o alívio que as mães sentem ao saber que não são as únicas a sentir o mesmo e o apoio que recebem nestas circunstâncias comprovam a necessidade de tornar estas situações mais visíveis, previsíveis pelas mães e aceitáveis socialmente (Gross, 1997).

Implicações para a prática.

Apesar de socialmente se considerar que quando uma mulher tem um/a filho/a, ela passa a ser mãe, a forma como esse papel é vivido (ou partilhado ou delegado noutrem) depende de ditames culturais, fatores socioeconómicos, das capacidades emocionais das mães e dos conhecimentos correntes sobre o cuidado das crianças (Swigart, 1992). Esta abordagem corrobora a nossa perspetiva de que a maternidade pode pautar-se por uma diversidade de modelos e essa diversidade pode resultar não só das características de personalidade e história de vida da mãe, como das características da criança e ainda do contexto social e cultural em que ambas vivem. A noção de diversidade cultural deve aplicar-se não só a diferenças significativas entre povos, mas também a diferenças dentro de uma mesma sociedade, nomeadamente entre classes sociais ou grupos socioculturais que partilham o mesmo espaço geográfico. Neste sentido, consideramos pertinente não

só a coexistência e legitimidade de modelos de maternidade diversos, decorrentes dos vários fatores aqui expostos, mas a sua valorização.

Além disso, a promoção de um modelo de maternidade menos intensivo – um modelo extensivo (Christopher, 2012) ou negociado (Badinter, 2010), não apenas centrado na criança, mas mais dedicado também às necessidades e ao bem-estar das mães (logístico, físico, emocional...) e, por isso, mais equilibrado, onde o cuidado e a educação são tarefas compartilhadas com outros adultos e não apenas da responsabilidade principal da mãe – podem transformar a maternidade numa experiência que causa menos ansiedade e requer menos esforço. Não basta, porém, propor às mulheres outra(s) forma(s) de ser mãe. O apoio institucional é fundamental, quer por parte do Estado com políticas mais igualitárias de responsabilização das mães e dos pais pelo cuidado dos/as filhos/as, quer por parte das empresas com a possibilidade de flexibilização dos horários de trabalho de quem é Pai – não apenas das mães. O velho provérbio “*It takes a village to raise a child*” mantém-se atual e pressupõe o envolvimento de inúmeros agentes sociais, entre os quais o Estado e instituições privadas, na criação de condições para a natalidade e na facilitação da vivência da parentalidade.

Um modelo de maternidade extensivo, socialmente aprovado e promovido politicamente, na esteira da reconhecida importância do apoio social durante as diferentes etapas da maternidade (Skipstein et al., 2012; Razurel e Kaiser, 2015; O'Hara e McCabe, 2013; Jover et al., 2014), seria mais compatível com outros domínios da vida das mulheres, como o social e o profissional. Por um lado, evitar-se-ia a secundarização das carreiras das mulheres, que deita por terra o investimento pessoal e social na formação académica e o retorno social da mesma. Por outro, ser-lhes-ia permitido experimentar plenamente os seus diferentes papéis sociais, não sentir a necessidade de adiar ou até mesmo abandonar a decisão de ter (mais) filhos/as, algo que é, atualmente, considerado muito exigente e proporcionar aos/às filhos/as um modelo de realização adulta multidimensional.

Em contraste com a escassa literatura sobre o impacto dos sentimentos negativos das mães sobre sua qualidade de vida futura, a literatura desdobra-se em pesquisas sobre o desenvolvimento da criança e o impacto da prática materna nos primeiros anos de vida no seu futuro - o que contribui para consolidar o modelo de maternidade intensivo e aumentar a pressão social e interna sobre as mães. No

entanto, não há estudos sobre os efeitos a médio e longo prazo que a pressão deste modelo tem sobre a vida das mulheres e sobre seu futuro bem-estar. Burns e Hay (1988) denunciaram, há mais de 30 anos, que “as mães têm sido vistas como ideais, estereótipos, propriedades públicas, forças que influenciam o desenvolvimento dos/as seus/suas filhos/as, e não como seres humanos complexos e com direitos” e a sua proposta de “analisar as mães como seres humanos, com sentimentos, pensamentos, ações, interesses, relações, histórias e futuros” (p.282) continua por cumprir.

Forças e limitações deste projeto.

Estudar um fenómeno tão difuso e abrangente como a maternidade é um desafio que, à primeira vista, pode parecer uma tarefa demasiado complexa para um mero projeto de doutoramento. O nosso primeiro esforço foi, assim, a delimitação do objeto à realidade portuguesa e a um momento específico. Por isso, os dados documentais que recolhemos dizem apenas respeito a 2015 e a fontes portuguesas, o que constitui simultaneamente uma especificidade e uma limitação deste projeto.

As mudanças culturais são lentas, mas acontecem, e em 2019 a revista *Pais & Filhos* já não existe e a atual oferta da rede social *Facebook* é diferente. Aqui, o surgimento de novos grupos e páginas, bem como o fim de outros, que têm como tema a maternidade, são uma constante. Atualmente existem páginas criadas por e para pais, os grupos de apoio a puérperas pulverizaram-se, páginas públicas de mães assumidamente não normativas ganharam visibilidade e protagonismo e o humor, esse bobo da corte, vai abrindo portas às vozes mais discordantes do modelo intensivo da maternidade. Assim, parece-nos que poderia ser pertinente dar continuidade a este projeto, ou a um projeto semelhante a este nos seus objetivos e temática, tendo em conta estas alterações recentes. Além de que seria também relevante compreender estas mudanças e as suas consequências.

Outra limitação deste projeto reside na seleção das fontes de informação. A Internet, que não tem fronteiras físicas, permite às mães portuguesas ter acesso indiferenciado a informação de outros países, eventualmente escrita noutras línguas, que não conseguiríamos avaliar num só estudo. A literatura física também

não se limita a revistas e as bibliotecas e livrarias enchem-se de livros de apoio às mães e aos pais sobre os mais variados assuntos ligados à gravidez, à infância e à adolescência. Para além do que as mães podem ler intencionalmente, há publicidade, programas de rádio e de televisão, e cada um deles daria um ou vários estudos.

As entrevistas foram realizadas apenas a 12 mães trabalhadoras e não nos foi possível abranger na amostra mães noutras situações face à profissão, nomeadamente mães domésticas e mães desempregadas. O alargamento do número de entrevistas a mães, assim como entrevistas a profissionais que habitualmente as orientam (médicos/as de família, pediatras, educadores/as, professores/as, psicólogos/as) teria enriquecido este projeto. Outros estudos complementares poderiam focar-se, por um lado, em mães com níveis de escolaridade baixos, já que o modelo de maternidade intensivo parece prevalecer num contexto de classe média no qual as mulheres têm acesso quer a formação académica, quer a informação, assumindo que outros modelos de maternidade poderiam ser identificados noutros contextos sociais. Por outro, em mulheres que decidiram não ter filhos, estudar quais os seus motivos, quais as consequências da sua opção e o papel dos modelos de maternidade neste âmbito. E ainda nos modelos de parentalidade adotados em famílias homoparentais, cujas dinâmicas se colocam de forma eventualmente diferente.

Apesar das limitações que reconhecemos, os resultados obtidos nos vários estudos foram significativamente convergentes e complementares para considerarmos que foi obtido um retrato relativamente representativo do modelo de maternidade dominante em Portugal. Neste sentido, acreditamos que este projeto é válido e pertinente na medida em que encara a maternidade – papel ao qual muitas mulheres aderem sem saber muito bem porquê (porque “é suposto que uma mulher queira ser mãe” (E9)) – de uma forma crítica e atenta aos constrangimentos sociais e culturais em que ele surge e é vivido, demasiadas vezes de formas bastante penalizadoras e desiguais para pais e mães. O modelo intensivo identificado, promovido socialmente, interiorizado e implementado pelas mães portuguesas apresenta consequências negativas quer a nível individual, indiciadas e traduzidas pelos vários sentimentos negativos manifestados, quer social, pelo

subaproveitamento pessoal e social do investimento realizado na formação das mulheres que tentam equilibrar o seu tempo entre o trabalho e a família.

Acreditamos que a divulgação dos sentimentos negativos (ainda) ocultos associados à maternidade tem um papel importante no sentido de mudar a forma como a sociedade vê a parentalidade, aumentando a importância do bem-estar materno e considerando as sérias dificuldades associadas à maternidade do modo como e no contexto em que ela é vivida atualmente. Para além das crianças, também as mães precisam de um ambiente seguro que reconheça os seus sentimentos mais profundos e “inconfessáveis” como legítimos e que questione as pressões e exigências da realidade em que elas vivem e com as quais têm que lidar. Para que a maternidade seja, para as mulheres que efetivamente querem ser mães, um projeto consciente, informado e apoiado social e politicamente, julgamos ser necessário desconstruir este modelo intensivo, promover a tomada de consciência das mulheres dos aspetos negativos que ele pode ter e apelar à partilha da responsabilidade da própria sociedade em que vivemos. A promoção e o apoio a um modelo extensivo poderão permitir uma vivência mais fácil da maternidade e, conseqüentemente, que as mulheres-mães sejam mais capazes de gerir os seus vários papéis sociais e se sintam mais realizadas.

BIBLIOGRAFIA

- Adams, S. L. (2014). *Mad mothers, bad mothers and what a "good" mother would do*. New York: Columbia University Press
- Agrati, D., Browne, D., Jonas, W., Meaney, M., Atkinson, L., Steiner, M., Fleming, A. S., & MAVAN research team (2015). Maternal anxiety from pregnancy to 2 years postpartum: Transactional patterns of maternal early adversity and child temperament. *Archives of Women's Mental Health*, 18(5), 693-705. doi:10.1007/s00737-014-0491-y
- Allen, K. R. (1995). Mothers and work in popular American magazines by Kathryn Keller; Representations of Motherhood by Donna Bassin, Margaret Honey, Meryle Mahrer Kaplan. *Journal of Marriage and the Family*, 57(4), 1123-1124. doi:10.2307/353429
- Alstveit, M., Severinsson, E., & Karlsen, B. (2011). Readjusting one's life in the tension inherent in work and motherhood. *Journal of Advanced Nursing*, 67(10), 2151-2160. doi:10.1111/j.1365-2648.2011.05660.x
- Ambert, A.-M. (1992). *The effect of children on parents*. New York: Haworth Press.
- Anwar, E., & Stanistreet D. (2014). 'It has not ruined my life; it has made my life better': Qualitative investigation of the experiences and future aspirations of young mothers from the North West of England. *Journal of Public Health*, 37(2), 269-276. doi:10.1093/pubmed/fdu045
- Arditti, J. A., Grzywacz, J. G., & Gallimore, S. W. (2013). A demedicalized view of maternal distress: Conceptualization and instrument development. *Psychological Services*, 10(4), 386-394. doi:10.1037/a0029954
- Arendell, T. (2000). Conceiving and investigating motherhood: The decade's scholarship. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1192-1207. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.01192.x
- Ariès, Philippe (1988). *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*. Lisboa, Relógio D'Água.
- Badinter, E. (1986). *O amor incerto – História do amor maternal do séc. XVII ao séc. XX*. Lisboa, Relógio D'Água.

- Badinter, E. (2010). *O conflito: A mulher e a mãe*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Barbosa, M., Chaud, M., & Gomes, M. (2008). Vivências de mães com um filho deficiente: um estudo fenomenológico. *Acta Paulista de Enfermagem*, 21, 46-52.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bartholomew, M. K., Schoppe-Sullivan, S. J., Glassman, M., Kamp Dush, C. M., & Sullivan, J. M. (2012). New parents' Facebook use at the transition to parenthood. *Family Relations*, 61(3), 455-469. doi:10.1111/j.1741-3729.2012.00708.x
- Bastian, B., Kuppens, P., Hornsey, M. J., Park, J., Koval, P., & Uchida, Y. (2012). Feeling bad about being sad: The role of social expectancies in amplifying negative mood. *Emotion*, 12(1), 69-80. doi:10.1037/a0024755
- Bauer, A., Knapp, M., & Parsonage, M. (2016). Lifetime costs of perinatal anxiety and depression. *Journal of Affective Disorders*, 192, 83-90. doi:10.1016/j.jad.2015.12.005
- Becker, H. S. (1963). *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. New York: Free Press.
- Bell, J. (2013). Putting dad in the picture: Fatherhood in the popular women's magazines of 1950s Australia. *Women's History Review*, 22(6), 904-929. doi:10.1080/09612025.2013.780843
- Betts, K. S., Williams, G. M., Najman, J. M., & Alati, R. (2015). The relationship between maternal depressive, anxious, and stress symptoms during pregnancy and adult offspring behavioral and emotional problems. *Journal of Depression and Anxiety*, 32(2), 82-90. doi:10.1002/da.22272
- Birns, B. (1999). Attachment theory revisited: Challenging conceptual and methodological sacred cows. *Feminism & Psychology*, 9(1), 10-21. doi:10.1177/0959353599009001002
- Birns, B., & Hay, D. F. (Eds.). (1988). *The different faces of motherhood* (ISBN 0-306-42-887-3). New York: Plenum Press.

- Blegen, N. E., Hummelvoll, J. K., & Severinsson, E. (2012). Experiences of motherhood when suffering from mental illness: A hermeneutic study. *International Journal of Mental Health Nursing*, 21(5), 419-427. doi:10.1111/j.1447-0349.2012.00813.x
- Boldt, L. J., Kochanska, G., Yoon, J. E., & Koenig Nordling, J. (2014). Children's attachment to both parents from toddler age to middle childhood: Links to adaptive and maladaptive outcomes. *Attachment & Human Development*, 16(3), 211-229. doi:10.1080/14616734.2014.889181
- Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. London: Routledge.
- Christopher, K. (2012). Extensive mothering: Employed mothers' constructions of the good mother. *Gender & Society*, 26(1), 73-96. doi:10.1177/0891243211427700
- Clarke, J. N. (2015). Advice to mothers about managing children's behaviours in Canada's premier woman's magazine: A comparison of 1945-1956 with 1990-2010. *Child & Family Social Work*, 20(3), 310-321. doi:10.1111/cfs.12079
- Connors-Burrow, N. A., McKelvey, L., Perry, D., Whiteside-Mansell, L., Kraleti, S., Mesman, G., ... Kyzer, A. (2016). Low-level symptoms of depression in mothers of young children are associated with behavior problems in middle childhood. *Maternal and Child Health Journal*, 20(3), 516-524. doi:10.1007/s10995-015-1849-0
- Cooke, J. E., Stuart-Parrigon, K. L., Movahed-Abtahi, M., Koehn, A. J., & Kerns, K. A. (2016). Children's emotion understanding and mother-child attachment: A meta-analysis. *Emotion*, 16(8), 1102-1106. doi:10.1037/emo0000221
- Crugnola, C. R., Gazzotti, S., Spinelli, M., Ierardi, E., Caprin, C., & Albizzati A. (2013). Maternal attachment influences mother–infant styles of regulation and play with objects at nine months. *Attachment & Human Development*, 15(2), 107-131. doi:10.1080/14616734.2013.745712
- Crugnola, C. R., Ierardi, E., Ferro, V., Gallucci, M., Parodi, C., & Astengo, M. (2016). Mother-infant emotion regulation at three months: The role of maternal anxiety, depression and parenting stress. *Psychopathology*, 49(4): 285-294. doi:10.1159/000446811

- Crugnola, C. R., Ierardi, E., Gazzotti, S., & Albizzati, A. (2014). Motherhood in adolescent mothers: Maternal attachment, mother-infant styles of interaction and emotion regulation at three months. *Infant Behavior and Development*, 37, 44-56. doi:10.1016/j.infbeh.2013.12.011
- de Cock, E. S., Henrichs, J., Vreeswijk, C. M., Maas, A. J., Rijk C. H., & van Bakel, H. J. (2016). Continuous feelings of love? The parental bond from pregnancy to toddlerhood. *Journal of Family Psychology*, 30(1), 125-134. doi:10.1037/fam0000138
- Demarest, J., & Garner, J. (1992). The representation of women's roles in women's magazines over the past 30 years. *Journal of Psychology*, 126(4), 357-369. doi:10.1080/00223980.1992.10543369
- Di Blasio, P., Miragoli, S., Camisasca, E., Di Vita, A. M., Pizzo, R., & Pipitone, L. (2015). Emotional distress following childbirth: An intervention to buffer depressive and PTSD symptoms. *Europe's Journal of Psychology*, 11(2), 214-232. doi:10.5964/ejop.v11i2.779
- DiPietro, J. A., Goldshore, M. A., Kivlighan, K. T., Pater, H. A., & Costigan, K. A. (2015). The ups and downs of early mothering. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 36(3), 94-102. doi:10.3109/0167482X.2015.1034269
- Don, B. P., Chong, A., Biehle, S. N., Gordon, A., & Mickelson, K. D. (2014). Anxiety across the transition to parenthood: Change trajectories among low-risk parents. *Anxiety Stress Coping*, 27(6), 633-649. doi:10.1080/10615806.2014.903473
- Drentea, P., & Moren-Cross, J. L. (2005). Social capital and social support on the web: The case of an internet mother site. *Sociology of Health & Illness*, 27(7), 920-943. doi:10.1111/j.1467-9566.2005.00464.x
- Elliott, S., Powell, R., & Brenton, J. (2015). Being a good mom: Low-income, black single mothers negotiate intensive mothering. *Journal of Family Issues*, 36(3), 351-370. doi: 10.1177/0192513X13490279
- Everingham, C. (1994). *Motherhood and modernity: An investigation into the rational dimension of mothering*. Buckingham, PA: Open University Press.

- Fairbrother, N., Barr, R. G., Pauwels, J., Brant, R., & Green, J. (2015). Maternal thoughts of harm in response to infant crying: An experimental analysis. *Archives of Women's Mental Health*, 18(3), 447-455. doi:10.1007/s00737-014-0471-2
- Faria, L. (2006). Apresentação [Special issue]. *Psicologia*, 2, 5-10.
- Farre, L. (2016). Parental leave policies and gender equality: A survey of the literature. *Estudios de Economia Aplicada*, 34(1), 45-60.
- Feeney, J., & Noller, P. (1996). *Adult attachment*. SAGE Publications.
- Ferreira, M., & Rocha, C. (1994). Contributos para a construção médico-social da infância em Portugal: Da transição do século XIX até aos anos 40. *Educação, Sociedade & Culturas*, 2, 59-90.
- Figueiredo, B., Bifulco, A., Pacheco, A., Costa, R., & Magarinho R. (2006). Teenage pregnancy, attachment style, and depression: A comparison of teenage and adult pregnant women in a Portuguese series. *Attachment & Human Development*, 8(2), 123-138. DOI: 10.1080/14616730600785686
- Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., & Magarinho, R. (2006). Gravidez na adolescência: das circunstâncias de risco às circunstâncias que favorecem a adaptação à gravidez¹. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6(1), 97-125.
- Foss, K. A., & Southwell, B. G. (2006). Infant feeding and the media: The relationship between Parents' magazine content and breastfeeding, 1972-2000. *International Breastfeeding Journal*, 1, 10. doi:10.1186/1746-4358-1-10
- Fox, D., Prilleltensky, I., & Austin, S. (2009). *Critical Psychology: An introduction*. SAGE Publications.
- Freedman, J., & Combs, G. (1996). *Narrative therapy: The social construction of preferred realities*. New York: W. W. Norton & Company.
- Frerichs, L., Andsager, J. L., Campo, S., Aquilino, M., & Dyer, C. S. (2006). Framing breastfeeding and formula-feeding messages in popular US magazines. *Women & Health*, 44(1), 95-118. doi:10.1300/J013v44n01_06

- Gilmore, L., & Cuskelly M. (2009). Factor structure of the Parenting Sense of Competence scale using a normative sample. *Child: Care, Health and Development*, 35(1): 48-55. doi:10.1111/j.1365-2214.2008.00867.x
- Graham, M., & Rich, S. (2014). Representations of childless women in the Australian print media. *Feminist Media Studies*, 14(3), 500-518. doi:10.1080/14680777.2012.737346
- Granat, A., Gadassi, R., Gilboa-Schechtman, E., & Feldman, R. (2017). Maternal depression and anxiety, social synchrony, and infant regulation of negative and positive emotions. *Emotion*, 17(1), 11-27. doi:10.1037/emo0000204
- Gregory, A., & Milner, S. (2011). What is "new" about Fatherhood?: The social construction of fatherhood in France and the UK. *Men and Masculinities*, 14(5), 588-606. doi:10.1177/1097184X11412940
- Gross, J. J., & Levenson, R. W. (1997). Hiding feelings: The acute effects of inhibiting negative and positive emotion. *Journal of Abnormal Psychology*, 106(1), 95-103. doi:10.1037/0021-843x.106.1.95
- Gutierrez, D. M. D., Castro, E. H. B., & Pontes, K. D. S. (2011). Vínculo mãe-filho: Reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista do Nufen*, 1(2), 3-24.
- Hacker, P. (2004) The conceptual framework for the investigation of emotions. *International Review of Psychiatry*, 16(3), 199-208. doi:10.1080/09540260400003883
- Hagqvist, E., Nordenmark, M., Perez, G., Aleman, S. T., & Gadin, K. G. (2017). Parental leave policies and time use for mothers and fathers: A case study of Spain and Sweden. *Society Health & Vulnerability*, 8, 2-12. doi:10.1080/20021518.2017.1306914
- Hays, S. (1996). *The cultural contradictions of motherhood* (ISBN 978-0-300-07652-3). New Haven and London: Yale University Press.
- Herba, C. M., Tremblay, R. E., Boivin, M., Liu, X., Mongeau, C., Seguin, J. R., & Côté, S. M. (2013). Maternal depressive symptoms and children's emotional problems: Can early child care help children of depressed mothers?. *JAMA Psychiatry*, 70(8), 830-838. doi:10.1001/jamapsychiatry.2013.1361

- Highet, N., Stevenson, A. L., Purtell, C., & Coe, S. (2014). Qualitative insights into women's personal experiences of perinatal depression and anxiety. *Women Birth*, 27(3) 179-184. doi:10.1016/j.wombi.2014.05.003
- Holtz, B., Smock, A., & Reyes-Gastelum, D. (2015). Connected motherhood: Social support for moms and moms-to-be on Facebook. *Telemedicine and E-Health*, 21(5), 415-421. doi:10.1089/tmj.2014.0118
- Jarvie, R., Letherby G., & Stenhouse, E. (2015). "Renewed" "older" motherhood/mothering: A qualitative exploration. *Journal of Women & Aging*, 27(2), 103-122. doi:10.1080/08952841.2014.927728
- Johnson, E. R., Davies, S. L., Aban, I., Mugavero, M. J., Shrestha, S., & Kempf, M.-C. (2015). Improving parental stress levels among mothers living with HIV: A randomized control group intervention study. *AIDS Patient Care and STDs*, 29(4), 220-228. doi: 10.1089/apc.2014.0187
- Jover, M., Colomer, J., Carot, J. M., Larsson, C., Bobes, M. T., Ivorra, J. L., ... Sanjuan, J. (2014). Maternal anxiety following delivery, early infant temperament and mother's confidence in caregiving. *Spanish Journal of Psychology*, 17, E95. doi:10.1017/sjp.2014.87
- Joyner, B. L., Gill-Bailey, C., & Moon, R. Y. (2009). Infant sleep environments depicted in magazines targeted to women of childbearing age. *Pediatrics*, 124(3), E416-E422. doi:10.1542/peds.2008-3735
- Junttila, N., Ahlqvist-Bjorkroth, S., Aromaa, M., Rautava, P., Piha, J., & Raiha, H. (2015). Intercorrelations and developmental pathways of mothers' and fathers' loneliness during pregnancy, infancy and toddlerhood-STEPS study. *Scandinavian Journal of Psychology*, 56(5), 482-488. doi:10.1111/sjop.12241
- Karabekiroglu, K., Akman, I., Kuscu Orhan, S., Kuscu, K., Altuncu, E., Karabekiroglu, A., & Yüce, M. (2015). Mother-child interactions of preterm toddlers. *Archives of Neuropsychiatry*, 52(2), 157-162. doi:10.5152/npa.2015.7343
- Kaufmann, R., & Buckner, M. M. (2014). To connect or promote?: An exploratory examination of Facebook pages dedicated to moms. *Computers in Human Behaviour*, 35, 479-482. doi:10.1016/j.chb.2014.02.030

- Keller, H. (2013). Attachment and culture. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 44(2), 175-194. doi:10.1177/0022022112472253
- Kim, P., Capistrano, C. G., Erhart, A., Gray-Schiff, R., & Xu, N. (2017). Socioeconomic disadvantage, neural responses to infant emotions, and emotional availability among first-time new mothers. *Behavioural Brain Research*, 325(Pt B), 188-196. doi:10.1016/j.bbr.2017.02.001
- Klein Velderman, M., Bakermans-Kranenburg, M. J., Juffer, F., & Ijzendoorn, M. H. van (2006). Effects of attachment-based interventions on maternal sensitivity and infant attachment: Differential susceptibility of highly reactive infants. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 266-274. doi:10.1037/0893-3200.20.2.266
- Kringelbach, M. L., Stark, E. A., Alexander, C., Bornstein, M. H., & Stein, A. (2016). On cuteness: Unlocking the parental brain and beyond. *Trends in Cognitive Sciences*, 20(7), 545-558. doi:10.1016/j.tics.2016.05.003
- Kuchner, J., & Porcino, J. (1988). Delayed motherhood. In B. Birns & D. F. Hay, (Eds.), *The different faces of motherhood* (pp. 259-280, ISBN 0-306-42-887-3). New York: Plenum Press.
- Lampic, C., Svanberg, A. S., Karlstrom, P., & Tyden, T. (2006). Fertility awareness, intentions concerning childbearing, and attitudes towards parenthood among female and male academics. *Human Reproduction*, 21(2), 558-564. doi:10.1093/humrep/dei367
- LaRossa, R. (2012). The historical study of fatherhood: Theoretical and methodological considerations. In M. Oechsle, U. Muller, & S. Hess (Eds.), *Fatherhood in late modernity: Cultural images, social practices, structural frames* (pp. 37-60). Leverkusen Opladen, Germany: Barbara Budrich.
- Leavy, P. (2017). *Research design: Quantitative, qualitative, mixed methods, arts-based, and community-based participatory research approaches*. New York, London: The Guilford Press.
- Lerner, R. M., Fisher, C. B., & Wienberg, R. A. (2000). Applying developmental science in the 21st century: International scholarship for our times. *International Journal of Behavioral Development*, 24(1), 24-29. doi:10.1080/016502500383430

- Li, H., Bowen, A., Szafron, M., Moraros, J., & Muhajarine, N. (2016). Maternal mental health: a shared care approach. *Primary Health Care Research & Development*, 17(2), 175-183. doi:10.1017/S146342361500033X
- Lindquist, K. A, MacCormack, J. K., & Shablack, H. (2015). The role of language in emotion: Predictions from psychological constructionism. *Frontiers in Psychology*, 6, 444. doi:10.3389/fpsyg.2015.00444
- Loukisas, T. D., & Papoudi, D. (2016). Mothers' experiences of children in the autistic spectrum in Greece: Narratives of development, education and disability across their blogs. *International Journal of Disability, Development and Education*, 63(1), 64-78. doi:10.1080/1034912X.2015.1111304
- Madge, C., & O'Connor, H. (2006). Parenting gone wired: Empowerment of new mothers on the internet? *Social & Cultural Geography*, 7(2), 199-220. doi:10.1080/14649360600600528
- Matias, M., & Fontaine A. M. (2013). Development and factor validation of the Motives towards Parenthood Scale. *Paidéia*, 23(54), 9-20. doi:10.1590/1982-43272354201303
- Matias, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2011). Diferenças de género no conflito trabalho-família: Um estudo com famílias portuguesas de duplo-emprego com filhos em idade pré-escolar. *Psicologia*, 25, 9-32. doi:10.17575/rpsicol.v25i1.277
- McCartney, K, & Phillips, D. (1988). Motherhood and childcare. In B. Birns & D. F. Hay, (Eds.), *The different faces of motherhood* (pp. 157-183, ISBN 0-306-42-887-3). New York: Plenun Press.
- McIntosh, T. (2017). Changing messages about place of birth in mother and baby magazine between 1956 and 1992. *Midwifery*, 54, 1-6. doi:10.1016/j.midw.2017.07.017
- Megnín-Viggars, O., Symington, I., Howard, L. M., & Pilling, S. (2015). Experience of care for mental health problems in the antenatal or postnatal period for women in the UK: a systematic review and meta-synthesis of qualitative research. *Archives of Women's Mental Health*, 18(6), 745-759. doi:10.1007/s00737-015-0548-6

- Meier, A., Musick, K., Flood, S., & Dunifon, R. (2016). Mothering experiences: How single parenthood and employment structure the emotional valence of parenting. *Demography*, 53(3), 649-674. doi:10.1007/s13524-016-0474-x
- Mello, S., & Tan, A. S. L. (2016). Who's responsible? Media framing of pediatric environmental health and mothers' perceptions of accountability. *Journal of Health Communication*, 21(12), 1217-1226. doi:10.1080/10810730.2016.1240267
- Mesquita, B., & Walker, R. (2003). Cultural differences in emotions: A context for interpreting emotional experiences. *Behaviour Research and Therapy*, 41(7), 777-793. doi:10.1016/S0005-7967(02)00189-4
- Milkie, M. A., & Denny, K. E. (2014). Changes in the cultural model of father involvement: Descriptions of benefits to fathers, children, and mothers in parents' magazine, 1926-2006. *Journal of Family Issues*, 35(2), 223-253. doi:10.1177/0192513X12462566
- Milkie, M. A., Nomaguchi, K. M., & Denny, K. E. (2015). Does the amount of time mothers spend with children or adolescents matter? *Journal of Marriage and Family*, 77(2), 355-372. doi:10.1111/jomf.12170
- Miller, J. G., Kahle, S., Lopez, M., & Hastings, P. D. (2015). Compassionate love buffers stress-reactive mothers from fight-or-flight parenting. *Developmental Psychology*, 51(1), 36-43. doi:10.1037/a0038236
- Miner, K. N., Pesonen, A. D., Smittick, A. L., Seigel, M. L., & Clark, E. K. (2014). Does being a mom help or hurt? Workplace incivility as a function of motherhood status. *Journal of Occupational Health Psychology*, 19(1), 60-73. doi:10.1037/a0034936
- Moed, A., Dix, T., Anderson, E. R., & Greene, S. M. (2017). Expressing negative emotions to children: Mothers' aversion sensitivity and children's adjustment. *Journal of Family Psychology*, 31(2), 224-233. doi:10.1037/fam0000239
- Monteiro, R. (2005). *O que dizem as mães. Mulheres trabalhadoras e suas experiências*. Coimbra: Quarteto.

- Morgan, P. A., Merrell, J. A., & Rentschler, D. (2015). Midlife mothers favour 'being with' children over work and careers. *Work*, 50(3), 477-489. doi:10.3233/WOR-141958
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2013). Peer attachment, coping, and self-esteem in institutionalized adolescents: The mediating role of social skills. *European Journal of Psychology of Education*, 28(1), 87-100. doi:10.1007/s10212-012-0103-z
- Moura, S., & Araújo, M. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 24(1), 44-55.
- Nelson, S. K., Kushlev, K., & Lyubomirsky, S. (2014). The pains and pleasures of parenting: When, why, and how is parenthood associated with more or less well-being? *Psychological Bulletin*, 140(3), 846-895. doi:10.1037/a0035444
- Nelson, S. K., Kushlev, K., English, T., Dunn, E. W., & Lyubomirsky, S. (2013). In defense of parenthood: Children are associated with more joy than misery. *Psychological Science*, 24(1) 3-10. doi:10.1177/0956797612447798
- Neubaum, G., & Kraemer, N. C. (2015). My friends right next to me: A laboratory investigation on predictors and consequences of experiencing social closeness on social networking sites. *Cyberpsychology Behavior and Social Networking*, 18(8), 443-449. doi:10.1089/cyber.2014.0613.
- Neves, S. & Nogueira, C. (2004). Metodologias feministas na psicologia social crítica: A ciência ao serviço da mudança social. *Ex aequo*, 11, 123-138.
- Nogueira, C. (2013). A Teoria da Interseccionalidade nos estudos de género e sexualidades: Condições de produção de “novas possibilidades” no projeto de uma teoria feminista crítica. In A. V. Zanella, A. L. Brizola, & M. Gesser (Eds.), *Práticas sociais, políticas públicas e direitos humanos* (pp. 227-248). Florianópolis: Editora ABRAPSO.
- Nunes, C., & Lemos, I. (2010). *Competência Parental Percebida (CPP). Versão portuguesa para investigação da Parental Sense of Competence de Johnston e Mash (1989)*. Documento não publicado, Universidade do Algarve, Faro, Portugal.
- OBERCOM, 2014. *A Internet em Portugal. Sociedade em Rede 2014*. Obercom.

- Offer, S. (2014). Time with children and employed parents' emotional well-being. *Social Science Research*, 47, 192-203. doi:10.1016/j.ssresearch.2014.05.003
- O'Hara, M. W., & McCabe, J. E. (2013). Postpartum depression: Current status and future directions. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9, 379-407. doi:10.1146/annurev-clinpsy-050212-185612
- O'Higgins, M., Roberts, I. S., Glover, V., & Taylor, A. (2013). Mother-child bonding at 1 year; Associations with symptoms of postnatal depression and bonding in the first few weeks. *Archives of Women's Mental Health*, 16(5): 381-389. doi:10.1007/s00737-013-0354-y
- Oliveira, A. (2011). *Andar na vida: Prostituição de rua e reacção social*. Coimbra: Almedina.
- Oliveira, J. B. (2004). Desejabilidade social: Um construto de difícil avaliação. *Psychologica*, 35, 233-247.
- Oprea, D.-A. (2016). Between the heroine mother and the absent woman: Motherhood and womanhood in the communist magazine Femeia. *European Journal of Women's Studies*, 23(3), 281-296. doi:10.1177/1350506815585177
- Pahic, T., & Miljevic-Ridicki, R. (2014). The portrait of mothers and fathers in Croatian daily newspapers and in a magazine for parents: Today and twenty years ago. *Croatian Journal of Education-Hrvatski Casopis Za Odgoj I Obrazovanje*, 16, 93-107.
- Parsons, T. (2002). *Family socialization and interaction process* (ISBN 0-415-17647-6). London: Routledge & Kegan Paul.
- Perista, H. (2002). Género e trabalho não pago: Os tempos das mulheres e os tempos dos homens. *Análise Social*, 37, 447-474.
- Perista, H., Cardono, A., Brázia, A., Abrantes, M., Perista, P., & Quintal, E. (2016). *Os usos do tempo de homens e de mulheres em Portugal. Policy brief* (ISBN 978-972-8399-69-6). Lisboa: CESIS – Centro de Estudos para a Intervenção Social e CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- PORDATA (2016). *Retrato de Portugal na Europa. Edição de 2016*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

- Prinz, J. (2005). Are emotions feelings? *Journal of Consciousness Studies*, 12(8-10), 9-25.
- Proctor, H., & Weaver, H. (2017). Creating an educational home: Mothering for schooling in the Australian Women's Weekly, 1943-1960. *Paedagogica Historica*, 53(1-2), 49-70. doi:10.1080/00309230.2016.1240209
- Punamäki, R.-L., Belt, R., & Posa, T. (2013). Emotions during the transition to parenthood among substance-abusing mothers: Intensity, content and intervention effects. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 31(3), 222-244. doi:10.1080/02646838.2013.803046
- Radcliffe, P. (2011). Motherhood, pregnancy, and the negotiation of identity: The moral career of drug treatment. *Social Science & Medicine*, 72(6), 984-991. doi:10.1016/j.socscimed.2011.01.017
- Razurel, C., & Kaiser, B. (2015). The role of satisfaction with social support on the psychological health of primiparous mothers in the perinatal period. *Women Health*, 55(2): 167-186. doi:10.1080/03630242.2014.979969
- Reid, C., Greaves, L., & Poole, N. (2008). Good, bad, thwarted or addicted? Discourses of substance-using mothers. *Critical Social Policy*, 28(2), 211-234. doi:10.1177/0261018307087990
- Rilling, J. K. (2013). The neural and hormonal bases of human parental care. *Neuropsychologia*, 51(4), 731-747. doi:10.1016/j.neuropsychologia.2012.12.017
- Rudy, D., & Grusec, J. E. (2006). Authoritarian parenting in individualist and collectivist groups: Associations with maternal emotion and cognition and children's self-esteem. *Journal of Family Psychology*, 20(1): 68-78. doi:10.1037/0893-3200.20.1.68
- Rustoyburu, C. A. (2016). Motherhood and childhood. The medical and psychological advice in Hijo Mio...! Buenos Aires, late 1930s. *Arenal - Revista De Historia De Las Mujeres*, 23(1), 117-142.
- Ryff, C. D., & Singer, B. (1996). Psychological well-being: Meaning, measurement, and implications for psychotherapy research. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 65, 14-23. doi:10.1159/000289026

- Sapountzi-Krepia, D., Psychogiou, M., Sakellari, E., Tsiligiri, M., & Vehvilainen-Julkunen, K. (2015). Greek fathers' experiences from their wife's/partner's labour and delivery: A qualitative approach. *International Journal of Nursing Practice*, 21(5), 470-477. doi:10.1111/ijn.12326
- Scherer, K. R. (2005). What are emotions? And how can they be measured? *Social sciences information*, 44(4): 695-729. doi:10.1177/0539018405058216
- Schwebel, D. C., Plumert, J. M., & Pick, H. L. (2000). Integrating basic and applied developmental research: A new model for the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 222-230. doi:10.1111/1467-8624.00137
- Segeren, L., & Françoze, M. F. (2014). As vivências de mães de jovens autistas. *Psicologia em Estudo*, 19, 39-46. doi:10.1590/1413-7372207840004
- Sheehan, A., & Bowcher, W. L. (2017). Messages to new mothers: An analysis of breast pump advertisements. *Maternal and Child Nutrition*, 13(2), e12313. doi:10.1111/mcn.12313
- Sicouri, G., Tully, L., Collins, D., Burn, M., Sargeant, K., Frick, P., Anderson, V., Hawes, D., Kimonis, E., Moul, C., Lenroot, R., & Dadds, M. (2018). Toward father-friendly parenting interventions: A qualitative study. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 39(2), 218-231. doi:10.1002/anzf.1307
- Skipstein, A., Janson, H., Kjeldsen, A., Nilsen, W., & Mathiesen, K. S. (2012). Trajectories of maternal symptoms of depression and anxiety over 13 years: The influence of stress, social support, and maternal temperament. *BMC Public Health*, 12, 1120. doi:10.1186/1471-2458-12-1120
- Skreden, M., Skari, H., Malt, U. F., Pripp, A. H., Björk, M. D., Faugli, A., & Emblem, R. (2012). Parenting stress and emotional wellbeing in mothers and fathers of preschool children. *Scandinavian Journal of Public Health*, 40(7), 596-604. doi:10.1177/1403494812460347
- Smith, M. L., ChiAPPone, A. L., & Wilson, K. L. (2017). Parenting and child rearing attitudes of unmarried hispanic teenage mothers. *Journal of Child and Family Studies*, 26(2): 643-651. doi:10.1007/s10826-016-0582-7

- Smyth, C. (2014). Boost your preschooler's brain power! An analysis of advice to parents from an Australian government-funded website. *Women's Studies International Forum*, 45, 10-18. doi:10.1016/j.wsif.2014.03.011
- Sockol, L. E., & Battle, C. L. (2015). Maternal attitudes, depression, and anxiety in pregnant and postpartum multiparous women. *Archives of Women's Mental Health*, 18(4), 585-93. doi:10.1007/s00737-015-0511-6.
- Sockol, L. E., Epperson, C. N., & Barber, J. P. (2014). The relationship between maternal attitudes and symptoms of depression and anxiety among pregnant and postpartum first-time mothers. *Archives of Women's Mental Health*, 17(3), 199-212. doi:10.1007/s00737-014-0424-9
- Spence, D. (2013). Bad medicine: Motherhood. *BMJ*, 347, f4559. doi:10.1136/bmj.f4559
- Sperlich, S., Arnhold-Kerri, S., Siegrist, J., & Geyer, S. (2013). The mismatch between high effort and low reward in household and family work predicts impaired health among mothers. *European Journal of Public Health*, 23(5), 893-898. doi:10.1093/eurpub/cks134
- Spijkers, W., Jansen, D. E., & Reijneveld, S. A. (2014). Parental internalizing problems in a community sample: Association with child psychosocial problems. *European Journal of Public Health*, 24(1): 11-15. doi:10.1093/eurpub/ckt037
- Struyve, C., Simons, M., & Verckens, A. (2014). Parents are not born, they are made: A critical discourse analysis of an educational magazine in Flanders (Belgium). *Journal of Education Policy*, 29(6), 785-803. doi:10.1080/02680939.2014.889756
- Sunderland, J. (2006). 'Parenting' or 'mothering'? The case of modern childcare magazines. *Discourse & Society*, 17(4), 503-527. doi:10.1177/0957926506063126
- Swigart, J. (1992). *The myth of the bad mother: Parenting without guilt*. New York: Avon Books
- Sydenham, M., Beardwood, J., & Rimes, K. A. (2017). Beliefs about emotions, depression, anxiety and fatigue: A mediational analysis. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 45(1): 73-78. doi:10.1017/S1352465816000199

- Sylwester, R. (2000). Unconscious emotions, conscious feelings. *Educational Leadership*, 58(3): 20-24.
- Taylor, E. N., & Wallace, L. E. (2012). For shame: Feminism, breastfeeding advocacy, and maternal guilt. *Hypatia*, 27(1). doi:10.1111/j.1527-2001.2011.01238.x
- Taylor, J., & Johnson, M. (2013). The role of anxiety and other factors in predicting postnatal fatigue: From birth to 6 months. *Midwifery*, 29(5): 526-534. doi:10.1016/j.midw.2012.04.011
- Thompson, K.D., & Bendell, D. (2014). Depressive cognitions, maternal attitudes and postnatal depression. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 32(1), 70-82. doi:10.1080/02646838.2013.858312
- Thurer, S. (1994). *The myths of motherhood: How culture reinvents the good mother*. Boston: Houghton Mifflin.
- Tikotzky, L. (2016). Postpartum maternal sleep, maternal depressive symptoms and self-perceived mother-infant emotional relationship. *Behavioral Sleep Medicine*, 14(1): 5-22. doi:10.1080/15402002.2014.940111
- Tyrlik, M., Konecny, S., & Kukla, L. (2013). Predictors of pregnancy-related emotions. *Journal of Clinical Medicine Research*, 5(2): 112-120. doi:10.4021/jocmr1246e
- Valiente, C., Eisenberg, N., Shepard, S. A., Fabes, R. A., Cumberland, A. J., Losoya, S. H., & Spinrad, T. (2004). The relations of mothers' negative expressivity to children's experience and expression of negative emotion. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 25(2): 215-235. doi:10.1016/j.APPdev.2004.02.006
- Van Ewyk, J., & Kruger, L. M. (2017). The emotional experience of motherhood in planned lesbian families in the South African context: "... Look how good a job I'm doing, look how amazing we are". *Journal of Homosexuality*, 64(3): 343-366. doi:10.1080/00918369.2016.1190216
- van Kleef, G. A., Cheshin, A., Fischer, A. H., & Schneider, I. K. (2016). Editorial: The social nature of emotions. *Frontiers in Psychology*, 7, 896. doi:10.3389/fpsyg.2016.00896

- Wall, G. (2013). 'Putting family first': Shifting discourses of motherhood and childhood in representations of mothers' employment and child care. *Women's Studies International Forum*, 40, 162-171. doi:10.1016/j.wsif.2013.07.006
- Wall, K., & Leitão, M. (2017). Fathers on leave alone in Portugal: Lived experiences and impact of forerunner fathers. In M. O'Brien & K. Wall (Eds.), *Comparative perspectives on work-life balance and gender equality fathers on leave alone (Life course research and social policies, Volume 6)* (pp. 45-67, ISBN 978-3-319-42968-7). Switzerland: Springer Open. doi:10.1007/978-3-319-42970-0
- Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R., Correia, S. V., & Rosa, R. (2016). *Livro branco. Homens e igualdade de género em Portugal* (ISBN 978-972-8399-75-7). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais / Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Warner, R., Appleby, L., Whitton, A., & Faragher, B. (1997). Attitudes toward motherhood in postnatal depression: Development of the maternal attitudes questionnaire. *Journal of Psychosomatic Research*, 43(4), 351-358. doi:10.1016/S0022-3999(97)00128-1
- Woolhouse, H., Gartland, D., Mensah, F., Giallo, R., & Brown, S. (2016). Maternal depression from pregnancy to 4 years postpartum and emotional/behavioural difficulties in children: Results from a prospective pregnancy cohort study. *Archives of Women's Mental Health*, 19(1): 141-151. doi:10.1007/s00737-015-0562-8
- Yürümez, E., Akça O. F., Uğur, C., Uslu R. I., & Kiliç B. G. (2014). Mothers' alexithymia, depression and anxiety levels and their association with the quality of mother-infant relationship: A preliminary study. *International Journal of Psychiatry in Clinical Practice*, 18(3): 190-196. doi:10.3109/13651501.2014.940055
- Ziv, Y., Kaplan, B. A., & Venza, J. (2016). Practicing attachment in the real world: improving maternal insightfulness and dyadic emotional availability at an outpatient community mental health clinic. *Attachment & Human Development*, 18(3): 292-315. doi:10.1080/14616734.2015.1135972

César, F., Oliveira, A., Fontaine, A.M. (2018). O papel do *Facebook* na difusão de modelos sociais de maternidade em Portugal. *Análise Psicológica*, 36(1), 47-59. doi:10.14417/ap.1333

César, F., Costa, P., Oliveira, A., Fontaine, A.M. (2018). “To suffer in paradise”: Feelings mothers share on Portuguese Facebook sites. *Frontiers in Psychology (online)*. doi:10.3389/fpsyg.2018.01797

César, F., Oliveira, A., Fontaine, A.M. (submetido). Pais & Filhos magazine: Gender differences and intensive parenting in a Portuguese magazine for parents. *Women's Studies International Forum*.

Guião de entrevista a mães

**César, F. (2018). Motherhood social models on Portuguese Facebook sites. *Sociology International Journal*, 2(6), 553-554.
doi:10.15406/sij.2018.02.000.99**

Modelos sociais de maternidade difundidos em páginas e grupos do *Facebook* em Portugal

Filipa César* / Alexandra Oliveira* / Anne-Marie Fontaine*

* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal

As redes sociais *online* são atualmente fontes de apoio informal importantes para as mães dada a sua acessibilidade e vasta informação sobre o cuidado da criança e o desempenho da maternidade. Este estudo pretendeu identificar o modelo de maternidade dominante atualmente em Portugal através da análise dos objetivos, das atitudes, dos sentimentos e das práticas atribuídas às mães e difundidos por grupos e páginas do *Facebook* dedicadas à maternidade. Uma pesquisa pelas palavras-chave *mãe* e *maternidade*, seguida da técnica “bola de neve”, em outubro de 2015, permitiu identificar 132 Páginas Públicas, 47 Grupos Fechados e 5 Grupos Públicos ($N=184$) portugueses, tendo sido as respetivas descrições alvo de análise de conteúdo.

Esta análise evidenciou que o modelo de maternidade veiculado pressupõe a centralidade da criança e das suas necessidades e interesses, e atribui elevados níveis de exigência ao papel de mãe. As necessidades da mulher não são mencionadas, desaparecendo atrás do papel materno. O estudo parece assim confirmar a predominância de um modelo de maternidade *intensivo* nos grupos e páginas do *Facebook* em Portugal.

Palavras-chave: Maternidade, *Facebook*, Modelos sociais.

Introdução

As redes sociais *online*, enquanto redes de apoio informal, têm-se revelado um apoio importante para as mães, quer pela sua acessibilidade e adesão fácil e generalizada, quer pela quantidade de informação de que dispõem acerca do desempenho da maternidade em função da idade da criança e das suas características (Holtz, Smock, & Reyes-Gastelum, 2015). Atualmente, o *Facebook* é a rede social *online* com maior número de aderentes em Portugal: 98% dos cibernautas portugueses têm perfil criado no *Facebook* (OBERCOM, 2014). De acordo com Neubaum e Kraemer (2015), o sentimento de “proximidade social [nas comunicações *online* é] social e psicologicamente benéfico para os indivíduos” (p. 443), sobretudo para as mães recentes, que ainda se encontram socialmente isoladas. A interação online contribui para aumentar o seu capital social, nomeadamente através do apoio emocional e da troca de informação (Drentea & Moren-Cross, 2005). Nas páginas e grupos sobre maternidade do *Facebook*, as mães procuram também partilhar experiências e dúvidas, obter apoio e conselhos sobre parentalidade, saúde, amamentação, alimentação e educação, para além de entretenimento e interação com outras mães (Kaufmann & Buckner, 2014; Neubaum & Kraemer,

Trabalho financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, através da atribuição de uma Bolsa de Doutoramento (SFRH/BD/110262/2015) à primeira autora.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Filipa César, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal. E-mail: filipa.cesar@gmail.com

2015), o que contribui para o seu empoderamento neste papel. Não obstante, a internet não é um ambiente ideologicamente neutro e nela são veiculados diversos valores, modelos e estereótipos, nomeadamente sobre maternidade e papéis sociais de género (Madge & Connor, 2006).

Ao longo da História, a maternidade tem sido culturalmente apropriada e prescrita, embora cada mulher possa experienciá-la de forma diferente, tendo em conta a sua história de vida, a sua posição social e a sua permeabilidade aos ditames culturais da sociedade em que vive (Birns & Hay, 1988). A maternidade tem sido culturalizada ao ponto de se considerar *natural* uma determinada forma de ser mãe e *desviantes* formas diferentes de o ser (Monteiro, 2005).

Nas últimas décadas, um modelo de maternidade *intensivo* (Elliott, Powell, & Brenton, 2015) prevaleceu nas sociedades ocidentais. Neste, uma *boa mãe* é abnegada e cabe-lhe, quer antes quer depois do nascimento, dedicar grande parte do seu tempo, energia, afeto e recursos ao cuidado, educação e estimulação cognitiva e intelectual dos filhos. De igual modo, é associado ao conceito de maternidade um intenso envolvimento afetivo entre mãe e filho justificado pelo *amor maternal*, sentimento considerado *natural* e necessário ao desenvolvimento não só da criança como da sociedade, dado que incentiva a mulher “a assumir diretamente os cuidados com a prole” (Badinter, 1986, p. 46).

Noutra perspetiva, estudos recentes questionam a imprescindibilidade da presença constante da mãe junto da criança (Milkie, Nomaguchi, & Denny, 2015) ou demonstram como e porquê as mulheres que exercem diversos papéis sociais procuram articular os seus papéis maternal e profissional de forma funcional (Alstveit, Severinsson, & Karlsen, 2011; Christopher, 2012). Tais estudos permitem admitir o surgimento, nas sociedades ocidentais, de novas formas de encarar a maternidade que se integram na chamada *maternidade extensiva* (Christopher, 2012) ou *negociada* (Badinter, 2010). Estes são modelos em que a mulher procura conciliar mais vetores de realização pessoal para além do da maternidade.

Atualmente, além do recurso clássico a especialistas (pediatras, psicólogos, educadores), as mães recorrem também a redes de apoio informal para a recolha de informação e conselhos, a fim de reduzir os seus níveis de *stress* e promover a sua qualidade de vida e bem-estar geral (Holtz et al., 2015).

A análise destes modelos é particularmente pertinente em Portugal, onde a maioria das famílias se caracteriza pelo duplo emprego, o que exige das mães a conciliação de múltiplos papéis, e, simultaneamente, pela defesa de valores extremamente tradicionais em termos familiares (Matias, Andrade, & Fontaine, 2011). As mulheres trabalhadoras sentem que o seu papel na família conflitua com o seu papel profissional, mas consideram necessária a manutenção da responsabilidade das tarefas domésticas que a divisão de papéis de género lhes atribui como forma de amenizar esse mesmo conflito (Matias et al., 2011). Num modelo *intensivo* de maternidade, associado a papéis tradicionais de género, o nascimento de uma criança pode pôr em causa o equilíbrio já alcançado pelas mulheres que exercem uma atividade profissional e levá-las a adiar os projetos de maternidade. Além disso, na experiência da maternidade pode ter efeitos nefastos no bem-estar físico e emocional das mães e no seu sentimento de autoeficácia. Já um modelo *extensivo* de maternidade, mais conciliável com outros projetos, pode libertar as mães deste excesso de atividades, tarefas e responsabilidades e ser mais recompensador a vários níveis.

É de realçar que o *Facebook* tem vindo a ganhar protagonismo no meio académico internacional, multiplicando-se os estudos sobre causas e efeitos da sua utilização e sobre a privacidade dos seus utilizadores, mas poucos são os que incidem o seu olhar na temática da maternidade. A título de exemplo, Bartholomew, Schoppe-Sullivan, Glassman, Kamp Dush e Sullivan (2012) analisaram o uso da rede social *Facebook* por mães e pais recentes numa perspetiva de aferição do seu capital social e concluíram que as mães a utilizavam mais e de forma mais intensa na transição para a maternidade; que denotavam melhor adaptação à maternidade quando os/as seus amigos/as nessa rede eram seus familiares; que a quantidade de visitas e de

gestão de conteúdos no *Facebook* por parte das mães estava diretamente relacionado com os seus níveis de stress parental.

Menos ainda são os que se dedicam a analisar os seus conteúdos de modo a evidenciar modelos sociais por estes veiculados. Kaufmann e Buckner (2014) realizaram um estudo exploratório em que compararam as descrições de 12 páginas de *Facebook* seguidas por mães com as 526 publicações efetuadas pelos administradores dessas mesmas páginas, concluindo que, embora nas descrições se apresentem as páginas como tendo objetivos de permitir conversações e discussão de temas, as publicações eram maioritariamente de cariz informativo e promocional.

Nenhum destes estudos incidiu sobre o tipo dos conteúdos nem sobre o modelo de maternidade veiculado. O caráter inovador da abordagem deste estudo está precisamente na análise de conteúdo das descrições de páginas e grupos portugueses na rede social *Facebook* criados por e para mães portuguesas com vista à identificação do modelo de maternidade nela atualmente veiculado de forma predominante. Na medida em que este modelo traduz um conjunto de expectativas sociais relativamente ao papel das mães, ele refletirá construções sociais que são amplamente partilhadas e promovidas, suscetíveis de condicionar as mães portuguesas na vivência do seu papel.

Neste sentido, o objetivo deste estudo é identificar o modelo de maternidade dominante nos discursos sobre maternidade difundidos no *Facebook*, concretamente nas descrições e publicações marcadas de páginas públicas e de grupos fechados, que poderão influenciar as expectativas das próprias, bem como a perceção da sua eficácia no desempenho da função maternal.

Método

Este estudo incidiu sobre as páginas e grupos administrados por ou dirigidos a mães portuguesas encontrados no *Facebook* e procurou cumprir os seguintes objetivos específicos: (i) identificar o modelo de maternidade predominantemente veiculado nesta rede social (*intensivo* ou *extensivo*); (ii) elencar as características do modelo identificado; (iii) identificar outros modelos de maternidade não prevaletentes e as suas características.

Amostra e procedimentos

Em outubro de 2015 realizámos uma pesquisa de páginas e grupos no *Facebook* pelas palavras-chave *mãe* e *maternidade*. De seguida, recorrendo às “Páginas sugeridas” e “Gostos desta página” que surgiram nas páginas encontradas na primeira pesquisa, chegámos, através do método “bola de neve”, a um conjunto de outros sítios. Os critérios de inclusão dos sítios no universo de análise foram tratar-se de páginas ou grupos criados e geridos por mães portuguesas e/ou para mães portuguesas. Dentro destas, foram excluídos os que tinham o propósito exclusivo de divulgação ou comercialização de eventos, produtos e/ou serviços para bebés e crianças, ou tinham um público-alvo demasiado restrito (por exemplo, grupos de mães de uma escola específica). Como o acesso à informação contida nos grupos fechados só é permitido aos seus membros, foi explicitamente solicitada a adesão em todos os grupos que, nesta primeira triagem, pareciam cumprir os critérios descritos. Cinco páginas foram eliminadas por terem estado inativas em 2015. Dois dos grupos questionaram a investigadora sobre o motivo do seu pedido de adesão e, depois de este ter sido explicitado, apenas um deles a aceitou. Com este processo chegámos a 137 Páginas Públicas (PP), cinco Grupos Públicos (GP) e 52 Grupos Fechados (GF) que cumpriam os critérios observados e que, no que concerne a estes últimos, aceitaram a adesão da investigadora, num total de 194 sítios.

Deste universo, foram recolhidas todas as descrições (um campo dedicado à explicitação da população a que o sítio se destina, das motivações que levaram à sua criação e dos objetivos

pretendidos pela página ou grupo); e, no caso dos GF, também as publicações marcadas¹ sempre que estas existiam. Cinco PP e cinco GF não continham qualquer descrição, o que reduziu o âmbito da recolha a 184 sítios (132 PP, 5 GP e 47 GF).

Uma vez obtido o corpus de análise, realizámos uma primeira leitura, “flutuante”, que nos ajudou a familiarizar com o texto, isto é, visou “estabelecer contacto com os documentos a analisar e (...) conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, 1979, p. 96). Depois desta leitura, os dados foram sujeitos a uma análise da qual emergiram as categorias que viriam a organizar a informação recolhida. Desta forma, as categorias surgiram durante a análise, num processo dedutivo, no que Bardin (1979) designa de procedimento por “milha”. Assim, tendo em conta os objetivos referidos e as características do modelo *intensivo* acima descritas (Elliott et al., 2015), as categorias emergentes foram as seguintes quatro:

- *Objetivos*, referentes aos propósitos últimos do desempenho da maternidade;
- *Atitudes*, referentes à forma como a maternidade é ou deve ser desempenhada;
- *Sentimentos*, referentes à forma como a maternidade é ou deve ser experienciada emocionalmente;
- *Práticas*, referentes às tarefas comumente incluídas no ato de cuidar para suprir necessidades básicas.

A seleção destas dimensões prendeu-se com o propósito de pretendemos abranger a vivência da maternidade nos seus aspetos mais globais (*Objetivos*) e ideológicos (*Atitudes*), na sua vertente mais operacional (*Práticas*) e, paralelamente, na sua vertente emocional (*Sentimentos*).

Instrumentos

A operacionalização dos modelos de maternidade *intensivo* e *extensivo* diferirá em cada uma destas dimensões (Tabela 1). O modelo *intensivo* sugere *Objetivos* da maternidade centrados apenas na criança; *Atitudes* de dedicação quase exclusiva da mãe à criança, da sua priorização e de procura de informação no sentido de promover o seu melhor desenvolvimento e estimulação cognitiva; *Sentimentos* de amor incondicional pela criança e de realização pessoal através do desempenho da maternidade; grande afetação de recursos no que toca às *Práticas* de cuidado como a alimentação, a saúde e a segurança da criança.

Tabela 1

Operacionalização dos modelos intensivo e extensivo de maternidade

Dimensões	Modelo <i>intensivo</i>	Modelo <i>extensivo</i>
Objetivos	Centrados na criança	Partilhados entre a criança e a mãe
Atitudes	Prevalência da vinculação mãe-criança	Presença de outras figuras de vinculação
	Dedicação à criança	Valorização simultânea de outros papéis da mulher
	Desenvolvimento e estimulação da criança	Práticas de terciarização Partilha de responsabilidades com outros adultos cuidadores
Sentimentos	Amor maternal	Amor maternal e amor de si próprio
	Realização pessoal pela maternidade	Realização pessoal em diversos papéis
Práticas	Afetação de recursos exclusivamente à criança	Afetação de recursos ao bem-estar da criança e da mãe

O modelo *extensivo* sugere *Objetivos* repartidos entre a criança e a mãe; *Atitudes* que consideram igualmente a integração social da mãe, na qual ela desempenha outros papéis, nomeadamente o profissional, e a sua conciliação com a maternidade; a presunção de haver outros adultos

¹ *Publicações marcadas* são mensagens colocadas por um dos administradores do sítio e que surgem sempre no topo das publicações, descrevendo, principalmente, os princípios do grupo, as regras de funcionamento ou evidenciando temas em destaque.

cuidadores, para além da mãe, que são parcialmente responsáveis pela criança; a consciência da importância do bem-estar da mãe na relação desta com a criança; a presença de realização pessoal para além do amor materno no que concerne os *Sentimentos* mencionados; afetação de recursos às necessidades básicas da criança e da mãe, cuja alimentação, saúde e bem-estar também são valorizados enquanto *Práticas*.

Os textos constituintes do corpus de análise foram copiados do *Facebook* e transcritos para documentos *Word* e, posteriormente, tratados com o *software* NVivo 10 em função das dimensões de maternidade já referidas (*Objetivos*, *Atitudes*, *Sentimentos* e *Práticas*) e respetiva operacionalização. Cada sítio foi codificado de acordo com a sua designação (GF, GP e PP) e numerado.

Análise de dados

A unidade de análise considerada foi a frase ou parte de frase enquanto unidade significativa, ou seja, portadora de sentido (Bardin, 1979), no caso dos *Objetivos*, *Atitudes* e *Práticas*. Já para os *Sentimentos* foi considerada a palavra como unidade de análise ou, na falta desta, a expressão sua equivalente.

Inicialmente, todos os indicadores emergentes foram elencados. A riqueza e diversidade dos resultados da análise sugeriram a organização dos indicadores para além do guião inicialmente proposto, em categorias e subcategorias.

No caso dos *Objetivos*, salientou-se a dimensão temporal dos mesmos: centrados no *Curto prazo* da infância [“o que a criança pensa, sente, aprende e decide sobre ela própria” (GF 8)], no desenvolvimento a *Médio prazo* da criança e no fortalecimento da família [“com vista ao desenvolvimento de crianças seguras, alegres e empáticas” (GF 10); “favorecendo a formação e a preservação da família” (PP 50)] ou, a *Longo prazo*, *Objetivos* quer coletivos [“Para um futuro de sustentabilidade.” (GF 14)] quer individuais [“o que (a criança) quer fazer no futuro para sobreviver e desenvolver-se.” (GF 8)].

As *Atitudes* foram a dimensão mais referida e, por isso, mais diversificada em termos de indicadores. As *Vivências da maternidade* foram agrupadas e divididas em subcategorias onde se incluíram a *Interação com a criança* [“o respeito mútuo e a educação emocional são a melhor abordagem para orientar e viver com as crianças” (GF 10)], o *Desempenho* da maternidade [“Para todas as mães que querem dar tudo aos filhos” (GF 50)], o seu *Significado* [“criar um filho é uma aventura” (PP 25)] e as *Preocupações* associadas [“tudo o que envolve a vida escolar dos nossos filhos.” (GF 40)].

Para além das *Vivências da maternidade* e em alternativa à valorização da criança, foram identificadas *Outras* subcategorias de *Valorização da família* [“Procurar o equilíbrio na vida familiar” (GF 42)] e da mulher para além da mãe [“Como mães, não nos podemos esquecer que também somos mulheres, e como tal aqui também se destina a trocar ideias, dicas de beleza & moda.” (GF 12)]. A maternidade a tempo inteiro [“Mãe de dois a tempo inteiro, dona de casa desenrascada nas horas vagas” (PP 10)] e a sua conjugação com o emprego [“ser as duas coisas pode ser simplesmente alucinante.” (PP 24)] foram também identificadas e consideradas como indicadores de *Tipos de maternidade*.

Os *Sentimentos* identificados foram divididos em *Positivos* e *Negativos*. A unidade de análise aqui utilizada foi preferencialmente a palavra, com algumas exceções em que foi necessário recorrer a conjuntos de palavras ou frases. No âmbito dos *Sentimentos Positivos*, no indicador Confiança foi também incluída a palavra “certeza”, assim como as frases “Não sou a melhor mãe do mundo. Mas sou a melhor mãe que a minha filha pode ter!” (PP 76). No indicador Carinho foi incluída a expressão “contacto afetivo”, e no indicador Compreensão foi considerada a frase “Porque só quem está é que percebe o que se passa dentro de nós.” (GF 31). De igual modo, nos *Sentimentos Negativos* o indicador Medo incluiu a palavra “receio”.

No caso das *Práticas*, não se procedeu a qualquer categorização para além da oferecida pelos indicadores.

Resultados

Analizadas as descrições e publicações marcadas no respeitante às dimensões referidas, foram identificadas no total 273 referências aos vários indicadores no *corpus* de análise. As *Atitudes* face à maternidade estão maioritariamente presentes nos textos recolhidos (55% do total das 273 referências), seguidas dos *Sentimentos* (19%), das *Práticas* (18%) e, de forma quase residual, dos *Objetivos* da mesma (8%) (Figura 1).

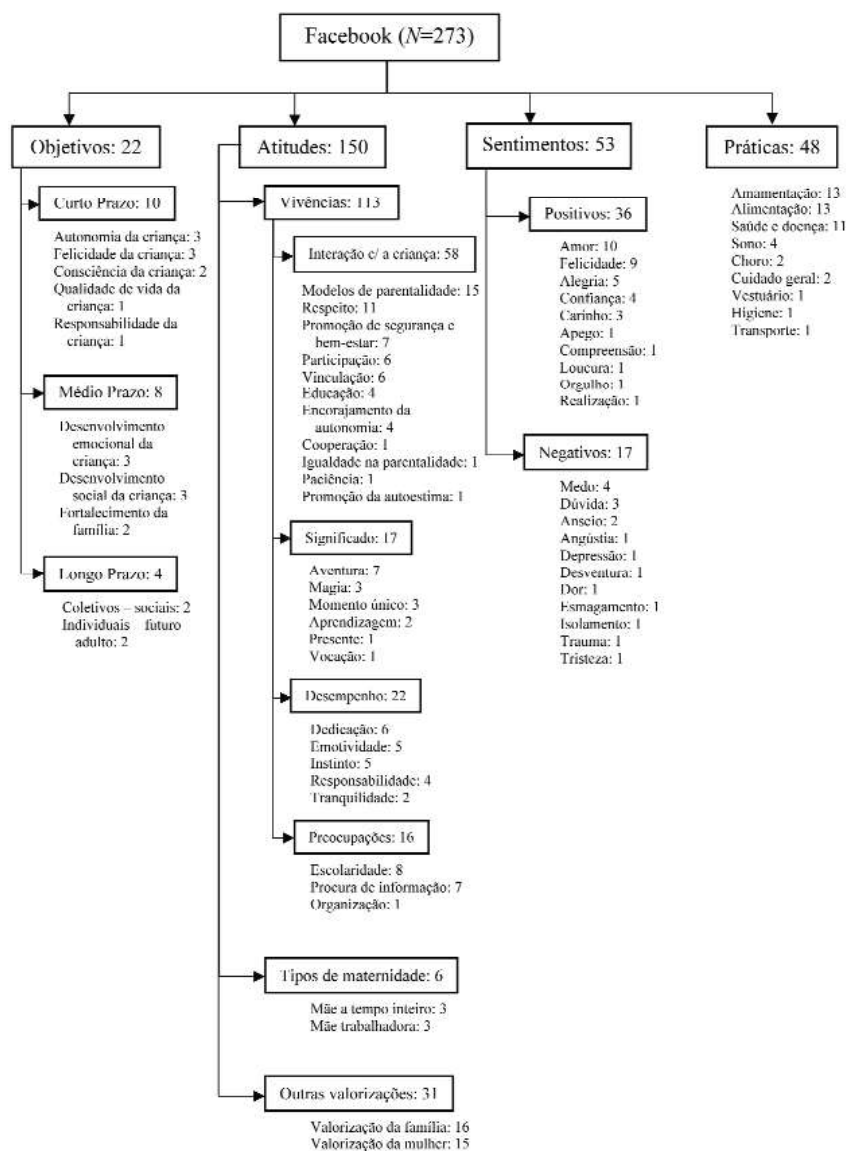


Figura 1. Dimensões, categorias, subcategorias, indicadores e respetivas referências (n)

A análise dos resultados foi realizada tendo em conta a frequência dos indicadores, por um lado, e a construção das categorias e subcategorias em função da caracterização dos indicadores, por outro.

Análise das frequências

A dimensão *Objetivos* da maternidade foi a menos referenciada, apenas com 22 ocorrências no total das 273 identificadas (8%). Ainda assim, foi possível identificar as categorias emergentes de *Curto*, *Médio* e *Longo prazo* para estes *Objetivos*.

Os *Objetivos* de *Curto prazo* são os mais referidos e dirigem-se essencialmente à criança: a promoção da sua *Autonomia* e *Felicidade* ($n=3$) e da sua tomada de *Consciência* do seu papel e da sua responsabilidade ($n=2$). A *Médio prazo* a maternidade visa promover o harmonioso *Desenvolvimento emocional e social da criança*, por um lado, com três referências cada, mas também contribuir para o *Fortalecimento da família* ($n=2$). Por fim, e com menor relevância, a *Longo prazo* os *Objetivos* são colocados quer em termos *Individuais*, de formação do futuro adulto, quer em termos *Coletivos*, na construção de um mundo melhor ($n=2$).

A dimensão *Atitudes* face à maternidade foi a mais observada, com 150 referências no total (55%). Aqui, a categoria mais frequente, *Vivências da maternidade*, alcançou as 113 referências e foi por sua vez subdividida nas subcategorias *Interação com a criança* ($n=58$), *Desempenho* ($n=22$), *Significado* ($n=17$) e *Preocupações* ($n=16$).

No âmbito dos indicadores que integram a subcategoria *Interação com a criança*, que se revelou a mais frequente, destacam-se as 15 propostas de *Modelos de parentalidade* específicos, como por exemplo a Parentalidade com Apego ou a Disciplina Positiva. O *Respeito* pela criança foi identificado 11 vezes, seguindo-se a *Promoção da sua segurança e bem-estar* ($n=7$), a *Participação* na sua vida e a criação de laços de *Vinculação* ($n=6$). A defesa da *Igualdade do pai e da mãe* na parentalidade apresenta resultados residuais ($n=1$).

O *Desempenho* da maternidade, ou seja, a forma como a mãe desempenha ou deve desempenhar o seu papel, foi considerado como envolvendo *Dedicação* ($n=6$), *Emotividade* (envolvimento emocional com a criança), *Instinto materno* ($n=5$) e *Responsabilidade* ($n=4$).

O *Significado* da maternidade foi descrito como sendo uma *Aventura* ($n=7$), um *Momento único e Mágico* ($n=3$), uma *Aprendizagem* ($n=2$) e, por fim, um *Presente* da vida ou uma *Vocação*.

A subcategoria menos referida na categoria das *Vivências* prende-se com as *Preocupações* inerentes à maternidade ($n=16$) e, aqui, a *Escolaridade* das crianças é evidenciada em metade dos casos, seguida de perto pela necessidade de *Procura de informação* ($n=7$) por parte da mãe.

Ainda na dimensão *Atitudes*, a categoria *Tipos de Maternidade* tem um total de 6 referências. Os indicadores *Mãe trabalhadora* e *Mãe a tempo inteiro* foram referidos equitativamente, com 3 ocorrências cada.

Por fim, a dimensão *Atitudes* incluiu a categoria *Outras* ($n=31$), que se reportam, por um lado, à *Valorização da família* ($n=16$) e, por outro, à *Valorização da mulher* para além da maternidade ($n=15$).

A menção a *Sentimentos* foi observada 53 vezes (19%) e, destas, a grande maioria correspondeu a *Sentimentos* considerados *Positivos* ($n=36$). A diversidade desses sentimentos é de 10 no total. Os mais referidos são o *Amor* ($n=10$) e a *Felicidade* ($n=9$) dos vários agentes envolvidos, seguidos da *Alegria* da mãe ($n=5$), da *Confiança* também da mãe ($n=4$) e do *Carinho* desta pela criança ($n=3$).

A variedade dos *Sentimentos* considerados *Negativos* associados à maternidade não é menor, mas o número de referências ($n=17$) é inferior ao dos *Sentimentos Positivos* e mais dispersa. O *Medo*, a *Dúvida* e o *Anseio* da mãe, são os mais representados, com quatro, três e duas referências, respetivamente.

Foram encontradas 48 referências a *Práticas* da maternidade (18%), ou seja, comportamentos concretos que envolvem os cuidados e satisfação das necessidades básicas da criança. A análise evidencia a prevalência das temáticas da *Alimentação* e *Amamentação* (n=13), seguidas da *Saúde/Doença* (n=11). Os temas *Sono*, *Choro* do bebê, *Vestuário*, *Higiene* e *Transporte* foram referidos mais residualmente.

Análise dos significados

Uma primeira abordagem dos resultados permite perceber que os textos² enquadram majoritariamente a dimensão *Atitudes*, que se refere ao modo como a maternidade é ou deve ser desempenhada:

Um grupo de partilha para pais que acreditam na Parentalidade com Apego. Uma forma natural de educar que assenta em oito princípios importantes (...) 2. Alimentar com amor e respeito. 3. Responder com sensibilidade 4. Usar um toque carinhoso 5. Assegurar um sono seguro do ponto de vista físico e emocional 6. Providenciar um cuidado amoroso consistente 7. Praticar a disciplina positiva 8. Procurar o equilíbrio na vida familiar e pessoal. (GF 42)

Uma análise mais fina das *Atitudes* permite verificar que os indicadores que estiveram na base da criação da subcategoria *Interação com a criança*, na categoria *Vivências da maternidade*, parecem valorizar sobretudo a criança nesta interação, já que ela surge sempre como a principal beneficiária da mesma, e cabe à mãe seguir bons modelos, respeitando-a, promovendo o seu bem-estar e envolvendo-se nos assuntos que lhe dizem respeito: “Acreditamos que o desmame é um processo também natural, visto como uma etapa no desenvolvimento do bebé/criança, que deve ocorrer natural e gradualmente, guiado sobretudo pelas necessidades do bebé/criança sem pressões de cariz social.” (GF 13)

No sentido inverso, mas com o mesmo pressuposto de valorização da criança, está a subcategoria *Desempenho* da maternidade, que enfatiza a *Dedicação* da mãe (“mãe-escrava” (PP 19)), a sua *Emotividade* [“A minha historinha cheia de aventura, emoção e muito amor.” (PP 71)] e o seu *Instinto*, que remete para uma naturalização de um fazer ou saber fazer [“educar e tratar dos nossos filhos usando o nosso instinto primitivo” (GF 4)], e um desempenho do papel pautado pela *Responsabilidade* [“Vamos viver a nossa parentalidade de uma forma responsável” (GF 20)].

Na subcategoria *Significado* da maternidade, a prevalência do indicador *Aventura* (“acreditamos que criar um filho é uma aventura e não vem com manual.” (PP 25) pode indiciar este papel como algo que inclui elementos de dificuldade e de imprevisto, mas também de desafio positivo que, associados aos restantes indicadores, remetem para uma atribuição de valor forte e positivo, ou seja, algo *Mágico* e *Único* [“A Magia de ser Mãe” (PP 17)].

As *Preocupações* inerentes à maternidade dividem-se quanto ao sujeito, mas convergem no interesse final. O indicador *Escolaridade* da criança reflete uma preocupação que tem início no berçário e termina no apoio e motivação para o estudo (“tudo o que envolve a vida escolar dos nossos filhos.” (GF 40)). Já o outro indicador tem como sujeito a mulher enquanto mãe, que tem como dever aceder a recursos, neste caso *Informação*, para garantir o bom desempenho do seu papel e conseguir cuidar e educar melhor os seus filhos:

No nosso website irá ter à sua disposição um conjunto de informações, orientações e até alguns conselhos para as mães durante a gravidez e para todos os pais relativamente ao desenvolvimento do bebé e da criança desde o nascimento até aos 12 anos. (PP 49)

² No caso dos GF, só são apresentados excertos de frases completas dos grupos cuja divulgação de conteúdo foi expressamente autorizada pelos administradores dos mesmos, ou seja, de 13 GF.

Por fim, *Outras* categorias afirmam a *Valorização da família* [“Porque a FAMÍLIA é o mais importante!” (PP 6); “Procura apoiar famílias na busca de harmonia e equilíbrio” (PP 27)] e a *Valorização da mulher* para além da mãe [“Blogzine de reflexões, tendências e lifestyle da mulher trendy e urbana, que é mãe.” (PP 16); “mães que conciliam a sua actividade profissional, os seus filhos e ainda têm projectos criativos e empreendedores.” (PP 23)].

Na categoria *Sentimentos positivos*, a prevalência do *Amor* e da *Felicidade* parecem apresentar a maternidade como proporcionando emoções maioritariamente positivas, não só à criança como à mãe e, de um modo geral, à família: “SOMOS FAMÍLIA | Onde a vida começa e o Amor nunca acaba!!!” (PP 28); “Somos a semente de um projeto inovador que pretende conjugar os conceitos de Crescimento, Família e Parentalidade Positiva em torno de quem todos os dias nos apaixona e que consideramos o melhor do mundo...as (nossas) Crianças.” (PP 79).

Os *Sentimentos Negativos* mais referidos (*Medo, Dúvida e Anseio*) parecem caracterizar as pessoas que querem responder às expectativas associadas a uma boa mãe, mas têm receio de não conseguir: “Aventuras, experiências, alegrias e medos, de uma mamã em aprendizagem,” (PP 56); “Sou uma mãe como todas as outras, de carne e osso, com as minhas dúvidas, com os meus receios e com os meus anseios mas com uma grande certeza, a de querer fazer escolhas conscientes e informadas.” (PP 76). Já os restantes, referidos apenas uma vez cada (*Angústia, Depressão, Desventura, Dor, Esmagamento, Isolamento, Trauma, Tristeza*) parecem ser indicadores de desânimo na experiência de maternidade: “Tudo passa... Mas enquanto não passa dói e aqui pode ser que doa menos!” (GF 48); “É uma grande alegria sim mas muitas vezes também tem períodos, por vezes longos, de muita tristeza e angústia.” (GF 48).

Noutra perspetiva, verifica-se que as dimensões *Sentimentos* e *Práticas* apresentam ocorrências bastante equivalentes, o que coloca praticamente a par a incidência dos discursos acerca dos sentimentos das mães e as tarefas associadas ao cuidar e criar. Estes resultados parecem evidenciar um modelo de maternidade em que as *Práticas* e os *Sentimentos*, o cuidar e o sentir, assumem igual valor: “Alimentar [a criança] com amor e respeito” (GF 42).

Os *Objetivos* da maternidade apresentam-se comparativamente pouco representados, como se fossem evidentes ou de partilha menos relevante: “soluções para uma maternidade e infância felizes.” (PP 55). Além disso, a dimensão *Objetivos* surge maioritariamente associada à criança ou à pessoa em que ela se tornará e mais residualmente se foca em questões mais coletivas, como a família ou a sociedade:

Este é um espaço de partilha, de apoio e de encontro para todas as Mães e todos os Pais em Transição que querem viver e dar aos filhos uma vida melhor, com valores e princípios distintos dos que estão, infelizmente, instituídos na nossa sociedade. (GF 14)

Discussão

À luz dos objetivos deste estudo, que pretendiam identificar o modelo de maternidade dominante nas descrições e publicações marcadas dos vários sítios portugueses do *Facebook* (PP, GF e GP) feitos por ou para mães e, de igual modo, identificar as características desse e de outro(s) modelo(s) relativamente aos *Objetivos, Atitudes, Sentimentos* e *Práticas* atribuídos à maternidade, os resultados encontrados podem ser considerados interessantes na medida em que parecem ir ao encontro da predominância do modelo *intensivo* de maternidade tal como descrito por Elliott et al. (2015), segundo o qual a mãe deve dedicar-se à criança de forma abnegada e significativa em termos de cuidados, sentimentos, educação, escolaridade e procura de informação, e que este é o padrão para a felicidade da mãe e o bem-estar da criança.

Indicadores do modelo de maternidade *intensivo* operacionalizados na Tabela 1 foram identificados em todas as dimensões observadas. Os *Objetivos* da maternidade, independentemente da temporalidade associada, são maioritariamente focados na criança, no seu bem-estar e no seu desenvolvimento.

A prevalência da dimensão *Atitudes* sobre as restantes pode indiciar alguma normatividade nos discursos e, portanto, refletir um conjunto de expectativas sociais e frequentemente assumidas pelas próprias mães relativamente à forma de desempenhar este papel: preconizam-se modelos de parentalidade “Positiva”, de elevado respeito e consideração pela criança na interação e de grande envolvimento na sua educação, formação e estimulação; no conjunto, os indicadores do *Significado* da maternidade parecem apresentá-la como uma experiência intensa, desafiante e positiva para as mães; espera-se também do seu *Desempenho* que a mãe seja dedicada, emotiva, responsável, que siga o seu instinto, que se preocupe com a *Escolaridade* da criança e que procure manter-se informada no que a ela concerne.

De igual modo, a prevalência dos *Sentimentos Positivos* enquadra-se no modelo *intensivo* de maternidade, na medida em que estes se pautam, essencialmente, pelo *Amor* e *Carinho* pela criança, por um lado, e pela *Alegria*, *Felicidade* e *Confiança* quer da mãe quer da criança, por outro. Já os *Sentimentos Negativos* são atribuídos apenas à mãe e os mais referenciados – *Medo*, *Dúvidas* e *Anseios* – podem traduzir a ansiedade de desempenho face às exigências do modelo *intensivo*. Esta aparente insegurança é compatível com outros resultados (cf. *Práticas*, *Interação com a criança*, *Desempenho* e *Preocupações*) que atribuem à mãe responsabilidades significativas. Este modelo ideal está associado ao sofrimento e inadequação pessoal transmitidos pelos indicadores *Angústia*, *Depressão*, *Dor*, *Esmagamento*, *Isolamento*, *Trauma* e *Tristeza*, sentidos pelas mães, que indiciam a sensação de fracasso pessoal face às expectativas sociais e pessoais. O modelo *intensivo* (aqui constatado como dominante) pode assim gerar estes sentimentos de inadequação quando as mães não encontram, nesta forma de maternidade, o bem-estar e a realização que lhe associavam.

As *Práticas* associadas à maternidade reforçam os restantes resultados no que diz respeito à afetação de recursos à criança e aos temas do quotidiano associados ao provimento das necessidades básicas da criança: a promoção da *Amamentação*, a *Alimentação* e os cuidados de *Saúde*. Simultaneamente, os objetivos das *Práticas* surgem associados ao bem-estar não só da criança, mas também da mãe e, mais genericamente, da família. Assim, esta dimensão não é enquadrável apenas num modelo de maternidade.

São claramente minoritários, embora presentes, os indicadores associáveis a um modelo *extensivo* (Christopher, 2012) ou *negociado* (Badinter, 2010) de maternidade, embora estes se apresentem em menor diversidade. É o caso dos *Objetivos* familiares e sociais, em que a criança partilha o protagonismo com outros agentes e é encarada como integrando uma comunidade. O mesmo acontece na dimensão *Atitudes* quando é valorizada a *Família* como um todo e também a *Mulher* para além da mãe. A menção à *Igualdade na parentalidade*, outro indicador do modelo *extensivo*, foi referida de forma explícita apenas uma vez. O facto de diversas páginas e grupos se dirigirem aos “pais” e não apenas à mãe enquanto público-alvo não nos permite aferir qual a sua posição relativamente a essa mesma igualdade.

O modelo *intensivo* prevalece quer se fale de mães trabalhadoras ou de mães a tempo inteiro, já que esta variável, presente de forma equitativa em termos de ocorrências na categoria *Tipos de Maternidade*, não é considerada determinante. Nos textos em análise, os níveis de exigência relativamente ao desempenho maternal mantêm-se e todas são consideradas “Super Mães” (GF 21) cuja acumulação de responsabilidades é vista como “alucinante” (PP 24) independentemente da sua posição face ao trabalho, o que vai ao encontro da proposta de Matias et al. (2011) de manutenção de valores tradicionais na divisão de papéis em função do género no quotidiano familiar português e a sua aceitação e reprodução por parte da própria mulher. Neste sentido, o

modelo *extensivo* de articulação equilibrada ou negociada pela mulher dos seus vários papéis não parece ser reconhecido pelos sítios ou utilizado pelas mães que integraram este *corpus* de análise.

A análise realizada parece confirmar o recurso à rede social *Facebook* quer por parte das mães (Neubaum & Kraemer, 2015) para partilha de experiências pessoais e procura de informação, quer por parte de agentes que, por esta via, tentam promover boas práticas, modelos de parentalidade e apoio emocional a mães e/ou a pais. No mesmo sentido, a veiculação predominante do modelo de maternidade *intensivo* vai ao encontro da proposta de Madge e Connor (2006) de que estereótipos, modelos e valores estão presentes em diversos sítios da internet. O carácter inovador deste estudo reside, precisamente, na tentativa de identificar e caracterizar alguns desses estereótipos, modelos e valores.

Não obstante o carácter inovador deste trabalho e a aparente consistência dos resultados obtidos, algumas limitações devem ser reportadas. Por um lado, os conteúdos foram analisados de forma qualitativa pelos autores e a respetiva categorização foi acordada entre eles sem preocupação de quantificação. Por outro lado, não foi considerada a caracterização socioeconómica e profissional dos autores e administradores dos sítios e, portanto, não foi possível aferir a sua influência nos resultados obtidos. Aquela informação raramente estava disponível *on-line* e o seu pedido expresso poderia colidir com os objetivos previstos para a etapa seguinte do nosso estudo: a análise das publicações e comentários de alguns destes sítios ao longo de 2015. Com esta segunda abordagem pretendemos aprofundar o estudo agora realizado, o que permitirá afinar a caracterização do modelo de maternidade normativo e as suas implicações no quotidiano e bem-estar das mães portuguesas utilizadoras do *Facebook*.

Conclusão

Os resultados parecem indicar claramente uma prevalência do modelo de maternidade *intensivo* e a sua promoção nas páginas e grupos do *Facebook* dedicadas ao tema, o que espelha expectativas sociais quanto ao papel materno e pode ter efeitos nas expectativas das próprias mulheres que querem ser ou são mães, ou mesmo sobre as suas decisões de maternidade. Trata-se de um modelo que está associado a uma visão tradicional do papel da mulher, de um modelo que prioriza a criança e a infância face às necessidades e interesses das mães enquanto mulheres e que pode ser difícil de cumprir por mães que não se dediquem aos seus filhos a tempo inteiro, como é o caso da maioria das mães portuguesas, que exercem uma atividade profissional. Mães que, por contingências diversas, não adotem no quotidiano as *Práticas e Atitudes* ou não sintam os *Sentimentos* prescritos por este modelo (nomeadamente o *amor maternal* a que Badinter (1986) se refere) podem ver comprometido o seu bem-estar, o seu sentimento de autoeficácia e a sua autoestima. Alguns dos *Sentimentos negativos* detetados podem ser disso expressão. O modelo de maternidade *extensivo* ou *negociado*, também identificado nestes sítios mas claramente minoritário, sendo mais igualitário em termos de género já que considera que a mãe não tem que ser a única cuidadora da criança, apresenta-se como mais conciliável com a vida profissional das mães portuguesas.

Este estudo integra um projeto de investigação mais vasto que pretende conhecer de forma aprofundada o modelo de maternidade social e culturalmente dominante em Portugal e, posteriormente, abordar os efeitos nas mães de eventuais desvios a este modelo e identificar estratégias quotidianas de adaptação e negociação a que elas recorrem no sentido de conciliar de forma funcional os seus papéis profissional, social e familiar.

Referências

- Alstveit, M., Severinsson, E., & Karlsen, B. (2011). Readjusting one's life in the tension inherent in work and motherhood. *Journal of Advanced Nursing*, 67, 2151-2160. doi: 10.1111/j.1365-2648.2011.05660.x
- Badinter, E. (1986). *O amor incerto – História do amor maternal do séc. XVII ao séc. XX*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Badinter, E. (2010). *O conflito: A mulher e a mãe*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bartholomew, M. K., Schoppe-Sullivan, S. J., Glassman, M., Kamp Dush, C. M., & Sullivan, J. M. (2012). New parents' Facebook use at the transition to parenthood. *Family Relations*, 61, 455-469. doi: 10.1111/j.1741-3729.2012.00708.x
- Birns, B., & Hay, D. F. (Eds.). (1988). *The different faces of motherhood*. New York: Plenum Press.
- Christopher, K. (2012). Extensive mothering: Employed mothers' constructions of the good mother. *Gender & Society*, 26, 73-96.
- Drentea, P., & Moren-Cross, J. L. (2005). Social capital and social support on the web: The case of an internet mother site. *Sociology of Health & Illness*, 27, 920-943. doi: 10.1111/j.1467-9566.2005.00464.x
- Elliott, S., Powell, R., & Brenton, J. (2015). Being a good mom: Low-income, black single mothers negotiate intensive mothering. *Journal of Family Issues*, 36, 351-370. doi: 10.1177/0192513X13490279
- Holtz, B., Smock, A., & Reyes-Gastelum, D. (2015). Connected motherhood: Social support for moms and moms-to-be on Facebook. *Telemedicine and E-Health*, 21, 415-421. doi: 10.1089/tmj.2014.0118
- Kaufmann, R., & Buckner, M. M. (2014). To connect or promote?: An exploratory examination of facebook pages dedicated to moms. *Computers in Human Behaviour*, 35, 479-482. doi: 10.1016/j.chb.2014.02.030
- Madge, C., & O'Connor, H. (2006). Parenting gone wired: Empowerment of new mothers on the internet?. *Social & Cultural Geography*, 7, 199-220. doi: 10.1080/14649360600600528
- Matias, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2011). Diferenças de género no conflito trabalho-família: Um estudo com famílias portuguesas de duplo-emprego com filhos em idade pré-escolar. *Psicologia*, 25, 9-32. Disponível em <http://dx.doi.org/10.17575/rpsicol.v25i1.277>
- Milkie, M. A., Nomaguchi, K. M., & Denny, K. E. (2015). Does the amount of time mothers spend with children or adolescents matter?. *Journal of Marriage and Family*, 77, 355-372. doi: 10.1111/jomf.12170
- Monteiro, R. (2005). *O que dizem as mães: Mulheres trabalhadoras e suas experiências*. Coimbra: Quarteto.
- Neubaum, G., & Kraemer, N. C. (2015). My friends right next to me: A laboratory investigation on predictors and consequences of experiencing social closeness on social networking sites. *Cyberpsychology Behavior and Social Networking*, 18, 443-449. doi: 10.1089/cyber.2014.0613
- OBERCOM. (2014). *A internet em Portugal. Sociedade em rede 2014*. Obercom.

Nowadays, online social networks are important sources of informal support for mothers due to their accessibility and extensive information on childrearing and motherhood performance. This study aims to identify the current motherhood model prevalent in Portuguese Facebook, namely through its groups and pages concerning motherhood. In October 2015, a search was performed by using the words mother and motherhood, followed by other “snowballed” found sites, allowing the identification of 132 Public Pages, 47 Closed Groups and 5 Public Groups ($N=184$). Their descriptions were submitted to a content analysis in which goals, attitudes, feelings and practices attributed to mothers and spread by Facebook

were identified. Results show that the conveyed motherhood model assumes the centrality of the child, and of its needs and interests, and assigns high levels of demand to the mother. Women's needs are not mentioned, seeming to disappear behind the maternal role. The study confirms the predominance of an intensive motherhood model in Portuguese Facebook.

Key words: Motherhood, Facebook, Social models.

Submissão: 24/09/2016

Aceitação: 26/02/2017



“To Suffer in Paradise”: Feelings Mothers Share on Portuguese Facebook Sites

Filipa César^{1,2*}, Patrício Costa^{1,3,4}, Alexandra Oliveira^{1,2} and Anne Marie Fontaine^{1,2}

¹ Faculty of Psychology and Education Sciences, University of Porto, Porto, Portugal, ² Culture, Normativity and Diversity Research Group, Center for Psychology, University of Porto, Porto, Portugal, ³ Life and Health Sciences Research Institute (ICVS), School of Medicine, University of Minho, Braga, Portugal, ⁴ ICVS/3B's – PT Government Associate Laboratory, Braga/Guimarães, Portugal

OPEN ACCESS

Edited by:

Moira Mikolajczak,
Université catholique de Louvain,
Belgium

Reviewed by:

Colette Van Laar,
KU Leuven, Belgium
Céline Scola,
Aix-Marseille Université, France

*Correspondence:

Filipa César
filipa.cesar@gmail.com

Specialty section:

This article was submitted to
Developmental Psychology,
a section of the journal
Frontiers in Psychology

Received: 31 January 2018

Accepted: 04 September 2018

Published: 01 October 2018

Citation:

César F, Costa P, Oliveira A and
Fontaine AM (2018) “To Suffer
in Paradise”: Feelings Mothers Share
on Portuguese Facebook Sites.
Front. Psychol. 9:1797.
doi: 10.3389/fpsyg.2018.01797

Background: Motherhood is an emotional rollercoaster. This is overlooked by most literature, which tends to refer mothers' pathological states of postpartum depression and anxiety, mainly seeking to understand their causes or predicting factors, and consequences on children's development.

Objective: In this study, we aim to observe the diversity of mothers' emotional states, and to analyze both positive and negative feelings they disclose on specific public and closed motherhood sites on Facebook. We hypothesize that the intensive motherhood model is prevalent in Portuguese society, thus influencing the type of feelings and circumstances in which mothers disclose them.

Methods: We collected posts and comments from the four most popular Portuguese Facebook motherhood sites during 2015 and, then, conducted a quantitative and content analysis to identify the expressed range of feelings concerning motherhood.

Results: Mothers preferably share their positive feelings on public pages, whereas negative feelings are shared more in closed groups (CGs). Expressed positive and negative feelings were significantly different whether we look at normative or non-normative, public or closed sites.

Discussion: We assume that motherhood sites on Portuguese Facebook reflect an intensive motherhood model that is normative in Portuguese society. Positive feelings toward children are promoted and openly shared in public normative sites, while negative feelings concerning motherhood are dealt with in the privacy of CGs. We propose an extensive motherhood model to overcome this duality and to allow women to pursue several different social roles simultaneously in an equally rewarding way.

Keywords: motherhood, feelings, Facebook, cultural model, Portugal

INTRODUCTION

Childrearing can be the most gratifying, yet the most demanding, experience of a woman's lifespan. Culturally, pleasant feelings and fulfillment are attributed to motherhood, which is considered one of the main purposes of every woman's life. Motherhood is not supposed to be questioned or substituted by any other type of life goals, such as professional achievement, for example.

In western countries, namely, in Portugal, even for women who have professional careers, being a mother is still seen as an unavoidable goal that reinforces women's identities and is associated with positive feelings.

The importance of this primary role over others is socially assumed. An intensive motherhood model is predominant in western societies, a model that assumes the centrality of the child and the prevalence of his/her interests over those of the mother (Elliott et al., 2015; César et al., 2018), who must be completely involved in this role. The mother is expected to nourish strong positive feelings for her child, condensed into the commonly termed "maternal love" (Badinter, 1986). Love and maternal loving dedication are considered not only natural in women, but also essential to appropriate childrearing (Badinter, 1986).

Although motherhood is characterized as an emotional rollercoaster, the absence of positive feelings or the presence of different feelings, such as negative ones, toward motherhood or the child itself are considered unnatural and even pathological. Mothers' negative feelings and emotional disturbance have been documented from this perspective. Many of these scientific studies about mothers tend to focus on their negative psychological states and/or poor role performance, the respective causes, and predicting factors (Skipstein et al., 2012; O'Hara and McCabe, 2013; Taylor and Johnson, 2013; Tyrlik et al., 2013; Highet et al., 2014; Jover et al., 2014; Agrati et al., 2015; Razurel and Kaiser, 2015; Meier et al., 2016; Tikotzky, 2016; Kim et al., 2017), as well as the consequences it entails for the child's behavior, development, and well-being (Herba et al., 2013; O'Hara and McCabe, 2013; Jover et al., 2014; Spijkers et al., 2014; Yürümez et al., 2014; Betts et al., 2015; Fairbrother et al., 2015; Junttila et al., 2015; Connors-Burrow et al., 2016; Riva Crugnola et al., 2016; Woolhouse et al., 2016; Granat et al., 2017; Moed et al., 2017). Specific groups, such as teenage mothers (Smith et al., 2017), mothers who experienced preterm labor (Karabekiroglu et al., 2015), or mothers of children who have been clinically diagnosed as disabled (Loukisas and Papoudi, 2016), also arouse scientific curiosity, and are viewed as an abnormal phenomenon, in comparison to normative mothers, assumed as control groups.

Mothers' positive feelings are seen as necessary and essential for children's present and future well-being, good development, and behavior, and are only studied in opposition to negative feelings, which cause harm to those same dimensions. We observe that this perspective promotes the prevalence of the child, its needs, and interests, entailing an intensive motherhood model that requires great investment and dedication from mothers, both physical, emotional, financial, and regarding their time (Elliott et al., 2015; César et al., 2018). Spence (2013) refers to a "bonanza built on fear" (p.1), which feeds social media with pregnancy advice, conditions of delivery procedures, compels breastfeeding and induces parents to obsessively control and protect their child, even when real risks are unknown. Summing up, the prescribed mother is happy, emotionally adequate, follows experts' advice, bonds well with children, and is self-confident. Deviance amplifies self-doubts, and feelings of guilt and shame are induced whenever women, in some way, "fail to live up to ideals of womanhood and motherhood, and (...) transgress

cultural expectations regarding feminine modesty" (Taylor and Wallace, 2012, p.76).

When referring to mothers' feelings, we must specify the meaning. Common sense tends to use the words "feeling" and "emotion" indistinctly, although each word represents a different scientific phenomenon for social and behavioral sciences (Scherer, 2005). To pursue our research, we assume that "emotions are feelings when conscious, and they are not feelings when unconscious" (Prinz, 2005, p.9). Language may help individuals acknowledge emotions, represent it, and more accurately shape it "by contributing to the ability to make situated conceptualizations of emotion in the moment" (Lindquist et al., 2015, p.11). Thus, only emotions that are reflected upon and consciously objectified through thoughts and words are considered "feelings" in our analysis. Since this work is about written language, we considered all words and expressions of overall body sensations, moods, emotions, and/or feelings indistinctly as "feelings," in the sense that subjects use this form of communication to exteriorize psychological states, even if their exact category within the concept is not determined.

In addition to individual aspects, we acknowledge emotions and feelings as eminently cultural. They are not positive or negative in themselves (Sylwester, 2000), instead they are attributed a positive or negative value by groups and societies according to each values system. Furthermore, "emotions are intrinsically social in that they are typically elicited, expressed, regulated, perceived, interpreted, and responded to in social settings" (van Kleef et al., 2016, p.4). This leads us to agree that a socially considered positive emotional response, feeling, or mood presented by an individual tends to provide social acceptance and psychological well-being (van Kleef et al., 2016), while negative ones elicit worry and even social rejection. By realizing which feelings are considered normative in one context, we also acknowledge which feelings are considered deviant in that same context, since "cultural models involve beliefs as well as social practices that underwrite and sustain what is moral, imperative, and desirable" (Mesquita and Walker, 2003, p.779). Therefore, some feelings and emotional practices are to be promoted or inhibited according to what is culturally valued and accepted. This kind of pressure is created not only by direct social demands, but also by individuals themselves, who internalize social expectations.

In Western societies, the pursuit of personal happiness is considered a positive life goal, and therefore, individuals can comfortably express this feeling. On the other hand, sadness is considered a negative feeling, sometimes even a pathological one. These feelings could also be the result of perceived social acceptance when individuals enact prescribed social roles, such as motherhood. When these roles are achieved in a socially expected way, individuals feel accepted and reinforced, which is associated with positive feelings. However, when this is not the case, negative feelings are elicited. Nevertheless, in a multiple study project, Bastian et al. (2012) found that avoiding the expression of negative feelings did not suppress them: "perceptions of how others evaluate and find acceptable the emotions we experience appear to be an important ingredient in producing downstream emotional responses, and ironically in

aggravating those same emotions that are deemed to be socially undesirable or unacceptable” (Bastian et al., 2012, p.78). It is possible to conclude that the non-acceptance of a feeling induces its own reinforcement. Moreover, when the individual tries to inhibit negative emotions such as sadness or is forced to do so, this has potential negative consequences for their mental health (Gross and Levenson, 1997). The stronger the belief about the inappropriateness of a feeling, the “more emotional avoidance and less self-compassion and support-seeking” can be observed in the individual (Sydenham et al., 2017, p.76).

Literature reveals very few qualitative studies on mothers' feelings through the analysis of their spontaneous, unformatted discourses from a non-pathological and non-normative perspective. Despite the role of new technologies as a powerful means of communication, few studies have focused on their spontaneous use by women, when they face the transition into motherhood. These studies have shown that its use empowers women in their new role, through the sharing of experiences, advice, emotional support, and interaction with other mothers (Drentea and Moren-Cross, 2005; Kaufmann and Buckner, 2014; Neubaum and Kraemer, 2015).

The purpose of this study is to observe the diversity of mothers' emotional states and feelings about motherhood in everyday life in order to understand how Portuguese mothers are aligned with the intensive motherhood model in their daily life. We also seek to comprehend how Portuguese mothers deal with the emotional demands of the intensive motherhood model, on the one hand, and with denial and pathologizing of mothers' negative feelings, on the other. We take Facebook motherhood sites as our field of analysis to acknowledge mothers' main feelings according to their childrearing experience because Facebook is a social network where mothers spontaneously interact and share experiences. We believe that the Internet, particularly social networks, provide enough anonymity for mothers to share and unburden their feelings with a potentially understanding audience, among other functions these sites provide. However, emotional disclosure is also sensitive to the hidden social control and women will only express their feelings if they foresee that they will be understood and accepted. Thus, some differences will be observed among Facebook sites, according to their level of “normativity,” and it is also relevant to analyze which sites encourage or inhibit mothers' free emotional expression. We aim to analyze (i) which feelings mothers refer to regarding being a mother; (ii) in which situations those feelings arise; (iii) where those feelings are being shared; and (iv) which judgments are made concerning those feelings. We assume these discourses reflect an intensive motherhood model, which is normative in Portuguese society.

We hypothesize that both positive and negative feelings arise in mothers' spontaneous speeches (*Hypothesis 1*), as motherhood is an emotional rollercoaster; that mothers' positive feelings are more widely expressed and encouraged on public pages (PPs) than negative feelings (*Hypothesis 2*); in its turn, negative feelings are shared preferably in closed groups (CGs), away from public scrutiny (*Hypothesis 3a*); since these negative feelings are considered deviant in relation to the intensive motherhood model, they are more shared than positive ones in CGs

(*Hypothesis 3b*). Finally, feelings, either positive or negative, are qualitatively different in normative and alternative sites: we hypothesize that on the latter mothers share more feelings concerning their own needs and well-being, instead of those of their offspring, which are more common in the normative sites (*Hypothesis 4*).

Facebook motherhood sites were chosen, because it is the most relevant online social network in Portugal, with 98% of Portuguese internet users having a profile on the platform (OBERCOM, 2014). Moreover, studies show that sites on Facebook dedicated to motherhood are places where mothers search for support, advice, and share their experiences and doubts (Kaufmann and Buckner, 2014; Neubaum and Kraemer, 2015), reflecting their values, models, and beliefs regarding motherhood (Madge and O'Connor, 2006).

We believe this is an original and relevant approach, since the literature reveals very few studies regarding mothers' feelings, and the analysis of mothers' spontaneous, unformatted discourses seems to be very rare in scientific research. In addition, it is also relevant to analyze the type of feelings institutional sites appear to encourage and/or criticize while addressing posts to follower/member mothers, as they reflect an institutional context that promotes social control.

MATERIALS AND METHODS

In a previous study (César et al., 2018), we collected all the Portuguese Facebook sites that were active in 2015, created by or dedicated to mothers, except those focused on selling, advertising, or directed toward overly specific populations. Included were 198 sites, both PPs and CGs, whose descriptions underwent content analysis. We concluded that the majority of Portuguese Facebook motherhood sites promoted the intensive motherhood model, and only on a minority did we find *extensive* (Christopher, 2012) or *negotiated* (Badinter, 2010) motherhood models' indicators. These latter models advocate that mother and child share protagonism regarding well-being promotion, that the mother reconciles motherhood with other social roles, namely, the professional one, and that other adults may also be considered main caregivers besides the mother, with whom she shares childrearing. For the current study, and given the large amount of information available, we chose a sample of four sites (two PPs and two CGs) with the most followers each to conduct the content analysis. Also, within those four sites we chose representatives of the intensive motherhood model and called them *normative* (PP-normative and CG-normative), and of the extensive motherhood model, which we called *alternative* (PP-alternative and CG-alternative), according to the results of our previous study. In both CG, researchers requested permission to use the information, which was granted as long as the anonymity of the groups and members was preserved (**Table 1**).

During 2015, all posts and respective comments from this sample were collected (PP-normative $n = 2525$; PP-alternative $n = 54$). As predicted, normative sites had many more posts and comments than alternative ones, in absolute terms. Since we observed that the information from CG-normative became

TABLE 1 | Facebook sample data.

Sites	Months	Followers	Posts	Comments	Total text units	Feelings
PP-normative	12	Over 78,000	594	1931	2525	291
CG-normative	4	Over 1300	819	3818	4637	246
PP-alternative	12	Over 30	42	12	54	9
CG-alternative	8	Over 90	38	97	135	123
Total			1493	5858	7351	669

redundant after merely 4 months, from September to December 2015 ($n = 4637$), we decided to interrupt data collection from this site. As for CG-alternative, the data collection ended after 8 months because the group, created in April, was abandoned in November, after 135 posts.

Public page-normative had more than 78,000 followers in 2015 and it was a blog-style Facebook page that intended to disseminate useful and up-to-date information to parents and future parents on subjects related to pregnancy, newborns, babies, and child development. It had more than 500 links to articles from blogs, in that year, but only text posts were analyzed, as well as readers' reactions conveyed in almost 2000 comments.

Closed group-normative was a group with more than 1300 followers in 2015, with 819 posts, and its members made almost 4000 comments. Its title suggests it is aimed at parents, though during that year, fathers only made a few comments. The purpose of this CG-normative was to allow its members to discuss and help each other with a range of questions concerning pregnancy, breastfeeding, toys, baby items, child diseases, and post-partum depression.

In the PP-alternative case, in 2015, it had 31 followers, who made 12 comments on its 42 posts. The author considers herself an "unaware" mother who shares her own beliefs and experiences about raising children in a personal and supposedly controversial PP. These ideas are claimed to be based on her motherly instinct and to go against the normativity of childrearing manuals and formal school principles.

The creator of the CG-alternative intended for it to be a non-judgmental place where mothers could share the difficulties of the post-partum period, which are entitled "secrets." This group focused on the experiences and feelings of recent mothers, rather than on babies or children. Posts lasted only 8 months during 2015, possibly because mothers had passed the puerperium phase and there had been no renewal in its 97 members.

All 7351 posts and comments were uploaded to an NVivo file and a content analysis was conducted to identify feelings mentioned by or about mothers regarding their experience of motherhood. Two first major categories were established: positive and negative feelings, due to positive and negative experiences mothers tend to have (DiPietro et al., 2015). Content analysis was based on the context of full phrases as unit of analysis, through which it was possible to identify the *positive* or *negative* valuation attributed to words (e.g., "surprise" shows up in both valuations) and sentences (e.g., use of sarcasm or irony). Within positive and negative categories, feelings were listed and summed up whenever they occurred. Two other independent researchers

reviewed the final lists, with almost total agreement. Throughout the analysis, emergent categories were created. Feelings were considered when expressed either by single words (e.g., "love," "joy," "fear," "sadness"), or by expressions (e.g., "we learn from each other," interpreted as "solidarity," "my heart sinks [after scolding her son]," interpreted as "guilt"). Some sets of words with similar meaning (e.g., "tranquility," "relaxation," "serenity," "calmness") were considered synonyms and gathered in the same category.

In order to test if there were frequency differences of expressed feelings among and within Facebook sites, several chi-square tests were used. We also performed a *post hoc* test using the adjusted standardized residual (AdjSR) to find statistical significant differences between observed and expected counts within cells from the contingency table. Absolute AdjSR values ≥ 1.96 ($p < 0.05$) were considered significant.

RESULTS

Results show that the four sites under analysis have different functionalities. PP-normative appears to have a pedagogical and regulatory function, as it publishes specialized information concerning motherhood, babies, and childrearing, often written by physical and mental health professionals, who teach mothers how to act and what to feel regarding several matters. CG-normative works as a mutual help group where mothers share their experiences and advise each other based on that same experience. Mothers going through financial difficulties, or those whose children have health, sleep or feeding problems, find other mothers available on this site to provide support and orientation. The small online community of CG-alternative also functions as a mutual help group, although in this case women are able to vent their "secrets," as well as the unexpected feelings that arise from the transition into motherhood: body transformation, health issues, physical pain, loss of freedom (Highet et al., 2014), marital problems (Highet et al., 2014; Junttila et al., 2015), and difficulties in taking care of a new-born. In turn, PP-alternative presents a very personal perspective on motherhood which shares with CG-alternative the fact that it is not centered on offspring, but rather, it seems to function as a personal diary where this mother publicly shares her ideas and experiences. We did not find any Portuguese sites in 2015 exclusively created by/or addressed to fathers, and we observed an almost total absence of fathers in these sites, even on CG-normative, which is aimed at both mothers and fathers.

We found 699 feelings concerning motherhood in the analysis corpus, 60.7% of which were considered negative ones. This confirms our *Hypothesis 1* (h1), according to which mothers spontaneously share both positive and negative feelings on Facebook.

Results also show interdependence between types of Facebook pages and expression of feelings [$\chi^2(2, N = 7351) = 1200, p < 0.001$].

Significant differences between PPs and CGs concerning the occurrence of positive and negative feelings were observed. Positive feelings were more frequent in PPs (67.3% of all positive

feelings; AdjSR = -9.4), which confirms *Hypothesis 2* (h2), while negative feelings were more frequent in CGs (69.7% of all negative feelings; AdjSR = 9.4), confirming *Hypothesis 3a* (h3a) [$\chi^2(3, N = 699) = 88.4$; $p < 0.001$]. Moreover, within CGs, either normative or alternative, expression of negative feelings is more frequently shared than positive ones [$\chi^2(1, N = 699) = 68.4$; $p < 0.001$], thus confirming *Hypothesis 3b* (h3b). In fact, 77.2% of feelings expressed on CG-normative are negative (AdjSR = 6.7), and in CG-alternative, they represent 75.6% (AdjSR = 3.8 ; **Figure 1**).

Positive feelings' encouragement appears on both normative sites, instead of exclusively on PPs, as we hypothesized (h2). Either in PP-normative and in CG-normative, positive feelings toward children and motherhood are not only openly shared by mothers ["It is unspeakable to be able to love so much and so strongly two such special beings at the same time!!," "Normal parents (...) protect, care for and love their children," CG-normative], but also promoted and encouraged, including by professionals on PP-normative (psychologists, nutritionists, and nurses, among others), which only partially confirms our second *hypothesis* (h2): as state by Developmental Psychologists in PP-normative, "Ignoring the baby's crying goes against the natural parental instincts of loving, caring and being there for our babies," "... introduction of solids! Let's make this first meal enjoyable and relaxing for everyone," or by mothers in CG-normative "A young child needs a lot of love and a lot of spoiling."

On the other hand, negative feelings are received with support and encouragement by other mothers only in CGs, as showed by *solidarity*. Differences between the four sites were found [$\chi^2(3, N = 263) = 68.4$; $p < 0.001$] concerning this feeling. In PP-normative, *solidarity* is completely absent (AdjSR = -5.2), while in CG-alternative, it is what mothers show the most among themselves (36.7% of its positive feelings; AdjSR = 8.1). Here, they share their experiences: "These are real testimonies that actually help," "I understand it so well...", "Your words are indeed comforting! Not that I'm happy to know that I'm not the only

one to go through this less good phase, but because I can talk to people who understand me." *Solidarity* is rarely present in CG-normative (only three references), although its mothers seem to form a real online community: "Sometimes we get desperate because we think that difficult things only happen in our home and it turns out that it is something that happens to everybody! And we learn from the solutions that other mothers suggest." Significant is the fact that we didn't find *solidarity* in either PP. Nevertheless, it cannot be assumed from mothers' testimonies that their negative feelings go against the intensive motherhood model, but only that they struggle to perform the prescribed role successfully. In fact, some of them refer to that same intensive model, as will be discussed below. Thus, *Hypothesis 3b* (h3b) cannot be fully confirmed.

Indeed, we also expected that feelings expressed by mothers would be qualitatively different in normative and alternative sites (*Hypothesis 4*). In order to test this *hypothesis*, deeper analyses of the meaning of positive and negative feelings were performed.

Positive Feelings

With regard to positive feelings, the most reported one is *love* toward infants, with 99 references (37.6% of all positive feelings; **Table 2**). It is mentioned in CG-normative (32.1%), as expected by chance, but it is more frequently mentioned in PP-normative (46.2% of its positive feelings; AdjSR = 3.7) and never in CG-alternative [AdjSR = -4.3 ; $\chi^2(3, N = 260) = 22.280$; $p < 0.001$]. Love is mentioned for various reasons, which allowed some different meanings to emerge from the analysis. Not only is it a very strong feeling, ("It is unspeakable to be able to love so much and so strongly two such special beings at the same time!!," CG-normative; "The love of a mother can only be compared to the love of God: pure, true and powerful," PP-normative; "unconditional love," PP-alternative), but it is also seen as a "natural" one ("Even animals take better care of their baby because they act with instinct, with love," PP-normative), as well as a mother's obligation ("Our job is to transmit love and

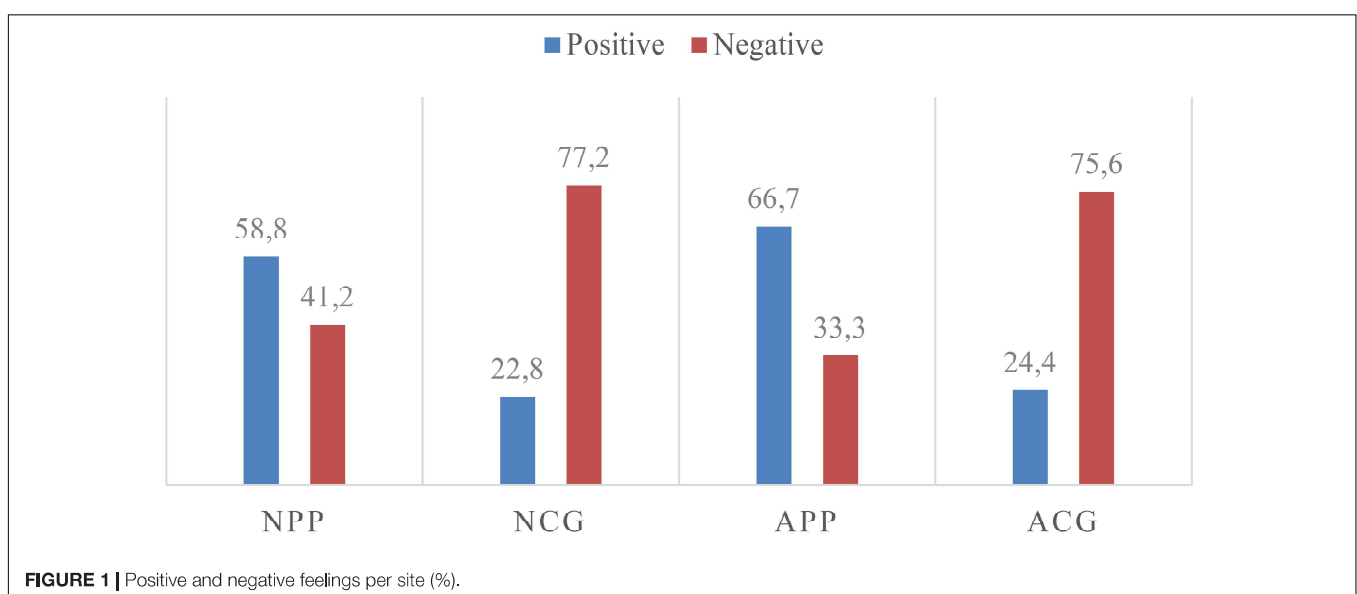


TABLE 2 | Positive feelings.

	PP-normative		CG-normative		PP-alternative		CG-alternative		Total	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Adoration	1	0.6	1	1.8	0	0	3	10.0	5	1.9
Affection	28	16.4	3	5.4	0	0	1	3.3	32	12.2
Calmness	10	5.8	3	5.4	0	0	1	3.3	14	5.3
Comfort	1	0.6	0	0	0	0	2	6.7	3	1.1
Comprehension	1	0.6	0	0	0	0	0	0	1	0.4
Dazzle	3	1.8	4	7.1	0	0	0	0	7	2.7
Empathy	1	0.6	2	3.6	0	0	0	0	3	1.1
Expectation	4	2.3	1	1.8	0	0	0	0	5	1.9
Freedom	0	0	0	0	0	0	1	3.3	1	0.4
Fulfillment	2	1.2	1	1.8	0	0	2	6.7	5	1.9
Gratification	3	1.8	2	3.6	0	0	0	0	5	1.9
Happiness	9	5.3	3	5.4	1	16.7	1	3.3	14	5.3
Hope	1	0.6	2	3.6	0	0	1	3.3	4	1.5
Joy	1	0.6	1	1.8	0	0	0	0	2	0.8
Love	79	46.2	18	32.1	2	33.3	0	0	99	37.6
Perseverance	2	1.2	1	1.8	0	0	1	3.3	4	1.5
Pleasure	7	4.1	2	3.6	1	16.7	1	3.3	11	4.2
Pride	5	2.9	3	5.4	2	33.3	1	3.3	11	4.2
Relief	3	1.8	1	1.8	0	0	0	0	4	1.5
Resistance	0	0	0	0	0	0	1	3.3	1	0.4
Self-confidence	7	4.1	3	5.4	0	0	1	3.3	11	4.2
Solidarity	0	0	3	5.4	0	0	11	36.7	14	5.3
Surprise	0	0	1	1.8	0	0	2	6.7	3	1.1
Tenderness	1	0.6	1	1.8	0	0	0	0	2	0.8
Trust	2	1.2	0	0	0	0	0	0	2	0.8
Total	171	100	56	100	6	100	30	100	263	100

confidence!,” PP-normative; “our role as parents it’s not to teach: it’s to love!,” PP-alternative). Love is also fundamental for good child development (“Lack of attention and love from parents is what causes bad manners,” PP-normative), and it is a strategy to deal with tantrums (“Calm down and [give her] lots of love!,” PP-normative).

Close to love and sometimes in association with it, *affection* is also more referred in PP-normative (AdjSR = 2.8), its second most reported feeling, than in other sites, where this reference is absent or scarce (AdjSR < 1.96), [$\chi^2(3, N = 263) = 8.3$; $p = 0.04$]: “babies only want love and affection”; “The best thing is to give them the Love and Affection of our permanent presence”; “affection is everything. . .” On the CG-normative site, it mostly relates to the willingness to cuddle, kiss, and hug babies and children: “I really want you to know that my chest will always be yours, my lap will always be yours, that my arms will always be opened and that my love will never fade.” If we join love and affection, as the most usual physical manifestation of love, it is observed that they represent 49.8% of all positive feelings mentioned in the four sites, and to 62.6% in the case of PP-normative.

However, love or affection for children is completely absent in CG-alternative. Instead of this, here we find *adoration* (10.0%) (AdjSR = 3.5) [$\chi^2(3, N = 263) = 12.3$; $p = 0.007$] about

being a mother and breastfeeding, referring to mothers’ own pleasure, a feeling that is lower than expected in PP-normative (AdjSR = −2.1). This confirms our *Hypothesis 4* assumption that mothers share more feelings concerning their own needs and well-being in alternative sites. Only PP-alternative does not confirm *Hypothesis 4* as far as love is concerned (AdjSR = −0.2).

Mothers from the four sites also feel *happiness* (5.3% of all positive feelings) associated to the experience of motherhood. In this particular case, *Hypothesis 4* is not confirmed as there is no clear difference between normative and alternative sites [$\chi^2(3, N = 263) = 1.8$; $p = 0.622$]. Instead, CGs’ mothers show some similarities in their discourses when they say they feel happy despite the difficulties, as if they were worth it: “I am very happy to be the mother of two wonderful beings”; “A child changes everything! Even the mother! (. . .) /10-things-that-change-radically-whith-children/ (. . .) [Comment #1:] Fantastic! Seeing it all written like this, so tidy, and seeing that everything is the deepest truth... and that [it] has brought us the greatest happiness in the world,” PP-normative. Nevertheless, both CG also refer to mothers’ happiness despite difficulties: “But the greatest strength is to wake up every day and look at my little boy and see that all those clichés are really true and there is nothing in the world that makes me happier!,” CG-alternative; “It will work out, you’ll see. . . it’s hard work, but you get a lot of pride and

happiness too”; “It’s essential that people respect the baby and parents, that we stop judging each other, that we accept that each baby is unique, and that each family is unique. I have no doubt that it’s the formula for success for a happy parenting, for happy babies,” CG-normative. In PP-alternative, happiness is also felt both by the mother and children: “that makes us very happy.”

Calmness (4.0% of all positive feelings) is referred in almost all sites as the key to enjoy a more gratifying motherhood [$\chi^2(3, N = 263) = 5.2; p = 0.157$]. PP-normative psychologists or other specialists even promote it to benefit both mother and children: “One day your child will begin to eat solid foods! Let’s make this first meal enjoyable and relaxing for everyone”; “Advice for the first time with your baby to be as calm as possible”; “[Here is] A practical, uncomplicated book that helps parents / educators find a more serene and happier way to raise their children, without shouting and without spanking!”; “My motto is: Relax and let nature do the rest! Parenting is wonderful, do not ruin it with so much theory.” CG-normative mothers also try to promote their own and their children’s serenity: “It was hard for me when she went to day care, I felt like a bad mother, but then I realized that we are all happier this way: Mom can work and be herself, and she can also be a mother, and we are all calmer and more serene and so we enjoy more of each moment”; “When I let him choose [his food] and when I avoided giving him what he doesn’t like, and I noticed that if the soup had “little balls” he would eat... that was my rest!”; “My princess used [a baby item] so much, and I was relaxed.” We find no meaningful differences in CG-alternative mother stories: “Everything went super well! The mouth, the milk coming in and even the milk drying up now at 9 months! I think the fact that I felt supported gave me a lot of relaxation and it was all natural!” Thus, calmness also invalidates *Hypothesis 4*.

Negative Feelings

But most feelings we found are negative (60.7% of total references), and these also appear in more diverse forms (25 types of positive feelings vs 28 types of negative feelings). We will present doubt, effort, and suffering, which are the ones most mentioned (Table 3).

Mothers tend to share their *doubts* more in normative sites (PP-normative: 27.5%; CG-normative: 20.0%) [$\chi^2(1, N = 406) = 21.5; p < 0.001$] (AdjSR = 4.6) concerning several decisions, lack of knowledge, and insecurities they keep facing while performing their role. These doubts relate to general care, health and diseases, child development, child feeding, sleeping and co-sleeping, going to day-care, and managing different opinions: “I was also advised in the birth preparation sessions not to use alcohol, but the truth is that many of my colleagues, mothers, recommend the use of 70° alcohol at... Contradictory opinions that leave us indecisive”; “We always have some doubts about the development of our children, whether they are within normal development parameters or not”; “My baby is 10 months old and doesn’t drink water... what can I do to get her to start drinking? I give it to her but she pushes it away”; “My baby is 1 month old, and I’m kind of lost with his instability to sleep, and this text made a few things clear!”; “Today was also the first day of my [baby’s name]. She will be 12 months on the 11th. I didn’t want to put her [in day-care] but I have no alternative... she

didn’t cry when I left her there but she cried in my absence and I just left her for 1 h... Is it possible to leave them like this? Do you think there’s no problem? Doesn’t it affect her personality? She is such a brave, lively baby, but there she seemed so ‘little,’ so forgotten...”; “My biggest problem is how does she feel? Because she looked abandoned, she was sitting next to the teacher, but she was confused, half lost, as if I was horrible to have left her there... the separation is horrible, but I can deal with that, my problem is her! Is it really the best for her? Is she crying a lot? Does it hurt her? Is she scared?”; “The first [soup] I made with potatoes, pumpkin, onion, and a little of olive oil. My little one loved it. I have a question with regards to greens and garlic. The article says that it should be introduced after 12 months. Meanwhile at the health center they said that I can already give them to my baby. She’s 5 months old... now I’m worried. Should I give them or not?,” PP-normative; “Our mothers were toxic, our mothers-in-law were even worse... and not wanting to be like them, do we do better or worse? Doubt causes great anguish!”; “My question is that the fever never goes down from 37.7° and when it starts to increase it always goes to higher values, is this normal? Is there no infection here? How high is it safe for me to continue with this treatment?”; “I’m going to give diversified food to my baby and I’d like to know how you freeze the soup pots or vegetable purees. Whether you make it hot or cold. And how do you make vacuum, so bacteria don’t get in?”; “Let’s see, we have here two pediatricians with opposing guidelines, I gave [my child] the 1st dose because my pediatrician also recommended it, but this week I saw the news (...) about the deaths related to the vaccine, certainly all drugs have contraindications and side effects, but Kawasaki Syndrome is very serious, and I was reading about it and what I saw was that the ratios corresponding to the vaccine and to the syndrome are highly different, i.e., the mortality rate is higher with the Kawasaki’s syndrome than with meningitis. Confused confused confused !!!!!,” CG-normative.

PP-normative also attempts to enlighten parents on many subjects, divulging testimonies of professionals: “When a baby is born, doubts and more doubts arise in parents, especially in first-time parents. We put 6 together, the most common in the first few weeks of your baby”; “We collected the main doubts we are asked about the little ones’ healthcare and we went looking for answers!”; “Backpacks are part of the daily routine of all school-aged children, and all parents have come across this question: give in and buy what they like, or look for the best in terms of ergonomics? And then comes the question by Physical Therapist: “But how do I know what’s best in terms of ergonomics, knowing so little of the subject?.”

On alternative sites, only CG-alternative mothers express doubts concerning breastfeeding: “Questions began to arise, and no one advised or helped me in the hospital.” But references on alternative sites are scarce and not specifically related to children’s well-being, as they are on normative sites. Therefore, we assume that Doubt is a feeling in which *Hypothesis 4* is confirmed.

On all sites (PP-normative: 10.8%; CG-normative: 11.6%; PP-alternative: 33.3%; CG-alternative: 7.5%) [$\chi^2(3, N = 406) = 2.8; p = 0.429$], mothers claim to put great *effort* into their activity, which they claim is difficult, complicated, or physically and emotionally hard: “My biggest difficulty is the part of her falling

TABLE 3 | Negative feelings.

	PP-normative		CG-normative		PP-alternative		CG-alternative		Total	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Anguish	4	3.3	7	3.7	0	0	0	0	11	2.7
Anxiety	2	1.7	1	0.5	0	0	2	2.2	5	1.2
Depression	2	1.7	5	2.6	0	0	5	5.4	12	3.0
Despair	5	4.2	8	4.2	0	0	3	3.2	16	3.9
Disaffection	0	0	0	0	0	0	1	1.1	1	0.2
Discomfort	2	1.7	0	0	0	0	3	3.2	5	1.2
Distrust	0	0	3	1.6	0	0	0	0	3	0.7
Doubt	33	27.5	38	20.0	0	0	2	2.2	73	18.0
Effort	13	10.8	22	11.6	1	33.3	7	7.5	43	10.6
Fear	5	4.2	25	13.2	0	0	1	1.1	31	7.6
Frustration	1	0.8	5	2.6	0	0	3	3.2	9	2.2
Fury	0	0	1	0.5	0	0	1	1.1	2	0.5
Guilt	3	2.5	2	1.1	0	0	1	1.1	6	1.5
Insecurity	2	1.7	3	1.6	0	0	3	3.2	8	2.0
Loneliness	0	0	0	0	0	0	8	8.6	8	2.0
Loss	1	0.8	4	2.1	0	0	8	8.6	13	3.2
Missing	4	3.3	6	3.2	0	0	0	0	10	2.5
Pity	3	2.5	5	2.6	0	0	0	0	8	2.0
Regret	0	0	0	0	0	0	1	1.1	1	0.2
Resentment	0	0	2	1.1	0	0	13	14.0	15	3.7
Sadness	0	0	3	1.6	0	0	3	3.2	6	1.5
Stress	2	1.7	8	4.2	0	0	4	4.3	14	3.4
Suffering	17	14.2	14	7.4	2	66.7	10	10.8	43	10.6
Surprise	0	0	0	0	0	0	3	3.2	3	0.7
Terror	1	0.8	2	1.1	0	0	3	3.2	6	1.5
Tiredness	8	6.7	14	7.4	0	0	5	5.4	27	6.7
Uncontrolled	1	0.8	0	0	0	0	3	3.2	4	1.0
Worry	11	9.2	12	6.3	0	0	0	0	23	5.7
Total	120	100	190	100	3	100	93	100	406	100

asleep alone in her bed. She cries so much that I end up putting her to sleep on my lap and then I lay her down on the bed”; “Actually postpartum is not easy, breastfeeding, episiotomy, bad night’s sleep, it’s survival...”, PP-normative; “I would love to see him eat anything... but until now it has always been very complicated”; “I know it’s not easy but we get strength where we cannot imagine,” CG-normative; “As they grow older, other difficulties arise, but I think we see it differently because we become hardened”; “If I knew it was going to be difficult? No, but I imagined, [did I know] on what scale it would be difficult? I really didn’t know,” CG-alternative; “To be a mother (or father) is to be, necessarily, someone who works behind the scenes. Our names are those that no one reads in the final credits. It wouldn’t be easy to be the sound technician on the BFTAs night, the Pulitzer editor, or the mother of the Nobel Prize for Chemistry. But as my children say, ‘you’re the one who wanted to be a mother!’” PP-alternative. All references to effort are balanced across the four sites, which does not sustain *Hypothesis 4*.

Suffering is also mentioned on all four sites (PP-normative: 14.2%; CG-normative: 7.4%; PP-alternative: 66.7%; CG-alternative: 10.8%), but more frequently in PP alternative

(AdjSR = 3.2) [$\chi^2(3, N = 406) = 13.7; p = 0.003$]. It includes words related to the verb “to suffer” and to situations where mothers refer to real pain. On PP-normative, suffering is associated with sleeping problems and leaving babies at day-care: “To be a mother, is to suffer in paradise!”; “It hurts very, very much, they are so small and so helpless, they need their mother so much”; “I have suffered so much for each one differently.” CG-normative mothers also complain about chores and children’s problems related to health, food, and behavior: “There are both sides, the pain of not having done anything and something happened, or the pain of doing something and it goes wrong...”; “I’ve been told to let her decide whether to eat or not, but I can’t! I always insist because if she decides, she can spend days without eating or eating almost nothing, and she is already small. Mothers suffer!”; “[my son] had a sleep disorder, even took melatonin (12 drops only to fall asleep, it didn’t prevent him from waking up after 2 h).... He suffered... We suffered!!!!”. Also, what makes a PP-alternative mother suffer is her children’s suffering: “nothing hurts me more than having a sick or hurt child.”

In CG-alternative, mothers’ suffering is associated to the post-partum period, breastfeeding, and hearing criticism: “I’ve

heard a lot of things during my first months of motherhood, and even now, and sometimes it hurts"; "No course told me that breastfeeding would hurt so much"; "I almost gave up breastfeeding my son, tears rolled down my face and it was a martyrdom!." Again, although CG-alternative only refers to mothers' well-being, this concern is also present in normative sites, and the PP-normative mother is mainly concerned with her children. Again, these results do not sustain *Hypothesis 4*.

However, it is noteworthy that some specific negative feelings are exclusively found on some of the sites under analysis. These specificities may be considered at least a partial confirmation of *Hypothesis 4*.

The most referred feeling among CG-alternative's mothers is *resentment* (14.0% of its negative feelings) (AdjSR = 6.0), comparing with both normative groups (AdjSR = -2.6) [$\chi^2(3, N = 406) = 36.1; p < 0.001$] toward everyone who failed to warn them about what was coming with motherhood, and toward excessive advice: "I wish I had been told a lot of things in difficult times... It helps to overcome insecurity, the feeling that we are the worst mothers in the world, that everyone knows except for us"; "the worst are those first months where everything happens at the same time without any preparation!!"; "That when I saw the baby for the first time I wouldn't fall madly in love"; "That I would cry and feel such a great sadness in the early days. And the weeks to follow. And that this was all normal (damned hormones) and that I was not a bad mother because of that"; "When I needed encouraging words I only got them from my family. I had a cesarean and only managed to breastfeed for 1 month, and that made me the target of the most varied criticism (. . .) we are such 'bitches' to other people. Luckily, I didn't have any psychological breakdown, as in 'baby blues', but only imagine the wickedness that can come from a simple comment"; "I think there are 'others' as guilty or worse than hormones and everything we read... The advice we are told!!! Everybody knows better than us why our baby cries, why he doesn't gain [weight], why he regurgitates, why he doesn't sleep... It's terrible!!!!" This feeling can also be found in CG-normative, albeit in a lesser proportion: "They say it's all a bed of roses... it was nothing like that and I just felt like I wasn't ready to be a mother..."

Regarding CG-normative, most mothers refer to a constant *fear* (13.2% of its negative feelings) (AdjSR = 3.9) contrary to what happens in CG-alternative (AdjSR = -2.7) [$\chi^2(3, N = 406) = 16.2; p = 0.001$]. CG-normative mothers are afraid that something bad could happen or go wrong with their children, such as accidents, sickness, or abductions: "I'm afraid, and I prefer him to sleep in the crib, but I also take care of him in the crib so that there's nothing within his reach that can do any damage"; "She slept with me about three times and then I started to get scared that she would get hurt and started to lay her on her bed"; "I'm afraid that at night the fever rises more than 39.9 as it was a while ago..."; "I'm a 'panicker' and I go straight to the hospital! Or I annoy the pediatrician!"; "I'm scared you know?!! Falls and small accidents are part of life for me, and when they have to happen, that's the learning process, it's part of life. Now, to lose them or if someone takes them... panic!"; "I am very fearful and I am always very, very afraid of what might happen to them... at their age I already used to go out to buy bread, and mine [only went twice] (. . .) I see

the grocery store from home, but so what? If someone passes by and takes them, I can only watch it, I'm not a flash to go down four floors in seconds, so... they leave [home] with me or don't leave at all."

Finally, only on normative sites can we find *Worry* in mothers' speeches (PP-normative: 9.2%; CG-normative: 6.3% of their negative feelings) [$\chi^2(1, N = 406) = 7.6; p = 0.006$] (AdjSR = 2.7), concerning their children's health, sleep, global development, feeding, and safety. This feeling is absent in alternative sites. PP-normative institutional posts attempt to address parents' worries, providing information that could enlighten and eventually reassure them: "Child obesity, bullying, drugs and Internet safety head the list of top 10 concerns of American parents. What is your biggest concern about your child's growth?"¹

Two other feelings have more occurrences in CG-alternative than in other sites: *loneliness* and *loss* (8.6% of its negative feelings, each) (AdjSR = 6.3) [$\chi^2(3, N = 588) = 40.7; p < 0.001$]. They are less referred than expected both in CG-normative (1.6%; AdjSR = -2.2) and PP-normative (0.5%; AdjSR = -3.0). CG-alternative is the only site where mothers confess feeling lonely despite spending time with their children. It comes from the absence of a social life or the separation from friends who are not parents: "Sometimes I miss my social side. I don't have many friends with children and at this moment of my life I feel that I only really know how to be a mother and all the conversations revolve around this, I'm probably boring... Okay, I just wanted to get this off my chest"; "I found the first few months very lonely indeed, and especially the nights... my husband was snoring like a pig and I had to put up with the endless feeding every 2 h..." Loss is related to social life, mother's freedom, and previous body: "We all feel this with our first child because it's the loss of freedom, and a great change in life"; "Cellulite, stretch marks and extra pounds, hurting breasts that cannot fit in any bra were not enough, now I also had to go bald?!!"; "From one day to the next, we stop sleeping, we cannot go to the bathroom, we have absolutely disproportionate breasts (. . .), stitches whether it was a normal birth or a cesarean... The sofa is over, meals at decent hours are over, if there are meals at all."

DISCUSSION

Facebook and other online platforms may be considered an important way to seek social support for mothers, who are able to find numerous sites that meet their different needs and experiences. Analyses of mothers' feelings on Facebook sites performed in this study allow us to conclude that motherhood brings a range of positive and negative feelings, which are differently shared, welcomed and valued on different Facebook sites. This confirmation of our *Hypothesis 1* (h1) sustains the perspective of motherhood as an emotional rollercoaster.

Since motherhood is socially believed to provide mothers with personal fulfillment and pleasant feelings, and experiencing such positive feelings is considered publicly disclosable, as sustained by our *Hypothesis 2* (h2), results confirm that more positive

¹[http://www\(...\)/-the-10-major-parents-concerns](http://www(...)/-the-10-major-parents-concerns)

feelings are shared in PPs. But when perception of inadequacy to meet the intensive motherhood model is experienced, arousing negative feelings, it appears that women seek support in CGs, which seem to function as mutual aid groups (h3a and h3b). This enhances the importance of social support during different stages of motherhood (Skipstein et al., 2012; O'Hara and McCabe, 2013; Jover et al., 2014; Razurel and Kaiser, 2015). Another possible interpretation is that the privacy of CGs protects mothers from public exhibition and consequent scrutiny in case their feelings are less socially accepted.

Interaction between mothers is lower in PP-normative, particularly in the proportion of publications and comments by number of followers or members, possibly because this page has a more informative or "educational" function, with mothers assuming a more receiving role. Nevertheless, PP-normative is a much more frequently consulted site than any CG, and it is a place where mothers can confirm if their performance matches to the norm or learn to improve it. In both cases, we observed mothers' perceived empowerment, also reported by Drentea and Moren-Cross (2005), Kaufmann and Buckner (2014), and Neubaum and Kraemer (2015).

Qualitative differences among feelings were observed on the four Facebook sites according to their more normative representation of motherhood or their openness to an alternative model, sustaining our *Hypothesis 4* (h4). Indeed, positive feelings on normative sites are almost exclusively focused on the children (love, affection, tenderness, pride), which is also consistent with the intensive motherhood model, requiring maternal love and considering it not only essential, but also natural (Badinter, 1986). Reification of maternal love agrees with literature that considers the mother's attachment as mandatory (Cooke et al., 2016) as its absence entails risks for the child's development (Yürümez et al., 2014; Fairbrother et al., 2015; Juntila et al., 2015; Riva Crugnola et al., 2016). The possibility and importance of other attachment figures besides the mother, or childrearing responsibility by the father, other family member, or the community, are never (or rarely) mentioned. Even without testimonies from fathers, we can infer from the mothers' testimonies that meaningful gender differences in family tasks remain, and that mothers are the main caretakers and assume a set of responsibilities in childrearing, particularly at home (food, hygiene, sleep, and health). Indeed, the literature supports the gender division of family work, both in Portugal and abroad, but some changes are enhanced as fathers start to participate more in childrearing. Fathers do not assume as many tasks and responsibilities for childrearing as the mothers, nor do they feel comfortable sharing their new experiences, at least on Facebook, or both situations.

Negative feelings mentioned on normative sites relate mostly to doubts mothers have concerning childrearing and the effort it requires. Here, mothers disclose great concerns about the best way to act in every circumstance, how to respond to the child's every need, and how to avoid doing something "wrong" (doubt, suffering, effort, worry, fear). These feelings also stem from the intensive motherhood model (Elliott et al., 2015), which requires total commitment from mothers, exclusively centered on children's needs and well-being. Embracing such a demanding model contributes to mothers' insecurity and

performance anxiety (Skreden et al., 2012; Taylor and Johnson, 2013; Jover et al., 2014; Offer, 2014), which are expressed in the fear of "doing harm" or "traumatizing" children by introducing a new food too soon, or by leaving them crying at the day care, as we have seen in normative sites. Therefore, intensive motherhood seems to be promoted and reinforced through normative Facebook sites like PP-normative, where mothers' positive feelings are encouraged and where they can (i) learn how to act "correctly," (ii) confirm that they are "correctly" performing their tasks and/or that their offspring is "correctly" developing, (iii) or, if not, they know the best way to "correct" themselves, according to that model. Mothers using normative sites express great concerns about being a "good" mother, which is reflected on CG-normative through the fear of drifting away from that ideal. They focus on their children's well-being, associated with the penalty of constantly feeling worry and lacking confidence (doubt). Self-denial is evident, even if fatigue is recognized. Yet, socially, these feelings are not considered a real problem, as they seem to be inherent to intensive motherhood and this is, thus, the effort every mother needs to make in order to have healthy and happy children.

On the other hand, on CG-alternative children are not the central issue. Here, both positive and negative feelings tend to concern mothers themselves or are directly related to them. These feelings include adoring being a mother or breastfeeding, and perplexity and resentment toward the way motherhood has been socially conveyed, without prior, full information about how hard it would be for them and their bodies. Moreover, here solidarity arises as the most mentioned positive feeling, and derives from finding a place where new mothers can share their negative feelings and health issues without being negatively judged. Solidarity only arises in CGs, and more frequently in the alternative one. In normative sites, mothers and professionals provide advices and solutions so that other mothers get closer to the intensive motherhood model – which does not happen in CG-alternative. Here mothers react to a new reality they were not warned about and confirm that their issues, that include feelings loneliness and loss, are indeed quite common. According to Gross and Levenson (1997), the possibility of expressing these unexpected negative feelings can be considered essential to mothers' mental health.

However, some feelings were found in both normative and alternative sites, such as happiness, calmness, effort, and, to some extent, suffering.

Public page-alternative site seems to be open to both views of motherhood: being a public site, mother's positive feelings are closer to the normative pattern (love and pride toward offspring), while her negative feelings follow the alternative model, since she mentions her own effort and suffering. So, PP-alternative can be considered an exception, as it provides a context where a mother can dedicate herself to her children intensively, while openly speaking about the demands of motherhood and the loss of other life dimensions.

As can be seen by the above, considering the Facebook sites under analysis, and taking into account that they represented its most popular normative and non-normative pages and groups in Portugal in 2015, we can conclude that PPs on Facebook mainly

disseminate the intensive motherhood model (i) enhancing the centrality of the child and its well-being, on public and normative sites; (ii) by leading the expression of negative feelings it generates to CGs, which emerge from that centrality and from the demands concerning maternal performance; and (iii) by the difficulty in publicly expressing unease with regard to issues about motherhood and women's identity – which are disclosed hidden from public scrutiny, as if they were deviant themes or expressed deviance to the norm.

Summing up, negative feelings can be divided into *disclosable* and *concealed*. Disclosable negative feelings arise from the demands of the intensive motherhood model (doubt, worry, fear) and can be related to anxiety, performance, effort to become a “good” mother, to not harm the child's present or future in any way, to properly do what is socially expected. These are mainly expressed in CGs. Concealed negative feelings arise from a set of unexpected changes to women's bodies and lives, with consequences for their physical and mental well-being, about which people do not openly talk. Resentment toward lack of information demonstrates that women have not been prepared for these types of feelings and situations. On the other hand, keeping them private will contribute to their accentuation and continue this negative cycle, with repercussions on mothers' well-being (Gross and Levenson, 1997; Sydenham et al., 2017). CG-alternative will play an important role in keeping this situation more visible and acceptable, providing mutual support.

In contrast with the scarce literature on the impact of mothers' negative feelings on their future quality of life, significant research focuses on the development of children and on the impact of maternal practice on the early years of life and on their future – which contributes to consolidate the intensive motherhood model and increases social and internal pressure on mothers. Nevertheless, there are no studies on the medium and long-term effects of such a pressure on women's lives and on their future well-being.

We believe that the disclosure of concealed negative feelings would have an important role in changing the way society views parenthood, in enhancing the importance of mothers' well-being beyond the mother–child relationship, and in considering serious difficulties associated with motherhood. Bringing these two sides of the coin together – gratifying and penalizing – in an open and enlightening way, would allow women to be more aware of the implications of motherhood and, consequently, make more informed choices during their lifespan. Furthermore, the promotion of a less intensive motherhood model – an extensive one (Christopher, 2012; César et al., 2018), less child centered, more dedicated to mothers' needs and well-being (logistic, physical, emotional...), where childrearing and nurturing are

tasks shared with other adults and not only the mainly mother's responsibility – could transform motherhood into an experience which causes less anxiety and requires less effort. Moreover, a socially approved extensive motherhood model would be more compatible with other domains of women's lives, such as social and professional domains, thus allowing them to fully experience their different social roles and potentially not feel the need to postpone or even abandon the decision to have children, seen as a project which is too demanding.

The fact that this study only covers Facebook users during a year is a limitation. Yet, the large amount of information available made it possible to analyze only four sites, which could have been chosen using different criteria. Regarding CGs, the sample was chosen from those who authorized the entry of the researcher and, subsequently, those who authorized the anonymous use of data. Also, CG-alternative site members constitute a specific population of new mothers going through a particularly difficult period of motherhood. Nevertheless, we considered it a pertinent strand for our theme, along with other strands that could serve the same purpose. In fact, this is also the case of many followers of the other sites. In addition, the impossibility of distinguishing sociodemographic variables (among others) from followers/members prevented us from taking the results of this research further.

ETHICS STATEMENT

All information used in this study respects the anonymity of all sites' titles, users and administrators. In the case of the two closed groups, the content was used with their administrators' informed consent.

AUTHOR CONTRIBUTIONS

This research and this article were developed by FC during her Ph.D. studies, both under the supervision and with the contributions of AF and AO. Statistical tests and analysis were performed by PC and AF.

FUNDING

First author's Ph.D., including this research and the preparation of this article, was supported by a grant from the Portuguese national funding agency for science, research, and technology FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/110262/2015).

REFERENCES

- Agrati, D., Browne, D., Jonas, W., Meaney, M., Atkinson, L., Steiner, M., et al. (2015). Maternal anxiety from pregnancy to 2 years postpartum: transactional patterns of maternal early adversity and child temperament. *Arch. Womens Ment. Health* 18, 693–705. doi: 10.1007/s00737-014-0491-y
- Badinter, E. (1986). *O amor incerto – História do amor maternal do séc. XVII ao séc. XX*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Badinter, E. (2010). *O Conflito: A Mulher e a Mãe*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Bastian, B., Kuppens, P., Hornsey, M. J., Park, J., Koval, P., and Uchida, Y. (2012). Feeling bad about being sad: the role of social expectancies

- in amplifying negative mood. *Emotion* 12, 69–80. doi: 10.1037/a0024755
- Betts, K. S., Williams, G. M., Najman, J. M., and Alati, R. (2015). The relationship between maternal depressive, anxious, and stress symptoms during pregnancy and adult offspring behavioral and emotional problems. *Depress. Anxiety* 32, 82–90. doi: 10.1002/da.22272
- César, F., Oliveira, A., and Fontaine, A. M. (2018). O papel do Facebook na difusão de modelos sociais de maternidade em Portugal. *Análise Psicológica* 36, 47–59. doi: 10.14417/ap.1333
- Christopher, K. (2012). Extensive mothering: employed mothers' constructions of the good mother. *Gender Soc.* 26, 73–96. doi: 10.1177/0891243211427700
- Connors-Burrow, N. A., McKelvey, L., Perry, D., Whiteside-Mansell, L., Kraleti, S., Mesman, G., et al. (2016). Low-level symptoms of depression in mothers of young children are associated with behavior problems in middle childhood. *Matern. Child Health J.* 20, 516–524. doi: 10.1007/s10995-015-1849-0
- Cooke, J. E., Stuart-Parrigon, K. L., Movahed-Abtahi, M., Koehn, A. J., and Kerns, K. A. (2016). Children's emotion understanding and mother-child attachment: a meta-analysis. *Emotion* 16, 1102–1106. doi: 10.1037/emo0000221
- DiPietro, J. A., Goldshore, M. A., Kivlighan, K. T., Pater, H. A., and Costigan, K. A. (2015). The ups and downs of early mothering. *J. Psychosom. Obstet. Gynaecol.* 36, 94–102. doi: 10.3109/0167482X.2015.1034269
- Drentea, P., and Moren-Cross, J. L. (2005). Social capital and social support on the web: the case of an internet mother site. *Sociol. Health Illn.* 27, 920–943. doi: 10.1111/j.1467-9566.2005.00464.x
- Elliott, S., Powell, R., and Brenton, J. (2015). Being a good mom: low-income, black single mothers negotiate intensive mothering. *J. Fam. Issues* 36, 351–370. doi: 10.1177/0192513X13490279
- Fairbrother, N., Barr, R. G., Pauwels, J., Brant, R., and Green, J. (2015). Maternal thoughts of harm in response to infant crying: an experimental analysis. *Arch. Womens Ment. Health* 18, 447–455. doi: 10.1007/s00737-014-0471-2
- Granat, A., Gadassi, R., Gilboa-Schechtman, E., and Feldman, R. (2017). Maternal depression and anxiety, social synchrony, and infant regulation of negative and positive emotions. *Emotion* 17, 11–27. doi: 10.1037/emo0000204
- Gross, J. J., and Levenson, R. W. (1997). Hiding feelings: the acute effects of inhibiting negative and positive emotion. *J. Abnorm. Psychol.* 106, 95–103. doi: 10.1037/0021-843x.106.1.95
- Herba, C. M., Tremblay, R. E., Boivin, M., Liu, X., Mongeau, C., Seguin, J. R., et al. (2013). Maternal depressive symptoms and children's emotional problems: can early child care help children of depressed mothers? *JAMA Psychiatry* 70, 830–838. doi: 10.1001/jamapsychiatry.2013.1361
- Highet, N., Stevenson, A. L., Purtell, C., and Coe, S. (2014). Qualitative insights into women's personal experiences of perinatal depression and anxiety. *Women Birth* 27, 179–184. doi: 10.1016/j.wombi.2014.05.003
- Jover, M., Colomer, J., Carot, J. M., Larsson, C., Bobes, M. T., Ivorra, J. L., et al. (2014). Maternal anxiety following delivery, early infant temperament and mother's confidence in caregiving. *Span. J. Psychol.* 17:E95. doi: 10.1017/sjp.2014.87
- Junttila, N., Ahlqvist-Bjorkroth, S., Aromaa, M., Rautava, P., Piha, J., and Raiha, H. (2015). Intercorrelations and developmental pathways of mothers' and fathers' loneliness during pregnancy, infancy and toddlerhood-STEPS study. *Scand. J. Psychol.* 56, 482–488. doi: 10.1111/sjop.12241
- Karabekiroglu, K., Akman, I., Kusu Orhan, S., Kusu, K., Altuncu, E., Karabekiroglu, A., et al. (2015). Mother-child interactions of preterm toddlers. *Arch. Neuropsychiatry* 52, 157–162. doi: 10.5152/npa.2015.7343
- Kaufmann, R., and Buckner, M. M. (2014). To connect or promote? An exploratory examination of Facebook pages dedicated to moms. *Comput. Hum. Behav.* 35, 479–482. doi: 10.1016/j.chb.2014.02.030
- Kim, P., Capistrano, C. G., Erhart, A., Gray-Schiff, R., and Xu, N. (2017). Socioeconomic disadvantage, neural responses to infant emotions, and emotional availability among first-time new mothers. *Behav. Brain Res.* 325(Pt B), 188–196. doi: 10.1016/j.bbr.2017.02.001
- Lindquist, K. A., MacCormack, J. K., and Shaback, H. (2015). The role of language in emotion: predictions from psychological constructionism. *Front. Psychol.* 6:444. doi: 10.3389/fpsyg.2015.00444
- Loukisas, T. D., and Papoudi, D. (2016). Mothers' experiences of children in the autistic spectrum in Greece: narratives of development, education and disability across their blogs. *Intl. J. Disabil. Dev. Educ.* 63, 64–78. doi: 10.1080/1034912X.2015.1111304
- Madge, C., and O'Connor, H. (2006). Parenting gone wired: empowerment of new mothers on the internet? *Soc. Cult. Geogr.* 7, 199–220. doi: 10.1080/14649360600600528
- Meier, A., Musick, K., Flood, S., and Dunifon, R. (2016). Mothering experiences: how single parenthood and employment structure the emotional valence of parenting. *Demography* 53, 649–674. doi: 10.1007/s13524-016-0474-x
- Mesquita, B., and Walker, R. (2003). Cultural differences in emotions: a context for interpreting emotional experiences. *Behav. Res. Ther.* 41, 777–793. doi: 10.1016/S0005-7967(02)00189-4
- Moed, A., Dix, T., Anderson, E. R., and Greene, S. M. (2017). Expressing negative emotions to children: mothers' aversion sensitivity and children's adjustment. *J. Fam. Psychol.* 31, 224–233. doi: 10.1037/fam0000239
- Neubaum, G., and Kraemer, N. C. (2015). My friends right next to me: a laboratory investigation on predictors and consequences of experiencing social closeness on social networking sites. *Cyberpsychol. Behav. Soc. Netw.* 18, 443–449. doi: 10.1089/cyber.2014.0613
- OBERCOM. (2014). *A Internet em Portugal. Sociedade em Rede 2014*. Lisbon: Obercom.
- Offer, S. (2014). Time with children and employed parents' emotional well-being. *Soc. Sci. Res.* 47, 192–203. doi: 10.1016/j.ssresearch.2014.05.003
- O'Hara, M. W., and McCabe, J. E. (2013). Postpartum depression: current status and future directions. *Annu. Rev. Clin. Psychol.* 9, 379–407. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-050212-185612
- Prinz, J. (2005). Are emotions feelings? *J. Conscious. Stud.* 12, 9–25.
- Razurel, C., and Kaiser, B. (2015). The role of satisfaction with social support on the psychological health of primiparous mothers in the perinatal period. *Women Health* 55, 167–186. doi: 10.1080/03630242.2014.979969
- Riva Crugnola, C., Ierardi, E., Ferro, V., Gallucci, M., Parodi, C., and Astengo, M. (2016). Mother-infant emotion regulation at three months: the role of maternal anxiety, depression and parenting stress. *Psychopathology* 49, 285–294. doi: 10.1159/000446811
- Scherer, K. R. (2005). What are emotions? And how can they be measured? *Soc. Sci. Inf.* 44, 695–729. doi: 10.1177/0539018405058216
- Skipstein, A., Janson, H., Kjeldsen, A., Nilsen, W., and Mathiesen, K. S. (2012). Trajectories of maternal symptoms of depression and anxiety over 13 years: the influence of stress, social support, and maternal temperament. *BMC Public Health* 12:1120. doi: 10.1186/1471-2458-12-1120
- Skreden, M., Skari, H., Malt, U. F., Pripp, A. H., Bjork, M. D., Faugli, A., et al. (2012). Parenting stress and emotional wellbeing in mothers and fathers of preschool children. *Scand. J. Public Health* 40, 596–604. doi: 10.1177/1403494812460347
- Smith, M. L., ChiAPPone, A. L., and Wilson, K. L. (2017). Parenting and child rearing attitudes of unmarried hispanic teenage mothers. *J. Child Fam. Stud.* 26, 643–651. doi: 10.1007/s10826-016-0582-7
- Spence, D. (2013). Bad medicine: motherhood. *BMJ* 347:f4559. doi: 10.1136/bmj.f4559
- Spijkers, W., Jansen, D. E., and Reijneveld, S. A. (2014). Parental internalizing problems in a community sample: association with child psychosocial problems. *Eur. J. Public Health* 24, 11–15. doi: 10.1093/eurpub/ckt037
- Sydenham, M., Beardwood, J., and Rimes, K. A. (2017). Beliefs about emotions, depression, anxiety and fatigue: a mediational analysis. *Behav. Cogn. Psychother.* 45, 73–78. doi: 10.1017/S1352465816000199
- Sylwester, R. (2000). Unconscious emotions, conscious feelings. *Educ. Leadersh.* 58, 20–24.
- Taylor, E. N., and Wallace, L. E. (2012). For shame: feminism, breastfeeding advocacy, and maternal guilt. *Hypatia* 27, 76–98. doi: 10.1111/j.1527-2001.2011.01238.x

- Taylor, J., and Johnson, M. (2013). The role of anxiety and other factors in predicting postnatal fatigue: from birth to 6 months. *Midwifery* 29, 526–534. doi: 10.1016/j.midw.2012.04.011
- Tikotzky, L. (2016). Postpartum maternal sleep, maternal depressive symptoms and self-perceived mother-infant emotional relationship. *Behav. Sleep Med.* 14, 5–22. doi: 10.1080/15402002.2014.940111
- Tyrlik, M., Konecny, S., and Kukla, L. (2013). Predictors of pregnancy-related emotions. *J. Clin. Med. Res.* 5, 112–120. doi: 10.4021/jocmr.1246e
- van Kleef, G. A., Cheshin, A., Fischer, A. H., and Schneider, I. K. (2016). Editorial: the social nature of emotions. *Front. Psychol.* 7:896. doi: 10.3389/fpsyg.2016.00896
- Woolhouse, H., Gartland, D., Mensah, F., Giallo, R., and Brown, S. (2016). Maternal depression from pregnancy to 4 years postpartum and emotional/behavioural difficulties in children: results from a prospective pregnancy cohort study. *Arch. Womens Ment. Health* 19, 141–151. doi: 10.1007/s00737-015-0562-8
- Yürümez, E., Akça, O. F., Uğur, C., Uslu, R. I., and Kiliç, B. G. (2014). Mothers' alexithymia, depression and anxiety levels and their association with the quality of mother-infant relationship: a preliminary study. *Int. J. Psychiatry Clin. Pract.* 18, 190–196. doi: 10.3109/13651501.2014.940055

Conflict of Interest Statement: The authors declare that the research was conducted in the absence of any commercial or financial relationships that could be construed as a potential conflict of interest.

Copyright © 2018 César, Costa, Oliveira and Fontaine. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License (CC BY). The use, distribution or reproduction in other forums is permitted, provided the original author(s) and the copyright owner(s) are credited and that the original publication in this journal is cited, in accordance with accepted academic practice. No use, distribution or reproduction is permitted which does not comply with these terms.

Pais & Filhos magazine: Gender differences and intensive parenting in a Portuguese magazine for parents

Filipa César

filipa.cesar@gmail.com

Faculty of Psychology and Education Sciences, University of Porto, Porto, Portugal
Culture, Normativity and Diversity research group, Center for Psychology at University of Porto, Portugal

Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal

Alexandra Oliveira

oliveira@fpce.up.pt

Faculty of Psychology and Education Sciences, University of Porto, Porto, Portugal
Culture, Normativity and Diversity research group, Center for Psychology at University of Porto, Portugal

Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal

Anne Marie Fontaine

fontaine@fpce.up.pt

Faculty of Psychology and Education Sciences, University of Porto, Porto, Portugal
Culture, Normativity and Diversity research group, Center for Psychology at University of Porto, Portugal

Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal

Correspondence

Filipa César

filipa.cesar@gmail.com

Rua Aval de Baixo, 178 – 4º Dtº, 4200-103 Porto, Portugal

Conflict of Interest

The authors declare that the research was conducted in the absence of any commercial or financial relationships that could be construed as a potential conflict of interest.

Abstract

Since the beginning of the 20th century, magazines targeted to women and mothers have helped mothers raise their children according to current cultural models, medical concerns and/or political strategies.

In this article, we analyse the content of the Portuguese edition of the *Pais & Filhos* magazine from 2015, in an attempt to find the cultural parenthood model conveyed, as well as its main features, and to determine whether it reflects recent Portuguese legislation on parenting leave that tries to promote more gender-balanced childrearing. Results show that the parenting magazine with the highest circulation in Portugal still promotes a gender differentiated and intensive parenthood model, mainly centred on the needs and well-being of children, to whom both parents owe total dedication, under expert guidance.

Keywords: motherhood; fatherhood; intensive parenting; gender differences; social media; Portugal

Introduction

Magazines for mothers: changes and conservatism

Motherhood has a strong cultural component that has been transmitted, before the appearance and proliferation of media, through female family members and community tradition. During the 20th century, the emergence and proliferation of popular magazines directed to women and mothers, in several countries, has been informing them how to better raise their children, according to current cultural models, new medical concerns and political goals.

However, the advice has varied according to social challenges and resources. The medicalization and psychologizing of childhood introduced significant changes in the advice given to mothers. In Argentina, in the late 1940s, the decline in infant mortality rates has changed paediatric advice from “speeches that highlighted ignorance and maternal abandonment”, in the *Vea y Lea* magazine, into “warnings regarding overprotection and excess of affection” (Rustoyburu, 2016, p. 141). In the United Kingdom, the development of medical care between 1956 and 1992 allowed the *Mother and Baby* magazine to promote hospital birth to assure babies’ health using “a risk discourse which elided safety with medicalisation” (McIntosh, 2017, p. 5). The evolution in approaching issues such as breastfeeding (Foss and Southwell, 2006; Sheehan and Bowcher, 2017), infant feeding (Frerichs, et al., 2006), and infant sleep practices (Joyner, Gill-Bailey and Moon, 2009) in this kind of printed media is also documented.

The evolution of cultural models on gender differentiation is also reflected in popular women’s magazines in the past decades, with the decline of themes such as housekeeping and mothering, and the increase of political, social and economic articles (Demarest and Garner, 1992). These magazines, for instance, adapted their contents

over the years according to national political goals. In the beginning of the 20th century, the *Hijo Mio...!* Magazine, in Argentina, suggested that fathers should reinforce their authority, prevent protesting and rebellious adolescents, and promote family stability and compliance with authority (Rustoyburu, 2016). With the generalization of compulsory education, Australian *Women's Weekly* taught mothers, between 1943 and 1960, to promote their children's success at school. Proctor and Weaver (2017) noticed that “mothering for schooling” was prescribed by “a collection of solutions to serious and superficial parenting problems curated by the magazine's editors, advertisers, writers, illustrators and photographers (...) informed by the popular dissemination of medical, psychological and educational expertise” (Proctor and Weaver, 2017, p. 69). This study highlights not only that the relation between parents and school was a new mother's responsibility, but also that motherhood should be guided by sciences such as Medicine, Psychology and Education. In Belgium, the educational magazine ‘Klasse voor Ouders’ (Klasse for Parents) has been a governmental instrument, since the 1990s, that aims to create a ‘parental learning community’ through risk-prevention and normative-educational discourses, which enables parents to improve the quality of their parenting practices (Struyve, Simons and Verckens, 2014). More recently, a content analysis of an Australian government-funded parenting website, in 2011, *Raising Children Network*, showed that “whether parenting a new-born or a pre-schooler, parents are instructed in ways to promote their child's cognitive development and urged to recognize and capitalise on learning opportunities throughout the day”. The argument is that “‘proper parenting’ in the early years will benefit the child's education”, and it is necessary to set standards for appropriate parental conduct to achieve it (Smyth, 2014, p. 16).

Although the content of magazines changes over time, Demarest and Garner (1992) argue that they tend to be conservative and maintain traditional social norms, and are more a reflection of cultural changes than a way of promoting them (Demarest and Garner, 1992). In fact, these media translate science into an accessible format, thus reinforcing its supposed objectivity (Smyth, 2014; Allen, 1995) and reliability. Yet, science is used for legitimizing social and political options, and “magazines act as moral guides for readers by bringing the university, the paediatrician, and the psychiatrist into the homes” (Allen, 1995, p. 1124). Moreover, they seem unable to offer real public solutions to gender dilemmas, namely to “two opposing icons of 20th century motherhood: housewives and working mothers”, and work-family balance (Allen, 1995, p. 1124).

Motherhood as a full-time investment

One of the characteristics of the most recent Western parenting cultural model is the assumption of almost complete accountability of mothers for the well-being and healthy development of their children. Furthermore, the mother–child interaction is regulated by instructing mothers on how to socialize their children in order to boost their educational potential, and mothers are “clearly informed that their child’s educational outcomes are dependent on their investment” (Smyth, 2014, pp. 16-17). In the 2000s, Canadian parenting magazine publications have focused on the investment in children and in fulfilling their needs, and thus advise working mothers to individually organize their time (Wall, 2013). According to Wall, “the questions being asked in 2000s are about how to make sure your child has enough of your time and attention, and how to ensure that your work does not interfere with this” (Wall, 2013, p. 169). The author continues, explaining that “the message to mothers is that child outcomes are within their individual control, if they take responsibility to educate themselves, make the right

choices and plans, and be prepared if trouble occurs” (Wall, 2013, p. 169-170). Mothers are seen as both regulators of their children’s behaviour, avoiding possible antisocial future conducts, and promoters of their proper cognitive development (Smyth, 2014). Therefore, media convey and promote social expectations of intensive parenting (Mello and Tan, 2016; Smyth, 2014). By providing expert knowledge and scientific information, in other words, a “skill set” (Smyth, 2014), concerning child development, childrearing and education, it professionalizes parenthood and increases parents’ responsibility. On the one hand, the media promote parents’ sense of responsibility and accountability, as well as feelings of shame and guilt whenever their expectations are not accomplished, since parents get anxious to provide their children with the best start in life and “may fear that, if they fail to foster their child’s learning sufficiently and correctly in the crucial early years, their child is doomed to a lifetime of failure” (Smyth, 2014, p. 17). On the other hand, this is particularly burdensome for women, since media continue to display gender stereotypes (Oprea, 2016) concerning models of behaviour, roles and psychological traits that naturalize intensive mothering, even when both parents are addressed and the gender-neutral term ‘parent’ is adopted (Smyth, 2014).

Furthermore, little responsibility is attributed to the political, cultural and social environment, namely economy and political stakeholders, which condition individual choices, reinforcing a dominant paradigm that rather focuses on individual lifestyle choices (Mello and Tan, 2016). When problems occur, media tend to reinforce “the responsibility and the work of parents as individuals” (Clarke, 2015, p.451), neglecting social, political and educational causes and solutions for those problems.

The new father's protagonism

The evolution of the father's role in childrearing has also been under analysis regarding media and public policies. Milkie and Denny (2014) examined the benefits of father involvement proposed in parenting magazines throughout the 20th and 21st centuries and concluded that an emerging "new fatherhood" is expected to substitute the traditional gender division of responsibilities in childrearing. However, to ensure this greater paternal involvement at home, less engagement in paid work outside the home is necessary (Gregory and Milner, 2011). For instance, according to the most popular women's magazines in Australia, fathers have been expected to be more than simply the breadwinner since 1950 (Bell, 2013). Nevertheless, demanding and stressful work environments for men may pull them away from home, thus influencing the extent and nature of their involvement with their children (LaRossa, 2012). Therefore, the participation of fathers in children's care seems to strongly depend on structural resources and constraints, such as labour market pressure, class position and work-family policies (Milkie and Denny, 2014).

The shy evolution of public policies that could favour men's choices and changing attitudes "by modifying working time regimes, and by tailoring targeted rights to leave" make it difficult to achieve a deeper cultural change, at least in France and the UK (Gregory and Milner, 2011, p. 601). Farre (2016) proposes periods of leave exclusively reserved for fathers, which are a policy instrument designed to increase men's participation in family tasks and facilitate women's progress in their professional career. Indeed, comparing Sweden and Spain, Hagqvist et al. (2017) concluded that the structure of parental leave policies plays an important role and that governments seem to be able to lead towards greater gender equality by implementing parenting leave policies that give both the mother and the father incentives and opportunities to combine

work and family, thus contributing to shifts in attitudes and actions among parents, both at work and at home. After a period of attributing nurturing and care to mothers, and stimulation and exploration to fathers, currently, Pahic and Miljevic-Ridicki (2014) find no differences in Croatian media, which constitutes a cultural change in this country. Besides public policies, beliefs about gender roles in parenting, mother-focused health professionals' interventions and mothers' 'gatekeeping' (Sicouri et al., 2018; Milkie and Denny, 2014) constitute barriers for deeper father involvement. In many subjects related to pregnancy, childbirth and childcare, fathers should be encouraged and empowered, through the provision of more information, to feel they can and must be an active part in those processes (Sapountzi-Krepia et al., 2015). Although media should encourage greater involvement of fathers in childcare and education, it tends to follow current trends rather than trying to lead on social change (Gregory and Milner, 2011; Sunderland, 2006).

Parental leave and parenthood in Portugal

Since the last thirty years of the 20th century, in Portugal, women have worked outside the home not only to fulfil financial needs, but also as a legitimate path to build their own identity and to pursue personal fulfilment as a member of society's workforce. The number of women attending higher education currently exceeds the number of men (Wall et al., 2016), which indicates that their professional ambitions and the socioeconomic status they aspire to are to be taken into consideration. Portuguese marital families tend to be dual-career families (Matias, Andrade, & Fontaine, 2011). In 2015, the employment rate for men was 56,3% (below the EU 28 average of 58,3%), whereas for women it was 46,9% (above the EU 28 average of 46,4%). The Portuguese job market requires men and women to have similar qualifications, academic and

transversal skills, and time dedication, despite the persistence of gender inequalities in wages and access to leading positions (Wall et al., 2016).

Portuguese public policies on parental leave changed in 2009. Since then, assuming that “motherhood and fatherhood are eminent social values” and that “workers have the right to protection by society and the State in the performance of their irreplaceable action in relation to the exercise of parenthood” (DR 30/2009, artº 33), mothers enjoy an initial parental leave of six weeks following childbirth, while fathers must enjoy 15 consecutive or interpolated working days within 30 days following childbirth, five of which immediately following birth. Moreover, parents may choose between 120 consecutive days of maternal leave or shared parental leave, plus 30 more days taken exclusively by the father. This type of parental leave makes space for fathers to assume new responsibilities and bond with their children, and seems to challenge the notion that parental care is a female prerogative (Wall and Leitão, 2017).

Although fathers are already entitled to be alone with their children in the first months after birth, the implementation of this right requires parental assertiveness and negotiation both in the private sphere, with the mother, and in the public domain, at the workplace, where the use of father’s leave is not always well accepted. Having an involved father is increasingly valued and considered beneficial to the child, but social and cultural barriers interpose between this new form of masculinity and greater effective gender equality, leading to multiple appropriations and experiences of fatherhood in Portugal (Wall & Leitão, 2017). The Portuguese motherhood model is an intensive one, meaning it is child-centred, demands full-time investment and assumes that the mother is the main caretaker.

César et al. (2018b) analysed the Portuguese motherhood model in Facebook sites addressing mothers, and results showed that the intensive motherhood model (Elliott,

Powell, & Brenton, 2015) prevails among Portuguese Facebook, due to the main role given to the child's needs and interests, and the presence of technical and specialized information on child development and the ways to promote their proper cognitive, social and emotional development. This intensive model is also reflected in the way mothers share their feelings in public pages and in closed groups (César et al., 2018a). Disclosable negative feelings, such as doubt, worry and fear, are mainly expressed in more normative closed groups that assume the intensive motherhood model. They can be related to performance anxiety to be a "good" mother, to the accountability of not harming the child's present or future in any possible way, and to properly doing what is socially expected. Regarding positive feelings, such as love, tenderness and happiness, they are promoted and openly expressed preferably in public pages. In addition, normative public pages post technical information provided by a variety of psychologists, paediatricians and speech therapists, among others, which guide parent followers towards suitable attitudes, behaviours, (positive) feelings and acknowledgment of several details regarding baby and child development. Lists of to-do and not-to-do advice are examples of the way parents are approached (César et al., 2018a).

Although the internet reaches most of the Portuguese population (55% uses it on a daily basis, 91% of which had a degree in 2015⁽¹⁾), not every mother seeks information in specific and thematic sites and may not even be an active Facebook user. Moreover, almost no fathers were found in the sites under analysis in these previous studies. Paper magazines are a more traditional way to compile and convey technical information, cultural models and political intentions on childrearing to men and women. Thus, even if nowadays mothers use online media in their training for motherhood, these magazines

¹ <https://observatorio-das-desigualdades.com/2017/04/05/utilizacao-de-internet-em-portugal-mais-de-metade-da-populacao-teve-acesso-a-internet-em-2016/>

continue to be influential to both mothers and fathers. This enables us to analyse whether thematic paper media promote new or old parenting models.

Objectives and research questions

Therefore, in continuation of previous studies, this paper analyses the content of a Portuguese magazine for parents, aiming to verify whether it promotes a more equal division of childcare and reflects Portuguese legislation, namely on parental leave, or whether it implicitly favours traditional parental gender roles. In the articles that specifically address fathers, mothers or both, we aim to identify discourse changes and continuities regarding the gendered parenting model. Finally, we intend to verify whether the intensive motherhood model identified on Facebook in previous studies remains the same, or whether the presence of the father interferes with its core characteristics.

According to the literature, magazines tend to reflect traditional cultural models, even when political goals are more evolved in terms of gender equality. Therefore, and because Portuguese society still overloads women with the division of domestic and family tasks, our first research question is that if, despite its title, which is gender-neutral and addresses both parents, the magazine mainly targets mothers, thus reproducing and reinforcing gender stereotypes that attribute to them the primary responsibility for raising children (q1);

We also question if whenever mothers and fathers are addressed specifically, gender differences regarding their roles within the family remain, attributing each of them with different responsibilities concerning childrearing and its balance with other social roles, such as the professional one (q2);

Finally, our third research question is whether the magazine conveys an intensive parenthood model, in line with the intensive motherhood model conveyed on

Portuguese Facebook, which means that it focuses primarily on the well-being of the child, legitimated by experts' testimonials and opinions, rather than on parents' well-being or needs, which are eclipsed by the former and ask for full parental dedication (q3).

Method

The magazines' printing data were obtained from the APCT - Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (Portuguese Association for the Control of Printing and Circulation) website ⁽²⁾. Among the magazines for parents available in 2015, there was the quarterly-edited *A Nossa Gravidez* (Our Pregnancy), the annually-edited *O Nosso Bebê* (Our Baby), and the monthly-edited *Pais & Filhos – Só o instinto não chega* (Parents & Children – Mere instinct is not enough). Not only was *Pais & Filhos* (P&F) the most frequent publication throughout that year, but it was also the one which encompassed the longest period of the parenting role. In addition, it had the highest average printing: 10500 copies, and 9210 copies in circulation per month. P&F's editorial policy was to publish useful and scientific information for parents, from pregnancy to adolescence, with contributions from psychologists, paediatricians and other experts (because intuition is not enough), similar to normative public Facebook pages, alongside journalists and celebrities who are also parents. Given the impossibility of analysing all its contents, we selected as our sample for content analysis the cover theme of each of the 12 issues from 2015, assuming these would reach the most relevant targets for the editors.

Cover topics and titles of articles

January: "In 2015 we will... 12 promises for a happier year"

Article: "In 2015 I will ..." (pp. 71-73)

² http://www.apct.pt/Analise_simples.php

February: "What name do I give you? The choice, the meaning, the fashions and the prohibitions "

Article: "In the name... of the name" (pp. 39-41)

March: "Am I a good father? How children change the meaning of life "

Article: "What father do I want to be?" (pp. 67-69)

Article: "Being a father changes everything" (pp. 70-76)

April: "I do not like you anymore! What children learn when they get angry"

Article: "I am no longer your friend!" (pp. 36-39)

May: "Mothers of body and soul"

Article: "Mothers with the nerve" (pp. 16-20)

Article: "Being a mother is..." (pp. 26-27)

June: "Children. The future is theirs "

Article: "The world is theirs!" (pp. 18-24)

July: "Different holidays"

Article: "Different holidays" (pp. 14-20)

August: "Time to stop. Children can also meditate "

Article: "Here and now" (pp. 14-19)

September: "School. Everything to get on the right foot "

Article: "Premiere in day care" (pp. 26-29)

Article: "Return to class without pressure" (pp. 32-35)

Article: "The new January" (pp. 44-47)

October: "Rules. Why do children need them so much"

Article: "The importance of limits" (pp. 18-23)

November: "Children. Do we really have a favorite? "

Article: "Ode to the 'more than anything' son" (pp. 14-19)

December Christmas. Help them believe in magic "

Article: "Yes, Santa Claus exists!" (pp. 32-37)

The entire content of each article concerning the cover themes were analysed according to our research questions. Advertisements and images were left out. The analysis of the 12 issues that comprised the sample of this study yielded 16 text units, which were scanned and uploaded to an NVivo file. Each text unit was then analysed by two researchers with a percentage of agreement of 92%.

Results

Content analysis results show that most cover themes throughout 2015 were addressed to both parents, with no differences between mothers and fathers. February, April, June, July, August, October, November and December focus on general issues, regardless of the adult(s) that raise(s) the child, which tends to contradict our first research question (q1) that the P&F magazine is mainly addressed to mothers. At least on these aspects, P&F seems to assume the shared responsibility of parents in childcare and education. Nevertheless, the Portuguese language differentiates the feminine and masculine gender in nouns and adjectives, and some articles are written in the feminine form, that is, it is undeniable that they are written exclusively for mothers. This is the case of the January issue, which fully meets our first research question (q1). In fact, although disconfirming both the article's title and subtitle, which are gender-neutral, content analysis shows that the 12 suggestions are addressed to mothers. For instance, suggestion number seven, "Giving up on being perfect", states that "Fortunately there are more and more mothers who do not want to be perfect, that is, they accept that they cannot be everywhere and do not live anxious about it. Mothers who do not always have an impeccable house, who sometimes make tuna pasta for dinner, who do not bathe their children every day, who have a life of their own. (...) live happily without guilt and without unnecessary

pressures.” (January, p. 72). Suggestion number eight, “Dedicate myself to what I like the most”, specifies that “You do not need to relegate children to second place, but you may have to give less importance to other things, like always having a flawless home.” (January, p. 73).

These kinds of advice assume that mothers can have a more relaxed everyday life only by worrying less about housekeeping, bathing children and cooking, which are some of the tasks assigned to them in conservative Portuguese families. Although it tries to ease mothers from feeling guilt by criticizing this feminine “obsession” in performing these traditional tasks, sharing household chores and childrearing practices, namely with the father, is never presented as an issue. Therefore, it reinforces a clear gender role differentiation at home.

The same happens in the September edition, which refers to the beginning of the school year, a moment of apprehension and anxiety for both parents and “an important moment for the whole family” (September, p. 28). However, the article only reports mothers’ testimonies of feelings of doubt, worry and fear. For some reason, fathers’ feelings during this transition period were not heard.

Although most P&F editions throughout 2015 are intended to be read by both mothers and fathers, in two issues, March (Father’s Day) and May (Mother’s Day), each of them is the cover subject. Two types of articles are analysed. One with mothers’ and fathers’ testimonies of their own experiences, and the other discusses the issue of what it means (or should mean) to be a mother or a father. Comparing both types of articles, we tried to identify the main differences and similarities in the way mothers and fathers are portrayed in these issues specifically dedicated to them, according to our third research question (q3).

Personal stories

The May edition describes the life story of five women (here referred to as M1, M2, M3, M4, M5) for whom motherhood "traced their fate," turning them into "better people" (May, p. 16). Some of these life stories have in common the priority mothers attribute to their children over their professional careers: M1 gave up her job when her first child was born in order to provide "the support she wanted for their child"; she has successively developed projects on an emotional rather than profitable basis, "always with my children around me!" (May, p. 18). Furthermore, M5 works with a flexible schedule, always with her youngest son around her. In turn, M2 jeopardized her health by choosing to risk a second pregnancy, despite having had breast cancer right after the first child was born; people called her "crazy", but she explains children "are everything" to her (May, p. 19). Finally, all mothers show their pride in managing tasks and overcoming difficulties in the name of their children. M5 prioritizes children over an "untidy house or undone dinner" (May, p.22); M4 explains "they needed me, and I had to be well, happy and balanced for them" (May, p. 24); M2 claims she has never been depressed, not even during her illness (May, p. 19).

Only one mother is presented as a lawyer, a volunteer in a childcare centre, with duties in the local authority, and four children (M3). She admits it is not easy to manage all her activities, but both she and M5 (who has 6 children) refer to organization as the key to manage their daily lives. In the case of M5, she also delegates tasks and responsibilities to her children and claims to have the support of a good family network and a "super-husband" (May, p. 22).

Similarly, the article on Father's Day presents the testimony of five fathers (F1, F2, F3, F4, F5), but it points out that these men "are brilliant in their careers, make a difference by the passionate way they embraced their innate talent, and an addition to all this they

are also ... FATHERS!" (March, p.70) (capital letters in the original). The difference in the presentation of "exemplary" cases of mothers and fathers meets our second research question (q2). In fact, fathers' professional activities are valued and publicly recognized, while two of the five mothers in the May edition had set aside their careers (M1, M5) and two others did not even mention it (M2, M4).

Fathers were asked what has changed in their life, what they most dislike or consider negative in being a father, and in which ways being a father is different from being a mother. The title, "being a father changes everything" leads us to believe that the lives of these men have deeply changed with the birth of their children. However, all fathers assume that the main change was an inner, emotional one: a new and strong love for another person and a huge increase of responsibility towards him/her. F1 considers that "the real shift is inward and unconscious", and that the "most striking change" was a "new form of love for another human being" (March, pp. 71-72). F2, who is slightly older and has adult children, says he felt he faced "the greatest challenge he had ever experienced", that the changes were a "personal growth" and mentioned the feeling of a greater responsibility (March, p. 72). With four children between 12 and 22 years of age, F3 mentions "the awareness of the need to be present, to live, to deeply desire to be there, on that path, with that person", a change that "becomes more and more present (...) and we learn little by little" (March, p. 74).

If we look for concrete life changes, only the youngest fathers with younger children provide these kinds of testimonies. With a one-year-old daughter, F4 says that fatherhood made him "think a lot more about the family and stop being so selfish. We gain responsibility, but with pleasure; we make sacrifices if we need to, but we do it happily, almost without noticing it because it is something that comes naturally to us" (March, p. 75). F5, who has two daughters aged 10 and 2 years old, agrees that "there is

one life before children and another after they are born” (March, p. 76), not only emotionally but also in terms of schedules and organization, which eventually depend on them. F1, whose son is 5 years old, mentions routine changes and sleepless nights that, surprisingly, did not interfere with his professional work. The biggest change was performed by F4, a previous high-profile sportsman who played for a foreign club and not only returned to Portugal, but also changed his profession, demoting sport to third place after family and work.

Regarding differences towards motherhood, these men refer to pregnancy as a period where only mothers are fully aware of the baby and able to establish an emotional connection with him/her, leaving them in a disadvantaged position. Only after birth are they able to experience fatherhood in a complete way. Nonetheless, F3 believes that it is harder to be someone who leaves a mark in children’s lives than to be a mere caretaker. The older father (F2) assumes he had a different but complementary role to that of the mother, and only after divorce, he confesses, did he sometimes feel anguish similar to an “almost-mother” (March, p. 73). This could mean that being the only caregiver implies feeling like a mother. F1 argues that adapting to his new role was "natural", though he continues to try, with "varying degrees of success", to be a less absent-minded and more attentive person (March, p. 72), a statement that possibly would not be admissible to a mother. Moreover, F4 says “I really like helping and doing everything that is within my reach, I cannot imagine things differently” (March, p. 75). Here, “helping” and “within reach” are expressions that attribute the main care to the mother and a supplementary role to the father, which reveal differences in their roles. Only F5 is assumed to be very present in his daughters’ lives and makes a point of completely sharing childcare with the mother. Fathers also express some negative

feelings towards fatherhood, namely commotion, sensitivity, worry and fear, but they all agree that those adversities turned them into better and stronger individuals.

Lastly, F3 regrets the lack of specific information for fathers and fathers-to-be, since everything is addressed to mothers. In his opinion, this “enormous lack of information” would explain fathers’ disengagement from this process: “society would improve immeasurably if this responsibility of the father was promoted as it is for the mother” (March, p. 74).

The “good” parent

The other kind of articles focus on what it means to be a mother or a father. The title of the May edition is “to be a mother is...” (May, p. 26), while the March edition questions “what kind of father do I want to be?”. Both are written by different female psychologists and include several statements on what it means to be a mother, as well as items for fathers to check “the relationship they have with their children and the way they are being fathers” (March, p. 67).

Mothers are told that “there is no life challenge more complete, more exciting, more demanding, more permanent!” (May, p. 26) than being a mother. The author states that all mothers are super mothers, although they all have doubts and failures, and in order to “take responsibility for the healthy growth of a human being (...) the only two ingredients of guaranteed success are: presence and unconditional love” (May, p. 26). She states that being a mother means for a woman “to multiply herself”, “to transcend herself”, “to become immortal in the memory of her children”, “to enjoy it from the beginning”, “to be a place of MANY hugs and LOTS of affection” (capital letters in the original), “to be attentive to what makes children unique and special”, and “to be forever a mother” (May, pp. 26-27). Furthermore, motherhood becomes omnipresent in women’s thoughts and practice even before pregnancy, which is a time that must be

lived intensely. It is a source of strong emotions, both positive and negative. Among these, doubts and uncertainties are predominant, and mothers navigate at sight, reinventing resources.

The perpetuity of mothers' actions is evoked through the "values we speak about and of which we are an example (...) that will cross generations, because when educating our children, we are also educating the parents they will become" (May, p. 26). Mothers are also criticized: "we often like to overcome our wrong choices through our children and to project our passions onto them (...) and sometimes we confuse 'the best' with 'the best in our way'", followed by the explanation that "it is vital to see children realistically, as they really are, and to give them the space and the support for them to develop their own skills and characteristics" (May, p. 27).

In the fathers' article, each of the 12 check-up items presented is based on psychology studies that have proven that "paternal involvement and presence are determinant for the development of children's skills and that the father is essential and irreplaceable in the development of children and adolescents" (March, p. 67). Authors ensure that "for too long the father's role was disregarded (and it was a loss for children!)" (March, p. 67). In this sense, it seems to be time to assign fathers the role that children deserve them to have, since fathers have "a special role as a privileged partner in game, adventure, imagination appeal, and challenge to new conquests!" (March, p. 67). In addition, "fathers need to be truly involved in the various dimensions of their children's lives: fathers who play, study, laugh, scold, ask, listen, protect, help, embrace, encourage, hold, guide..." (March, p. 67).

Nonetheless, this is a very critical article, based on a stereotyped idea of a father who does not seem to know how to properly interact with his children and tends to do everything wrong. Most of the check-up issues advise fathers to correct some

supposedly common mistakes they usually make, and thus we can assume they need to be taught and made aware of intensive parenting in a more clear and basic way than mothers. Item one urges fathers to aspire to be better fathers, but also to accept “that you will never be a perfect father” (March, p. 67). This acceptance of casual failures is important because “idealism often inhibits action” and turns out to be harmful for children’s development (March, p. 67). Item two is also based on the assumption that, even though fathers are emotionally close to their children, “it is funny to see that” they do not show it enough, because often work gains priority (March, p. 68). In order to adjust behaviour to this emotional importance, fathers must show they are interested in their children’s lives by asking them questions about it: “try to understand what is going on with friends, at school, which joys and annoyances they had...” (March, pp. 67-68). Unlike what happens when P&F addresses mothers, childrearing tasks such as feeding or bathing are not mentioned.

The other mistakes that authors attribute to fathers, in line with P&F’s way of criticizing-teaching-correcting parents, include not providing enough time for children to do things at their own rhythm, discussing school only by focusing on grades and homework, comparing their children to others, being too picky in terms of children’s behaviour, not praising children’s achievements enough or praising them unrealistically, not using proper communication techniques (using closed questions, forcing children to talk when they are not in the mood, using sarcasm and humiliation, making promises they cannot keep), being intrusive in children’s decision making, and not taking enough time to think about which values they are conveying to children. For each of these mistakes, the authors explain the harmful consequences on children and how to act correctly for their sake. Authors end up urging fathers to be creative in order “to make time unfold, to interrupt a tantrum, to play games, to solve problems”. The language

used is imperative: choose, should, seek, avoid, let them, praise, as fathers seem to need to be instructed.

Parental incompetence vs. expert knowledge

The main characteristic of P&F discourse along several issues is criticism towards what parents usually do, think and feel, sustaining their argument by scientific evidence on how it can harm children. The magazine pedagogically teaches parents about child development, and therefore explains to them how to correctly act, think and feel. The sharpness of the intensive parenthood model seems to pervade in all its forms, such as through the centrality of the child and his/her well-being and proper development, the requirement of a good emotional and behavioural performance by parents, the constant remembrance of how parental actions impact the future of their children, and thus the need for experts' permanent guidance. All the articles under analysis seem to be a set of teachings for parents about how to raise their children, based on what they supposedly do wrong, namely when they are not totally available to immediately respond to the child's needs. Therefore, we believe these data fully meet our third research question (q3).

Children's well-being and proper development depends on parents' unconditional love, time and attention. In the January edition, mothers are urged to give their children more hugs because there is scientific evidence that it releases oxytocin, the love hormone, which is particularly important during childhood for the development of brain structures and emotions, and because "in the rush of days, we forget to stop to give a hug. We kiss and hug our children quickly in the morning because they are already running late, and at night, in bed, most likely in a swift way as well, because it is already late" (January, p.71). In another case, mothers are accused of expressing conditional love for their children, which means they only show them love if they behave as expected. Experts

alert that children may develop a sense of incompetence or undeserving love whenever they cannot or do not want to fulfil parents' expectations, and therefore mothers are advised to always express unconditional love.

Moreover, when mothers use their cell phone during family time, children "feel that they are being ignored" (January, p.71). Another "much healthier addiction" is suggested: "giving exclusive attention" to children (January, p. 71). Parents should exercise parenthood in a mindfulness way: "slow down, savour [each moment] and do one thing at a time" (August, p.19). For example: "if you are bathing your child ... do not look at the phone to look for messages" (August, p.19).

Children's rhythm is also important. The "concern of many parents" (December, p. 37) regarding the non-existence of Santa Claus is assuaged by a psychologist who explains that there may be "some disappointment, but not a trauma (...) What traumatizes is the impossibility of dreaming and being a child!" (December, p.37). It is explained to parents that, especially during the pre-school phase, it is important to feed children's fantasy and imagination because, according to psychologists cited in the text, "this is good for [their] affective and cognitive development" (December, p.32). Parents are advised to deal with the child's initial doubts and to let the transition to reality and rational explanations happen naturally, to the rhythm of their emotional maturity.

Parents' performance regarding children's education and socialization is presented as having deep consequences for their future. From the choice of the baby's name, which is "attributing an identity that will accompany him/her until the end of his/her days and, some even say, will influence the natural course of events that concern him/her, the development of his/her character and even the luck he/she will have" (February, p. 39), to the activities children are exposed to: parents can "make a difference" by creating "possibilities and life experiences, formal and informal, so that [children] are creative,

innovative, able to adapt and find alternative ways of being” (June, p. 22). In a world where children live surrounded by constant stimuli and are overwhelmed with activities and schedules, parents must “contribute to their harmonious development” by transmitting values such as friendship and solidarity, and fostering their curiosity, self-confidence and creativity. Children between 7 and 12 years of age are entitled the ‘Z generation’, “born in the new millennium, shaped by technology, by the virtual world, with immediate access to information” (June, p. 20). The challenges these children face, the adults they will become, depend not only on their own individual personalities, but also on the performance of their parents as reference adults, a psychologist argues.

Friendship among children, its importance in their socialization process, its specific characteristics according to children’s ages and how parents should support them in their conflicts with friends make up the theme of the April cover. Testimonials from psychologists and sociologists ensure that the relationship between peers is a difficult learning process for children, and that conflicts can bring them a lot of suffering.

Nonetheless, the emotional learning thus acquired "will be fruitful, and savoured in the course of life" (April, p. 36), they argue. The article shows a set of examples of what parents are not supposed to do: saying "let it be, tomorrow is another day" does not reassure them" (April, p. 38), nor does taking sides or distressing the child. Correct ways to deal with the situation are then explained: asking the child questions, "helping him/her to see the situation from other points of view" (April, p. 39), explaining that people do not always like each other, among others.

"The importance of limits" in children’s education is the cover story of the October edition. With the support of some psychologists, the article explains that "far from castrating and spoiling the spirit, [rules and limits] are necessary for them to develop and prosper" (October, p. 18). Both authoritarian and permissive parents make children

equally "insecure and with low self-esteem" and, in the future, they will become "insecure adolescents and adults" (October, p. 22). Thus, parents should assume their role "without fear" because "establishing rules and enforcing them is an act of love" in raising "responsible and emotionally balanced adults" (October, p. 22).

Nevertheless, mothers' well-being and needs are mentioned, which partially contradicts our third question (q3). They should "give up on being perfect" (January, p.72) and dedicate themselves to what they like the most. Suggestions include "eat better (...) leave fast food and processed food behind and regain the taste for cooking natural and fresh foods", "practice more physical exercise", "live and let live", and "help others more" because scientific studies show that being a volunteer helps decrease depression and increases life satisfaction" (January, p.72). Although it is assumed that mothers live in a rush and have little free time of their own, "with some will and organization" (January, p.72), which mean individual factors of women's own responsibility, they can save some time to spend in activities they like, such as "go to the gym, read, be with friends, paint, go to the movies, meditate, take a photography course, learn to dance, date" (January, p. 73). According to the January issue, it is up to mothers to provide themselves and their children a happy new year.

The same happens in the September issue, which presents 25 resolutions to ease returning to school for the entire family. Mothers are specifically addressed in resolution 10: "manage your guilt", because "we cannot always drop them off, pick them up, help them in school, or spend all three months of vacation with them. (...) you should not feel guilty about it. If you cannot change or do anything about it, then the management is done by itself. (...) And if this is something that torments you, then see what is within your power to change." (September, p. 45).

Conclusions and Discussion

In this article, we tried to verify which cultural parenthood model the Portuguese magazine P&F conveys and whether it reflects Portuguese legislation, namely on parental leave that gives fathers more time with their children after birth, thus trying to promote a more equal division of childcare and soften gender differences between both parents.

The analysis of the 12 editions of the P&F magazine, from 2015, reveals that its editorial line apparently tends to address both parents by using the gender-neutral term “parents”, therefore including the father in its target audience. However, the division of gender roles is clear, and the magazine assumes that childcare tasks are the mother’s responsibility, while the father has a more educational and playful role (Sunderland, 2006).

The fact that most articles are addressed to both parents and refer to topics of interest to both may be considered a sign of positive change: helping to choose the child’s name, suggesting activities and vacations together, teaching how to deal with difficult situations for the child and how to prepare him/her for the future, are themes no longer transmitted only to mothers (Proctor and Weaver, 2017). This indicates an evolution in the sharing of parental responsibilities, especially concerning children’s education.

Nonetheless, the few articles addressed to mothers or fathers separately assume the mother as the child’s primary caregiver and, therefore, strongly convey traditional gender differences in family roles (Oprea, 2016). The father’s professional life is given greater importance than the mother’s, namely in the March and May editions, and tasks such as feeding the children, bathing them, washing their clothes, taking them to school are assigned only to mothers. It is possible that P&F's priority is to get its audience to identify with what they read, and to recognize themselves in this division of family

responsibilities and tasks. Nevertheless, we can argue, as Demarest and Garner (1992), they are conservative and contribute to maintain traditional social norms more than promote changes.

However, it is evident that P&F tries to value the role of fathers. In fact, not only is the importance of fathers in children's lives duly valued in the March edition, but the same happens with the positive impact that children have on fathers' lives, especially from an emotional point of view. All interviewed fathers admit their children brought them a considerable interior change, but only the younger or more recent fathers report changing attitudes and routines from supporting the mothers to fully sharing childcare, which could mean that there has been a generational evolution in this role, according to this reduced sample. The use of celebrity fathers' testimonies may allow other fathers a closer approach to their child through the example of someone to whom they recognize professional value. Nevertheless, the presentation of various ways of living fatherhood and the undifferentiated appreciation of them all legitimizes, on the one hand, the various options that fathers may choose, and ends up not specifically promoting a more egalitarian "new fatherhood" (Gregory and Milner, 2011). On the other hand, it reflects the pluralization of paths that the new parental leave legislation allows, according to Wall and Leitão (2017). Moreover, fathers are widely criticized in their supposedly wrong actions, and then taught to understand and relate to their children. Although we may question the formula, the goal seems to be to teach fathers to educate their children, especially at a school age, and to strengthen ties by being playmates. This may indicate that motherhood already has a clear definition and that fatherhood is a concept in progress, therefore, fathers need more guidance and teaching, although never as caregivers.

Differences in criticism and advice to mothers and fathers are quite evident: mothers should give up trying to be perfect (January edition), while fathers should be aware that they will never be perfect (March edition). The recommendations addressed to mothers, namely in the January and September issues, could be addressed to both. But for mothers, the supposed ideal of perfection refers to hygiene and feeding children, and to household chores such as cleaning the house, thus reproducing gender stereotypes (Oprea, 2016). On the other hand, when authors address fathers referring to care practices, they urge them to promote children's autonomy by letting them learn to perform tasks by themselves, at their own rhythm. In fact, the March article refers to the importance of fathers in children's lives exclusively in areas like the transmission of values or sharing funny experiences. Thus, we can conclude that P&F implicitly reflects a traditional cultural model, more than it tries to promote cultural changes explicitly present in Portuguese legislation (Gregory and Milner, 2011). In fact, not even the September edition, focusing on babies going to day care, refers to parental leave, whose intention is to involve fathers in childcare during the first months of children's lives. Labour market pressures and community responsibility in facilitating men's experience of paternity are not addressed (Mello and Tan, 2016).

We also intended to verify whether father involvement and the sharing of childrearing practices would ease mothers from the intensive motherhood model (Elliott, Powell, & Brenton, 2015) or, on the contrary, whether the father would be immersed in an equally intensive parenthood model where the child remains the main focus and both parents owe him/her total dedication, under expert guidance.

The intensive model appears to be even more expressive in the P&F magazine than in previous studies that addressed Facebook (César et al., 2018a; César et al., 2018b) in its various characteristics (Elliott, Powell, & Brenton, 2015). The specialists' authorship of

articles, the use of other specialists' testimonials and evidence from scientific studies are omnipresent, both in the information that teaches parents how the child develops, especially from an emotional point of view, and in the guidance given to parents about the best way to think, act and feel. Thus, science seems to legitimize this model, both regarding the centrality of the child, his/her well-being and proper development, as well as the demanding performance that his/her rearing and education requires of both parents (Smyth, 2014).

P&F constantly confronts parents with their accountability for who their children will be in the future (Smyth, 2014), while extending the areas of their responsibility. They are taught to act their best at the present time to avoid irreversible trauma to the child, especially emotional trauma. The actions of other socializing agents, other than sometimes the school, are not considered. New technologies and the broad access to vast amounts of information are considered as threats. This represents a massive burden that parents face with concern (Smyth, 2014; Allen, 1995; Clarke, 2015; Milkie and Denny, 2014).

The intensive model is also revealed through feelings, which, in the case of mothers, are in line with previous studies (César et al., 2018a): obsession with being perfect, worry, doubt and fear. Furthermore, the assumption of mothers' guilt presupposes that such dedication is difficult to materialize and leads them to self-criticism (César et al, 2018a).

P&F also assumes that mothers wish to spend as much time as possible with their children, and that they believe they should oversee their children's every moment and activity, leaving no room for other ways of being a mother. They are advised not to be so overwhelming, advice we do not see addressed to fathers since it is also assumed that they do not act or feel this way.

However, some of these feelings are equally shared by fathers (anguish, concern) and stem from the intensive model of parenting proposed to them, which requires of them competences and performances they may fear they cannot achieve (Mello and Tan, 2016). On the other hand, fathers express feelings that are not mentioned by mothers, at least explicitly: a great responsibility, an increase of sensitivity and an inner growth and strengthening. These feelings can derive from the "newness" that being a father constitutes in their lives (unlike mothers, who can anticipate motherhood even before they become pregnant) and the role they are socially and culturally attributed as a family provider, thus being another symptom of gender differences regarding parenthood. Contradictorily, P&F admits mothers live in a rush and urges them to find time for themselves. Nevertheless, it depends only on themselves and their daily organization. It is not necessary to relegate children to second place, nor is it appropriate to resort to other adult caregivers, namely the father, to delegate time and childcare. This assumes mothers' well-being, as well as their children's, is only dependent on themselves, and ignores the role that the community and/or a family support network can have (Wall, 2013).

We can thus conclude that the most widely read parenting magazine in Portugal, in 2015, reflects and promotes a model of intensive parenting, centred on the child and his/her well-being, which is very (but differently) demanding for both parents in terms of material and emotional resources, where traditional gender roles in parenting are clear, although a closer approximation of men to the role of being a (good) father is promoted.

Limitations and implications

The main limitation of this study is that we have only analysed the cover themes of the 12 issues of the P&F magazine from 2015. However, the time and resources available

did not allow us to fully analyse all issues. Nonetheless, we believe that the sample presented here represents, essentially, the editorial line of the magazine.

The authorship of the analysed articles is not mentioned because we do not consider their participation as authors to be as relevant as the way they give voice to the goals of the magazine.

The conclusions of this study are important insofar as the demands of the hegemonic intensive motherhood model in a society, especially in Portugal, have social implications in terms of women's hesitation and postponement of motherhood and consequent reduction in the birth rate. Thus, the need to intervene socially, both at the level of public policies (extending the day-care network and reducing the difference in parental leave for both parents, for example), or by investing in corporate social responsibility (flexibilization of work schedules, acceptance of fathers' parental leave), in order to promote and support the change in the reduction of role differentiation, which is just beginning to emerge, and to enable adults to take on various roles without social and financial consequences, and without guilt.

Acknowledgements

Funding: This work was supported by FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia [SFRH/BD/110262/2015].

The authors thank the content analysis second reviewer.

References

Allen, Katherine R. (1995). Mothers and work in popular american magazines by Kathryn Keller; Representations of Motherhood by Donna Bassin, Margaret Honey, Meryle Mahrer Kaplan. *Journal of Marriage and the Family*, 57(4), 1123-1124.
doi:10.2307/353429

- Bell, Johnny (2013). Putting dad in the picture: Fatherhood in the popular women's magazines of 1950s Australia. *Women's History Review*, 22(6), 904-929.
- César, Filipa, Costa, Patrício, Oliveira, Alexandra, and Fontaine, Anne Marie (2018a). "To suffer in paradise": Feelings mothers share on Portuguese Facebook sites. *Frontiers in Psychology* (online). doi:10.3389/fpsyg.2018.01797
- César, Filipa, Oliveira, Alexandra, and Fontaine, Anne Marie (2018b). O papel do Facebook na difusão de modelos sociais de maternidade em Portugal. *Análise Psicológica*, 36(1), 47-59. doi:10.14417/ap.1333
- Clarke, Juane N. (2015). Advice to mothers about managing children's behaviours in Canada's premier woman's magazine: A comparison of 1945-1956 with 1990-2010. *Child & Family Social Work*, 20(3), 310-321.
- Demarest, Jack, and Garner, Jeanette (1992). The representation of women's roles in women's magazines over the past 30 years. *Journal of Psychology*, 126(4), 357-369.
- Elliott, Sinnika, Powell, Rachel, and Brenton, Joslyn (2015). Being a good mom: Low-income, black single mothers negotiate intensive mothering. *Journal of Family Issues*, 36(3), 351-370. doi:10.1177/0192513X13490279
- Farre, Lúcia (2016). Parental leave policies and gender equality: A survey of the literature. *Estudios de Economía Aplicada*, 34(1), 45-60.
- Foss, Katherine A., and Southwell, Brian G. (2006). Infant feeding and the media: The relationship between Parents' Magazine content and breastfeeding, 1972-2000. *International Breastfeeding Journal*, 1, 10.
- Frerichs, Leah, Andsager, Julie L., Campo, Shelly, Aquilino, Mary, and Dyer, Carolyn S. (2006). Framing breastfeeding and formula-feeding messages in popular US magazines. *Women & Health*, 44(1), 95-118.

- Gregory, Abigail, and Milner, Susan (2011). What is "new" about fatherhood?: The social construction of fatherhood in France and the UK. *Men and Masculinities*, 14(5), 588-606.
- Hagqvist, Emma, Nordenmark, Mikael, Perez, Glòria, Aleman, Sara T., and Gadin, Katja G. (2017). Parental leave policies and time use for mothers and fathers: A case study of Spain and Sweden. *Society Health & Vulnerability*, 8, 2-12.
- Joyner, Brandi L., Gill-Bailey, Carmen, and Moon, Rachel Y. (2009). Infant sleep environments depicted in magazines targeted to women of childbearing age. *Pediatrics*, 124(3), E416-E422.
- LaRossa, Ralph (2012). The historical study of fatherhood: Theoretical and methodological considerations. In M. Oechsle, U. Muller, and S. Hess (Eds.), *Fatherhood in late modernity: Cultural images, social practices, structural frames* (pp. 37-60). Leverkusen Opladen, Germany: Barbara Budrich.
- McIntosh, Tania (2017). Changing messages about place of birth in mother and baby magazine between 1956 and 1992. *Midwifery*, 54, 1-6.
- Mello, Susan, and Tan, Andy S. L. (2016). Who's responsible? Media framing of pediatric environmental health and mothers' perceptions of accountability. *Journal of Health Communication*, 21(12), 1217-1226.
- Milkie, Melissa A., and Denny, Kathleen E. (2014). Changes in the cultural model of father involvement: Descriptions of benefits to fathers, children, and mothers in parents' magazine, 1926-2006. *Journal of Family Issues*, 35(2), 223-253.
- Oprea, Denisa-Adriana (2016). Between the heroine mother and the absent woman: Motherhood and womanhood in the communist magazine Femeia. *European Journal of Women's Studies*, 23(3), 281-296.

Pahic, Tea, and Miljevic-Ridicki, Renata (2014). The portrait of mothers and fathers in croatian daily newspapers and in a magazine for parents: Today and twenty years ago. *Croatian Journal of Education-Hrvatski Casopis Za Odgoj I Obrazovanje*, 16, 93-107.

Proctor, Helen, and Weaver, Heather (2017). Creating an educational home: Mothering for schooling in the Australian Women's Weekly, 1943-1960. *Paedagogica Historica*, 53(1-2), 49-70.

Rustoyburu, Cecilia A. (2016). Motherhood and childhood. The medical and psychological advice in Hijo Mio...! Buenos Aires, late 1930s. *Arenal - Revista De Historia De Las Mujeres*, 23(1), 117-142.

Sapountzi-Krepia, Despina, Psychogiou, Maria, Sakellari, Evanthia, Tsiligiri, Maria, and Vehvilainen-Julkunen, Katri (2015). Greek fathers' experiences from their wife's/partner's labour and delivery: A qualitative approach. *International Journal of Nursing Practice*, 21(5), 470-477.

Sheehan, Athena, and Bowcher, Wendy L. (2017). Messages to new mothers: An analysis of breast pump advertisements. *Maternal and Child Nutrition*, 13(2).

Sicouri, Gemma, Tully, Lucy, Collins, Daniel, Burn, Matthew, Sargeant, Kristina, Frick, Paul, Anderson, Vicki, Hawes, David, Kimonis, Eva, Moul, Caroline, Lenroot, Roshel, and Dadds, Mark (2018). Toward father-friendly parenting interventions: A qualitative study. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 39(2), 218-231.

Smyth, Ciara (2014). Boost your preschooler's brain power! An analysis of advice to parents from an Australian government-funded website. *Women's Studies International Forum*, 45, 10-18.

- Struyve, Charlotte, Simons, Maarten, and Verckens, Anneleen (2014). Parents are not born, they are made: A critical discourse analysis of an educational magazine in Flanders (Belgium). *Journal of Education Policy*, 29(6), 785-803.
- Sunderland, Jane (2006). 'Parenting' or 'mothering'? The case of modern childcare magazines. *Discourse & Society*, 17(4), 503-527.
- Wall, Glenda (2013). 'Putting family first': Shifting discourses of motherhood and childhood in representations of mothers' employment and child care. *Women's Studies International Forum*, 40, 162-171.
- Wall, Karin, Cunha, Vanessa, Atalaia, Susana, Rodrigues, Leonor, Correia, Rita, Correia, Sónia V., and Rosa, Rodrigo (2016). *Livro branco. Homens e igualdade de género em Portugal* (ISBN 978-972-8399-75-7). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais / Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- PORDATA (2016). *Retrato de Portugal na Europa. Edição de 2016*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Matias, Marisa, Andrade, Cláudia, and Fontaine, Anne Marie (2011). Diferenças de género no conflito trabalho-família: Um estudo com famílias portuguesas de duplo-emprego com filhos em idade pré-escolar. *Psicologia*, 25, 9-32.
doi:10.17575/rpsicol.v25i1.277
- Wall, Karin, and Leitão, Mafalda (2017). Fathers on leave alone in Portugal: Lived experiences and impact of forerunner fathers. In Margaret O'Brien, and Karin Wall (Eds.), *Comparative perspectives on work-life balance and gender equality fathers on leave alone* (Life course research and social policies, Volume 6) (pp. 45-67, ISBN 978-3-319-42968-7). Switzerland: Springer Open. doi:10.1007/978-3-319-42970-0

Guião da entrevista às mães

1. Enquadramento académico e profissional
2. Porque é que quis ser mãe?
3. Como é que a maternidade se enquadrou no seu projeto de vida familiar e profissional?
4. Que expectativas tinha relativamente à maternidade?
5. Quem eram/foram os seus modelos de mãe? Pela positiva ou pela negativa, e porquê.
6. Leu ou consultou alguém sobre o que devia fazer relativamente à gravidez e, depois, ao bebé ou à criança? Que impactos (positivo/negativo)?
 - 6.1. Existe um modelo de maternidade?
7. Como geriu o seu quotidiano quando o bebé nasceu? E atualmente?
 - 7.1. E o pai?
8. Sente que consegue gerir todos os seus papéis, nomeadamente o profissional, de forma satisfatória?
9. Quando tem dificuldade em gerir o seu quotidiano,
 - 9.1. que efeitos é que isso tem em si?
 - 9.2. que efeitos julga que isso tem sobre a(s) sua(s) criança(s)?
10. Quando tem alguma dúvida ou dificuldade, onde ou a quem pede conselhos ou ajuda?
11. Já foi ou costuma ser criticada enquanto mãe? Como reagiu/reage habitualmente?
12. Em que aspetos se considera uma boa mãe? O que é para si ser uma boa mãe?
13. Em que aspetos acha que poderia ser uma mãe melhor? Sente-se culpada por isso? Que efeitos é que acha que isso pode ter sobre a(s) sua(s) criança(s)?
14. Olhando para trás, acha que as expectativas que tinha em relação à maternidade se concretizaram?
 - 14.1. Em que é que a realidade mais a surpreendeu?
15. O que gostaria que fosse diferente na sua vida
 - 15.1. Que lhe permitisse ser uma mãe melhor?
 - 15.2. Para que se sentisse melhor enquanto pessoa?
16. Futuro

Motherhood social models on Portuguese facebook sites^a

Keywords: social, face book, woman, care, feelings, education, schooling, motherhood, education, formation

Short communication

Throughout history, motherhood has been culturally appropriate and prescribed, although each woman may experience it differently, considering her life history, her social position, and her permeability to the cultural dictates of the society in which she lives.¹ Online social networks are currently important sources of informal support for mothers given their accessibility and extensive information on child care and motherhood performance.²⁻⁵ Also, Portugal has extremely traditional family values, but most families assume more modern values in the professional world and are dual-career. This requires mothers to reconcile multiple roles.⁶ knowing that, we designed a study that aimed to identify the currently dominant motherhood model in Portugal.^b To achieve this, we analysed the Goals (motherhood main purposes), Attitudes (the way motherhood is or should be performed), Feelings (the way motherhood is or should be emotionally experienced), and Practices (tasks commonly included in the act of caring for the child's basic needs) attributed to mothers and spread by Facebook Portuguese groups and pages dedicated to motherhood.

We began by identifying 132 Public Pages, 47 Closed Groups and 5 Public Groups (N=184) in Portuguese facebook, in October 2015. Then, we analysed their descriptions and pinned posts looking for the two main motherhood models: the *intensive* and the *extensive* models. According to the *intensive* motherhood model,⁷ mothers should dedicate themselves to offspring in a selflessly and significantly way in terms of care, feelings, education, schooling, and information seeking, therefore achieving happiness and ensuring children's well-being and good development. For the so-called *extensive*⁸ or *negotiated*⁹ motherhood model, the indispensable mother's constant presence with the child is questioned, and women who carry out various social roles seek to articulate their maternal and professional roles in a functional way. In this model, women try to reconcile more vectors of personal accomplishment beyond that of motherhood.

Content analysis was performed with NVivo software to, initially, identify words or expressions that would be attributed to our 4 great predetermined categories¹⁰⁻¹² concerning motherhood: *Attitudes*—which represent 55% of the 273 references collected, followed by *Feelings* (19%), *Practices* (18%) and, almost residual, *Goals* (8%). Since Attitudes refer to ways motherhood is or should be performed, its prevalence may suggest some normativity in discourses and, therefore, reflect a set of social expectations, which are frequently assumed by mothers themselves,¹³ on how to play this role. Subcategories

^aFilipa César, Alexandra Oliveira & Anne-Marie Fontaine (2017)

^bThis study is part of Filipa César's doctoral project entitled "Different motherhood models and their implications: Motivations, expectations and realities of Portuguese mothers", and that is taking place in the Faculty of Psychology and Educational Sciences, University of Porto, under the supervision of Professors Anne-Marie Fontaine and Alexandra Oliveira, with a grant from FCT – Portuguese Foundation for Science and Technology.

Volume 2 Issue 6 - 2018

Filipa Cesar

Department of Psychology and Education Sciences, University of Porto, Porto, Portugal

Correspondence: Filipa Cesar, Department of Psychology and Education Sciences, University of Porto, Porto, Portugal, Email filipa.cesar@gmail.com

Received: October 27, 2017 | **Published:** November 30, 2018

emerged in Attitudes' analysis and revealed positive parenting models of high respect and consideration for the child in interaction. It also revealed the promotion of great involvement in children's education, formation, and stimulation. Also, motherhood *meaning* seems to be an intense, challenging and a positive experience for mothers, and it is expected from their *performance*¹⁴⁻¹⁶ that they are dedicated, emotional, responsible, that they follow their instinct, that they care about the child's schooling and that they try to keep themselves informed in whatever concerns their offspring. Most of these can be considered as being part of an intensive model. Regarding *Feelings*, the majority of them are *positive*: love and affection for the child, in one hand, and joy, happiness and confidence of both mother and child, on the other. *Negative* feelings are attributed only to the mother, and the most referred—fear, doubt, and anxiety—may correspond to performance anxiety due to intensive model's demands.¹

Indicators associated with an *extensive* or *negotiated* motherhood model are clearly less present and diverse. This is the case when *family* as a whole, and the *woman* beyond the mother are valued. *Equality in parenting*, another indicator of the extensive model, was explicitly mentioned only once. The fact that several pages and groups address 'parents' and not just 'mothers' as a target audience does not allow us to assess their position on that same equality.

The intensive motherhood model prevails whether we look at working mothers or full-time mothers. Levels of demand for maternal performance seem to be similar for both. In mothers' speeches, all are considered "Super Mothers" and their accumulation of responsibilities is called "hallucinating" regardless of their position towards work. Our research thus appears to confirm the prevalence of an *intensive* motherhood model in Portuguese Facebook groups and pages, and its consequences for Portuguese mothers should be assessed and discussed, mainly on the scope of low fertility rates in Portugal (1,3 children/woman).

Acknowledgments

None.

Conflicts of interest

The author declares there is no conflicts of interest.

References

1. Birns B, Hay DF. *The different faces of motherhood*. New York: Plenum Press; 1988. 117 p.
2. Holtz B, Smock A, Reyes Gastelum D. Connected motherhood: Social support for moms and moms-to-be on Facebook. *Telemedicine and E-Health*. 2015;21(5):415–421.
3. Drentea P, Moren Cross JL. Social capital and social support on the web: The case of an internet mother site. *Sociology of Health & Illness*. 2005;27(7):920–943.
4. Neubaum G, Kraemer NC. My friends right next to me: A laboratory investigation on predictors and consequences of experiencing social closeness on social networking sites. *Cyberpsychology Behavior and Social Networking*. 2015;18(8):443–449.
5. Kaufmann R, Buckner MM. To connect or promote? An exploratory examination of Facebook pages dedicated to moms. *Computers in Human Behaviour*. 2014;35:479–482.
6. Matias M, Andrade C, Fontaine AM. Diferenças de género no conflito trabalho-família: Um estudo com famílias portuguesas de duplo-emprego com filhos em idade pré-escolar. *Psicologia*. 2011;25(1):9–32.
7. Elliott S, Powell R, Brenton J. Being a good mom: Low-income, black single mothers negotiate intensive mothering. *Journal of Family Issues*. 2015;36(3):351–370.
8. Christopher K. Extensive mothering: Employed mother's constructions of the good mother. *Gender & Society*. 2012;26(1):73–96.
9. Badinter E. *O Conflito: A Mulher e a Mãe*. Lisboa: Relógio D'Água Editores; 2010. 35 p.
10. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.1979. 6 p.
11. Badinter E. *O amor incerto—História do amor maternal do séc. XVII ao séc. XX*. Lisboa: Relógio D'Água; 1986. 365 p.
12. Bartholomew MK, Schoppe Sullivan SJ, Glassman M, et al. New parent's Facebook use at the transition to parenthood. *Family Relations*. 2012;61(3):455–469.
13. Alstveit M, Severinsson E, Karlsen B. Readjusting one's life in the tension inherent in work and motherhood. *Journal of Advanced Nursing*. 2011;67(10):2151–2160.
14. Madge C, Oconnor H. Parenting gone wired: Empowerment of new mothers on the internet? *Social & Cultural Geography*. 2006;7(2):199–220.
15. Milkie MA, Nomaguchi KM, Denny KE. Does the amount of time mothers spend with children or adolescents matter? *Journal of Marriage and Family*. 2015;77(2):355–372.
16. Monteiro R. *O que dizem as mães: Mulheres trabalhadoras e suas experiências*. Coimbra: Quarteto; 2005. 244 p.
17. Obercom. *A Internet em Portugal. Sociedade em Rede 2014*. Obercom; 2013. 22 p.